

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO

Débora Matos Alauk

**Planos de textos narrativos em contos populares: perspectivas
para o ensino da escrita no 6º ano do Ensino Fundamental**

DOUTORADO EM LÍNGUA PORTUGUESA

São Paulo

2022

Débora Matos Alauk

**Planos de textos narrativos de contos populares: perspectivas para
o ensino da escrita no 6º ano do Ensino Fundamental**

Tese apresentada à Banca Examinadora da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, como exigência parcial para obtenção do título de Doutora em Língua Portuguesa, sob a orientação da Professora Doutora Sueli Cristina Marquesi.

São Paulo

2022

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código de Financiamento 001 - 88887.163104/2018-00

This work was carried out with support of the Coordination for the Improvement of Higher Education Personnel- Brasil (CAPES)- Financing Code 001 - 88887.163104/2018-00

À minha mãe, Sandra
À minha irmã, Simone
Aos meus avós maternos, Marlene e Manoel

AGRADECIMENTOS

A Deus, pela vida e pela força que me deu para percorrer este caminho.

À minha mãe, Sandra Matos Pozzo, pela dedicação, pelo zelo e amor incondicional.

À minha irmã, Simone Matos Alauk, pelo amparo, carinho e acolhimento a mim oferecidos.

Aos meus avôs maternos, Marlene Matos Pozzo e Manoel Pozzo, pelo carinho e cuidado que sempre tiveram comigo.

Ao meu pai, José Nelson Alauk, pelo apoio oferecido.

Ao meu companheiro, Vinicius Lobatto Silva, pela paciência e empatia, pelo apoio e por me ajudar a enfrentar os desafios.

À Professora Doutora Sueli Cristina Marquesi, pelos ensinamentos valiosos e pelo profissionalismo, pelas orientações assertivas, pela oportunidade de aprendizado, pelo incentivo e por ter sempre acreditado em meu potencial.

À Professora Doutora Vanda da Silva Elias, pelas contribuições essenciais no exame de qualificação, pelo carisma e pelos ensinamentos, que me ajudaram a finalizar este trabalho.

À Professora Doutora Elisabete Alfeld, pelas orientações, pelo cuidado e zelo ao ler meu trabalho.

À Professora Doutora Magalí Elisabete Sparano, que me acompanhou desde a graduação; seus sábios ensinamentos, seu incentivo, sua simpatia e suas orientações foram fundamentais para o meu crescimento acadêmico.

À Professora Doutora Aparecida Regina Borges Sellan, pelas contribuições significativas para o andamento do meu trabalho.

Aos Professores Doutores Luiz Antonio Ferreira, João Hilton Sayeg de Siqueira, pelos ensinamentos indispensáveis que me motivaram no desenvolvimento desta pesquisa.

Ao assistente de coordenação Claudio Vasconcelos de Carvalho, pelo apoio oferecido nesta trajetória.

Às Professoras Doutoras Maria das Graças Soares Rodrigues e Nancy dos Santos Casagrande, por aceitarem compor a banca de defesa como suplentes.

Aos professores e às professoras do Programa de Pós-Graduação em Língua Portuguesa, pelas valiosas reflexões ao longo do doutorado.

A todos os meus alunos, que me possibilitaram crescer como professora, em especial, à Aniely de Melo Batista e ao Vinícios José de Aguiar.

À Andréa Pisan Soares Aguiar, pela imensa dedicação e cuidado na revisão do meu trabalho, sempre visando ao aprimoramento de minha escrita acadêmica.

Aos colegas do Grupo de Pesquisa Texto, Escrita e Leitura, que compartilharam seus conhecimentos, imprescindíveis para o aprofundamento da minha pesquisa.

Aos colegas de turma do doutorado, em particular, à Tatiana da Conceição Gonçalves, pelo empenho, consideração, carinho, zelo e paciência durante esses cinco anos, principalmente, por sempre me motivar, e à Maria Isabel Soares Oliveira, pelo incentivo e pelas reflexões basilares.

Às minhas queridas amigas, Alline Cristine Singh Crespo, Andrea Fernanda de Oliveira, Erica Rodrigues dos Santos, Flávia Cristina Tavares da Rocha Puschi, Mayara Cavalcante Teodoro e Natascia Carolina Conrado Rodrigues, pessoas incríveis que me trouxeram significativos ensinamentos.

RESUMO

Esta pesquisa insere-se na linha de pesquisa “Leitura, escrita e ensino de Língua Portuguesa”, do Programa de Pós-Graduação em Língua Portuguesa da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, e tem como tema compreender o plano de texto narrativo assim como as sequências textuais narrativas de contos populares os quais podem subsidiar para o ensino da escrita do texto narrativo, especificamente, no 6º ano do Ensino Fundamental. A hipótese é de que o entendimento do gênero conto, no que se refere ao plano de texto e à sequência textual narrativa, contribui para o ensino da escrita de textos narrativos no 6º ano do Ensino Fundamental. As perguntas de pesquisa são: a) Como se organizam os planos de texto e as sequências textuais narrativas no gênero conto popular? e b) Quais são as perspectivas para o ensino da escrita da narrativa propiciadas pelo estudo do plano de texto narrativo desse gênero, tendo em consideração os documentos oficiais que orientam o ensino de Língua Portuguesa? O objetivo geral é compreender o plano de texto e as sequências textuais narrativas do gênero conto popular, como elementos para o ensino da escrita no 6º ano do Ensino Fundamental. Quanto aos objetivos específicos, tem-se: a) identificar, descrever, analisar e discutir os planos de texto e as sequências textuais narrativas que compõem textos do gênero conto popular; b) refletir acerca de como os planos de texto e a sequência textual narrativa, considerados na composição de contos populares, podem constituir estratégias para o ensino da escrita no 6º ano do Ensino Fundamental. O aparato teórico que subsidia este estudo é composto pelos estudos sobre plano de texto (ADAM, 2011; CABRAL, 2013; MARQUESI; ELIAS; CABRAL, 2017; MARQUESI et al., 2019; MARQUESI; CABRAL, 2017), sequências textuais, em particular, as sequências textuais narrativas (ADAM, 2011; 2019), narrativa e sua estrutura (ADAM; REVAZ, 1997), tipelementos (TRAVAGLIA, 2007; 2018), organização lógica da narrativa e de seus componentes (CHARAUDEAU, 2016) e conceito e natureza da narrativa (GENETTE, 2013 [1971]; 1979), além daqueles que abordam o gênero conto (GOTLIB, 2006; GANCHO, 2006; TERRA; PACHECO, 2017), os contos maravilhosos, de fadas, de encantamento e populares (PROPP, 2001; 2002; AZEVEDO, 2007; ALCOFORADO, 1986), e os contos populares e suas características (LEAL, 1985; CÂMARA CASCUDO, 2006; GUIMARÃES, 2011). Em relação aos documentos oficiais da educação, tem-se como base os Parâmetros Curriculares Nacionais de Língua Portuguesa (1998), a Base Nacional Comum Curricular (BRASIL, 2018), o Currículo da Cidade – Ensino Fundamental – Componente Curricular: Língua Portuguesa (SÃO PAULO, 2019) e o Currículo do Estado de São Paulo: linguagens, códigos e suas tecnologias (SÃO PAULO, 2011). O *corpus* é composto por quatro contos da obra “Contos de enganar a morte”, de Ricardo Azevedo: “O homem que enxergava a Morte”, “O último dia na vida do ferreiro”, “O moço que não queria morrer” e “A quase morte de Zé Malandro”. Os resultados obtidos revelam que o estudo do plano de texto, da sequência textual narrativa, o modo de organização de narrativas, em especial o princípio de intencionalidade, assim como os processos narrativos relacionados com os papéis dos actantes constituem um subsídio importante para o ensino da escrita do texto narrativo no 6º ano do Ensino Fundamental.

Palavras-chave: Plano de texto. Sequência textual. Gênero conto popular. Ensino de Língua Portuguesa. Escrita narrativa.

ABSTRACT

This study is part of the research line “Reading, writing and teaching of Portuguese Language”, of the Postgraduate Program in Portuguese Language at the Pontifical Catholic University of São Paulo, and its theme is to understand the narrative text plan as well as the narrative textual sequences of popular tales which can support the teaching of narrative text writing, specifically, in the 6th year of Elementary School. The hypothesis is that the understanding of the short story genre, with regard to the text plan and the narrative textual sequence, contributes to the teaching of writing narrative texts in the 6th year of Elementary School. The research questions are: a) How are text plans and narrative text sequences organized in the folktale genre? and b) What are the perspectives for the teaching of narrative writing provided by the study of the narrative text plan of this genre, taking into account the official documents that guide the teaching of Portuguese Language? The general objective is to understand the text plan and the narrative textual sequences of the folktale genre as elements for the teaching of writing in the 6th year of Elementary School. As for the specific objectives, there are: a) to identify, describe and analyze the text plans and narrative textual sequences that compose texts of the folktale genre; b) reflect on how text plans and narrative textual sequences, considered in the composition of popular tales, can constitute strategies for teaching writing in the 6th year of Elementary School. The theoretical apparatus that supports this study is composed of studies on text plan (ADAM, 2011; CABRAL, 2013; MARQUESI; ELIAS; CABRAL, 2017; MARQUESI et al., 2019; MARQUESI; CABRAL, 2017), textual sequences, in particular, the narrative textual sequences (ADAM, 2011; 2019), narrative and its structure (ADAM; REVAZ, 1997), type elements - *tipelementos* - (TRAVAGLIA, 2007; 2018), logical organization of the narrative and its components (CHARAUDEAU, 2016) and concept and nature of the narrative (GENETTE, 2013 [1971]; 1979), in addition to those that approach the short story genre (GOTLIB, 2006; GANCHO, 2006; TERRA; PACHECO, 2017), wonderful, fairy, enchantment and popular tales (PROPP, 2001; 2002; AZEVEDO, 2007; ALCOFORADO, 1986), and popular tales and their characteristics (LEAL, 1985; CÂMARA CASCUDO, 2006; GUIMARÃES, 2011). In relation to official education documents, it is based on the National Curriculum Parameters for the Portuguese Language (1998), the National Common Curricular Base (BRASIL, 2018), the City Curriculum – Elementary School – Curricular Component: Portuguese Language (SÃO PAULO, 2019) and the Curriculum of the State of São Paulo: languages, codes and their technologies (SÃO PAULO, 2011). The corpus is composed of four short stories from the book “Tales of cheating the death”, by Ricardo Azevedo: “The man who saw the death”, “The last day in the life of the blacksmith”, “The boy who did not want to die” and “The almost death of Zé Malandro”. The results obtained confirm the hypothesis that the study of the text plan and the narrative textual sequence the way of organizing narratives, especially the principle of intentionality, as well as the narrative processes related to the characters' roles constitutes an important subsidy for the teaching of narrative writing in the 6th year of Elementary School.

Keywords: Text Planning. Text Sequence. Folktale Genre. Portuguese Language Teaching. Narrative Writing

LISTA DE FIGURAS

Figura 1	Operações de textualização.....	70
Figura 2	Níveis ou patamares da análise do discurso e da análise textual.....	71
Figura 3	Estrutura da sequência narrativa.....	78
Figura 4	Esquema da narrativa.....	79
Figura 5	Tríade clássica da narrativa.....	80
Figura 6	Elementos da situação inicial.....	84
Figura 7	Tipos, espécies e gêneros.....	93
Figura 8	Relações entre tipo, espécies e gêneros.....	96
Figura 9	Superestrutura da narrativa.....	99

LISTA DE QUADROS

Quadro 1	Competências gerais da Educação Básica.....	27
Quadro 2	Competências relativas às linguagens – Ensino Fundamental	29
Quadro 3	Conteúdos e habilidades em Língua Portuguesa – 6º ano.....	48
Quadro 4	Habilidades de práticas de linguagem – 6º ano.....	50
Quadro 5	Currículo em ação: habilidades.....	52
Quadro 6	Partes do enredo.....	54
Quadro 7	Características do conto.....	57
Quadro 8	Contos que compõe o <i>corpus</i>	66
Quadro 9	Macronível da organização composicional (N5)	72
Quadro 10	Tipo 1 de estrutura dramática na narrativa.....	84
Quadro 11	Tipo 2 de estrutura dramática da narrativa.....	85
Quadro 12	Estrutura da intriga.....	86
Quadro 13	Estrutura da intriga clássica.....	86
Quadro 14	Caracterização das tipologias.....	91
Quadro 15	Tipos e gêneros.....	96
Quadro 16	Questionário actancial.....	103
Quadro 17	Processos narrativos.....	104
Quadro 18	Tríade que compõe a narrativa.....	108
Quadro 19	Macroproposição narrativa de base, princípio de intencionalidade e partes do enredo.....	234
Quadro 20	Síntese comparativa dos papéis dos actantes narrativos.....	240
Quadro 21	Elementos que constituem a MPn0.....	241
Quadro 22	Elementos que constituem a MPn1- exposição e abertura.....	242
Quadro 23	Caracterização do tempo, do lugar e dos personagens da MPn1....	243
Quadro 24	Elementos que constituem a MPn2- complicação e falta.....	245
Quadro 25	Caracterização do tempo, do lugar e dos personagens da MPn2....	247
Quadro 26	Elementos que constituem a MPn3- desenvolvimento e busca.....	249
Quadro 27	Caracterização do tempo, do lugar e dos personagens da MPn3....	254
Quadro 28	Elementos que constituem a MPn4-conclusão e resultado.....	258
Quadro 29	Caracterização do tempo, do lugar e dos personagens da MPn4....	260
Quadro 30	Elementos que constituem a MPn5-conclusão e resultado.....	262
Quadro 31	Caracterização do tempo, do lugar e dos personagens da MPn5....	264
Quadro 32	Elementos que constituem a MPnΩ.....	265
Quadro 33	Elementos da narrativa.....	273

SUMÁRIO

Considerações iniciais	20
Capítulo 1 - Contextualização da pesquisa e apresentação do <i>corpus</i>	23
1.1 O ensino da escrita na Educação Básica.....	23
1.1.1 Parâmetros Curriculares Nacionais de Língua Portuguesa.....	24
1.1.2 Base Nacional Comum Curricular.....	26
1.1.3 Currículo da Cidade – Ensino Fundamental – Componente curricular: Língua Portuguesa	35
1.1.4 Currículo do Estado de São Paulo: linguagens, códigos e suas tecnologias.....	44
1.2 O gênero conto.....	53
1.3 Apresentação do <i>corpus</i>	65
Capítulo 2 - Aparato teórico	69
2.1 Os conceitos de plano de texto e de sequências textuais.....	69
2.1.1 Sequência textual narrativa.....	77
2.2 Contribuições de Adam e Revaz para os estudos da narrativa.....	82
2.3 Contribuições de Luiz Carlos Travaglia.....	88
2.3.1 Os tipelementos.....	90
2.3.2 Tipos, gêneros e espécies.....	91
2.3.2.1 Tipos.....	91
2.3.2.2 Gêneros.....	94
2.3.2.3 Espécies.....	95
2.3.3 Inter-relações entre os tipelementos.....	96
2.4 Contribuições de Patrick Charaudeau.....	101
2.5 Contribuições de Gérard Genette.....	109
Capítulo 3 - Análise do <i>corpus</i>	113
3.1 Categorias e procedimentos de análise.....	113
3.2 Análise do <i>corpus</i>	115
3.2.1 Texto 1 - O homem que enxergava a morte (Tn1).....	115
3.2.2 Texto 2- O último dia na vida do ferreiro (Tn2).....	150

3.2.3 Texto 3- O moço que não queria morrer (Tn3).....	179
3.2.4 Texto 4 - A quase morte de Zé Malandro (Tn4).....	204
3.3 Discussão dos resultados das análises.....	236
Capítulo 4- Proposta para o ensino de escrita da narrativa.....	268
Considerações finais.....	278
Referências.....	280

Silêncio

É tão vasto o silêncio da noite na montanha. É tão povoado. Tenta-se em vão trabalhar para não ouvi-lo, pensar depressa para disfarçá-lo. Ou inventar um programa, frágil ponto que mal nos liga ao subitamente improvável dia de amanhã. Como ultrapassar essa paz que nos espreita. Silêncio tão grande que o desespero tem pudor. Montanhas tão altas que o desespero tem pudor. Os ouvidos se afiam, a cabeça se inclina, o corpo todo escuta: nenhum rumor. Nenhum galo. Como estar ao alcance dessa profunda meditação do silêncio. Desse silêncio sem lembrança de palavras. Se és morte, como te alcançar.

(Clarice Lispector, 2016, p. 512)

Considerações iniciais

Esta tese insere-se na linha de pesquisa “Leitura, Escrita e Ensino de Língua Portuguesa”, do Programa de Pós-graduação em Língua Portuguesa da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo e seu tema é o estudo de planos de textos narrativos do gênero conto popular.

O *corpus* selecionado é composto por quatro contos da obra “Contos de enganar a morte”, de Ricardo Azevedo: “O homem que enxergava a Morte”, “O último dia na vida do ferreiro”, “O moço que não queria morrer” e “A quase morte de Zé Malandro”.

A referida coletânea tem como temática a morte, que é abordada de modo fantasioso, uma característica do texto literário, a fim de que ela seja compreendida como algo natural. Os quatro contos têm como elemento comum um herói que tenta vencer a morte ao longo de vários episódios. Tais narrativas, oriundas da tradição oral, tratam, assim, de um assunto sério, mas de maneira descontraída e acessível ao público infantojuvenil, ao qual o livro é dirigido.

A pesquisa se justifica pela necessidade de se compreender o plano de texto narrativo assim como as sequências textuais narrativas de contos populares, os quais podem subsidiar o ensino da escrita no 6º ano do Ensino Fundamental, de acordo com as orientações curriculares de escrita constantes nos seguintes documentos oficiais: Parâmetros Curriculares Nacionais de Língua Portuguesa (BRASIL, 1998), Base Nacional Comum Curricular (BRASIL, 2018), Currículo da Cidade – Ensino Fundamental – Componente Curricular: Língua Portuguesa (SÃO PAULO, 2019) e Currículo do Estado de São Paulo: linguagens, códigos e suas tecnologias (SÃO PAULO, 2011).

A hipótese é de que o entendimento do gênero conto, no que se refere ao plano de texto e à sequência textual narrativa, contribui para o ensino da escrita de textos narrativos no 6º ano do Ensino Fundamental. Com base nessa hipótese, definem-se as seguintes perguntas de pesquisa:

- a) Como se organizam os planos de texto e as sequências textuais narrativas no gênero conto popular?

- b) Quais são as perspectivas para o ensino da escrita da narrativa propiciadas pelo estudo do plano de texto narrativo desse gênero, tendo em consideração os documentos oficiais que orientam o ensino de Língua Portuguesa?

A fim de se verificar a hipótese e responder às perguntas, tem-se como objetivo geral compreender o plano de texto e as sequências textuais narrativas do gênero conto popular, como elementos para o ensino da escrita no 6º ano do Ensino Fundamental.

De modo a se alcançar esse objetivo, estabelecem-se os seguintes objetivos específicos:

- 1) identificar, descrever, analisar e discutir os planos de texto e as sequências textuais narrativas que compõem textos do gênero conto popular;
- 2) refletir acerca de como os planos de texto e a sequência textual narrativa, considerados na composição de contos populares, podem constituir estratégias para o ensino da escrita no 6º ano do Ensino Fundamental.

A base teórica é constituída pelos estudos sobre plano de texto, em conformidade com a teoria de ADAM (2011; 2019) e os estudos nela fundamentados de Cabral (2013), Marquesi, Elias e Cabral (2017); Marquesi et al. (2019); Marquesi e Cabral (2017), sequências textuais, em particular, as sequências textuais narrativas (ADAM, 2011; 2019), bem como sobre a narrativa e sua estrutura (ADAM; REVAZ, 1997). Abordam-se também o conceito de tipelementos (TRAVAGLIA, 2007; 2018), a organização lógica da narrativa e de seus componentes (CHARAUDEAU, 2016) e o conceito e a natureza da narrativa, segundo os preceitos da teoria literária (GENETTE, 2013 [1971]; 1979). Ademais, discorrem-se sobre o gênero conto (GOTLIB, 2006; GANCHO, 2006; TERRA; PACHECO, 2017), os contos maravilhosos, de fadas, de encantamento e populares (PROPP, 2001; 2002; AZEVEDO, 2007; ALCOFORADO, 1986), e os contos populares e suas características (LEAL, 1985; CÂMARA CASCUDO, 2006; GUIMARÃES, 2011).

Esta tese está organizada em quatro capítulos, além das Considerações Iniciais, das Considerações Finais e das Referências.

No primeiro capítulo, “Contextualização da pesquisa e apresentação do *corpus*”, aborda-se o ensino de Língua Portuguesa, em particular da narrativa, conforme orientações constantes nos documentos oficiais anteriormente citados. Em seguida, discorre-se sobre o gênero conto e explicita-se o *corpus*.

No segundo capítulo, “Aparato teórico”, apresentam-se os fundamentos que norteiam esta pesquisa, os conceitos de plano de texto, de sequência textual narrativa e de tipelementos, assim como as contribuições dos estudos sobre narrativa, sua estrutura, organização lógica e componentes, e a abordagem da teoria literária em relação ao conceito e à natureza da narrativa.

No terceiro capítulo, “Análise do *corpus*”, explicitam-se as categorias e os procedimentos de análise e procede-se à análise dos textos propriamente dita, e, posteriormente, à discussão dos resultados da análise.

Por fim, no quarto capítulo, “Proposta para o ensino de escrita da narrativa”, apresentam-se perspectivas para o ensino, levando-se em conta os resultados da pesquisa, as orientações curriculares e os documentos oficiais.

Capítulo 1 – Contextualização da pesquisa e apresentação do *corpus*

Neste capítulo, inicialmente, procede-se à contextualização da pesquisa, que envolve a apresentação das orientações curriculares de escrita constantes nos seguintes documentos oficiais: Parâmetros Curriculares Nacionais (BRASIL, 1998), Base Nacional Comum Curricular (BRASIL, 2018), Currículo da Cidade – Ensino Fundamental – Componente Curricular: Língua Portuguesa (SÃO PAULO, 2019) e Currículo do Estado de São Paulo: linguagens, códigos e suas tecnologias (SÃO PAULO, 2011). Em seguida, aborda-se o gênero conto, segundo as concepções de Gotlib (2006), Gancho (2006) e Terra e Pacheco (2017). Posteriormente, discorre-se sobre os contos maravilhosos, de fadas, de encantamento e populares, de acordo com Propp (2001; 2002), Azevedo (2007) e Alcoforado (1986), com ênfase no conto popular, conforme Leal (1985), Câmara Cascudo (2006) e Guimarães (2011). Por fim, apresenta-se o *corpus*, composto por quatro contos da obra “Contos de enganar a Morte”, de Ricardo Azevedo (2005).

1.1 O ensino da escrita na Educação Básica

Os documentos oficiais que orientam ensino de Língua Portuguesa na Educação Básica, em âmbito nacional e no do estado de São Paulo, a saber, os Parâmetros Curriculares Nacionais de Língua Portuguesa, a Base Nacional Comum Curricular, o Currículo da Cidade – Ensino Fundamental – Componente curricular: Língua Portuguesa e o Currículo do Estado de São Paulo: linguagens, códigos e suas tecnologias (2011), oferecem diretrizes para o trabalho docente nos domínios da oralidade, da escrita, da leitura e da escuta a cada etapa da escolarização. Nesta pesquisa, tomam-se como base esses documentos, a fim de se abordar o ensino da escrita, em especial da narrativa, no 6º ano do Ensino Fundamental.

Nas seções seguintes, cada um dos documentos mencionados é apresentado de forma detalhada.

1.1.1 Parâmetros Curriculares Nacionais de Língua Portuguesa

Os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN), criados em 1998, são um conjunto de orientações destinadas a auxiliar professores na elaboração e no planejamento de aulas e atividades, na análise de materiais didáticos e na reflexão e discussão sobre os currículos estaduais e municipais, assim como sobre os processos educativos, no intuito de fazer com que o ensino atenda às demandas sociais da atualidade.

Especificamente, os PCN de Língua Portuguesa (PCN-LP), assim como a Lei de Diretrizes de Bases (LDB), lei nº 9.394/96, estabeleceram novas perspectivas para o ensino no país, principalmente, no que se refere à escrita e à leitura, que passaram a se basear na concepção sociointeracionista da língua e na noção de gêneros textuais, abordagens pelas quais se busca desenvolver as competências leitora e escritora do aluno.

A concepção de linguagem adotada nos PCN-LP privilegia os aspectos discursivos da língua, isso significa que o processo de ensino-aprendizagem está vinculado ao contexto social, no qual ocorre a participação efetiva do sujeito. Essa visão distancia-se de programas de ensino centrados em conteúdos gramaticais dissociados das condições socio-históricas e culturais e articula o eixo uso – reflexão – uso, possibilitando a produção e a compreensão de discursos como ponto de partida e finalidade do ensino da língua. Tal perspectiva permite ao aluno ampliar seus conhecimentos, por exemplo, das práticas argumentativas e das escolhas linguísticas adequadas a cada gênero e situação comunicativa.

Nos PCN-LP, considera-se a linguagem uma atividade discursiva, o texto uma unidade de ensino e a noção de gramática relacionada ao conhecimento do falante acerca da linguagem, o que conduz a uma perspectiva em que conteúdos e atividades curriculares de Língua Portuguesa

[...] correspondem, principalmente, a atividades discursivas: uma prática constante de escuta de textos orais e leitura de textos

escritos e de produção de textos orais e escritos, que devem permitir, por meio da análise e reflexão sobre os múltiplos aspectos envolvidos, a expansão e construção de instrumentos que permitam ao aluno, progressivamente, ampliar sua competência discursiva (BRASIL, 1998, p. 27).

De acordo com o documento, um dos aspectos da competência discursiva¹ consiste na capacidade de o sujeito usar a língua de diversas maneiras, a fim de produzir diferentes efeitos de sentido e adequar um texto a determinada situação comunicativa, seja ela oral ou escrita, o que se denomina de competência linguística e estilística. Por um lado, isso

[...] coloca em evidência as virtualidades das línguas humanas: o fato de que são instrumentos flexíveis que permitem referir o mundo de diferentes formas e perspectivas; por outro lado, adverte contra uma concepção de língua como sistema homogêneo, dominado ativamente e passivamente por toda a comunidade que o utiliza (BRASIL, 1998, p.23).

O exercício da escrita e da leitura, bem como da prática comunicativa do aluno, desenvolve-se por meio de atividades de compreensão e de produção de textos e de atividades de análise linguística que exploram a diversidade de gêneros, a fim de que ele perceba a função social e a organização desses construtos. Nesse sentido, o documento ressalta a importância de se propor atividades neles baseadas:

[...] a freqüentação a diferentes textos de diferentes gêneros é essencial para que o aluno construa os diversos conceitos e procedimentos envolvidos na recepção e produção de cada um deles. Dessa forma, a reapresentação dos conteúdos é, mais do que inevitável, necessária, e a ela devem corresponder sucessivos aprofundamentos, tanto no que diz respeito aos gêneros textuais privilegiados quanto aos conteúdos referentes às dimensões discursiva e lingüística que serão objeto de reflexão (BRASIL, 1998, p. 66-67).

Defende-se, assim, o ensino por meio de gêneros, e não mais baseado apenas na abordagem prescritiva e classificatória. Em razão disso, o foco passa a ser a leitura e produção de textos, orais e escritos, de variados gêneros,

¹ A competência discursiva, cujo desenvolvimento deve se dar pela organização de atividades curriculares pertinentes ao ensino-aprendizagem da língua e da linguagem, “[...] refere-se a um sistema de contratos semânticos responsável por uma espécie de filtragem que opera os conteúdos em dois domínios interligados que caracterizam o dizível: o universo intertextual e os dispositivos estilísticos acessíveis à enunciação dos diversos discursos” (BRASIL, 1998, p. 23).

levando-se em conta aspectos como a função social do texto, o contexto de produção, o(s) interlocutor(es) as estruturas textuais e as escolhas linguísticas.

A recomendação dos PCN-LP é que o aluno adquira, de forma progressiva ao longo do Ensino Fundamental, competências e habilidades relacionadas à linguagem e à língua que lhe permitam resolver problemas da vida cotidiana, ter acesso aos bens culturais e participar da sociedade letrada, ou seja, os conhecimentos adquiridos devem propiciar ao estudante a proficiência necessária para o pleno exercício da cidadania.

A seguir, abordam-se as orientações curriculares relativas ao ensino de Língua Portuguesa constantes na Base Nacional Comum Curricular.

1.1.2 Base Nacional Comum Curricular

A Base Nacional Comum Curricular (BNCC), documento normativo de abrangência nacional que entrou em vigor em 2019 para a Educação Infantil e para o Ensino Fundamental e Ensino Médio reúne orientações embasadas nas Diretrizes Curriculares Nacionais (DCN), normas obrigatórias por lei para elaboração do planejamento curricular das escolas públicas e privadas do país. Sua finalidade é nortear práticas e vivências na sala de aula, de modo a garantir que aos alunos desenvolvam conhecimentos, competências e habilidades ao longo da escolaridade básica.

O documento apresenta noções importantes para o entendimento do processo de ensino-aprendizagem, como, por exemplo, o fato de a competência estar vinculada aos conhecimentos adquiridos, e de conceitos, procedimentos e habilidades estarem associados a habilidades e competências cognitivas e socioemocionais. Isso leva ao entendimento de que tal processo requer que o aluno desenvolva as habilidades propostas e aplique, em um dado contexto, os conhecimentos adquiridos.

A BNCC elenca 10 competências gerais a serem desenvolvidas na Educação Básica (Quadro 1). No documento, competência é entendida como a mobilização de conhecimentos que envolvem conceitos e procedimentos, habilidades práticas, cognitivas e socioemocionais, atitudes e valores para a

solução de demandas cotidianas complexas, exercício pleno da cidadania e atuação no mundo do trabalho.

Essas competências se inter-relacionam com ações pedagógicas desenvolvidas nas três etapas da Educação Básica: Ensino Infantil, Ensino Fundamental e Ensino Médio.

Quadro 1 – Competências gerais da Educação Básica

1. Valorizar e utilizar os conhecimentos historicamente construídos sobre o mundo físico, social, cultural e digital para entender e explicar a realidade, continuar aprendendo e colaborar para a construção de uma sociedade justa, democrática e inclusiva.
2. Exercitar a curiosidade intelectual e recorrer à abordagem própria das ciências, incluindo a investigação, a reflexão, a análise crítica, a imaginação e a criatividade, para investigar causas, elaborar e testar hipóteses, formular e resolver problemas e criar soluções (inclusive tecnológicas) com base nos conhecimentos das diferentes áreas.
3. Valorizar e fruir as diversas manifestações artísticas e culturais, das locais às mundiais, e também participar de práticas diversificadas da produção artístico-cultural.
4. Utilizar diferentes linguagens – verbal (oral ou visual-motora, como Libras, e escrita), corporal, visual, sonora e digital –, bem como conhecimentos das linguagens artística, matemática e científica, para se expressar e partilhar informações, experiências, ideias e sentimentos em diferentes contextos e produzir sentidos que levem ao entendimento mútuo.
5. Compreender, utilizar e criar tecnologias digitais de informação e comunicação de forma crítica, significativa, reflexiva e ética nas diversas práticas sociais (incluindo as escolares) para se comunicar, acessar e disseminar informações, produzir conhecimentos, resolver problemas e exercer protagonismo e autoria na vida pessoal e coletiva.
6. Valorizar a diversidade de saberes e vivências culturais e apropriar-se de conhecimentos e experiências que lhe possibilitem entender as relações próprias do mundo do trabalho e fazer escolhas alinhadas ao exercício da cidadania e ao seu projeto de vida, com liberdade, autonomia, consciência crítica e responsabilidade.
7. Argumentar com base em fatos, dados e informações confiáveis, para formular, negociar e defender ideias, pontos de vista e decisões comuns que respeitem e promovam os direitos humanos, a consciência socioambiental e o consumo responsável em âmbito local, regional e global, com posicionamento ético em relação ao cuidado de si mesmo, dos outros e do planeta.
8. Conhecer-se, apreciar-se e cuidar de sua saúde física e emocional, compreendendo-se na diversidade humana e reconhecendo suas emoções e as dos outros, com autocrítica e capacidade para lidar com elas.
9. Exercitar a empatia, o diálogo, a resolução de conflitos e a cooperação, fazendo-se respeitar e promovendo o respeito ao outro e aos direitos humanos, com acolhimento e valorização da diversidade de indivíduos e de grupos sociais, seus saberes, identidades, culturas e potencialidades, sem preconceitos de qualquer natureza.
10. Agir pessoal e coletivamente com autonomia, responsabilidade, flexibilidade, resiliência e determinação, tomando decisões com base em princípios éticos, democráticos, inclusivos, sustentáveis e solidários.

Fonte: Brasil (2018, p. 9-10).

As competências abordam, de maneira resumida, os seguintes temas: 1) conhecimento; 2) pensamento científico, crítico e criativo; 3) repertório cultural; 4) cultura digital; 5) comunicação; 6) trabalho e projeto de vida; 7) argumentação; 8) autoconhecimento e autocuidado; 9) empatia e cooperação; e 10) responsabilidade e cidadania. Nesse sentido, orientam o que o estudante deve aprender e especificam com qual propósito as competências devem ser desenvolvidas, com destaque para sua importância no âmbito da formação cognitiva ao longo da Educação Básica.

Neste trabalho, as competências gerais contempladas são as de número 1, 2, 3 e 10, porque, articuladas entre si, promovem o desenvolvimento do processo de aprendizagem baseado no pensamento científico, crítico e criativo, na responsabilidade e no exercício pleno da cidadania por meio de tomada de decisões com base em princípios e valores democráticos, éticos, inclusivos, sustentáveis e solidários.

A orientação por competência visa a levar o aluno a ser bem-sucedido ao longo dos anos escolares, pois pressupõe a participação mais ativa na abordagem de conteúdos e na realização de atividades contextualizadas, com isso, busca-se fazer com que o estudante tenha uma atuação consistente na sociedade e entenda as formas de interagir, construir e expor argumentos que expressem seus valores e princípios.

No que se refere especificamente à linguagem, nos anos finais do Ensino Fundamental, a área de Linguagens é formada por quatro componentes curriculares: Língua Portuguesa, Arte, Educação Física e Língua Inglesa. A finalidade desses componentes é tanto ampliar a capacidade expressiva do aluno, quer em manifestações artísticas, quer em manifestações corporais e linguísticas, quanto levá-los a ter uma participação mais ativa nas diversas práticas de linguagem, na escola e fora dela.

No documento, são seis as competências referentes às linguagens (Quadro 2). O objetivo delas é capacitar o estudante a conhecer e compreender as diversas práticas de linguagem, utilizando-as de maneiras diversas, nas variadas situações comunicativas, com finalidade de defender seu ponto de vista.

Quadro 2 – Competências relativas às linguagens – Ensino Fundamental

1. Compreender as linguagens como construção humana, histórica, social e cultural, de natureza dinâmica, reconhecendo-as e valorizando-as como formas de significação da realidade e expressão de subjetividades e identidades sociais e culturais.
2. Conhecer e explorar diversas práticas de linguagem (artísticas, corporais e linguísticas) em diferentes campos da atividade humana para continuar aprendendo, ampliar suas possibilidades de participação na vida social e colaborar para a construção de uma sociedade mais justa, democrática e inclusiva.
3. Utilizar diferentes linguagens – verbal (oral ou visual-motora, como Libras, e escrita), corporal, visual, sonora e digital –, para se expressar e partilhar informações, experiências, ideias e sentimentos em diferentes contextos e produzir sentidos que levem ao diálogo, à resolução de conflitos e à cooperação.
4. Utilizar diferentes linguagens para defender pontos de vista que respeitem o outro e promovam os direitos humanos, a consciência socioambiental e o consumo responsável em âmbito local, regional e global, atuando criticamente frente a questões do mundo contemporâneo.
5. Desenvolver o senso estético para reconhecer, fruir e respeitar as diversas manifestações artísticas e culturais, das locais às mundiais, inclusive aquelas pertencentes ao patrimônio cultural da humanidade, bem como participar de práticas diversificadas, individuais e coletivas, da produção artístico-cultural, com respeito à diversidade de saberes, identidades e culturas.
6. Compreender e utilizar tecnologias digitais de informação e comunicação de forma crítica, significativa, reflexiva e ética nas diversas práticas sociais (incluindo as escolares), para se comunicar por meio das diferentes linguagens e mídias, produzir conhecimentos, resolver problemas e desenvolver projetos autorais e coletivos.

Fonte: Brasil (2018, p. 65).

Esse quadro relaciona as seguintes competências: 1) reconhecimento e valorização da linguagem humana, histórica, social e cultural; 2) conhecimento de práticas de linguagem e cidadania; 3) uso de diferentes linguagens e compartilhamento de suas informações e experiências; 4) utilização de linguagens distintas para defender uma perspectiva; 5) respeito e valorização do patrimônio cultural e, por fim, 6) uso de tecnologias digitais e de comunicação com diferentes linguagens e mídias.

Neste estudo, as competências contempladas são as de números 1 a 5 que, articuladas, permitem ao aluno compreender a importância da linguagem, sua dinamicidade e significação, sua utilização em diversos campos da atividade humana, como forma de interagir, produzindo sentidos que conduzam ao diálogo, à resolução de conflitos e à cooperação, como modo de expressar posicionamentos e defendê-los, e como meio para desenvolver o senso estético em relação às variadas formas de manifestações artísticas e culturais,

valorizando-as, respeitando-as e reconhecendo-as como pertencentes ao patrimônio cultural.

O componente de Língua Portuguesa da BNCC dialoga com os conteúdos de documentos e orientações curriculares produzidos nas últimas décadas e se mantém atualizado, uma vez que se fundamenta em pesquisas mais recentes sobre as práticas de linguagem. Assim, a perspectiva que assume é a enunciativo-discursiva, conforme já previsto nos PCN, em que a linguagem é considerada uma forma de ação interindividual realizada no âmbito das práticas sociais que ocorrem em determinado momento socio-histórico, e o texto é considerado uma unidade de trabalho, que se realiza em um dado contexto comunicativo. Nesse sentido, o documento considera que cabe a esse componente

[...] proporcionar aos estudantes experiências que contribuam para a ampliação dos letramentos, de forma a possibilitar a participação significativa e crítica nas diversas práticas sociais permeadas/constituídas pela oralidade, pela escrita e por outras linguagens (BRASIL, 2018, p. 68).

Os eixos de integração da BNCC de Língua Portuguesa, quais sejam, eixos da leitura, da produção de textos, da oralidade e da análise linguística/semiótica, são apresentados em conformidade com os eixos presentes em outros documentos curriculares: PCN (BRASIL, 1998), Plano Nacional de Educação (PNE), presente nos termos da Lei nº13.005/2014², e Diretrizes Curriculares Nacionais da Educação Básica (DCN) (BRASIL, 2013). Nesses documentos, as práticas de linguagem oral, leitura, escrita e multisemiótica se relacionam e requerem conhecimentos linguísticos, textuais e discursivos, bem como os modos de organização e os componentes de outras semioses.

O Eixo da Leitura envolve práticas de linguagem decorrentes da interação ativa entre leitor, ouvinte, espectador e textos escritos, orais e multisemióticos, levando em conta a sua interpretação. A leitura visa, por exemplo, ao desenvolvimento dos seguintes aspectos: conhecimento, discussão e debate sobre temas sociais, pesquisa e embasamento de trabalhos, fruição estética de textos e obras literárias, entre outros. Na BNCC, a leitura é tomada

² Disponível em: <https://www2.camara.leg.br/legin/fed/lei/2014/lei-13005-25-junho-2014-778970-publicacaooriginal-144468-pl.html>. Acesso em: 26 mar. 2022.

em sentido mais amplo, ou seja, não corresponde somente ao texto escrito, mas também a imagens estáticas como, por exemplo, “foto, pintura, desenho, esquema, gráfico, diagrama ou em movimento (filmes, vídeos etc.) e ao som (música), que acompanha e cossignifica em muitos gêneros digitais” (BRASIL, 2018, p.70).

As práticas de leitura precisam estar inter-relacionadas às práticas de uso e reflexão, a saber:

- 1) Reconstrução e reflexão sobre as condições de produção e recepção dos textos pertencentes a diferentes gêneros e que circulam nas diferentes mídias e esferas/campos de atividade humana;
- 2) Dialogia e relação entre textos;
- 3) Reconstrução da textualidade, recuperação e análise da organização textual, da progressão temática e estabelecimento de relações entre as partes do texto;
- 4) Reflexão crítica sobre as temáticas tratadas e validade das informações;
- 5) Compreensão dos efeitos de sentido provocados pelos usos de recursos linguísticos e multissemióticos em textos pertencentes a gêneros diversos;
- 6) Estratégias e procedimentos de leitura;
- 7) Adesão às práticas de leitura (BRASIL, 2018, p. 71-72).

Por meio dessas práticas, as atividades de leitura tendem a aumentar progressivamente desde os anos iniciais do Ensino Fundamental até o Ensino Médio. A complexidade que as permeia se expressa na articulação entre diversidade de gêneros textuais; temática, estruturação sintática e linguagens presentes em determinado texto; uso de habilidades de leitura que exigem processos mentais, como recuperação de informação, compreensão e reflexão sobre o texto; consideração da cultura digital e das TDIC; e percepção e entendimento da diversidade cultural, que abrange diferentes produções e formas de expressão.

O documento também ressalta que a participação dos estudantes em atividades de leitura contribui para o aprimoramento e ampliação do repertório “[...] de experiências, práticas, gêneros e conhecimentos que podem ser acessados diante de novos textos, configurando-se como conhecimentos

prévios em novas situações de leitura” (BRASIL, 2018, p. 75). Essas habilidades são construídas por intermédio de práticas de leitura mais apropriadas.

O Eixo da Produção de Textos agrupa práticas de linguagem relativas à interação e à autoria, individual ou coletiva, do texto, que pode ser escrito, oral e multissemiótico, com distintas funções e projetos enunciativos, tais como: narrar fatos cotidianos de forma crítica, lírica ou satírica, comentar e indicar diferentes produções culturais por meio de resenhas, divulgar conhecimentos específicos por meio de verbete de enciclopédia digital colaborativa e relatar fatos pertinentes para a comunidade por meio de notícias.

As práticas de produção de texto compreendem dimensões inter-relacionadas às práticas de uso e reflexão, tais como: a) consideração e reflexão sobre as condições de produção dos textos que regem a circulação de diferentes gêneros nas diferentes mídias e campos de atividade humana; b) dialogia e relação entre os textos; c) alimentação temática; d) construção de textualidade; e) aspectos notacionais e gramaticais; e f) estratégias de produção. A articulação dessas dimensões proporciona o entendimento mais global do que é um texto.

Assim como as práticas de leitura, a produção textual não deve se dar de forma genérica e descontextualizada, ao contrário, deve se basear em situações comunicativas concretas, levando em conta gêneros que circulam na sociedade. Saliente-se que a escrita envolve princípios de organização e de progressão, recursos coesivos e estilísticos, e requer a capacidade mais autônoma do estudante para planejar, produzir, revisar e editar suas produções.

O Eixo da Oralidade, por sua vez, compreende as práticas de linguagem que acontecem em situação oral, face a face ou não, como, por exemplo, aula dialogada, seminário, debate, apresentação de cantigas e canções e contação de histórias.

As práticas de oralidade se desenvolvem por meio de dimensões inter-relacionadas, tais como: 1) consideração e reflexão sobre as condições de produção dos textos orais que regem a circulação de diferentes gêneros nas diferentes mídias e campos de atividade humana; 2) compreensão de textos orais; 3) produção de textos orais; 4) compreensão dos efeitos de sentido

provocados pelo uso de recursos linguísticos e multissemióticos em textos pertencentes a gêneros diversos; e 5) relação entre fala e escrita.

O Eixo da Análise Linguística/Semiótica está relacionado com as “estratégias (meta)cognitivas de análise e avaliação consciente” realizada por meio de procedimento de leitura e produção de textos. Nesse sentido, ressalta-se a “materialidade do texto” e sua “situação de produção”, considerando respectivamente, os efeitos de sentido na composição textual e o estilo adotado. (BRASIL, 2018, p. 80).

Uma vez que esta pesquisa contempla o 6º ano do Ensino Fundamental, é importante lembrar que, nessa etapa de escolarização, os estudantes deparam-se com vários desafios, entre os quais, compreender, produzir e interpretar textos de grau mais elevado de complexidade. Por essa razão, é necessário fortalecer a autonomia dos alunos e oferecer-lhes meios e ferramentas adequadas a fim de que acessem as diferentes formas de conhecimento e se posicionem criticamente, o que tem relação com o exercício do protagonismo no próprio processo de aprendizagem.

Conforme consta no documento, o 6º ano é o período em que os estudantes estão, geralmente, em uma faixa etária que corresponde à transição entre infância e adolescência, época marcada por transformações biológicas, sociais, emocionais e psicológicas. De acordo com o Parecer CNE/CEB nº11/2010 (BRASIL, 2010), trata-se de uma etapa em que os vínculos sociais, a capacidade de raciocínio mais abstrato e as possibilidades intelectuais são ampliados. Isso quer dizer que os estudantes se tornam capazes de identificar e avaliar pontos de vista diferentes, exercendo, assim, a capacidade de descentração, fundamental para a construção da autonomia e para a aquisição de valores morais e éticos. Essas mudanças comportamentais permitem ao adolescente compreender sua formação identitária e sua cultura, ação que está presente em práticas escolares distintas que visam à sua inclusão social.

A BNCC também estabelece os gêneros textuais a serem trabalhados na prática diária em sala de aula no Ensino Fundamental II, com o objetivo de ressaltar a função social da escrita. Assim, o documento propõe como objetivo, tendo em vista a produção de textos narrativos, o seguinte:

(EF67LP30) Criar narrativas ficcionais, tais como contos populares, contos de suspense, mistério, terror, humor, narrativas de enigma, crônicas, histórias em quadrinhos, dentre outros, que utilizem cenários e personagens realistas ou de fantasia, observando os elementos da estrutura narrativa próprios ao gênero pretendido, tais como enredo, personagens, tempo, espaço e narrador, utilizando tempos verbais adequados à narração de fatos passados, empregando conhecimentos sobre diferentes modos de se iniciar uma história e de inserir os discursos direto e indireto (BRASIL, 2018, p. 171).

No referido eixo, a escrita de narrativas contempla diversos gêneros, com ênfase nos contos populares, para que o estudante se torne capaz de produzir um texto com temática adequada e estrutura narrativa, incluindo enredo, personagens, tempo, espaço e narrador. Ressalte-se que essa prática requer considerar a escrita como processo, que engloba planejamento, revisão e reescrita, a fim de que o produto esteja adequado ao gênero proposto.

Nos anos finais do Ensino Fundamental, o estudante consegue participar de forma mais crítica de diversas situações comunicativas. Há um aprofundamento na abordagem dos conteúdos e maior protagonismo nas práticas de linguagem. Conforme a BNCC (BRASIL, 2018, p. 136), tais práticas de linguagem, buscam ampliar

[...] o contato dos estudantes com gêneros textuais relacionados a vários campos de atuação e a várias disciplinas, partindo-se de práticas de linguagem já vivenciadas pelos jovens para a ampliação dessas práticas, em direção a novas experiências.

Por meio desses três eixos, a BNCC salienta a importância do letramento para as práticas de oralidade, de escrita e de leitura com objetivo de “proporcionar aos estudantes experiências que contribuam para a ampliação dos letramentos, de forma a possibilitar a participação significativa e crítica” (BRASIL, 2018, p. 67).

O documento destaca que os conhecimentos linguísticos devem englobar conteúdos associados às práticas de linguagem e propiciar a reflexão sobre o funcionamento da língua nas variadas situações comunicativas. Por essa razão, “a seleção de habilidades na BNCC está relacionada com aqueles conhecimentos fundamentais para que o estudante possa apropriar-se do

sistema linguístico que organiza o português brasileiro” (BRASIL, 2018, p.139), apropriação essa que deve ocorrer de forma progressiva.

Na sequência, aborda-se o Currículo da Cidade da perspectiva de ensino de Língua Portuguesa.

1.1.3 Currículo da Cidade – Ensino Fundamental – Componente curricular: Língua Portuguesa

O Currículo da Cidade – Ensino Fundamental – Componente curricular: Língua Portuguesa, documento fundamentado na BNCC e elaborado por profissionais da Rede Municipal de Ensino de São Paulo, é resultado de um trabalho colaborativo do qual participaram também os estudantes da rede mediante um processo de escuta que identificou seus anseios e recomendações em relação ao que desejavam aprender. Esse processo ocorreu por meio de um aplicativo, entre abril e julho de 2018, quando os estudantes responderam a um questionário individual. Na ocasião, 43.655 alunos enviaram suas percepções e 16.030 educadores informaram como desejavam organizar suas práticas curriculares. Os dados coletados serviram de subsídio para a produção desse documento, assim, o Currículo da Cidade foi construído coletivamente com o objetivo de mostrar e incorporar a identidade da Rede Municipal de Ensino de São Paulo, incluindo todos os seus integrantes.

A Coordenadoria Pedagógica (Coped) da Secretaria Municipal de Educação de São Paulo orientou a elaboração do Currículo, em cuja base estão as seguintes premissas:

1. Continuidade: o processo de construção curricular buscou respeitar a memória, os encaminhamentos e as discussões de gestões anteriores e integrar-se a práticas, experiências e culturas escolares presentes na Rede Municipal de Ensino;
2. Relevância: o documento é permeado pela dinamicidade, que possibilita sua utilização por professores, no intuito de garantir os direitos de aprendizagem a todos os estudantes;

3. Colaboração: na elaboração do documento foram consideradas distintas visões, concepções, crenças e métodos, por meio de um processo dialógico e colaborativo, que englobou as diversas vozes dos sujeitos atuantes na rede;
4. Contemporaneidade: a proposta curricular buscou contemplar os desafios impostos pela contemporaneidade e proporcionar uma formação discente para o século XXI.

Além dessas premissas, que reforçam o papel do documento no âmbito da educação básica, qual seja, de promover o atendimento a todos os estudantes, incluindo aqueles que necessitam de apoio educacional especializado, o Currículo da Cidade obedece a três conceitos orientadores:

1. Educação integral: consiste no desenvolvimento integral dos estudantes, levando-se em conta as dimensões intelectual, social, emocional, física e cultural;
2. Equidade: diz respeito ao princípio de que todos os estudantes são sujeitos íntegros, autônomos e potentes, capazes de aprender, desde que os processos de ensino considerem suas características e seu contexto, e tenham significado para suas vidas;
3. Educação inclusiva: refere-se à valorização da diversidade, ou seja, considera-se que cada estudante tem uma forma individual de pensar e aprender. Essa visão busca proporcionar desafios adequados a cada sujeito e privilegiar as várias possibilidades de desenvolvimento, tendo em vista uma perspectiva de educação inclusiva, plural e democrática.

No que se refere à organização, o Currículo apresenta três ciclos, denominados Alfabetização (1º, 2º e 3º anos), Interdisciplinar (4º, 5º e 6º anos) e Autoral (7º, 8º e 9º anos), divisão que se justifica pela necessidade de oferecer um maior tempo de aprendizagem aos estudantes em cada ciclo. Há, ainda, no documento, uma Matriz de Saberes relativa a cada etapa do Ensino Fundamental, seus objetos de conhecimento, objetivos de aprendizagem e

desenvolvimento, e objetivos de desenvolvimento sustentável de cada componente curricular.

Nesta pesquisa, contempla-se o ciclo Interdisciplinar, cujo objetivo é “integrar os saberes básicos constituídos no Ciclo de Alfabetização, possibilitando um diálogo mais estreito entre as diferentes áreas do conhecimento” (SÃO PAULO, 2019, p. 40), de modo a assegurar que não haja dificuldades na passagem do 5º para o 6º ano, que, habitualmente, reflete-se no desempenho e na participação dos estudantes.

Nesse ciclo, o Currículo da Cidade busca retomar e valorizar experiências já observadas na Rede Municipal de Ensino: o projeto de docência compartilhada e a interdisciplinaridade.

O projeto de docência compartilhada consiste no trabalho articulado entre o professor polivalente de 4º e 5º anos e o professor especialista, de preferência de Língua Portuguesa ou Matemática. A finalidade é possibilitar aos professores a atuação interdisciplinar nas aulas, por meio de abordagens, práticas e intervenções pedagógicas que favoreçam os estudantes. Esse projeto deve estar integrado ao Projeto Político-Pedagógico da unidade escolar e ser orientado pelo coordenador pedagógico.

A interdisciplinaridade, por sua vez, busca articular várias disciplinas com o objetivo de fazer o aluno compreender as relações existentes entre os diversos conhecimentos, considerando a formulação de perguntas: “o que vou conhecer? Qual o problema do conhecimento? O que mudou em mim quando aprendi e conheci?” (SÃO PAULO, 2019, p. 44). Esses questionamentos precisam estar presentes nas práticas pedagógicas dos professores, pois caracterizam esse ciclo.

Quanto à Matriz de Saberes (SÃO PAULO, 2019, p. 30-31), ela se fundamenta no que segue:

1. **Princípios éticos, políticos e estéticos definidos pelas Diretrizes Curriculares Nacionais (BRASIL, 2013):** o documento se propõe a estabelecer tais princípios, definidos pelas DCN, que orientam o

exercício da cidadania responsável, tendo em vista a construção de uma sociedade mais justa, democrática e solidária.

Mais especificamente,

- os princípios éticos correspondem a justiça, solidariedade, liberdade e autonomia, e visam a erradicar o preconceito e a discriminação, promovendo o respeito à dignidade do ser humano;
 - os princípios políticos têm por objetivo garantir a igualdade de direitos entre bebês, crianças, adolescentes, jovens e adultos, em relação a suas necessidades específicas, atenuando a pobreza e as desigualdades sociais e regionais. Por isso, esses princípios estabelecem o reconhecimento dos direitos e deveres de cidadania no âmbito democrático e buscam a equidade no acesso à educação, à saúde, ao trabalho, entre outros;
 - os princípios estéticos valorizam as diferentes formas de manifestação cultural para a construção de identidades plurais e solidárias, com ênfase na cultura brasileira.
2. **Saberes historicamente acumulados que fazem sentido para a vida de bebês, crianças, adolescentes, jovens e adultos no século XXI:** auxiliam a compreender e a lidar com as transformações e incertezas sobre o futuro da sociedade.
 3. **Abordagens pedagógicas que priorizam as vozes de bebês, crianças, adolescentes, jovens e adultos:** referem-se a formas de considerar, de maneira valorativa, as ideias e experiências de vida desses sujeitos, possibilitando aos estudantes protagonizarem as próprias escolhas no contexto escolar.
 4. **Valores fundamentais de contemporaneidade:** buscam combater quaisquer formas de preconceito e discriminação no que se refere a orientação sexual, gênero, raça, etnia, deficiência, que possam dificultar o acesso dos estudantes à vida política e comunitária. Esses valores estão de acordo com a solidariedade, singularidade, coletividade, igualdade e liberdade.
 5. **Concepções de educação integral e educação inclusiva voltadas a promover o desenvolvimento humano integral e a equidade:**

essas concepções garantem a oferta de educação plena, de forma a ampliar a capacidade intelectual, emocional, física, social e cultural de indivíduos considerados por suas diversidades.

Por meio dessas proposições, a Matriz de Saberes busca formar “cidadãos éticos, responsáveis e solidários que fortaleçam uma sociedade mais inclusiva, democrática, próspera e sustentável, e indica o que bebês, crianças, adolescentes, jovens e adultos devem aprender e desenvolver ao longo do seu processo de escolarização” (SÃO PAULO, 2019, p. 35). Essa abordagem promove a formação integral dos estudantes em relação à cidadania e ao respeito pelos direitos e deveres, seus e dos outros.

Essa Matriz pode ser sintetizada com base nos seguintes princípios, que se espera desenvolver no estudante:

1. Pensamento científico, crítico e criativo;
2. Resolução de problemas;
3. Comunicação;
4. Autoconhecimento e autocuidado;
5. Autonomia e determinação;
6. Abertura à diversidade;
7. Responsabilidade e participação;
8. Empatia e colaboração;
9. Repertório cultural.

Os objetivos de aprendizagem são estabelecidos pela Matriz de Saberes, que orienta sobre quais são as competências e habilidades esperadas do estudante em cada etapa da escolarização.

Quanto à estrutura, o Currículo da Cidade divide-se por áreas do conhecimento e componentes curriculares – Linguagens (Língua Portuguesa, Língua Portuguesa para Surdos, Arte, Língua Inglesa, Língua Brasileira de Sinais – Libras e Educação Física); Matemática; Ciências da Natureza (Ciências Naturais) e Ciências Humanas (Geografia e História).

Quanto à organização, o documento baseia-se em quatro elementos norteadores – Matriz de Saberes, eixos estruturantes, objetos de conhecimento e objetivos de aprendizagem e desenvolvimento – que

[...] formulam os resultados buscados pela ação educativa cotidiana, fruto do trabalho da equipe escolar. Desempenham, dessa forma, papel fundamental no início e ao final do processo de ensino e de aprendizagem. No início, são guias para a construção de trajetórias voltadas ao alcance das aprendizagens esperadas. Ao final, são subsídios para a formulação de padrões de desempenho que serão avaliados pelos professores, explicitando em que medida os resultados propostos foram atingidos e que intervenções ou correção de rumos se fazem necessárias (SÃO PAULO, 2019, p. 60).

Esses elementos têm papel essencial na garantia do processo de ensino-aprendizagem, pois, por meio deles, o professor é capaz de orientar suas ações, práticas, abordagens e intervenções pedagógicas.

Os eixos estruturantes são definidos em função da natureza e das especificidades de cada componente curricular, em consonância com as possibilidades de aprendizagem dos alunos. Esses eixos têm o propósito de organizar os objetos de conhecimento referentes a cada componente curricular, que deve ser articulado com as áreas de conhecimento e com os demais componentes curriculares, para que o estudante tenha uma perspectiva mais ampla sobre eles.

Os objetos de conhecimento correspondem aos elementos que orientam o currículo e especificam, de maneira mais ampla, os assuntos a serem desenvolvidos durante aula, servindo, assim, de norte para o trabalho pedagógico do professor. Os dois elementos considerados pelo Currículo da Cidade são: o sujeito e o objeto. O primeiro refere-se ao ser humano que, no caso, é o aluno; o segundo refere-se à realidade, às coisas, aos fatos, aos fenômenos e processos, que existem com o sujeito (SÃO PAULO, 2019).

Os objetivos de aprendizagem e o desenvolvimento consistem nos conjuntos de saberes que os alunos devem desenvolver no percurso do Ensino Fundamental, orientado pela Educação Integral por meio da Matriz de Saberes. Esses objetivos são organizados de forma progressiva, do 1º ao 9º ano, permitindo que os conhecimentos sejam aprimorados e revisitados com a

finalidade de garantir aprendizagens mais aprofundadas e com articulações entre as áreas do conhecimento.

Os objetos de conhecimento e os objetivos de aprendizagem organizam-se por anos e ciclos, fundamentados nos princípios de colaboração e progressão dos objetivos, com base nos critérios de conteúdo. Esses critérios dizem respeito a capacidades, comportamentos e procedimentos, nível de autonomia daquele que aprende e interage com a língua e nível de complexidade do conteúdo, que envolvem práticas sociais, gêneros e textos (SÃO PAULO, 2019).

Segundo o Currículo da Cidade, quatro atividades norteiam a aprendizagem de Língua Portuguesa: falar, ouvir, ler e escrever, considerando as várias práticas sociais. Nesse sentido, propõe a organização do trabalho com a língua em quatro eixos: prática de leitura de textos, prática de produção de textos escritos, prática de escuta e produção de textos orais e prática de análise linguística/multimodal.

Note-se que, neste trabalho, contemplam-se dois eixos. O eixo da prática de leitura de textos, que considera a especificidade do texto literário, podendo ser literatura clássica e/ou canônica, marginal, regional ou global, e se orienta pelo objeto de conhecimento como capacidades de apreciação e réplica do leitor em relação ao texto. Nessa direção, busca-se levar o aluno a “(EF06LP01) Identificar em contos e crônicas literários lidos, estratégias e recursos linguísticos-discursivos, analisando os efeitos de sentidos para o tratamento dado ao tema” (SÃO PAULO, 2019, p.135).

O outro eixo é prática de produção de textos escritos. Um dos objetivos do ensino da escrita previsto para o 6º ano é a produção de contos narrativos com temáticas de assombração e mistério, entre outras, a fim de que se desenvolvam habilidades linguísticas, compreensão do gênero textual e da estrutura narrativa. Desse modo, busca-se levar o aluno a “(EF06LP19) Produzir contos (de assombração/mistério), considerando as características do gênero, a coesão, a coerência, além de realizar as operações de produção de textos” (SÃO PAULO, 2019, p.138).

No que se refere ao contexto de produção dos textos e às atividades de escrita e de leitura, defende-se, no documento, a importância de o aluno

entender que o texto é orientado para um contexto específico, com suas características particulares, interlocutores distintos e finalidades, e que há gêneros diferentes observados nas diversas esferas sociais em que os textos circulam.

Diante disso, recomenda-se que, no início de uma atividade de produção de texto, a primeira tarefa seja a definição ou apresentação do contexto de produção. Nas atividades de leitura, o aluno também precisa perceber e conhecer tal contexto, de maneira a se efetivar a compreensão tanto de elementos que permitem a interpretação, quanto de intenções de significação do momento socio-histórico em que determinada obra foi escrita. Essa prática possibilita interpretações mais aprofundadas sobre o tema abordado em uma dada obra.

Assim, o trabalho linguístico ocorre de maneira contextualizada e considera as práticas de uso de que o sujeito participa; o texto é visto como unidade linguística básica, porque é nele, “materialidade do discurso, que a língua, por encontrar-se em funcionamento, torna-se linguagem” (SÃO PAULO, 2019, p. 65).

Há três concepções de linguagem mencionadas no documento. A primeira concepção envolve a representação do pensamento e o reflexo do mundo e dos sujeitos. Dessa perspectiva, o ato de escrever refere-se ao processo de representar aquilo que o sujeito pensa, ao passo que ler refere-se à busca por descobrir o que o escritor pensou. Aqui não há espaço de interlocução entre escritor e leitor, logo, quem não escreve ou não lê de maneira adequada é porque não pensou apropriadamente.

A segunda abriga a noção de linguagem como instrumento da comunicação. Desse modo, escrever é codificar uma mensagem a ser decifrada por um emissor, na leitura. Caso o sentido da mensagem não seja identificado, isso se deve a ruídos ou à codificação inadequada do produtor ou, ainda, à leitura inapropriada do receptor. Assim, há uma limitação de sentidos no texto e a polissemia é considerada um evento esporádico, fruto do processo de produção e recepção, e não uma característica constitutiva da linguagem.

Por fim, a terceira concepção, que fundamenta o referido documento, reconhece “a linguagem como atividade, como forma de ação, como relação interpessoal, por meio da qual sentidos são produzidos sobre o mundo e pessoas, assim como são criados vínculos e compromissos anteriormente inexistentes entre elas” (SÃO PAULO, 2019, p. 66). Segundo essa visão, é possível afirmar que a linguagem é um modo de compreender o mundo, as pessoas e as relações entre elas, assim, é desenvolvida pelos indivíduos que interagem linguisticamente; a linguagem constitui as pessoas, e vice-versa.

Resumidamente, no Currículo da Cidade, a linguagem é considerada de quatro perspectivas, a saber:

- a. histórica e social, porque é constituída no uso, ou seja, os sentidos da atividade verbal são construídos num processo contínuo de interlocução entre sujeito que produz discurso e sujeito que lê/escuta. Diante disso, a língua não é homogênea, uma vez que o sujeito – produtor ou leitor/ouvinte – não é fonte única do sentido, mas compartilha seu espaço discursivo com o outro. Os processos que a constituem são eminentemente histórico-sociais. Ela não pode, portanto, ser estudada fora da sociedade e de suas condições de produção;
- b. ideológica, porque veicula, inevitavelmente, valores que regulam as relações sociais;
- c. plurivalente, porque revela diferentes formas de significar a realidade, segundo a perspectiva dos diferentes sujeitos que a empregam;
- d. dialógica, porque todo enunciado, por sua natureza, relaciona-se com os produzidos anteriormente e orienta-se para outros que serão formulados como réplica desse (SÃO PAULO, 2019, p. 67).

O documento considera, ainda, que o discurso resulta em um texto que pode ser oral ou escrito e organizado em gêneros orais ou escritos que circulam na sociedade e são relativamente estáveis. Os usuários da língua não conhecem todos os gêneros disponíveis, mas conhecem aqueles que circulam com maior frequência, nas situações comunicativas das quais participam. Tendo isso em consideração, o papel da escola é ensinar a organizar gêneros em que os alunos ainda não são proficientes, privilegiando aqueles que circulam nas esferas públicas de linguagem, e não nas esferas privadas.

Nesse sentido, o Currículo da Cidade ressalta a importância do letramento para que se desenvolva a proficiência na leitura e, assim, o estudante

se torne capaz de ler e produzir sentidos, considerando práticas sociais e gêneros. Nessa abordagem, “vários letramentos são articulados para a constituição de sentidos de um único produto cultural” (SÃO PAULO, 2019, p.76)

Na abordagem dos conteúdos do ensino e da aprendizagem, o documento alinha-se a uma perspectiva menos conservadora de ensino da língua, em que estão presentes não apenas os conteúdos gramaticais, mas também os conhecimentos pragmáticos, os discursivos, os textuais e os notacionais, todos essenciais para o processo de ensino-aprendizagem. É importante observar que os conhecimentos se inter-relacionam: os discursivos incluem os demais, assim como os textuais correspondem, respectivamente, aos gramaticais e aos notacionais.

Os conteúdos propostos no Currículo da Cidade, pertinentes à Língua Portuguesa, englobam os conhecimentos mencionados e norteiam o trabalho em sala de aula no Ensino Fundamental II, 4º ao 6º ano do Ciclo Interdisciplinar. No 6º ano, especialmente, a produção de textos e as práticas de leitura contemplam, entre outros gêneros, o conto, do qual tratamos nesta pesquisa.

A seguir, discorre-se sobre o currículo de Língua Portuguesa do Estado de São Paulo, com foco na prática de escrita de textos narrativos.

1.1.4 Currículo do Estado de São Paulo: linguagens, códigos e suas tecnologias

O currículo estabelecido no âmbito do Estado de São Paulo está em conformidade com o que orienta a BNCC no tocante às práticas didáticas a serem adotadas por professores em sala de aula, em cada disciplina e nível de ensino. A finalidade desse currículo é ser um guia do que deve ser ensinado, assim, oferece orientações com o propósito de contribuir para o desenvolvimento satisfatório do trabalho docente e levar o aluno a desenvolver e consolidar as habilidades e competências requeridas.

Segundo o documento, a formação do estudante precisa incluir atividades que possibilitem a construção do conhecimento por meio da linguagem. Assim, defende-se que conhecer “[...] é o ato cognitivo de

compreender para transformar a si e ao mundo em que vivemos, construindo relações entre os diversos significados de uma mesma ideia ou de um mesmo fato” (SÃO PAULO, 2011, p. 30). Essa concepção contribui para o desenvolvimento de práticas pedagógicas adequadas à construção do processo de ensino-aprendizagem.

Uma vez que o Currículo do Estado trata não apenas do aspecto gramatical, mas também de enunciados que têm sentido mesmo que não sigam a norma-padrão, entende-se que o fundamental no trabalho com textos é estabelecer conhecimentos linguísticos que não estão limitados ao conhecimento da norma-padrão.

Nesse sentido, considera-se que abordar a língua envolve ter em conta o aspecto social, pois ela é um organismo dinâmico que sofre constantes transformações. Assim, as atividades de Língua Portuguesa a serem desenvolvidas devem explorar os textos em variadas situações de interação social e possibilitar a construção de sentidos, evitando que o estudante se sinta um estrangeiro ao utilizar a própria língua. Essa concepção de texto propicia o desenvolvimento da competência discursiva, o que assegura o letramento.

No que se refere à abordagem de gêneros textuais, o documento os considera como artefatos linguísticos, desenvolvidos pelos indivíduos com a finalidade de atingir objetivos específicos em diversas situações sociais. No que se refere à tipologia textual, trata-se de uma “espécie de sequência teoricamente definida pela natureza linguística de sua composição” (SÃO PAULO, 2011, p.33). O documento considera como tipos textuais cinco categorias principais: narrar, relatar, prescrever, expor e argumentar. Essas categorias têm o propósito de incorporar os gêneros, por exemplo, a tipologia narrativa está presente em gêneros como conto, fábula, romance, apólogo, entre outros.

Quanto ao discurso, ele é visto como a materialidade do texto que, organizado pelo gênero, insere-se em uma situação real de interação estabelecida entre os sujeitos em um dado contexto. Além disso, o discurso possibilita a esquematização de experiências com o intuito de torná-las pertinentes e compartilháveis, considerando essa perspectiva conforme o nível de letramento, que é

[...] determinado pela variedade de gêneros textuais com os quais a criança ou o adulto conseguem interagir. Todos os textos surgem na sociedade pertencendo a diferentes categorias ou gêneros textuais que relacionam os enunciadores com atividades sociais específicas. Não se trata de pensarmos em uma lista de características que compõem um modelo segundo o qual devemos produzir o nosso texto, mas de compreender como esse texto funciona em sociedade e de que forma ele deve ser produzido e utilizado a fim de atingir o objetivo desejado (SÃO PAULO, 2011, p. 35)

Como se pode notar, levando-se em conta o letramento, para garantir as proficiências leitora e escritora, a abordagem do texto se dá pelos gêneros textuais e por seu funcionamento nas práticas sociais.

No âmbito da organização dos conteúdos básicos para o Ensino Fundamental, o Currículo do Estado pauta-se nas orientações estabelecidas pelos Parâmetros Curriculares Nacionais e em estudos realizados até ser publicado, em 2011. Sua abordagem orienta-se pela ideia de que os conteúdos de Língua Portuguesa devem desenvolver habilidades e competências, com destaque para as práticas de leitura e escrita, e considerar as propostas metodológicas de ensino e aprendizagem.

Nessa direção, os conteúdos a serem explorados são: 1º bimestre: Tipologia e gêneros textuais; 2º bimestre: Tipologias e gêneros textuais; 3º bimestre: Texto, discurso e história; 4º bimestre: Texto, discurso e história. Em razão dessa organização, os eixos dos conteúdos são: tipologias textuais, gêneros textuais, texto e discurso e texto e história.

A organização metodológica segue algumas premissas no Ensino Fundamental, em que o eixo principal é o estudo do agrupamento tipológico (narrar, expor, descrever, argumentar), assunto tratado no 1º bimestre. No 2º bimestre, estudam-se os gêneros textuais que apresentam o argumento tipológico abordado no bimestre anterior. Já no 3º e no 4º bimestres desenvolve-se um projeto que envolve a tipologia e os gêneros estudados por meio do ponto de vista discursivo, assim, há a articulação de três aspectos essenciais da língua: agrupamentos tipológicos, gêneros e discurso.

As habilidades estão centradas em quatro competências principais: de escrita, de leitura, de habilidades orais e linguística. Essas competências são indicadas pelo material de apoio do Caderno do Professor, que também

apresenta uma sequência didática apropriada para o desenvolvimento de determinado conteúdo.

No Currículo do Estado, o ensino da Língua Portuguesa não é dividido nas tradicionais áreas, Literatura, Gramática e Redação. Em vez disso, ele se dá por meio do contexto sociocultural, que direciona o trabalho com a linguagem. Especificamente, o ensino da escrita é orientado como um processo que

[...] quando considerado em sua dinâmica social, ultrapassa as propostas tradicionalmente convencionais de uma aula de redação ou de produção textual. Isso porque ensinar as regras inerentes à estrutura de determinado gênero textual não é necessariamente permitir que o educando tenha uma experiência real com o processo de escrita. Escrever é uma prática social e assim deve ser sempre considerada. Essa perspectiva não deve desaparecer da proposta pedagógica da disciplina Língua Portuguesa, mesmo quando ela se detiver em estudos morfossintáticos ou que exijam maior abstração (SÃO PAULO, 2011, p.40-41).

Segundo essa concepção, o ato de escrever é uma prática social que depende do conhecimento de tipologia textual, aspectos gramaticais, gênero textual, finalidade da escrita, para que o estudante adquira proficiência na escrita.

Para se compreender como ocorre a seleção de conteúdos e habilidades a serem desenvolvidas, o Currículo traz um quadro em que figuram esses itens, os quais permeiam os assuntos que devem ser abordados em cada bimestre. Entretanto, tendo em vista a delimitação deste estudo, seleciona-se o segmento referente a práticas de leitura e escrita do texto narrativo (Quadro 3).

Quadro 3 – Conteúdos e habilidades em Língua Portuguesa – 6º ano

5ª série/ 6º ano do Ensino Fundamental	
1º Bimestre	<p style="text-align: center;">Conteúdos</p> <p>Conteúdos gerais</p> <p>Traços característicos de textos narrativos</p> <ul style="list-style-type: none"> • Enredo, personagem, foco narrativo, tempo, espaço • Estudos de gêneros textuais • Gêneros textuais narrativos e suas situações de comunicação • Estudos linguísticos • Noção de tempo verbal, modo subjuntivo na narrativa, subjuntivo e os verbos regulares, articuladores temporais e espaciais • Substantivo, adjetivo, pronomes pessoais, formas de tratamento, verbo, advérbio • Sinônimos e antônimos • Uso dos “porquês” • Variedades linguísticas <p>Conteúdo de leitura, escrita e oralidade</p> <p>Leitura, produção e escuta de textos narrativos em diferentes situações de comunicação</p> <ul style="list-style-type: none"> • Interpretação de texto literário e não literário • Fruição • Situacionalidade • Coerência • Coesão • A importância do enunciado • Produção de síntese • Produção de ilustração • Roda de leitura oral • Roda de conversa
	Habilidades
1º Bimestre	<p>Espera-se que, tendo como referência principal a tipologia narrativa, em situações de aprendizagem orientadas por projetos de leitura e escrita e centradas em histórias, romances, contos, crônicas e outros gêneros de</p>

	<p>tipologia predominantemente narrativa, os estudantes desenvolvam as seguintes habilidades:</p> <ul style="list-style-type: none"> • Saber procurar informações complementares em dicionários, gramáticas, enciclopédias, internet etc. • Selecionar textos para a leitura de acordo com diferentes objetivos ou interesses (estudo, formação pessoal, entretenimento, realização de tarefas etc.) • Analisar a norma-padrão em funcionamento no texto • Reconhecer o processo de composição textual como um conjunto de ações interligadas • Inferir e reconhecer elementos da narrativa • Analisar narrativas ficcionais: enredo, personagem, espaço, tempo e foco narrativo • Produzir texto com organização narrativa
--	--

Fonte: São Paulo (2011, p 46-47).

É importante ressaltar que o Currículo do Estado de São Paulo relaciona-se com o Currículo Paulista (SÃO PAULO, 2021), documento elaborado por meio de práticas de profissionais da educação da rede pública e privada de ensino. Ele define as competências e habilidades essenciais a serem desenvolvidas, envolve as orientações curriculares para ambas as redes e as competências da BNCC (BRASIL, 2018). No que se refere a habilidades e práticas de linguagem relativas ao 6º ano, trata da leitura e da produção de textos, em especial, contos populares (Quadro 4).

Quadro 4 – Habilidades de práticas de linguagem – 6º ano

CAMPO DE ATUAÇÃO	PRÁTICAS DE LINGUAGEM	HABILIDADES	OBJETOS DE CONHECIMENTO
Artístico-literário	Leitura	(EF67LP28) Ler e compreender – selecionando procedimentos e estratégias de leitura adequados a diferentes objetivos e levando em conta características dos gêneros e suportes –, romances infantojuvenis, contos populares, contos de terror, lendas brasileiras, indígenas e africanas, poemas, entre outros, expressando avaliação sobre o texto lido e estabelecendo preferências por gêneros, temas, autores.	Estratégias de leitura Apreciação e réplica
Artístico-literário	Produção de textos	(EF67LP30) Criar narrativas ficcionais (contos, narrativas de enigma, crônicas, entre outros) que utilizem cenários e personagens realistas ou de fantasia, observando os elementos da estrutura narrativa próprios ao gênero pretendido, tais como enredo, personagens, tempo, espaço e narrador, utilizando tempos verbais adequados à narração de fatos passados, empregando conhecimentos sobre diferentes modos de se iniciar uma história e de inserir os discursos direto e indireto.	Construção da textualidade Relação entre textos

Fonte: São Paulo (2021, p. 5-6).

Nos quadros 3 e 4, apresentam-se habilidades a serem desenvolvidas no âmbito de leitura e escrita de textos narrativos, a fim de que o estudante compreenda os procedimentos e as estratégias de leitura que lhe sirvam para identificar, compreender e analisar um texto narrativo e proceder à sua produção, o que requer o reconhecimento da tipologia, do gênero e das características específicas para a escrita proficiente de textos narrativos.

Os objetos de conhecimento elencados no Quadro 4 são “Estratégias de leitura” e “Apreciação e réplica”, referentes à competência leitora, que envolve identificar, compreender e analisar o texto narrativo, reconhecendo a sua estrutura genérica. Já “A construção da textualidade” e “Relação entre textos” remetem à competência escritora, que envolve as habilidades de escrita necessárias para o aluno produzir adequadamente um texto narrativo.

O Currículo do Estado de São Paulo está comprometido em promover o ensino da Língua Portuguesa de modo contextualizado, baseado no desenvolvimento de habilidades e competências que podem ser adquiridas para garantir o processo de aprendizagem de modo mais adequado.

Para tanto, as ações pedagógicas são subsidiadas por materiais específicos, como Currículo em Ação: língua portuguesa – Caderno do Professor (2022a), Currículo em Ação: linguagens e inova – Caderno do Aluno (2022b) e vídeos com especialistas disponibilizados no portal do Centro de Mídias da Educação de São Paulo³.

O Caderno do Professor apresenta as orientações básicas do Currículo e oferece auxílio para a elaboração de sequências didáticas, considerando os conteúdos e as habilidades básicas a serem abordados. O Caderno do Aluno, por sua vez, apresenta exercícios que remetem a habilidades e conteúdos condizentes com cada situação de aprendizagem. Por fim, os vídeos com especialistas são organizados com base nos principais eixos organizadores do componente curricular de Língua Portuguesa, conforme cada segmento (Ensino Fundamental ou Ensino Médio).

Para fins deste estudo, selecionou-se do Caderno do Professor uma situação de aprendizagem intitulada “Quem conta contos aumenta pontos”, a qual estabelece um mapa cognitivo de aprendizagem (SÃO PAULO, 2022a). De modo a se buscar subsídio para a elaboração da proposta de atividade de escrita apresentada no Capítulo 4, foram escolhidas quatro habilidades do referido mapa, que fornece orientações para práticas de leitura, oralidade, produção de texto e análise linguística/semiótica, como detalhado no Quadro 5.

³ Endereço eletrônico: <https://centrodemidiasp.educacao.sp.gov.br/>

Quadro 5 – Currículo em ação: habilidades

Práticas de Linguagem	Habilidades
Leitura	EF69LP53 Ler em voz alta textos literários diversos, bem como leituras orais capituladas (compartilhadas ou não com o professor) de livros, contar/recontar histórias tanto da tradição oral, quanto da tradição literária escrita, expressando a compreensão e interpretação do texto por meio de uma leitura ou fala expressiva e fluente, gravando essa leitura ou esse conto/reconto, seja para análise posterior.
Oralidade	EF69LP07B Produzir textos em diferentes gêneros, considerando sua adequação ao contexto de produção e circulação.
Produção de texto	EF06LP05B Utilizar diferentes gêneros textuais, considerando a intenção comunicativa, o estilo e a finalidade dos gêneros.
Análise Linguística/ Semiótica	EF69LP56 Fazer uso consciente e reflexivo da norma padrão em situações de fala e escrita em textos de diferentes gêneros, levando em consideração o contexto, situação de produção e as características do gênero.

Fonte: adaptado de São Paulo (2022a, p. 15).

Tendo em conta as habilidades elencadas no quadro, são apresentadas duas atividades, a primeira intitulada “Entre narrativas”, que apresenta o texto narrativo “Conto ou não conto”⁴ e seus aspectos relativos a estrutura, finalidade e elementos da narrativa (tempo, personagens, narrador, enredo e lugar), bem como conceitos gramaticais suscitados pelo texto, uso de pronomes e verbos e foco narrativo.

A segunda atividade, “Quem reescreve um conto aumenta um ponto”, propõe a escrita de um final para o texto “Conto ou não conto”, discutido e

⁴ SIDNEY, Abel. *Conto ou não conto?* Ilustrações de Rosana Almendares. Disponível em: http://www.dominiopublico.gov.br/pesquisa/DetalheObraForm.do?select_action=&co_obra=105130. Acesso em: 16 maio 2022. (adaptado)

analisado na atividade anterior. Nesta tarefa, que envolve a escrita e reescrita de um texto narrativo com base em um parágrafo “–Sabe, o outro segredo é mais sério que o primeiro”, espera-se do estudante a produção de uma narrativa autoral, em que seja observada a finalidade do gênero proposto. Nessa atividade, é desenvolvida a capacidade de planejamento da produção textual, revisão e reescrita do texto, considerada também na proposta de atividade explicitada mais adiante.

Na próxima seção, conceitua-se o gênero conto, em particular os contos maravilhosos, de fadas, de encantamento e populares, e explicitam-se suas características, estrutura e natureza.

1.2 O gênero conto

Para Gotlib (2006, p. 12), o termo conto está associado com a etimologia da palavra *contar* (do latim *computare*): “uma estória, em princípio, oralmente, evolui para o registrar as estórias, por escrito”. Desse modo, o conto trata de acontecimentos ficcionais, nele não há o compromisso de retratar eventos reais, não há limites claros entre a realidade e ficção. Seguindo a mesma perspectiva, Gancho (2006, p.5) esclarece que a ficção está relacionada com o conceito de imaginação e invenção.

Com base nos postulados de Cortázar, Gotlib (2006, p. 11) apresenta o conceito de “conto” por meio de três acepções: “1. relato de um acontecimento; 2. narração oral ou escrita de um acontecimento falso; 3. fábula que se conta às crianças para diverti-las”. Em relação ao *corpus* deste trabalho, destacam-se a primeira e a segunda acepções, uma vez que as narrativas selecionadas resgatam a tradição oral para preservar a cultura de determinada época e região.

De acordo com Gancho (2006, p. 6), o conto é considerado “uma narrativa mais curta, que tem como característica central condensar conflito, tempo, espaço e reduzir o número de personagens”. Sua estrutura narrativa, em prosa, baseia-se em cinco elementos: o enredo, os personagens, o tempo, o espaço e o narrador.

O primeiro elemento, o enredo, engloba os fatos de uma história, que devem ser verossímeis, conferindo lógica interna ao enredo, o que leva o leitor

a considerá-lo verdadeiro. No que se refere às partes do enredo, a pesquisadora ressalta que o conflito, “uma tensão que organiza os fatos da história e prende a atenção do leitor”, é um elemento estruturador da história (GANCHO, 2006, p.8). A seguir, no Quadro 6, tem-se uma síntese das partes do enredo.

Quadro 6 – Partes do enredo

Exposição ou introdução ou apresentação	Consiste em retratar o início de uma história e pode apresentar personagens, tempo e espaço.
Complicação ou desenvolvimento	Desenvolve-se o conflito da narrativa, podendo apresentar mais de uma complicação.
Clímax	Considerado o ápice da história, em que se apresenta a maior tensão do conflito.
Desfecho, desenlace ou conclusão	Configura-se na solução do conflito que pode ocorrer de maneira negativa ou positiva, resultando em um feliz, triste, trágico, surpreendente, cômico, entre outros.

Fonte: elaborado pela autora com base em Gancho (2006, p. 8).

O segundo elemento, os personagens, são os participantes da história, que podem ser classificados quanto ao papel desempenhado no enredo: protagonista (herói ou anti-herói), antagonista e personagens secundários.

O protagonista é o personagem principal; como herói, apresenta “características superiores aos demais personagens”, como anti-herói, apresenta “características iguais ou inferiores às de seu grupo” (GANCHO, 2006, p.11). Uma vez que o antagonista se opõe ao protagonista, busca artifícios para prejudicá-lo. Já os personagens secundários, que têm menos relevância na narrativa, não atuam com frequência significativa no enredo e podem ter o papel de auxiliares dos demais personagens.

No que diz respeito ao terceiro elemento, tempo, Gancho (2006, p.16) afirma que os fatos do enredo estão a ele associados. Ele é um indicador da época em que se passa a história, da duração da história, que envolve o período da narrativa, do tempo cronológico, caracterizado pela linearidade natural dos fatos, do tempo psicológico, que passa de acordo com o desejo ou a imaginação do autor e dos personagens, sendo, assim, um modificador da ordem linear e natural do ocorrido.

O quarto elemento, o espaço, consiste no lugar em que os acontecimentos da narrativa transcorrem. Sua função é situar o local físico onde as ações se desenvolvem, diferente do “lugar” psicológico, por exemplo, que é designado como “ambiente.

O último elemento, o narrador, é crucial no texto, pois sem ele não há narrativa; estrutura a história e desempenha a função de foco narrativa e de ponto de vista, que correspondem à perspectiva do narrador em relação aos fatos narrados. Disso resulta tipos diferentes de narrador: narrador em terceira pessoa, ou narrador observador, que pode ser onisciente, sabe tudo que acontece na história, mas não participa dela, ou onipresente, presente nos lugares da história, desenvolvendo, assim certo grau de imparcialidade. Já o narrador em primeira pessoa, ou narrador personagem, participa da narrativa, desse modo, sua visão dos fatos é restrita.

Para Terra e Pacheco (2017), o conto é um gênero narrativo presente em várias culturas, suas primeiras manifestações se deram oralmente. A leitura de contos propiciava a reunião de pessoas e promovia a socialização:

Pessoas se reuniam em torno de uma fogueira e alguém narrava histórias que encantavam a todos. A autoria dessas narrativas transmitidas de geração em geração era desconhecida. Não se pode falar que essas primeiras manifestações do conto tivessem um narrador como conhecemos hoje. Aquele que contava o conto não era seu autor, sequer organizava a narrativa; era apenas um intérprete do texto (TERRA; PACHECO, 2017, p.78-79).

Por estar fortemente vinculado à tradição oral de um povo, o conto traz aspectos culturais, ideológicos, sociais, morais e éticos, além disso, caracteriza-se pela linguagem simbólica, que possibilita a manifestação cultural de uma sociedade em determinada época. Os símbolos presentes nessas narrativas estão relacionados com elementos necessariamente humanos, os quais garantem o convívio entre os seres, bem como a existência de uma civilização diante de vários temas como “o sexo, a vaidade, o orgulho, a vontade de poder, a atração pelo desconhecido” (LEAL, 1985, p.14-15). A exploração desses temas contribui para a compreensão da psique humana para lidar com suas dificuldades e contradições.

De acordo com Terra e Pacheco (2017), a denominação “conto” diz respeito a uma história que pode ser contada a um auditório, na forma de narrativa condensada. Assim, há uma contração dos acontecimentos, que, quando lidos, fazem surgir a percepção de algo que já aconteceu.

O gênero em tela engloba um leque de subdivisões, entre as quais, conto literário, conto popular, conto de fadas, conto maravilhoso, conto de encantamento, fábula, anedota. Neste trabalho, destaca-se o conto popular e suas aproximações com os contos de fadas, de encantamento e maravilhosos, pois o *corpus* selecionado, um conto popular, apresenta aspectos estruturais e elementos mágicos característicos dos demais contos citados.

Para os autores, os textos literários têm um caráter ficcional mais ou menos intenso, que depende de sua relação com o mundo. Desse modo, por um lado, narrativas como fábulas, contos maravilhosos e fantásticos e narrativas de ficção científica têm maior grau de ficcionalidade, pois há um afastamento considerável da realidade; por outro lado, há textos ficcionais que se aproximam da realidade, por isso, o grau de ficcionalidade é menor. O caráter ficcional da narrativa não está limitado à história narrada, isto é, aos acontecimentos, uma vez que essa característica diz respeito à narrativa como um todo. Nesse sentido, elementos como personagens, narrador, tempo e espaço são considerados ficcionais.

Além do caráter ficcional, Terra e Pacheco (2017) consideram importante tratar do conceito de narratividade, relacionado às transformações ocorridas ao longo da história, ou seja, às mudanças de um estado para outro, por exemplo, o estado do sujeito passa de desempregado para empregado. Outro exemplo: alguém tinha um livro e doou ao irmão, nesse caso, a pessoa, em vez de adquirir algo se viu sem ele. Considera-se que a narratividade se apresenta de duas formas: a primeira refere-se à aquisição, ou seja, o sujeito da narrativa adquire um valor (por exemplo, um trabalho); a segunda refere-se à privação, isto é, o sujeito da narrativa se vê privado de algo (por exemplo, um livro).

Quanto aos elementos do gênero narrativo, os autores elencam os seguintes: narrador, personagem, ação, tempo e espaço. Esses elementos são

importantes na análise e compreensão da estrutura textual da narrativa e, conseqüentemente, do conto.

O primeiro elemento, o narrador, é a pessoa do discurso que narra a história. A narração pode se dar em 1ª pessoa, em que se tem o narrador-personagem, ou em 3ª pessoa, em que se tem o narrador-observador. Em relação ao segundo elemento, personagem, trata-se da “caracterização de um sujeito narrativo, que toma corpo” (TERRA; PACHECO 2017, p. 46); apresenta características físicas, psicológicas e uma identidade. O terceiro elemento, a ação, está associado ao conflito, indica mudança de estado, uma transformação da situação inicial. O quarto elemento, o tempo, diz respeito à duração dos acontecimentos, às anacronias, caracterizadas por *flashback*, ou aos fatos organizados de maneira linear. Por fim, o espaço é o lugar físico no qual se passa a narrativa.

De acordo com os autores, os contos apresentam, de maneira geral, cinco elementos: narrador, personagens, ação, tempo e espaço. O papel do narrador é narrar os acontecimentos da história; na narração em 1ª pessoa, tem-se a figura do narrador-personagem, na narração em 3ª pessoa, ocorre o apagamento das marcas linguísticas pertinentes ao narrador.

Nos contos, o número de personagens é menor comparação ao romance, isso porque os contos são narrativas mais breves e, muitas vezes, os personagens são caracterizados como protagonista e antagonista.

Em relação à ação, os acontecimentos estão sujeitos a transformações conforme a narratividade. Além disso, o conto se desenvolve em torno de um único acontecimento, que leva a um final surpreendente, no qual há o clímax; já no romance, há uma pluralidade de ações.

Quanto ao tempo do conto, ele se assemelha ao tempo do romance, entretanto, há distinção em relação ao tempo da história. A história, no romance, pode se estender por anos e gerações; no conto, ela costuma se concentrar em um tempo relativamente curto, como dias, semanas ou meses. Ressalte-se que essa característica não está relacionada ao passado, presente ou futuro, tempos em que são narrados os acontecimentos.

O espaço é estabelecido explicitamente e costuma ser apresentado de forma mais limitada em comparação ao romance. Assim, o deslocamento dos personagens é mais restrito: passa-se de uma sala para um quarto; no romance, os personagens podem se deslocar de um país a outro, por exemplo.

Ao apresentarem a definição de conto, Terra e Pacheco elencam suas características, explicitadas no Quadro 7.

Quadro 7 – Características do conto

a) narrativa breve;
b) ação concentrada em um único episódio (o conto prescinde de episódios secundários);
c) reduzido número de personagens (apenas as centrais);
d) espaço e tempo reduzidos;
e) final surpreendente.

Fonte: Terra e Pacheco (2017, p. 86).

No Quadro 7, as características designadas não se restringem, necessariamente, ao gênero conto. O quinto item, por exemplo, também está presente em outros gêneros, como romance, fábulas e crônicas.

Segundo os pesquisadores, os contos populares são caracterizados pelo plano da expressão oral, contudo, não se limitam a ele. Nesse sentido, afirmam que a escrita não pode ser compreendida apenas como reprodução da fala, porque escrita e oralidade são sistemas semióticos diferentes e produtos de culturas também diferentes. Assim, considera-se como linguagem oral um conjunto de signos que não pertencem à linguagem escrita, como, por exemplo, entoação, expressão facial, gesticulação e riso. O conto oral é mais simples e tem caráter performático, pois se trata de uma manifestação que exige do narrador mudanças no ritmo de voz, expressões faciais e gestos, com a finalidade de interpretar o conto e manter o ouvinte atento à história.

Em relação aos episódios, neste estudo, adota-se a perspectiva de vários episódios secundários com base no episódio principal. Os autores observam que o conto da tradição oral, geralmente, traz o elemento maravilhoso, como a presença de fadas, bruxas e gnomos, e o elemento mágico, expresso

por meio de objetos mágicos, por isso pode-se afirmar que há alguns contos populares e contos maravilhosos que apresentam esse aspecto.

Note-se, ainda, que os contos maravilhosos, de fadas, de encantamento e populares são oriundos da tradição oral, por isso, muitas dessas narrativas se relacionam entre si. Ao considerar que determinado texto é um conto popular, verifica-se que há nele a predominância de características de uma cultura, de uma região, e também o encaixe de elementos de outros contos, como o elemento mágico.

Terra e Pacheco (2017) salientam que o adjetivo “popular” se refere ao povo, assim, o conto é visto como um patrimônio coletivo que valoriza a cultura popular ao enaltecer os traços culturais de determinada região. Essa valorização foi importante para a disseminação dos contos orais, de geração a geração. Uma vez que se trata de um produto coletivo, a autoria desses contos é desconhecida, pois se perde no tempo.

Para se compreender as aproximações entre os contos de encantamento, maravilhosos, de fadas e populares, toma-se Propp (2001), que analisou a estrutura e as características dos contos populares russos. Ele salienta que por serem os contos textos ricos e variados, não é possível analisá-los em sua totalidade em todos os países. Por isso, restringe sua análise aos contos maravilhosos que apresentam uma mesma estrutura, isto é, contos que estabelecem ações constantes, consideradas como funções.

O estudo do conto requer a descrição sistemática, isto é, o reconhecimento de seus elementos linguísticos, históricos, culturais e sociais, considerando as descrições fundamentais a sua identificação. Para isso, o autor explica que antes mesmo de discutir a origem do conto maravilhoso, é preciso defini-lo: “o conto maravilhoso é uma totalidade em que todos os assuntos estão ligados e condicionados entre si. É justamente isso que torna impossível o estudo isolado de um motivo” (PROPP, 2002, p. 5). Dessa forma, o conto é uma unidade constituída por uma teia narrativa, em que um acontecimento leva a outro.

Segundo o autor, a perspectiva do passado histórico ajuda a compreender e explicar um conto, sua origem e seu contexto. Há contos, por

exemplo, que apresentam vestígios de ritos e costumes de determinado local. Um conto pode ser confundido com um mito, ainda que sejam elementos distintos por desempenharem função social diferente.

No âmbito de seu estudo, tem lugar o folclore histórico, cujo ponto de partida para uma base comparativa é a literatura russa. O autor percebeu que a unidade de composição do conto está na realidade histórica do passado, não no psiquismo humano nem na criação artística.

Na teoria estabelecida por Propp, há sete classes de personagens que correspondem a sete esferas de ação: 1) o agressor, antagonista caracterizado pelo sujeito que faz o mal; 2) o doador, aquele que concede o objeto mágico ao herói; 3) o auxiliar, aquele que ajuda o herói; 4) a princesa e o pai, podendo variar de acordo com o conto, não sendo obrigatoriamente o rei; 5) o mandante, sujeito que manda; 6) o herói e o falso herói, têm a mesma função, porém exercida de maneira diferente em cada narrativa.

Alcoforado (1986, p. 89), por sua vez, observa que o gênero conto maravilhoso ou o gênero conto de encantamento apresentam indefinição espaço-temporal e que, na maioria das vezes, o conto narra a história de um herói que enfrenta, em uma aventura, diversos problemas com complexas soluções. O herói só consegue ajuda por meio de elementos mágicos, além disso, geralmente, é reconhecido e pode se casar com um descendente real. Esse herói é caracterizado por ser um homem ou uma mulher do povo que perdeu a sua condição social de príncipe ou princesa.

De acordo com o autor, o elemento maravilhoso constitui uma estrutura como um modelo de realidade em que os acontecimentos e as coisas não seguem uma explicação de lógica convencional, mas apresentam um grau de verossimilhança com a realidade. Esse modelo de mundo criado, assim como as fantasias e os desejos do sujeito, pode se realizar nesse universo ficcional e fantasioso, em que é instaurada uma lógica diferente da convencional, pois esse gênero se distancia dos fatos. Essa outra realidade é representada por meio de elementos mágicos e de narrativas que podem satisfazer os desejos dos indivíduos e a necessidade de se criar um mundo ficcional como uma forma de refúgio em meio a uma sociedade problemática.

Azevedo (2007), ao refletir sobre a definição de conto popular, estabelece aproximações com os contos de fadas, maravilhosos e de encantamento. Para ele, a maioria dos contos populares são oriundos de mitos arcaicos que consistem em narrativas sagradas. Estas, geralmente, relatam fatos que poderiam ter acontecido em um mundo anterior ao presente. Os mitos buscam explicar a origem e a existência das coisas. Nesse sentido, as civilizações criaram os mitos com o propósito de compreender e interpretar a existência humana e tudo que há a sua volta.

O conto popular maravilhoso é visto como uma forma de relatar e narrar um espaço completamente diferente do espaço real em que se vive. O espaço fictício criado tem as próprias leis, que são distintas daquelas do mundo real, bem como seres maravilhosos: “fadas, magos, feiticeiros, anões, gnomos, gigantes, animais encantados, gênios, nereidas, ondinas, sereias, espíritos da natureza demônios, sílfides, ogres, dragões” (LEAL, 1985, p.35).

Entre o conto maravilhoso e o conto popular, como pontua Leal (1985), entre há distinções no que diz respeito a aspectos formais. No primeiro, o contador de história varia a sua forma de contar, por exemplo, há diferenças entre narrar uma história de assombração e narrar um relato sobre a vida e as peripécias de um personagem folclórico; esse tipo de conto apresenta um grau de formalização, restringindo o espaço do narrador. Já o segundo não tem um nível mais alto de formalização, por isso é caracterizado pelo tom de conversa e pela liberdade do narrador diante do auditório.

O autor considera o conto popular

[...] uma narrativa tradicional que tem por herói seres humanos: sua forma é solidamente estabelecida e nela os elementos sobrenaturais ocupam posição secundária. Não se refere a temas ‘sérios’ ou reflexões filosóficas profundas. Seu principal atrativo consiste na própria narrativa (LEAL, 1985, p. 23).

Pode-se entender, assim, que o conto popular apresenta temas mais acessíveis e cotidianos e tem como personagens, geralmente, heróis que enfrentam situações mágicas ou sobrenaturais.

Azevedo (2007) destaca que os contos populares têm uma riqueza de traços culturais e estabelece suas características: a) centram-se na ficção, pois

não há intenção de retratar um fato de verdade; b) trazem um elemento maravilhoso como, por exemplo, a existência de forças desconhecidas, instrumentos mágicos ou viagens extraordinárias; c) não apresentam um tempo determinado ou histórico e utilizam expressões como “certa vez”, “há muito tempo”, “no tempo em que os animais falavam”, entre outras; d) as personagens, geralmente, não têm um nome específico, são tratadas como o pai, o velho, o rei; e) a passagem do tempo inexistente e, em relação a termos temporais, as aventuras não apresentam mudanças. Quanto a este último aspecto, sua ocorrência é diferente neste estudo, pois há, no *corpus* analisado, a passagem do tempo.

Para o autor, há, nos contos populares, um caráter eminentemente narrativo, aspecto decorrente de sua origem, a cultura oral. Assim, são narrativas criadas e recriadas para se manterem ao longo do tempo, embora, muitas vezes, haja modificações dadas pela narração e pela memória. Desse modo, essas narrativas podem ser marcadas tanto pela cultura oral quanto pela cultura escrita.

De acordo com esse estudioso, a narrativa, em seu aspecto popular, como um texto linear, com começo, meio e fim, tem como objetivo contar uma história de interesse geral. Assim, comumente, aborda temas fáceis de serem identificados e traz um discurso compartilhável, construído por meio de uma linguagem mais acessível, o que a torna presente ao longo do tempo. A importância da narrativa reside no fato de que se trata de

[...] um recurso humano vital e fundamental. Sem ela, a sociabilidade, e mesmo a visão que temos de nós mesmos, não poderia ser construída. Narramos nossas experiências cotidianas, nosso dia no trabalho, fatos acontecidos, lembranças, sonhos, projetos e desejos. Narramos, mesmo de forma solitária, em pensamento, para nós mesmos, episódios acontecidos que de alguma forma não ficaram claros. Para além de um recurso literário, a narrativa pode ser considerada um dos procedimentos através dos quais tornamos a vida e o mundo interpretáveis (AZEVEDO, 2007, p. 6).

Como pontuado, a construção de uma narrativa é um procedimento que auxilia os indivíduos a tornarem mais compreensível a experiência de vida em uma sociedade e no mundo.

Outro aspecto abordado pelo autor é que os contos populares, assim como os contos de encantamento e de fadas, possibilitam ao leitor entrar em contato com temas pertinentes à existência humana. Além disso, servem à introdução à literatura, pois apresentam linguagem de compreensão mais fácil, assim como enredos e temas recorrentes na ficção e na poesia. Em última instância, contribuem para a formação de leitores críticos.

Leal (1985, p.31) observa que, nos contos populares, em especial nos brasileiros, não há “fórmulas linguísticas” entre o início e a conclusão da história, o que torna a linguagem mais popular, mais próxima daquela usada no cotidiano, em contraposição à linguagem formal dada pela gramática. O autor destaca, ainda, que esses contos são caracterizados pela presença mais forte da parataxe (coordenação), que permite ao auditório fixar mais facilmente os blocos sintático-semânticos, em relação à hipotaxe (subordinação), e pela repetição.

A parataxe é considerada uma estrutura sintática que permite ao auditório identificar e fixar mais facilmente os blocos sintático-semânticos da coordenação em comparação à subordinação. Já a repetição é utilizada para intensificar algum acontecimento, fenômeno ou ação; podem ser meramente enfáticas em alguns diálogos e estabelecer as fórmulas mágicas e sua eficácia.

Câmara Cascudo (2006) estabelece três itens que caracterizam a técnica da narrativa popular: o primeiro item é a ambientação, que precisa proporcionar ao ouvinte uma experiência prazerosa, possibilitando-lhe gravar aquilo que está sendo contado; o segundo é o uso de fórmulas e elementos linguísticos característicos do conto, como a expressão inicial “Era uma vez”, que permite ao ouvinte/leitor antecipar o que será contado, mesmo ele não tendo conhecimento de que será uma narrativa; o terceiro item diz respeito à necessidade de a narrativa ser vista como uma obra viva e expressa por uma contação que materialize os sucessivos eventos e valorize as mudanças de timbre e de voz do contador, conforme cada personagem, de modo a cativar o auditório.

Segundo o autor, os contos podem ser classificados como contos de encantamento, contos de exemplo, contos de animais, facécias, contos religiosos, contos etiológicos, demônio logrado, contos de adivinhação, natureza

denunciante, contos acumulativos e ciclo da morte. Levando em conta a delimitação desta pesquisa, verificam-se as características dos contos de encantamento, demônio logrado, ciclo da morte e religioso, as quais se fazem presentes no *corpus* selecionado.

O conto de encantamento apresenta um elemento sobrenatural que possibilita a realização do encantamento, por exemplo, amuleto, varinha de condão e dons, que estão acima das habilidades humanas naturais. As personagens que contribuem para a resolução do conflito são seres extraterrenos, e os heróis não têm tantos aliados, porque os objetos mágicos decidem a trajetória da narrativa. Na sua maioria, esses contos são de origem europeia.

O conto do tipo demônio logrado caracteriza-se pela presença de um demônio que é derrotado ao fazer parte de desafios, apostas e contratos. Geralmente, ele é vencido por outra personagem que o enfrenta na disputa.

Já no conto ciclo da morte, a morte é sempre a vencedora, por exemplo, ela aceita apadrinhar crianças cujos responsáveis são ambiciosos, mas, ao final, eles acabam pagando o preço pelo contrato fatal. Como destaca Câmara Cascudo (2006, p. 360), a “Morte termina vencendo, fidelíssima ao pacto, insensível às delongas e tergiversações malandras do compadre-homem”; trata-se de “um ciclo universal pelas constantes psicológicas inalteráveis em qualquer Literatura Oral do mundo”.

Atentar para a simbologia da morte nos contos populares é fundamental para se compreender o ciclo da vida de modo mais leve e prazeroso, uma vez que a morte é personificada como personagem sobrenatural e humorístico, a exemplo do que se observa no *corpus* selecionado.

O conto religioso, por sua vez, pode ser confundido com a lenda, mas, diferentemente dessa, não se fixa no tempo nem indica uma localização geográfica específica. Sua principal característica é a presença de entidades e elementos divinos como a mão de São Pedro, o Dia do Juízo Final, a presença do céu e do inferno e o chaveiro do paraíso.

Considerando esses quatro tipos de contos, pode-se afirmar que os textos que compõem o *corpus* apresentam uma inter-relação no que se refere às características de cada um. Mesmo classificados como contos populares, por estarem no âmbito da literatura e da tradição oral de determinada cultura e época, as narrativas selecionadas podem ser consideradas conto de encantamento, pois apresentam elementos mágicos como foice da morte, figueira, banco e saco de panos mágicos, e como conto religioso, pois trazem figuras e elementos divinos. Contudo, diferentemente do que estabelece Câmara Cascudo (2006), o demônio e a morte são derrotados.

Guimarães (2011) observa que os contos populares fazem parte do imaginário e da memória coletiva de um povo e estão associados a origens histórico-culturais e a questões sociais que dizem respeito a uma comunidade. Oriundos da literatura oral, destinada ao público que não sabia ler, a forma como eram narrados e expostos seguia uma lógica simples, caracterizada por uma ação principal e por uma ação dramática.

No Brasil, as histórias mais populares não são as regionais, são aquelas mais antigas, de caráter universal e disseminadas ao longo dos anos. Conforme observa a autora, quanto mais universal um conto, mais popular ele se torna.

De acordo com os estudos apresentados, pode-se constatar que a literatura oral trouxe inúmeras contribuições para disseminação dos contos populares de determinado local e promoveu relatos e narrativas, primeiramente, orais para, posteriormente, serem registrados como uma marca do patrimônio de uma civilização.

Na próxima seção, apresenta-se o *corpus*, considerando o ensino da narrativa no 6º ano do Ensino Fundamental.

1.3 Apresentação do *corpus*

A coletânea de contos populares intitulada “Contos de enganar a morte”, composta por quatro textos, os quais compõem o *corpus* deste estudo, foi publicada em 2005. A obra retrata os elementos culturais do Brasil e apresenta a temática de contos de mistério e assombração, com elementos de humor que proporcionam leveza aos textos, sem, no entanto, tirar-lhes a capacidade de

levar o leitor à reflexão sobre temas pertinentes como a naturalização do ciclo da vida por meio da personificação da Morte, que precisa cumprir seu objetivo: sentenciar o fim dos protagonistas constituídos em cada conto.

Ricardo Azevedo, seu autor, é escritor e ilustrador paulista. Suas obras, algumas das quais venceram o Prêmio Jabuti, como “Alguma coisa”, “Maria Gomez” e “Dezenove poemas desengonçados”, são direcionadas ao público infantojuvenil. É bacharel em Comunicação Visual pela Faculdade de Artes Plásticas da Fundação Armando Álvares Penteado (São Paulo) e doutor em Letras pela Universidade de São Paulo, onde defendeu a tese “Abençoado e danado do samba: Um estudo sobre o discurso popular”, que se transformou em livro, vencedor, em 2014, do Prêmio Jabuti de Teoria e Crítica Literária. O autor é também pesquisador da área de cultura popular. Foi professor em curso de especialização em Arte, Educação e Literatura, e tem proferido palestras e publicado artigos sobre uso da literatura na escola, cultura popular, entre outros temas.

Em seu site oficial⁵, Azevedo destaca a necessidade de se abordar o tema da morte de forma natural, inclusive na sala de aula. Ele revela que sua percepção sobre a morte começou a se desenvolver ainda na infância, quando estava no Ensino Fundamental I. Na época, sua professora informou o falecimento do pai de um colega da escola, notícia que comoveu a todos. A partir desse momento, percebeu que a morte era tratada como um assunto inapropriado e proibido na escola. Posteriormente, buscou maneiras para abordar o assunto, por isso recuperou as tradições orais, os elementos do folclore brasileiro e as histórias orais que tratassem da morte de modo mais palpável, simbólico e lúdico.

Originalmente fruto da tradição oral, as narrativas presentes no livro chegaram ao Brasil por meio dos portugueses. O trabalho do autor foi confrontar as versões distintas e recontar a seu modo, sempre resgatando a essência de cada história.

⁵ <http://www.ricardoazevedo.com.br/>

A seguir, no Quadro 8, apresentam-se os quatro contos analisados, na ordem que aparecem na obra, e a respectiva síntese.

Quadro 8 – Contos que compõem o *corpus*

Título	Síntese
Texto 1– O homem que enxergava a morte	Um homem vive em condições precárias com a esposa grávida e os seis filhos. Em razão disso, busca alguém para apadrinhar seu sétimo filho. Nessa procura, encontra a Morte, que aceita o convite para ser madrinha da criança. Como agradecimento, ela faz dele um médico rico e famoso. Entretanto, para exercer o dom mágico da cura, ele precisa respeitar o trato estabelecido com a Morte
Texto 2 – O último dia na vida do ferreiro	Um ferreiro encontra uma velha faminta. Após dar-lhe um pouco de comida, ela lhe concede três pedidos. O tempo passa e o ferreiro fica muito velho, com isso a Morte chega com objetivo de concretizar seu trabalho, mas o ferreiro consegue ludibriá-la por duas vezes. No entanto, ela precisa fazer cumprir o trato e leva o tio do ferreiro no lugar dele.
Texto 3 – O moço que não queria morrer	Um moço sai em busca de um lugar onde não se morre. Nesse local, em um castelo dourado, vive 500 anos com uma bela moça, mas começa a sentir falta de sua vida de antes. Ao voltar, montado em um cavalo branco mágico, encontra um homem. Este era a própria Morte, que estava à sua procura há anos.
Texto 4 – A quase morte de Zé Malandro	Zé Malandro é preguiçoso, sua única preocupação é jogar baralho. Um dia, ajuda um viajante muito velho e faminto, que, em agradecimento, lhe concede quatro desejos, os quais usa para enganar a Morte. Com o tempo, ele se conforma em morrer, mas nem o céu nem o inferno o aceitam.

Fonte: elaborado pela autora.

A escolha do *corpus* se justifica tanto pelo interesse demonstrado pelos alunos do 6º ano quando da leitura de vários contos populares de mesma temática dos textos analisados, como pela abordagem de temas relevantes para o desenvolvimento de habilidades cognitivas, de escrita e de leitura. A essa prática, realizada em uma escola da rede municipal de ensino de São Paulo, localizada no extremo da Zona Leste, seguiu-se o planejamento da escrita e a

produção textual da narrativa, motivada, especialmente, pela leitura da obra “Contos de enganar a morte”, que fez os alunos da mencionada etapa de escolarização participarem da atividade e compreenderem os elementos presentes na narrativa dos contos.

Na atividade, realizada em grupos, os alunos, então, elaboraram uma narrativa autoral com base no tema “Como enganar a Morte”. Essa proposta foi composta por quatro etapas: leitura e análise dos textos; planejamento da escrita; escrita autoral do texto narrativo e, por fim, revisão e reescrita. Considerando o êxito do trabalho realizado, apresenta-se, no Capítulo 4, uma proposta de ensino voltada à produção de textos narrativos.

Além disso, a narrativa popular, em que se inserem os quatro contos selecionados, está de acordo com as orientações propostas pelos documentos oficiais apresentados nesta tese: na BNCC (BRASIL, 2018), salienta-se a importância do ensino do conto popular com temática de assombração e mistério, nos PCN (BRASIL, 1998), no Currículo do Estado de São Paulo: linguagens, códigos e suas tecnologias (SÃO PAULO, 2011), no Currículo Paulista: Língua Portuguesa - Área de linguagens (2021) e no Currículo da Cidade (SÃO PAULO, 2010), destaca-se a importância da leitura e da produção textual de narrativas, com ênfase nos contos populares, no que se refere a levar o aluno compreender a importância da tradição oral e dos aspectos culturais presentes nessas narrativas.

Neste capítulo, discorreu-se sobre os documentos oficiais que orientam o ensino de Língua Portuguesa, em particular no que se refere à produção do texto narrativo no 6º ano do Ensino Fundamental, bem como sobre o gênero conto e sobre a constituição do *corpus*.

Na sequência, passa-se ao aporte teórico que fundamenta a análise desenvolvida no Capítulo 3.

Capítulo 2 – Aparato teórico

Neste capítulo, como mencionado, apresenta-se a fundamentação teórica que subsidia a análise do *corpus*. Explicitam-se os conceitos de plano de texto (ADAM, 2011; ADAM, 2017; MARQUESI; ELIAS; CABRAL, 2017; CABRAL, 2013; MARQUESI; CABRAL, 2017; MARQUESI et al., 2019) e de sequências textuais, em particular, da sequência textual narrativa (ADAM, 2011; 2019), além disso, abordam-se as características da narrativa e sua estrutura (ADAM; REVAZ, 1997). Posteriormente, são elencados os tipelementos, quais sejam, tipo, gênero e espécie (TRAVAGLIA, 2007a; 2007b; 2018), com destaque para o tipo narrativo. Em seguida, discorre-se sobre a organização da narrativa e seus componentes (CHARAUDEAU, 2016). Por fim, buscando aprofundar o entendimento da narrativa, seu conceito e sua natureza, tomam-se os preceitos da teoria literária (GENETTE, 2013 [1971]; 1979).

2.1 Os conceitos de plano de texto e de sequências textuais

Adam (2011; 2019) estabelece uma abordagem teórico-metodológica denominada Análise Textual dos Discursos, resultado da interface entre a Linguística Textual (LT) e a Análise do Discurso de linha francesa, dois campos de pesquisa cujas tarefas e objetos se separam e se complementam.

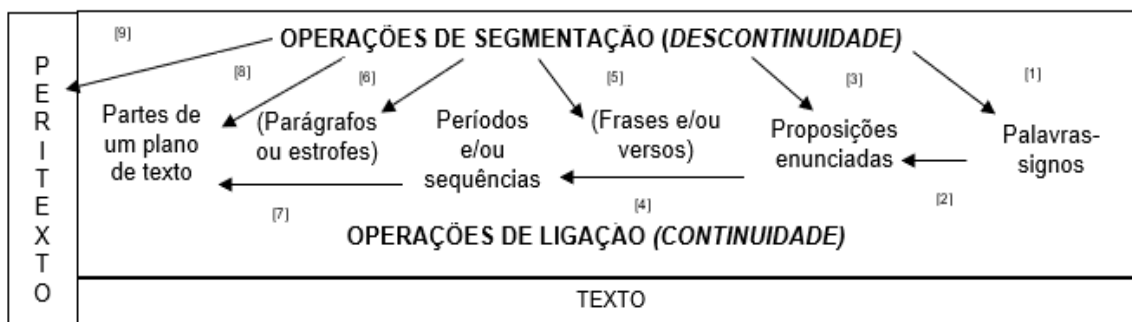
Ao propor que os fenômenos linguísticos sejam considerados com base na interligação de perspectivas teóricas diversas, o autor coloca a LT como um subdomínio da análise das práticas discursivas e a define como “uma teoria da produção co(n)textual de sentido, que deve fundar-se na análise de textos concretos” (ADAM, 2011, p. 23), procedimento que adota como metodologia de análise, designando-o Análise Textual dos Discursos (ATD).

Conforme Adam (2011), o texto pode ser constituído por unidades textuais que correspondem ao peritexto, ao plano de texto, aos períodos e/ou às sequências textuais, às proposições enunciadas e às palavras-signos, não apenas relacionadas com divisão de frases e/ou versos, parágrafos. Essas unidades podem ser submetidas a dois tipos de operações de textualização:

segmentação e ligação. No texto escrito, as marcas de segmentação são tipográficas, como os parágrafos ou estrofes, capítulos ou seções.

As marcas de ligação constroem as unidades semânticas e os processos de continuidade dentro de um segmento textual por meio de elementos textuais e linguísticos. A seguir, apresenta-se o resumo das operações de segmentação e de ligação (Figura 1).

Figura 1 – Operações de textualização



Fonte: Adam (2011, p. 64).

Adam (2011) esclarece que as proposições enunciadas, conceituadas como unidades textuais subordinadas às operações de textualização e segmentação, correspondem, na escrita, à segmentação tipográfica. Essas proposições são constituídas por um objeto do discurso, considerado como sujeito ou tema, mais um enunciado, que pode ser verbal e/ou nominal, como predicado ou rema.

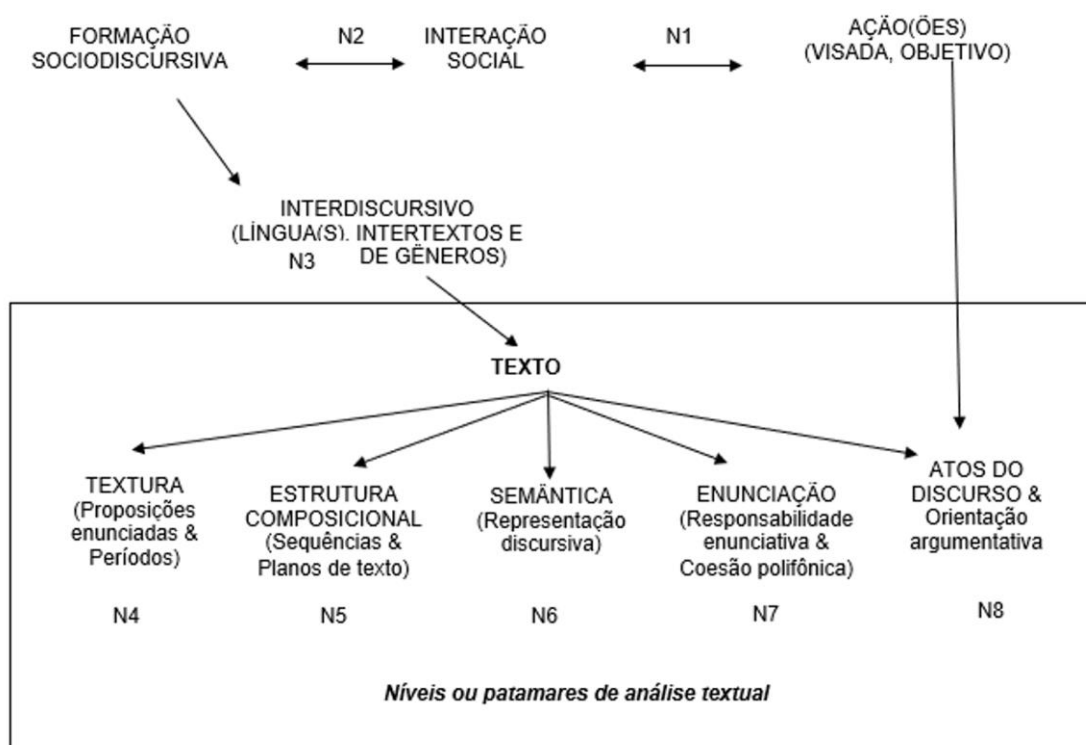
Os períodos e/ou as sequências agrupadas, como observa o autor, formam um plano de texto cujas marcas tipográficas contribuem para sua identificação. Os períodos são frouxamente tipificados e constituem um conjunto de enunciados mais ou menos complexos que formam o texto. As sequências correspondem a estruturas tipificadas caracterizadas como unidades textuais complexas que estabelecem um conjunto limitado de proposições enunciadas.

O linguista explica que, no campo da análise do discurso, a função da Linguística Textual é “teorizar e descrever os encadeamentos de enunciados elementares no âmbito da unidade de grande complexidade que constitui um texto” (ADAM, 2011, p. 63); seu papel é, assim, evidenciar as relações que se

estabelecem entre as porções textuais que, interligadas, formam um todo com sentido.

Com base nisso, sistematiza os níveis de análise do discurso e de análise textual, os quais permitem o exame dos fenômenos linguísticos. São oito níveis, três relacionados à análise do discurso – N1, N2 e N3 – e cinco relacionados à análise textual – N5 a N8 (Figura 2).

Figura 2 – Níveis ou patamares da análise do discurso e da análise textual



Fonte: Adam (2019, p. 35).

Os três primeiros níveis ou planos – formação sociodiscursiva, interação social e ação(ões) (visada e objetivo) – estão inter-relacionados e são considerados de uma perspectiva discursiva. A interação social está vinculada a dois níveis: N1 e N2.

O N1 refere-se a questões relativas a ações de linguagem que ocorrem em uma dada situação comunicativa. O N2 diz respeito às formações sociodiscursivas e às interações sociais que ocorrem por intermédio da linguagem estabelecida no terceiro nível, no tocante a interdiscurso, socioletos,

intertextos e sistemas de gêneros, os quais indicam a utilização de um gênero em um dado contexto.

O N4 e o N5, caracterizados pelos períodos, pelas sequências e pelos planos de texto, correspondem à constituição textual, à composicionalidade e à linearidade. Especificamente, o N4 trata das unidades textuais e das ligações que ocorrem por meio de conectores e de organizadores textuais, os quais concorrem para a composição da tessitura textual. Ademais, nesse nível, destacam-se as relações entre significado e significante, assim como os possíveis imbricamentos dessas com as sequências dos atos discursivos. Esses elementos auxiliam na formação dos planos de texto e permitem que o leitor compreenda o todo textual e as partes específicas de determinado texto. O N5, por sua vez, ocupa-se do todo textual e das partes que o constituem, ou seja, das relações entre os tipos de sequências e de como esses segmentos formam os planos de texto.

Os três níveis seguintes, N6, N7 e N8, referem-se, respectivamente, a representação discursiva, responsabilidade enunciativa e coesão polifônica, e orientação argumentativa.

O N6 está vinculado aos elementos textuais e ao ponto de vista do enunciador; o N7, por sua vez, refere-se ao processo de enunciação, logo, destacam-se o estabelecimento de marcas de responsabilidade enunciativa e as vozes (polifonia) que se fazem presentes em um enunciado; já o N8 corresponde aos elementos linguísticos constantes na superfície textual e à orientação argumentativa de determinado enunciado.

Considerando que o foco desta tese é a estrutura composicional de textos narrativos, entende-se que o nível mais adequado de análise seja o N5, referente à estrutura composicional, especificamente aos planos de texto e às sequências textuais.

Adam (2011) observa que o plano de texto ordena a estrutura composicional global do texto, base de composição que, na maioria das vezes, é categorizável segundo a sequência dominante. Um texto pode ter em sua estrutura interna sequências tipificadas, o que não é obrigatório, e pode

comportar apenas encadeamentos periódicos de enunciados ordenados como partes de um plano texto fixo ou ocasional.

Os planos fixos, como é o caso, por exemplo, da estrutura do soneto e da comédia clássica em três atos, apresentam uma estrutura mais rígida. Já os planos ocasionais são mais frequentes e estruturam globalmente os textos; eles podem ser identificáveis, uma vez que, na maioria das vezes, são destacados por sinais de segmentação como alíneas, parágrafos, títulos e subtítulos, numeração de partes, entre outros.

No Quadro 9, apresentado a seguir, têm-se os elementos do macronível N5: os tipos de planos de texto e a estruturação sequencial, a qual envolve tipos de sequências, arranjos sequenciais e dominância.

Quadro 9 – Macronível da organização composicional (N5)

- | |
|---|
| <p>A. PLANOS DE TEXTO (segmentados em parágrafos e partes)</p> <ul style="list-style-type: none"> • Planos pré-formatados por um gênero • Planos não pré-formatados, exclusivos de um único texto <p>B. ESTRUTURAÇÃO SEQUENCIAL</p> <p>B 1: Tipos de sequências na bases dos arranjos</p> <ul style="list-style-type: none"> • Arranjo unissequencial (a mais simples e a mais rara) • Arranjo plurissequencial <ul style="list-style-type: none"> • Homogênea (um único tipo de sequências combinadas, caso raro) • Heterogênea (mistura de diferentes sequências, caso mais frequente) <p>B 2: Arranjos de sequência de base (combinações)</p> <ul style="list-style-type: none"> • Sequências coordenadas (sucessão) • Sequências alternadas (montagem em paralelo) • Sequências inseridas (encaixamento) <p>B 3: Dominância (efeito de tipificação global)</p> <ul style="list-style-type: none"> • Pela sequência encaixante (que abre e fecha o texto) • Na sequência resumidora (que permite resumir o texto) |
|---|

Fonte: Adam (2019, p. 59).

Fundamentado nos elementos elencados nesse quadro, Adam (2019) destaca e caracteriza o plano de texto (segmentado em parágrafos e partes); os tipos de sequências na base de arranjos, os quais podem ser unissequenciais (mais simples e raros) e plurissequenciais (homogêneos e heterogêneos); os

arranjos de sequências de base, que são as combinações, por exemplo, as sequências coordenadas, alternadas e inseridas; e a dominância, ou seja, o efeito de tipificação global dada pela sequência que abre e pela sequência que fecha o texto, denominadas, respectivamente, sequência encaixante e sequência resumidora, que o sintetiza.

Para Adam (2017, p. 45), o papel da LT, no que se refere aos níveis menores (fônico/gráfico, léxico-semântico, morfossintático) e ao maior nível no texto,

[...] é explorar e teorizar níveis intermediários de estruturação, em particular com o nível dos *planos de textos* (*dispositio* da retórica), facultativos e mais ou menos flexíveis, em função de regras gerais (grifos do autor).

Os três níveis estabelecidos pelo autor orientam na identificação e na configuração do plano de texto como objeto de estudo da LT.

Marquesi, Elias e Cabral (2017) explicam que o plano de texto reflete a organização da estrutura textual. Essa construção tem como finalidade fazer cumprir propósitos comunicativos do gênero que o texto materializa. Dessa maneira, todo texto apresenta um plano, do qual é possível extrair a organização textual adotada. As autoras relacionam a concepção de texto com a noção de plano de texto e, assim, esclarecem:

Todo texto é, tanto na produção quanto na leitura, objeto de um trabalho de reconstrução de sua estrutura; essa estrutura é muito mais do que a soma de ideias, ela constitui o plano de texto e reflete o seu conteúdo global. Desse ponto de vista, o plano de texto pode servir de ferramenta para planejar um texto a ser produzido; sua utilização poderá garantir maior coerência entre o que o produtor deseja escrever e o que ele escreverá efetivamente (MARQUESI; ELIAS; CABRAL, 2017, p. 15).

Com base nessa perspectiva, pode-se considerar que a identificação do plano do texto orienta o leitor e o produtor sobre qual gênero e sequência textual são dominantes em um texto específico. As autoras observam que, na organização de um texto, é preciso levar em consideração sua finalidade e o que se deseja alcançar com determinada produção, pois esses aspectos ajudam a definir qual estrutura textual é mais adequada em um dado contexto comunicativo.

Cabral (2013) também defende a ideia de que o plano de texto designa a estrutura global do texto e como ele está organizado, dos parágrafos às palavras. Trata-se, assim, de um fator essencial tanto para a compreensão e produção de textos, como para o planejamento textual, que ocorre de forma estratégica, isto é, de modo mais sistematizado e organizado.

É importante destacar que Marquesi et al. (2019) aprofundam a noção de plano de texto ao relacionarem esse elemento ao contexto. Apoiadas no pensamento de van Dijk (2012), entendem que os modelos de contexto, ou modelos mentais, exercem influência no modo como os sujeitos falam, escrevem, leem e compreendem. O armazenamento desses modelos depende de planos de texto bem definidos. Assim, cada leitor é capaz de construir uma representação mental daquilo que foi lido e escrito em determinada situação comunicativa (MARQUESI; ELIAS; CABRAL, 2017). Nessa direção, Marquesi et al. (2019, p. 49) explicam que o

[...] conhecimento desempenha importante papel nos modelos de contexto, considerando que uma tarefa fundamental nos modelos de contexto consiste em gerenciar o conhecimento na produção e compreensão do discurso, exigindo dos usuários da língua que calculem estrategicamente o tanto de conhecimento que deve ser pressuposto em um discurso.

Essa perspectiva deixa claro o papel fundamental dos modelos de contexto para o entendimento de uma situação comunicativa, uma vez que o usuário da língua, com base nessa compreensão, é capaz de designar estratégias adequadas para efetivar um discurso.

Conforme Marquesi e Cabral (2017, p. 494), é possível compreender a importância dos planos de texto quando

[...] um agrupamento de proposições não corresponde a sequências completas; neste caso, o plano de texto constitui-se como principal fator unificador da estrutura composicional e desempenha papel fundamental na composição macrotextual do sentido.

Nessa direção, o reconhecimento do plano de texto proporciona uma orientação no que se refere à leitura e à escrita de determinado texto, considerando a produção de efeitos de sentido.

Quanto às sequências, Adam (2011, p. 205) esclarece que se trata de

[...] unidades textuais complexas, compostas de um número limitado de conjuntos de proposições-enunciados: as macroproposições. A macroproposição é uma espécie de período cuja propriedade principal é a de ser uma unidade ligada a outras macroproposições, ocupando posições precisas dentro do todo ordenado da sequência. Cada macroproposição adquire seu sentido em relação às outras, na unidade hierárquica complexa da sequência. Nesse aspecto, *uma sequência é uma estrutura*, isto é:

- uma *rede relacional hierárquica*: uma grandeza analisável em partes ligadas entre si e ligadas ao todo que elas constituem;
- uma *entidade relativamente autônoma, dotada de uma organização interna* que lhe é própria, e, portanto, em relação de dependência-independência com o conjunto mais amplo do qual faz parte (o texto) (grifo do autor).

A sequência tem papel essencial na composição relacional que culmina no todo textual, pois se refere a

[...] uma estrutura relacional pré-formatada que se sobrepõe às unidades sintáticas estritas (frases) e às amplas (períodos), é um ‘esquema de texto’ situado entre a estruturação frástica e periódica microtextual das proposições e a macrotextual, dos *planos de textos*. As sequências são estruturas pré-formatadas de reagrupamentos tipificados e ordenados em blocos de proposições (ADAM, 2019, p. 22, grifo do autor).

Marquesi e Cabral (2017, p.496), apoiadas em Adam (2008), explicam que as combinações pré-formatadas de proposições denominam-se narrativa, argumentativa, explicativa, dialogal e descritiva, que correspondem “a cinco tipos de relações macrossemânticas memorizadas culturalmente (pela leitura, escuta e produção de textos), sendo, assim, transformadas em esquema de reconhecimento e estrutura da informação textual”.

As sequências textuais constituem cada parte específica do texto e são relevantes para se compreender as unidades textuais e suas relações (MARQUESI; ELIAS; CABRAL, 2017). Essas porções textuais constituem entidades relativamente autônomas pelo fato de manterem relação de dependência-independência entre si. As autoras explicam que as sequências são formadas por um número limitado de enunciados, os quais “se organizam em combinações pré-formatadas; tais combinações correspondem a diferentes

tipos de sequências, a narrativa, a argumentativa, a explicativa, a descritiva e a dialogal” (p. 16).

A estrutura composicional de um texto envolve tanto as sequências textuais, em suas macroproposições e microproposições, quanto o plano de texto.

As macroproposições são unidades relacionadas a outras macroproposições e, com base nessa estrutura, constituem-se como uma unidade hierárquica mais complexa da sequência. Essas macroproposições têm origem em “arranjos pré-formatados de proposições” (ADAM, 2019, p. 46).

As microproposições são consideradas como elementos de uma unidade superior, ao passo que a macroproposição é vista como uma unidade constituinte do texto, já que ela é também uma unidade que constitui uma sequência (ADAM, 2011). As macroproposições e as microproposições têm seu papel na composição textual, juntamente com o plano de texto, este “o fator unificador e obrigatório das estruturas composicionais” (ADAM, 2019, p. 58).

A compreensão da relação entre plano de texto e sequências textuais é importante para se reconhecer a organização textual global. Esse reconhecimento depende dos conhecimentos prévios que se tem acerca das estruturas textuais, os quais auxiliam o sujeito a compreender e a elaborar um texto (MARQUESI; ELIAS; CABRAL, 2017).

O estudo sobre plano de texto e sequência textual, considerando seus componentes, oferece um subsídio importante para a análise de sequências textuais narrativas desenvolvida no Capítulo 3.

Em continuidade à exposição, aborda-se a sequência textual narrativa, tal como propõe Adam (2011; 2019).

2.1.1 Sequência textual narrativa

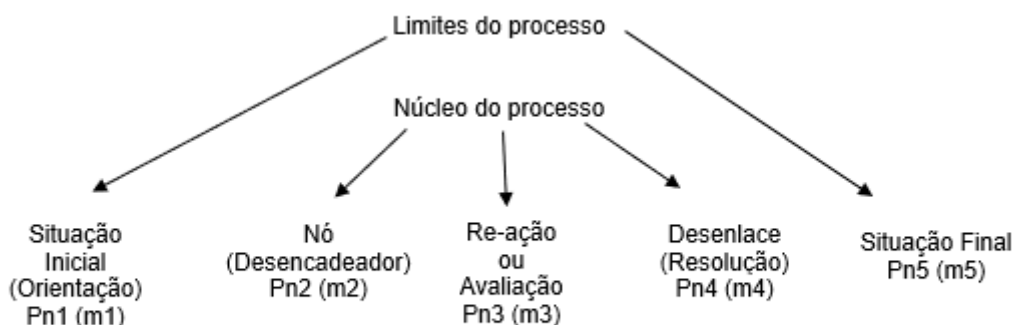
Adam (2011) considera a estrutura da sequência narrativa como a exposição de fatos, reais ou fictícios; essa estrutura é composta por eventos, ações, causas e agente, elementos importantes na sua constituição. Especificamente, as ações são caracterizadas pela presença de um agente,

humano ou antropomórfico, que provoca uma mudança ou tenta evitá-la; os eventos decorrem das causas, sem que haja a intervenção intencional de um agente.

Conforme explica Adam (2011), as diferentes formas pelas quais uma narrativa pode ser construída dependem do seu grau de narrativização, por exemplo, se uma narrativa é composta apenas pela enumeração de uma sequência de ações/eventos, seu grau de narrativização será baixo.

Apoiado nos postulados de Todorov e Larivaille, que descreveram a organização da trama correspondente ao maior grau de narrativização, o linguista esclarece que a estrutura hierárquica de uma trama corresponde a cinco macroproposições narrativas de base (Pn), às quais estão relacionados momentos (m) do aspecto, quais sejam: antes do processo, a Situação inicial (m1); início do processo, o Nó (m2); curso do processo, a Re-ação ou Avaliação (m3); fim do processo, o Desenlace (m4); e depois do processo, a Situação final (m5). Seguindo esse raciocínio, Adam elaborou o esquema apresentado na Figura 3, em que sistematiza a estrutura da sequência narrativa.

Figura 3 – Estrutura da sequência narrativa



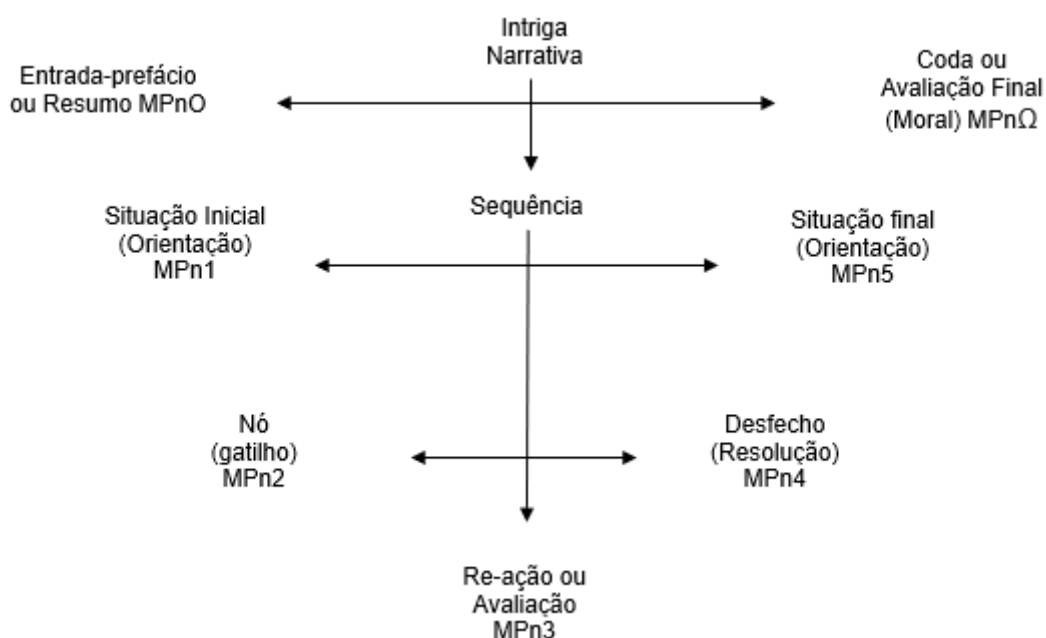
Fonte: Adam (2011, p. 226).

Esse esquema está de acordo com a segmentação e com as escolhas linguísticas que promovem a marca linguística e as decisões de estruturação com base na identificação de um núcleo e de um desenlace, o que complementa a relação existente entre Situação inicial (Pn1) e Nó (Pn2), seu processo transitório para Ação ou Avaliação (Pn3) e Desenlace (Pn4) e Situação final

(Pn5). Desse modo, a ação é o elemento primordial da narrativa, pois é com base nela que o rumo da história mudará, na direção da resolução do conflito e do desfecho.

Adam (2019) complementa seu estudo sobre a estrutura da narrativa, composta por situação inicial (MPn1), nó (MPn2), reação e avaliação (MPn3), desfecho (MPn4) e situação final (MPn5), elementos apresentados na Figura 4.

Figura 4 – Esquema da narrativa



Fonte: Adam (2019, p. 136).

Conforme exposto, o esquema compõe uma situação inicial (MPn1) que consiste na contextualização da história, como ocorre no início da narrativa. Nesse momento, o cenário, o tempo da narrativa e alguns personagens também podem ser apresentados, por isso a situação inicial (MPn1) é considerada como orientação, pois norteará o leitor em relação a caminhos que a história percorrerá. Outro elemento essencial na narrativa é a presença do nó (conflito) (MPn2), em que o rumo da narrativa muda completamente em razão de uma complicação que precisa ser resolvida. Com base na complicação, estabelecem-se as reações e avaliações (MPn3) dos acontecimentos norteadores da narrativa. A resolução é constituída pelo desfecho (MPn4). Por fim, algumas

narrativas trazem uma avaliação (MPn Ω), isto é, a moral, oriunda do gênero fábula, e a situação final (MPn5), caracterizada pela finalização da história.

Adam (2019) denomina t+n⁶ a sucessão mínima de acontecimentos em um período determinado de uma sequência narrativa. Ao ser conduzida por uma tensão e ao apresentar um nó, o modelo dessa sequência garante a ligação entre as proposições na forma de macroproposições compostas por meio de uma sequência presente em um texto. Assim, “toda narrativa corresponde certamente e de forma ideal à definição mínima que se pode atribuir à textualidade: *conjunto de proposições articuladas progredindo em direção a um fim*” (ADAM, 2019, p. 113, grifo do autor). Essa articulação começa a partir da situação inicial, que sofre transformações até chegar à situação final. Esse processo transformacional é representado pela seguinte estrutura basilar, que diz respeito à tríade clássica de Aristóteles de ação única, responsável por formar um todo narrativo (Figura 5).

Figura 5 – Tríade clássica da narrativa

Situação inicial	Transformação (realizada ou sofrida)	Situação final
ANTES “começo”	PROCESSO “meio”	DEPOIS “fim”

Fonte: Adam (2019, p.118).

Tal estrutura, como se pode notar, é marcada por três elementos: situação inicial ou exposição, em que se contextualiza a história; transformação, processo de uma ação realizada ou sofrida (meio), complementada pelo nó ou pela complicação da narrativa; situação final, designada pela conclusão ou pelo desfecho, caracterizada pela resolução do conflito.

Fundamentado nos princípios da obra *A Poética*, de Aristóteles, que trata da tríade clássica mencionada anteriormente, o linguista ressalta que os acontecimentos da narrativa são transformados por uma série de acontecimentos encadeados, logo, a passagem da felicidade ao infortúnio, ou

⁶ Adam (2019) fundamenta-se no pensamento de Bremond (1973), que estabelece t+n, em que *t* corresponde ao tempo e *n*, às ações às quais se referem sujeito, temporalidade e predicados transformados que se denominam como nó ou conflito.

vice-versa, é acometida por essa característica. O esquema desse movimento é dado a seguir:

Situação inicial: [S é/ faz tem ou não foi/fez/teve X,X', etc., em t]

Situação final: [S é/faz/tem ou não foi/fez/teve Y,Y', etc., em t +n]
(ADAM, 2019, p. 116).

Assim, para haver narrativa, é preciso haver a transformação de predicados no decorrer do processo, o que resulta no seguinte esquema: **Situação Inicial** → **Transformação (realizada ou sofrida)** → **Situação final**. De forma mais específica, para

[...] passar do simples encadeamento linear e temporal dos momentos (m1, m2 etc.) à narração propriamente dita, é necessário estabelecer uma intriga, passar da sucessão cronológica à lógica singular da narrativa, que introduz uma problematização pelo viés de duas macroproposições narrativas – o Nó, na MPn2, o Desfecho (Resolução), na MPn4 – extremamente importantes, inseridas entre a situação inicial e o início do processo (MPn1) e entre o processo e a situação final (MPn5) (ADAM, 2019, p. 118).

Essa lógica, segundo Adam (2019, p.122-123), “não tem nada a ver com o vigor abstrato dos raciocínios materializados por [...] silogismos”, que são expressos na premissa maior “O homem que não defende sua honra é indigno de ser feliz”, na premissa menor “Ora, Orso (Graças à Colomba) soube defender sua honra” e na conclusão “Então, Orso é digno de ser feliz”. Vê-se, assim, que a narrativa está associada a uma lógica de raciocínio, como um encadeamento causal explícito dos atos, ou seja, os acontecimentos devem ser apresentados de maneira transparente no texto.

No que se refere ao aspecto estrutural do texto narrativo, Adam (2019) retoma três estruturas propostas por Ricoeur (1983): a primeira, mimesis ou plano da prefiguração; a segunda, mimesis ou plano da sucessão e da configuração; a terceira, mimesis ou plano da refiguração. Tais estruturas são detalhadas a seguir:

A primeira mimesis ou plano da prefiguração – situada à montante da textualidade – é a da intriga como composição de ações enraizada no pré-construído. Memória do que o texto assume e tenta fazer inteligível, ela marca a ancoragem da composição narrativa na compreensão prática do leitor.

A segunda mimesis, plano da sucessão e da configuração [pode ser definida] como uma atividade produtiva de intriga que consiste em tomar em conjunto uma sucessão de ações para formar um todo organizado tendo um começo e um fim.

A terceira mimesis ou plano da refiguração, momento em que o leitor se apropria do mundo da obra se encontra ainda na própria obra. Em outros termos, o efeito produzido pelo texto, essa 'reconfiguração' de experiência do leitor que a leitura efetiva, não é exterior ao próprio texto e à sua significação (grifo do autor).

O plano da prefiguração está associado com a textualidade, ao passo que o plano da sucessão e da configuração corresponde à sequência de ações que constitui o todo do texto, o plano de refiguração, por sua vez, é relativo à experiência do leitor com a obra.

De modo a se buscar maior aprofundamento no entendimento da narrativa, passa-se ao estudo de Adam e Revaz (1997).

2.2 Contribuições de Adam e Revaz para os estudos da narrativa

Na obra *A análise da narrativa*, Adam e Revaz definem o texto narrativo no âmbito composicional como "um texto [formado por uma] estrutura hierárquica complexa que compreende um número n de sequências elípticas ou completas" (ADAM; REVAZ, 1997, p. 86). Tal hierarquia corresponde ao protótipo da narrativa, constituída por microproposições e macroproposições presentes no texto, as quais podem estar explícitas ou implícitas nas sequências.

A sequência textual narrativa, segundo os estudiosos, é elaborada por intermédio de enunciados narrativos que têm por intuito narrar acontecimentos, por isso, ela não é vista como gênero narrativo, mas como uma sequência que apresenta uma estrutura composicional característica.

A característica primeira da narrativa é que ela representa ações, ou seja, é por meio dela que a história se desenvolve e estabelece os elementos primordiais como causa, consequência e resolução do conflito. O termo ação é entendido como um acontecimento que se desenrola, envolvendo o encadeamento de fatos, um personagem e uma ação principal; também pode descrever uma ação que tem continuidade e chega a um fim e ações sucessivas

desenvolvidas por uma personagem. Dessa perspectiva, o texto narrativo é visto como produto de uma atividade de criação pela qual ocorre uma nova descrição da ação humana (ADAM; REVAZ, 1997).

Pode-se entender, então, que os acontecimentos presentes nas sequências narrativas estão associados com uma forma de imitação e transposição das ações humanas para um texto ficcional. Essa forma de buscar da realidade e de projetá-la em um universo literário é o objetivo do texto narrativo.

Na sequência de sua exposição, os pesquisadores afirmam que a ação implica uma razão de agir, relacionada àquele que toma uma ação, o que envolve a sua responsabilidade sobre as consequências de suas ações (ADAM; REVAZ, 1997). A razão de agir corresponde às possíveis ações executadas pelas personagens. Essa ação envolve a relação entre causa/motivo e consequência presente na narrativa; isso significa que a personagem é motivada por algo na história e precisa resolver um problema, representado pelo nó da trama, como já mencionado.

Tendo como base a obra *A poética*, de Aristóteles, os autores indicam que a ação tem como características o encadeamento cronológico, em que uma ação se sucede após a outra, e o encadeamento causal, em que uma ação resulta de outra, os quais concorrem para formar a unidade das ações na narrativa. Quanto à caracterização da narrativa e das personagens, Adam e Revaz (1997) salientam que no universo da ficção, do maravilhoso, os indivíduos, sejam eles humanos ou não, sempre trazem certos atributos, o que faz com que esse mundo seja construído mediante a caracterização física e psicológica da realidade, assim, a narrativa é um meio de projetar essa realidade.

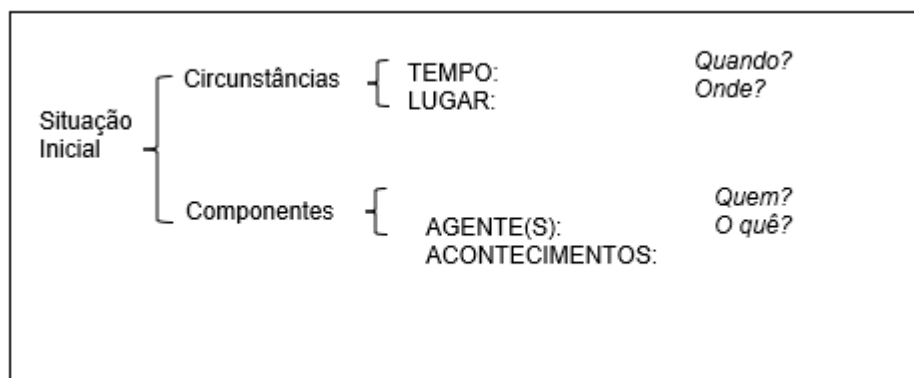
Os autores também estabelecem a importância entre a descrição e a narrativa. Por um lado, a descrição pode descrever pessoas, coisas, lugares, tempo, animais, plantas, entre outros elementos, os quais são marcados linguisticamente por operações descritivas de base, quais sejam: operação de localização, que corresponde à denominação do objeto; operação de aspectualização, pela qual se destacam as qualidades ou propriedades do todo; operações de relação, que se referem tanto à localização temporal e espacial

quanto à assimilação comparativa ou metafórica; operação de reformulação, em que o todo pode adquirir outra identificação no decorrer da descrição. Por outro lado, a narrativa apresenta ações e acontecimentos constituídos pelos seguintes elementos: situação inicial, nó (conflito), desenlace, avaliação, desfecho e situação final.

De acordo com quadro apresentado, Adam e Revaz (1997) consideram que a estrutura do texto narrativo envolve mais do que apenas sucessão e realização de fatos, uma vez que, para haver uma narrativa, é preciso haver um conflito ou uma intriga.

Outro aspecto a destacar é a perspectiva da transformação presente na narrativa, ou seja, a passagem de uma situação inicial para uma situação final, marcada por circunstâncias, componentes e predicados que são relacionados à personagem na situação inicial (Figura 6).

Figura 6 – Elementos da situação inicial



Fonte: Adam; Revaz (1997, p. 64).

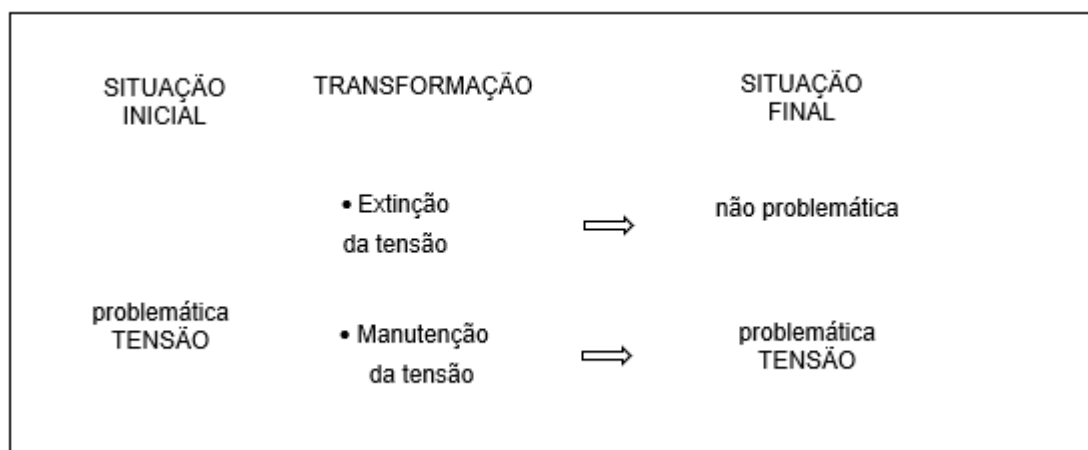
A figura anterior evidencia que a situação inicial apresenta circunstâncias (tempo e lugar) e componentes (agentes e acontecimentos). No caso dos contos maravilhosos e populares, por exemplo, o tempo não é definido; em contrapartida, o lugar é; pode ser um reino, um castelo, uma floresta. Aos componentes correspondem a presença das personagens e os acontecimentos, os quais são constituídos pela sucessão de fatos e pelo estabelecimento de uma intriga que conduz para uma possível resolução do conflito.

Os autores salientam, como é possível observar no Quadro 10, a seguir, que “a tensão dramática, noção puramente semântica, não ocupa lugar definido.

Ela não deve ser confundida com NÓ, fase fundamental da construção da intriga” (ADAM; REVAZ, 1997, p. 69). Nesse sentido, consideram dois pontos fundamentais: um ponto é o fato de que a situação inicial é vista como uma situação de equilíbrio, outro é o fato de que a situação inicial já se mostra problemática.

No primeiro caso, a tensão é determinada pelo desenvolvimento da narrativa, que chega ao ápice do texto, ou seja, alcança o momento de tensão, fazendo com que a transformação suprima a tensão, assim, a situação final pode ser definida como não problemática. No segundo caso, a situação inicial já se mostra problemática, e a transformação não elimina a tensão, levando a uma situação final também problemática. Essas proposições são sintetizadas nos quadros a seguir (Quadros 10 e 11), que explicitam as duas formas de tensão dramática.

Quadro 10 – Tipo 1 de estrutura dramática na narrativa



Fonte: Adam; Revaz (1997, p. 69).

Quadro 11 – Tipo 2 de estrutura dramática da narrativa



Fonte: Adam; Revaz (1997, p. 64).

Com base nos elementos expostos nos quadros, é possível notar a diferença em relação a como o nó da narrativa, ao ser resolvido, é transformado em desenlace, isto é, na resolução do conflito.

No Quadro 10, a situação inicial é vista como uma situação de equilíbrio e apresenta uma problemática ou tensão, depois se dá a transformação, por meio da extinção ou da manutenção da tensão. Logo, a situação final é considerada, respectivamente, como não problemática, pois o conflito já foi resolvido, e como problemática, pois o nó continua sem resolução.

Já no Quadro 11, a passagem da situação inicial para a situação final é constituída pelo nó e pelo desenlace, os quais correspondem, consecutivamente, à tensão introduzida (conflito), à extinção ou à manutenção da tensão, algo similar ao que consta no Quadro 10. A diferença está no acréscimo de dois elementos primordiais: o nó e o desenlace, apresentados de maneira mais explícita no texto.

Entre a situação inicial e a situação final estabelece-se uma relação de transformação que liga um estado inicial (elementos estão separados) a um estado final (elementos constituem um todo acabado). Como esses dois

elementos por si sós não estabelecem uma narrativa, é preciso considerar a construção da intriga.

Fundamentados na proposição de Aristóteles, que designa a intriga trágica, Adam e Revaz sintetizam os aspectos da intriga (Quadro 12).

Quadro 12 – Estrutura da intriga

ENREDO		DESENLACE
Acontecimentos externos à história (= antecedentes da ação trágica)	Acontecimentos internos da história AÇÃO TRÁGICA	
Prólogo	Princípio da história	Inversão

Fonte: Adam; Revaz (1997, p. 76).

Nesse quadro, os autores estabelecem a estrutura da intriga com base nos estudos de Aristóteles. Eles observam que o enredo corresponde aos ocorridos externos à história, e o desenlace, aos acontecimentos internos no que se refere à ação trágica. Com base nesse princípio, “reinterpretam as três partes do todo aristotélico numa perspectiva que integra as noções de ENREDO e de DESENLACE” (ADAM; REVAZ, 1997, p.78). Em outras palavras, os acontecimentos externos à narrativa que precedem a ação trágica estabelecem a situação inicial ou o prólogo, ao passo que os acontecimentos internos, isto é, aqueles que pertencem à história, correspondem à própria ação trágica, podendo ser considerados como conflito.

Adam e Revaz (1997) observam, ainda, que a construção da intriga clássica é complementada pelo acréscimo do prólogo à história (Quadro 13).

Quadro 13 – Estrutura da intriga clássica

PRÓLOGO EXPOSIÇÃO DO ASSUNTO	NÓ	DESENLACE
AÇÃO TRÁGICA OU ÉPICA		

Fonte: Adam; Revaz (1997, p. 78).

A concepção de intriga defendida por Aristóteles, constante nos quadros 12 e 13, é complementada pela intriga clássica, constante no Quadro 13, em que há a seguinte estrutura basilar: prólogo e exposição do assunto, ao que se seguem situação inicial, nó e desenlace. Assim, o Quadro 13 sintetiza o conteúdo dos quadros 10 e 11, ao elencar os elementos constituintes da narrativa.

É importante destacar que o par nó e desenlace refere-se aos elementos que determinam a construção da intriga, são seus alicerces, cruciais na elaboração do texto narrativo. Como explicam Adam e Revaz (1997), considerar a diferença entre o elemento composicional, que diz respeito à construção da intriga, e o elemento semântico, que diz respeito à tensão dramática, possibilita perceber representações intermediárias entre a narrativa dramática clássica e a mera colocação cronológica das ações.

Dando prosseguimento à exposição teórica, discorre-se sobre os tipelementos, como tipo, gênero e espécie, com enfoque no tipo narrativo.

2.3 Contribuições de Luiz Carlos Travaglia

Travaglia (2007a) trata da necessidade de se considerar a teoria tipológica geral de textos com a finalidade de aplicá-la às tipologias já existentes, quais sejam, tipologias narrativa, expositiva, argumentativa, descritiva e injuntiva, e inter-relacioná-las, de alguma maneira, por meio de sua estrutura e características. Neste estudo, foca-se na tipologia narrativa.

Tais tipologias são elaboradas com base em um objetivo determinado, considerando-se um ou mais critérios de classificação e também a natureza do material textual que será estudado ou aplicado de forma prática, por exemplo, em situações de ensino, de aprendizagem, de produção e de compreensão textual.

Os estudos para a constituição de tipologias de discurso e/ou de texto resultam tanto da inexistência de uma teoria organizadora do “furor tipológico”⁷ (TRAVAGLIA, 2007a, p. 98) quanto da existência de diferentes abordagens e

⁷ A expressão “furor tipológico” está associada à confusão resultante da conceituação das tipologias, motivo de equívocos e de má interpretação.

metalinguagens, que acabam, por vezes, utilizando-se da mesma terminologia para fazer menção a conceitos tipológicos que são diversos.

Os termos identificadores do(s) elemento(s) tipológico(s)⁸, tais como tipos, gêneros, espécies, modos e subtipos de textos, não são definidos apenas com o objetivo de distinguir sua característica e conceito; eles são designados por meio de uma teoria e de uma abordagem que destacam os traços de conteúdo e de forma recorrentes, tanto no âmbito estrutural quanto no âmbito da superfície linguística, do estilo e das propriedades discursivas que podem diferenciá-los ou não.

Segundo o pesquisador, estabelece-se, assim, a hipótese de haver *elementos tipológicos fundamentais*, os quais estão, geralmente, envolvidos na constituição dos textos existentes na sociedade. Ao buscar identificar tais elementos, considera que a tipologização possibilita diferenciar três deles: tipos, gêneros e espécies.

Esses elementos estão relacionados à classificação tipológica de textos e precisam ser diferenciados para evitar que se gerem problemas e mal-entendidos em relação aos aspectos da forma estrutural, do conteúdo e do estilo de cada elemento tipológico.

Em sua abordagem, o autor considera texto e discurso como duas categorias distintas: discurso é a própria atividade comunicativa, produtora de sentidos, que garante a interação comunicativa; texto “tem o funcionamento discursivo (para a comunicação) que o atualiza em diversos sentidos a cada vez que é (re)utilizada em uma nova situação de interação comunicativa” (TRAVAGLIA, 2007a, p. 99). Essa distinção é necessária, porque envolve a preocupação com a questão tipológica do texto, e não dos discursos, mesmo sendo possível realizar uma tipologia do discurso.

Quanto à questão das tipologias de texto, o estudioso afirma que seu estabelecimento se dá, predominantemente, por meio de critérios relacionados a elementos internos ao texto. Da mesma forma, as características elencadas

⁸ O autor utiliza o termo “elementos tipológicos” na falta de outro mais genérico para se referir a tipos, gêneros, espécies, modos, subtipos de textos (TRAVAGLIA, 2007a).

anteriormente estão relacionadas a tais elementos, que caracterizam a tipologia textual predominante e as secundárias, isto é, os tipos menos evidentes. Ademais, o tipo de discurso, o aspecto ideológico, o domínio do saber e as relações entre os sujeitos estão vinculados com as escolhas lexicais presentes no interior do texto.

Na próxima subseção, destacam-se as características das inter-relações entre os tipelementos (tipos, gêneros e espécies) e sua relevância em tipos de texto variados.

2.3.1 Os tipelementos

Como já mencionado, os tipelementos apresentam três elementos tipológicos denominados tipos, gêneros e espécies, categorias nem sempre hierarquizadas e que por isso podem se inter-relacionar. A diferenciação desses elementos se dá por meio de sua validade, pertinência e abrangência. A validade e a pertinência estão associadas com a relevância e com a significância desses elementos presentes no texto, logo, verifica-se a predominância de uma determinada característica, estrutura linguística e estilo.

O linguista esclarece, ainda, que as classificações tipológicas existentes misturam elementos tipológicos (tipos, subtipos, gêneros e espécies) de naturezas distintas em uma mesma tipologia. A falta de alinhamento dos conceitos gera problemas de compreensão dos tipelementos, resultando, assim, em classificações indevidas. Daí a necessidade de diferenciar e de inter-relacionar os quatro elementos tipológicos. Neste estudo, apresentam-se três elementos, quais sejam, tipos, gêneros e espécies, que são aplicados à análise empreendida no Capítulo 3. Embora, o autor trate de subtipo, neste estudo, não se faz necessário seu uso como categoria de análise.

2.3.2 Tipos, gêneros e espécies

- **Tipos**

Em sua tese de doutorado, intitulada “Um estudo textual-discursivo do verbo no português do Brasil”, defendida em 1991, Travaglia destaca o primeiro tipelemento *tipo* de texto, “identificado e caracterizado por instaurar um modo de interação, uma maneira de interlocução” (TRAVAGLIA, 2007a, p. 101). Assim, o tipo necessita da interação entre locutor e interlocutor, processo pelo qual o tipo predominante é identificado.

O autor afirma que algumas perspectivas são utilizadas para designar tipologias diferentes e já conhecidas, a saber: a perspectiva do produtor do texto relacionado com o objetivo de dizer em determinado tempo e espaço; a perspectiva do produtor do texto, originada da imagem que este faz de seu interlocutor como indivíduo que concorda ou não com o que ele diz; a perspectiva na qual o texto pode antecipar o ato de dizer; e, por fim, a perspectiva decorrente da atitude de comprometimento ou não em uma dada situação comunicativa que produz textos do mundo comentado (comprometimento) ou textos do mundo narrado (não comprometimento).

Essas quatro perspectivas orientam o leitor na identificação da tipologia. Logo, no primeiro caso, tem-se a relação do produtor do texto com seu objeto de dizer, em que se destacam o tempo e o espaço; no segundo, o produtor estabelece uma imagem do receptor de seus argumentos como alguém que adotará uma atitude de concordância ou não; no terceiro, há possibilidade de o produtor fazer uma antecipação no texto; por fim, no quarto caso, a perspectiva da atitude comunicativa indica comprometimento ou não e envolve textos do mundo comentado ou do mundo narrado, este mais associado com o ficcional, foco de estudo nesta pesquisa.

O autor explica que a busca pelo mundo exterior pode ocorrer de duas formas: a primeira forma se dá pela parte essencial da superestrutura da narrativa, que é a complicação presente no gênero épico ou narrativo; a segunda

se dá por explanação e análises das relações entre os seres, que resulta no tipo dramático.

Com base nesse apontamento, que estabelece a superestrutura da narrativa levando em consideração a teoria literária, o linguista designa o tipo narrativo e destaca o elemento-chave, a complicação (conflito), além disso, estabelece outros tipos, como a descrição, a dissertação, a injunção. Nesta tese, a abordagem é delimitada à tipologia narrativa, caracterizada como segue (Quadro 13).

Quadro 14 – Caracterização da tipologia

Narração	
Perspectiva do enunciador/produtor do texto	Enunciador na perspectiva do fazer/ acontecer inserido no tempo
Objetivo do enunciador	Contar, dizer os fatos os acontecimentos, entendidos como os episódios, a ação/ o fato em sua ocorrência
Forma como se instaura o interlocutor	Como assistente espectador, não participante, que apenas toma conhecimento do(s) episódio(s) ocorrido(s)
Tempo referencial	Não simultâneo às situações; sucessão
Relação entre o tempo da enunciação e o tempo referencial	O tempo da enunciação pode ser posterior, simultâneo ou anterior ao tempo referencial

Fonte: adaptado de Travaglia (2007a, p.103).

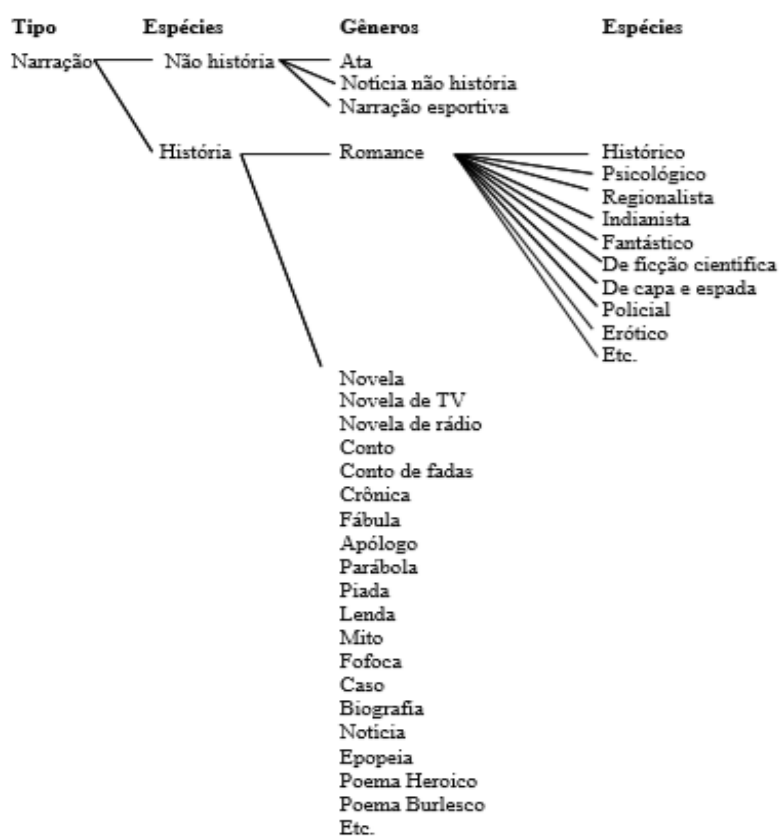
No referido quadro, os tipos de textos são designados de acordo com a perspectiva do produtor do texto em relação àquilo de que fala, ou seja, ao objeto do dizer. Além dos quatro tipos e suas características, Travaglia (2007) identifica a perspectiva do enunciador/produtor do texto, o objetivo do enunciador, a forma como se instaura o interlocutor, o tempo referencial (tempo de ocorrência no mundo real em sua cronologia) e, por fim, a relação entre o tempo da enunciação e o tempo referencial, elementos essenciais para identificar qual tipo está presente em determinado texto.

No tipo narrativo, considerando-se a perspectiva do enunciador/produtor, o tempo é ressaltado para a construção da narrativa, com foco em contar os fatos e os episódios presentes na história. Quanto à forma

como se instaura o interlocutor, o enunciador não participa, mas tem consciência dos fatos. Em relação ao tempo referencial, segue-se a sucessão dos fatos.

A relação entre tipos e espécies e entre gêneros e espécies é ilustrada na Figura 7. No primeiro caso, o tipo narração está vinculado com a espécie não história e história; no segundo caso, são designadas as espécies da não história e da história; já o terceiro caso compreende os gêneros ata, notícia não história e narração esportiva, que constituem a espécie não história. O gênero romance, novela, conto, entre outros, compõem a espécie história.

Figura 7 – Tipos, espécies e gêneros



Fonte: Travaglia (2018, p.1357).

Travaglia (2007a), ao categorizar tipo, espécie e gêneros, destaca que o tipo narração envolve diversas características. Como espécie pode ser não história (não ficcional) e história (ficcional), ele estabelece, posteriormente, alguns gêneros pertencentes a cada espécie. No gênero romance, o autor acrescenta algumas espécies, como histórico, psicológico, fantástico, entre

outros. Essa esquematização esclarece quais são as espécies e os gêneros que constituem a narrativa.

Com base em seu estudo de 1991, o autor considera que

[...] o tipo narrativo tem como conteúdo temático os acontecimentos ou fatos organizados em episódios (indicação e detalhamento – geralmente por meio de descrição – de lugar, tempo, participantes/actantes/ personagens + acontecimento: ações, fatos ou fenômenos que ocorrem). No caso da espécie história da narração, os episódios aparecem encadeados entre si caminhando para um desfecho ou resolução e um resultado (TRAVAGLIA, 2007a, p. 43).

A organização de episódios encadeados e seu detalhamento categorizado como lugar, tempo, participantes/actantes/personagem, de acordo com o acontecimento, servem de subsídios para o desenvolvimento da análise empreendida adiante.

- **Gênero**

Conforme Travaglia (2018, p.1353) esclarece, o tipelemento gênero tem uma função de natureza comunicativa na sociedade, ou seja, trata-se de um instrumento linguístico por meio do qual é possível agir socialmente de forma individual ou memo coletiva, nas chamadas comunidades discursivas, a exemplo da comunidade religiosa, da jornalística e da acadêmico-científica. Em trabalho anterior, o autor lista alguns exemplos de gênero: a) correspondência (promover a troca de informações entre as pessoas); b) notícia ou reportagem (manter o interlocutor informado); c) gênero didático (ensinar) e d) gênero oratório (convencer inteligências e persuadir vontades) (TRAVAGLIA, 2007a).

Cada grupo de gênero tem uma função básica normalmente reconhecida pela sociedade. A necessidade de criar gêneros surgiu em virtude da demanda social de estabelecer estrutura, estilo e principalmente funções predominantes de cada gênero. Nesse sentido, pode-se considerar que o conto literário tem por objetivo narrar uma história.

Com base na função de cada gênero, delimita-se, neste estudo, a investigação dos contos populares. Esse gênero apresenta várias características de tipos e espécies que o constituem, que se conjugam ou que cruzam com outras características mais específicas do gênero. Dessa forma, as características do tipo narrativo podem estar presentes em todos os gêneros,

mesmo naqueles que não são necessariamente narrativas, entretanto, na composição estrutural do texto narrativo esse tipo está presente.

Como o tipo narrativo pode ocorrer em diversos gêneros, mesmo nos não narrativos, há a definição de tipo predominante, ou seja, o tipo mais recorrente em um texto. Nessa direção, de acordo com o autor, a superestrutura geral da narrativa é estabelecida conforme variadas categorias, relacionadas às características estruturais e de estilo do texto (TRAVAGLIA, 2007b).

Quanto ao aspecto da pessoa, a narração não tem uma pessoa verbal pré-estabelecida; a pessoa dominante está associada com o ponto de vista do produtor do texto e do narrador: se o ponto de vista for interno, a primeira pessoa predomina; se for externo, a terceira pessoa predomina; se houver combinação entre os pontos de vista, haverá alternância entre ambas as pessoas.

Considerando os aspectos sobre gênero apresentados, é possível constatar que as funções de um gênero visam a suprir as necessidades comunicacionais da sociedade nas mais variadas esferas de atividade.

- **Espécie**

O tipelemento espécie diz respeito a uma categoria que define e caracteriza os aspectos formais de estrutura e de superestrutura textual, tanto no tocante à superfície linguística quanto no tocante ao conteúdo. Alguns exemplos são as espécies história e não história, as quais estão relacionadas com o tipo narrativo, foco deste estudo, caracterizado por aspectos de conteúdo.

A narração *história* (caracterizada pelo cunho ficcional, como no caso de romance, novela, novela de rádio e de TV, conto, conto de fadas e crônica) ocorre quando os episódios se encadeiam em busca da resolução e de um resultado. Já a narração *não história* (concretizada, por exemplo, pelos gêneros ata, notícia, narrações esportivas do tipo jogo de futebol e corrida) ocorre quando os episódios, mesmo estando lado a lado no texto, não se encadeiam com a finalidade de um resultado (TRAVAGLIA, 2007b).

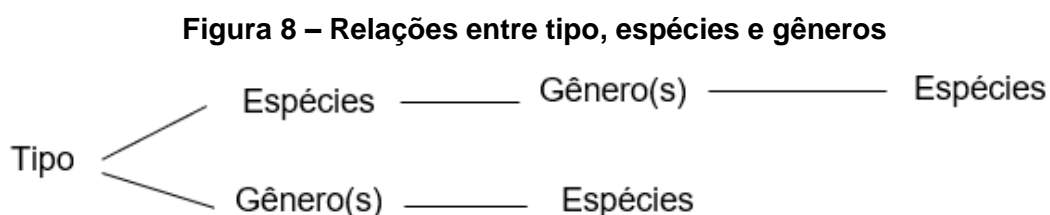
Outras características da espécie são: a) o mesmo tipo narrativo pode ser designado em duas espécies formais: narrativas em prosa e em verso, as quais não são, necessariamente, relacionadas ao tipo narrativo; b) várias

espécies do gênero romance podem ser diferenciadas com base em aspectos do conteúdo, assim, há romances históricos, psicológicos, entre outros; c) várias espécies do gênero correspondência, tais como carta, telegrama, ofício, memorando, podem ser caracterizados por aspectos formais, em especial, de superestrutura (TRAVAGLIA, 2007).

A fim de se identificar, entender e analisar o conteúdo, a estrutura composicional, o estilo, a finalidade e as condições de produção de um texto, é necessário estabelecer as inter-relações entre os três tipelementos apresentados.

2.3.3 Inter-relações entre os tipelementos

Com base na teoria tipológica geral de textos proposta por Travaglia (2007a), os tipelementos se inter-relacionam, uma vez que as espécies têm relação com tipos ou gêneros, e estes vinculam-se a tipos. O esquema seguinte (Figura 8) evidencia a necessidade de se considerar a correlação entre os elementos tipológicos tipo, gênero e espécie. Ademais, a articulação entre espécies, gênero e tipos possibilita o entendimento da superestrutura do texto com base em um gênero e a retomada de características estruturais e aspectos do conteúdo.



Fonte: Travaglia (2007a, p.108).

O tipelemento gênero, em geral, relaciona-se a um tipo, como, por exemplo, descritivo, dissertativo, injuntivo e narrativo, entre outros, ao passo que outros gêneros não estabelecem, necessariamente, vínculos com tipos, como o gênero epistolar. Nos casos em que os gêneros são vinculados necessariamente a tipos, há tipos em que prevalece o descritivo na composição do gênero. Em contrapartida, há casos em que o gênero pode estar relacionado com vários tipos

em termos de dominância, entretanto, a predominância é apenas de um, como exposto a seguir (Quadro 15).

Quadro 15 – Tipos e gêneros

Tipo	Exemplos de gênero(s) necessariamente vinculado(s) ao tipo em termos de dominância
Descritivo	Não observamos até o momento nenhum gênero necessariamente descritivo.
Dissertativo	Tese, dissertação de mestrado, artigo acadêmico-científico, editorial de jornal, monografia, conferência.
Injuntivo	Mensagem religiosa-doutrinária, instruções, manuais de uso e/ou montagem de aparelhos e outros, receitas de cozinha e receitas médicas, textos de orientação comportamental. (ex: como dirigir)
Narrativo	Atas, notícias, peças de teatro, romances, novelas (literárias de rádio e TV), contos, contos de fadas, fábulas, apólogos, parábolas, mitos, lendas, anedotas, piadas, fofoca, caso biografia, epopéia, poema heróico, poema burlesco.

Fonte: Travaglia (2007a, p.109).

Segundo o autor, na composição dos gêneros costuma haver um ou mais tipos, assim como há a presença de uma espécie (TRAVAGLIA, 2007b). Em outras palavras, os gêneros relacionados com o tipo narrativo, por exemplo, podem apresentar fragmentos que se enquadram em outros tipos, como descritivo, dissertativo e injuntivo. Uma vez que sempre há um tipo dominante, os demais tipos se subordinam ao gênero.

O autor esclarece essa perspectiva ao exemplificar que, no caso do tipo narrativo da espécie história, os gêneros a ele relacionados podem trazer segmentos condizentes com os tipos descritivo, dissertativo, injuntivo e narrativo, mas, ainda assim, trata-se de gêneros do tipo narrativo, pois há dominância desse tipo sobre os demais, que têm, necessariamente, um vínculo com o tipo narrativo.

Já as espécies são dependentes, isto é, contribuem para a composição de um texto, de um tipo e de um gênero. Nessa direção, Travaglia observa que é no gênero que tipos e espécies se realizam; os tipos compõem os gêneros, já as espécies determinam variedades, necessárias à interação de um tipo ou de um gênero, e adicionam a estes aspectos diversos em sua composição.

Desse modo, os tipos constituem o gênero e as espécies, logo, com base no entendimento das características do tipo, é possível identificar o gênero e a

superestrutura estabelecida pela espécie, inter-relação fundamental na análise de um texto, a fim de se identificar os elementos tipológicos que o compõem.

Considerando essa perspectiva, parece haver alguns textos que são constituídos por um tipo e por uma espécie, mas eles não estão configurados segundo um gênero, como é o caso da maioria das espécies do tipo lírico, a exemplo do soneto.

De acordo com o linguista, no que se refere aos princípios basilares, há cinco parâmetros que servem para categorizar os tipos: conteúdo temático, estrutura composicional, superestrutura, estilo e condições de produção.

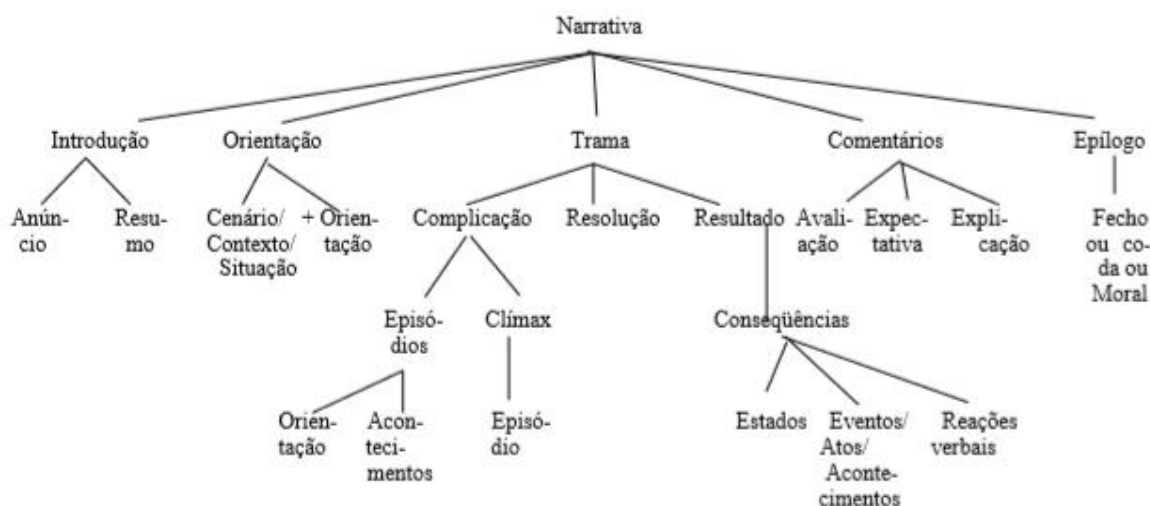
O conteúdo temático diz respeito às informações relacionadas por um tipo/subtipo, gênero ou espécie. No caso do conteúdo temático do tipo narrativo, Travaglia (2018) observa que ele está relacionado com acontecimentos narrados; no caso do tipo descritivo, a correspondência é com as características do objeto descrito; o tipo dissertativo, por sua vez, está associado às proposições, e o tipo injuntivo corresponde à realização de um comando ou de uma indicação.

A estrutura composicional envolve diversos elementos, como superestrutura, disposição de elementos do texto, elementos de versificação, composição dos gêneros por tipos e espécies e dimensão esperada do texto de uma dada categoria. Tal parâmetro permite determinar se um texto é representativo, expositivo ou misto, bem como identificar a linguagem empregada, o tipo de argumento e se sua composição é em prosa ou em verso.

Os tipos, gêneros e espécies podem mudar ou mesmo perder a caracterização ao longo do tempo, fenômeno observado, por exemplo, na mudança da função social do soneto e da comédia clássica; o soneto é considerado como uma forma que caracteriza a espécie, porque a sua estrutura clássica sofreu transformações. Há tipos que não demonstram ter relação com gêneros específicos que os realizam, como é o caso do descritivo, do preditivo e dos tipos do mundo narrado e comentado.

A superestrutura é considerada um dos principais elementos da estrutura composicional. É organizada hierarquicamente e composta por categorias obrigatórias ou facultativas. Especificamente sobre a superestrutura narrativa, a Figura 9 ilustra seus componentes e as relações entre eles.

Figura 9 – Superestrutura da narrativa



Fonte: Travaglia (2018, p.1368).

A superestrutura da narrativa apresenta como elementos primordiais a introdução, a orientação, a trama, os comentários e o epílogo. De acordo com esses elementos, há argumentos importantes que compõem e categorizam a superestrutura do texto narrativo.

Como primeiro elemento, tem-se a introdução, que pode ser o anúncio e o resumo da história ao leitor. Já o segundo elemento estabelece a orientação marcada pelo contexto da narrativa. O terceiro elemento, por sua vez, refere-se à complicação da narrativa. A complicação é constituída pelos episódios (orientação/ acontecimentos) e pelo clímax, parte essencial da narrativa. O resultado envolve estados das personagens; eventos, que são as conseqüências; e reações verbais, associadas a elementos linguísticos que marcam o texto narrativo, por exemplo, o pretérito do indicativo.

Travaglia (2018) salienta que a superestrutura é dada por um tipo de texto. Assim, em uma superestrutura narrativa, a orientação pode ser indicada pelo contexto e pelo cenário. A narrativa se faz presente no anúncio, no resumo,

na complicação e na resolução. O tipo de resultado a que se chega indica se se trata de descrição (que envolve estado), narração (que envolve eventos, atos, acontecimentos e algumas reações verbais, marcados pelo passado do modo indicativo) ou dissertação (que envolve, quase sempre, reações verbais). No caso de comentários, eles costumam ser dissertativos, indicando avaliação ou explicação, ou narrativos preditivos, indicando expectativas. A conclusão ou epílogo pode ser narrativa, que estabelece o fecho, ou dissertativa, que indica coda e moral. Dependendo do gênero, a superestrutura geral se dará de forma diferente, e a forma como ocorre essa realização é que caracterizará o gênero.

O estilo trata dos elementos composicionais de formulação da sequência linguística, os quais são basilares para o ensino, pois estabelecem características linguísticas dependentes da categoria de texto.

Por fim, o quinto parâmetro, condições de produção, é pertinente a elementos como quem produz, para quem, quando, onde e em qual suporte. Em outros termos, refere-se a quem produz a categoria de texto em determinada comunidade discursiva ou esfera de ação social, logo, o enunciador é capaz de responder qual é o destinatário, o tempo e o espaço. Nesse caso, tem-se o suporte como condição de produção.

De acordo com o exposto, percebe-se que os tipelementos e os parâmetros que caracterizam as categorias de texto indicam elementos da superestrutura da narrativa, bem como estilo e conteúdo do gênero conto popular e seus episódios, o que constitui um subsídio para a compreensão do tipo narrativo no âmbito da análise a ser apresentada.

A seguir, abordam-se a organização lógica da narrativa, sua função e seus componentes, conforme postulado por Charaudeau (2016).

2.4 Contribuições de Patrick Charaudeau

Charaudeau (2016) considera que, para compreender o modo de organização da narrativa, é preciso entender sua definição e função, bem como a organização lógica de seus componentes.

O autor discorre sobre a tradição escolar que designa o narrativo de três maneiras: primeiro como uma prática de exercícios cujo objetivo é redigir, por escrito e considerando uma situação comunicativa não autêntica, um texto que descreva ou conte determinados acontecimentos; depois, como a classificação de textos narrativos, considerando-se gêneros que, na história literária, apoiam-se em critérios de ordens diversas, de forma e de conteúdo; por fim, como pedagogia da explicação de textos que desenvolve um discurso argumentativo sobre uma narrativa literária e em que se exige qualidade de estilo, tendo como base também a forma e o conteúdo do texto.

No que se refere ao modo de organização do discurso, Charaudeau (2016) alerta que não se deve confundir gênero textual e modo de organização do discurso, porque o que se busca evidenciar com base em sua teoria são os componentes e os procedimentos de um modo de organização que favoreçam o entendimento das múltiplas significações de um dado texto.

No que se refere especificamente à narrativa quanto à sua definição e função, o linguista, primeiramente, conceitua o ato de contar, que faz parte dos componentes da narrativa. De acordo com autor, contar não se baseia apenas na descrição de uma sequência de acontecimentos ou fatos, pois tal descrição não constitui uma narrativa. Para que ela exista, é preciso haver um contador, que pode ser narrador, escritor ou testemunha, por exemplo, com intencionalidade de transmitir algo para um destinatário, de um certo modo imbuído de sentido.

Charaudeau (2016, p. 154) observa que contar corresponde à busca por questionamentos fundamentais: “Quem somos? qual é a nossa origem? qual é o nosso destino? qual é a verdade de nosso ser?”. Uma vez que a verdade nem sempre é revelada, o homem, na esfera do imaginário, produz narrativas que oferecem parcelas dessa verdade. Dessa forma, conclui o autor, contar é uma atividade languageira que se desenvolve por meio de tensões e contradições.

O ato de contar também remete à construção de um universo que representa as ações humanas, tendo como base tipos de crenças que são: relativas ao mundo, ao ser humano e à verdade. Dessa forma, cria-se o conflito entre a unicidade do ser representa a verdade homogênea e universal e a

pluralidade é oposto em que considera o mundo como algo fragmentado desprovido de começo e fim.

O autor estabelece diversas narrativas no âmbito dessas crenças. A primeira crença apresenta narrativas inalteráveis, narrativas alegóricas, narrativas que idealizam heróis; a segunda apresenta narrativas picarescas, narrativas de forma breve, narrativas romanescas e testemunho histórico.

Diante da escolha do *corpus* que compõe este estudo, o conto popular, opta-se, entre as referidas narrativas, a narrativa alegórica que, conforme o estudioso, é transmitida dentro de um tempo e espaço e pode sofrer diversas variações, entretanto, sempre mantém os seus valores simbólicos e universais. Essas características de narrativas são encontradas em contos populares, nas lendas, nos contos de fadas, nos evangelhos e alguns textos fantásticos.

Charaudeau (2016, p. 156) aborda também a ordem do narrativo e esclarece que a narrativa é uma totalidade, o narrativo, um de seus componentes. A narrativa refere-se ao objetivo do “que é contar?”, para o que descreve as ações e as qualificações, ou seja, os modos de organização do discurso, que são o narrativo e o descritivo. Em razão disso, ressalta que não se pode confundir narrativa e modo narrativo, ou descritivo, uma vez que a primeira abriga os outros dois.

Quanto à função do narrativo, para defini-la, o linguista salienta as diferenças entre descritivo e narrativo, distintos pela visão que constroem do mundo e pelo papel desempenhado pelo sujeito que descreve ou narra.

No âmbito da visão que constrói o mundo, o descritivo corresponde à descoberta do mundo, cuja existência se dá por um estar imutável e que, para ser reconhecido, basta ser mostrado. Já o narrativo permite a descoberta do mundo conforme se sucedem as ações, que se influenciam mutuamente e se tornam um encadeamento progressivo.

Nesse sentido, o descritivo organiza o mundo de modo taxionômico, descontínuo e aberto, ou seja, faz isso com base na classificação dos seres, sem que haja uma ligação necessária entre eles ou um começo ou fim obrigatórios.

Já o narrativo organiza o mundo de modo sucessivo e contínuo, dentro de uma lógica cuja coerência se dá pelo próprio fechamento (começo e fim).

No âmbito dos papéis dos sujeitos, aquele que descreve tem a função de observador, atento aos detalhes; de sábio, capaz de identificar, nomear, classificar os elementos e suas propriedades; e de alguém que descreve, conhecedor de como mostrar e evocar. Aquele que narra desempenha o papel de testemunha, que tem contato, mesmo que de forma fictícia, com acontecimentos que revelam como os seres se transformam em decorrência de seus atos.

Em relação à organização da narrativa, Charaudeau (2016) observa que ela está associada com a construção lógica de uma sucessão de ações que constituirá a trama de uma história; ela se refere ao

[...] mundo referencial, mas é preciso não considerá-la como fonte primeira nem estrutura universal do universo contado; ela é uma espécie de *épura*, resultado da projeção sobre um plano (a história) de algumas das constantes da manifestação semântica da narrativa, que permite descobrir por contraste os *procedimentos da encenação da narrativa* (grifo do autor).

A organização da encenação narrativa, por sua vez, corresponde ao que faz uma história e a organização de suas ações se tornar um universo narrado. Quanto à encenação narrativa, propriamente dita, ela é responsável pela construção do universo narrado, em que atua um sujeito que narra ligado ao destinatário por um contrato de comunicação. Esse sujeito age tanto na configuração da organização lógico-narrativa quanto no modo de enunciação desse universo a partir de sua própria presença.

Nesse contexto, o modo da organização da narrativa é configurado por componentes descritos sem julgamentos acerca dos efeitos que as combinações podem gerar em determinado texto. Essa organização tem como base os componentes e procedimentos que são vistos como um pretexto, e não como finalidade.

Charaudeau (2016) segue estabelecendo três componentes da lógica da narrativa: actantes, que têm a função de desempenhar papéis correspondentes às ações das quais dependem; processos, que unem os actantes entre si,

propiciando orientação funcional às suas ações; sequências, que fazem a integração entre processos e actantes, com uma finalidade narrativa baseada em determinados princípios de organização.

Ao se falar em actantes, fala-se também de papéis narrativos, os quais indicam que, no âmbito da língua, o actante está ligado de forma mais ou menos direta à ação, independentemente da finalidade que ela tenha.

A hierarquização dos actantes narrativos, outro elemento abordado por Charaudeau (2016), é estabelecida pela perspectiva de sua natureza e de sua importância. Na primeira perspectiva, os actantes narrativos de base são humanos, ou considerados como tais; eles ou praticam a ação (agente) ou sofrem a ação (paciente). Na segunda perspectiva, os actantes podem ser principais ou secundários, quando a trama é constituída por polo de ação, com actantes que giram em torno dela.

Para ilustrar a relação entre os actantes narrativos, o autor (2016, p. 162) propõe um questionário que envolve os actantes, tais como: “agente que age” e “paciente que sofre a ação”, levando em conta as particularidades de cada papel e suas qualificações, que podem ser positivas ou negativas (Quadro 16).

Quadro 16 – Questionário sobre os actantes narrativos

• Verificar se o actante:

1. **Age:** é o iniciador, o responsável e o executante da ação.
2. **Sofre a ação:** a ação recai sobre ele. Ele a recebe de maneira mais ou menos passiva, é mais ou menos afetado por ela, é mais ou menos a ela submisso.

1. Se o actante age: ele o faz como:

- 1.1. **Agressor:** comete um malefício
- 1.2. **Benfeitor:** transmite um *benefício* (ver também 1.5).
- 1.3. **Aliado:** associa-se a um outro actante para auxiliá-lo ou defendê-lo, seja agindo diretamente sobre o adversário de outro actante, seja agindo ao mesmo tempo que este.
- 1.4. **Oponente:** contraria os projetos e as ações de um outro actante.
- 1.5. **Retribuidor:** dá a um outro actante ou uma recompensa (ver 1.2), ou uma punição (castigo).

• ele o faz de maneira:

- 1.a. **Voluntária:** ele é consciente, ele decidiu (ato intencional).
- 1.b. **Involuntária:** não é consciente, não decidiu (não intencional).
- 1.c. **Direta:** afrontamento direto.
- 1.d. **Indireta:** por meio de fingimento ou de intermediário.

2. Se o actante sofre a ação ele o faz como:

- 2.1. **Vítima:** é afetado negativamente pela ação de um outro actante.
 2.2. **Beneficiário:** é afetado positivamente pela ação de um outro actante.

• Se o actante-vítima reage, ele o faz por:

- 2.1.1. **Fuga:** ele evita o afrontamento.
 2.1.2. **Resposta:** age contra seu agressor.
 2.1.3. **Negociação:** tenta neutralizar a agressão.

• Se o actante beneficiário reage, ele o faz por:

- 2.2.1 **Retribuição:** ele age retribuindo de maneira benéfica o outro actante.
 2.2.2. **Recusa:** ele recusa o benefício.

Q. Os tipos de qualificações

Q1. **Qualificações positivas:** prestígio, virtude, força, inteligência, destreza, etc.

Q2. **Qualificações negativas:** desconsideração (má reputação), vício (imoralidade, desonestidade), pusilanimidade, imbecilidade (estupidez), inabilidade, etc.

Fonte: Charaudeau (2016, p.162-163).

Outros componentes imprescindíveis para se compreender a narrativa são os processos narrativos, semelhantes aos processos expressos pelas categorias de língua. Contudo, o autor trata das categorias de organização do discurso e das funções narrativas, estas relacionadas intimamente aos papéis narrativos dos actantes. O processo corresponde a uma unidade de ação que, por estar correlacionada a outras ações, torna-se função narrativa.

Fundamentado em Bremónd (1973), Charaudeau (2016) apresenta um questionário cuja base são os processos narrativos (Quadro 17).

Quadro 17 – Questionário sobre os processos narrativos

- **Verificar se a realização de um ato recai** principalmente:
 - (1) **sobre si** (o agente é seu próprio beneficiário ou sua própria vítima)
 - (2) **sobre o outro** (o outro é beneficiário ou vítima)
- **Verificar se o ato tem por função:**
 - (1) **melhorar** um estado inicial
 - (2) **conservar** um estado inicial
 - (3) **degradar** um estado inicial
- **Se a realização do ato recai sobre si, ele tem por função:**
 - 1.1. O **Melhoramento** do estado inicial, por:
 -) **eliminação** (de um adversário ou de uma ameaça)
 -) **resolução** de um problema
 -) **transgressão** (de uma regra, de uma proibição)
 -) **negociação** (com adversário ou oponente)
 -) **embuste** (esperteza, cilada para sair de uma situação perigosa)
 -) **resposta** (a um ato de agressão por um outro ato de agressão)
 -) **vingança** (como autorreparação)
 - 1.2. A **Conservação** de seu estado inicial, por:
 -) **eliminação** (de um adversário ou de uma ameaça)
 -) **prevenção** (de um conflito, de um encontro), fuga

-) *neutralização* (de uma ameaça)
-) *negociação*
-) *embuste*
- 1.3. A **Degradação** do estado inicial, por:
 -) *submissão* (à dominação do outro)
 -) *sacrifício* (autodegradação voluntária)
 -) *transgressão* (que desrespeita a lei)
 - **Se a realização do ato recai sobre o outro**, ele tem por função:
- 2.1. O **Melhoramento** do estado inicial do outro, por:
 -) *eliminação* (do adversário do outro)
 -) *intervenção* (em favor do outro, auxílio)
 -) *negociação* (em favor do outro)
 -) *retribuição* (positiva – presente)
- 2.2 A **Conservação** do estado inicial do outro, por:
 -) *eliminação* (da ameaça sobre outro)
 -) *intervenção* (em favor do outro – proteção)
 -) *neutralização* (de uma ameaça)
- 2.3. A Degradação do estado inicial do outro, por:
 -) *agressão* (realização de um malfeito sobre outro)
 -) *eliminação* (do outro como adversário, ameaça)
 -) *embuste* (o outro é traído)
 -) *vingança* (como punição do outro)
 -) *retribuição* (como justiça – castigo)
 -) *intervenção* (contra o outro)
 - **Quais são os tipos de atos de fala** que podem ter uma influência sobre os atos potenciais do outro?
 -) **informação/ dissimulação** (como um “poder” dado (revelação) ou oculto ao outro)
 -) **conselho/ desaconselhamento** (como modelo de comportamento a seguir/ a não seguir)
 -) **encorajamento/ dissuasão** (como estímulo à esperança/ aos medos – à intimidação)
 -) **proibição/ autorização** (de realizar um ato)
 -) **pedido** (de ajuda ou de informação)

Fonte: Charaudeau (2016, p.165-166, grifos do autor).

Esse quadro corresponde aos processos narrativos que englobam a consequência e a função dos atos dos actantes narrativos.

Na organização de uma história, as funções narrativas não ocupam o mesmo plano, o que resulta em uma hierarquização complexa. Nessa organização, os processos podem apresentar dois tipos de função narrativa:

- *uma função narrativa principal*, que determina as grandes articulações da história, numa lógica de ação *de causa e consequência*.

- *uma função narrativa secundária* (o que não quer dizer menos importante para a totalidade da narrativa), que completa de diversas maneiras os espaços entre as grandes articulações da história (CHARAUDEAU, 2016, p. 164, grifo do autor).

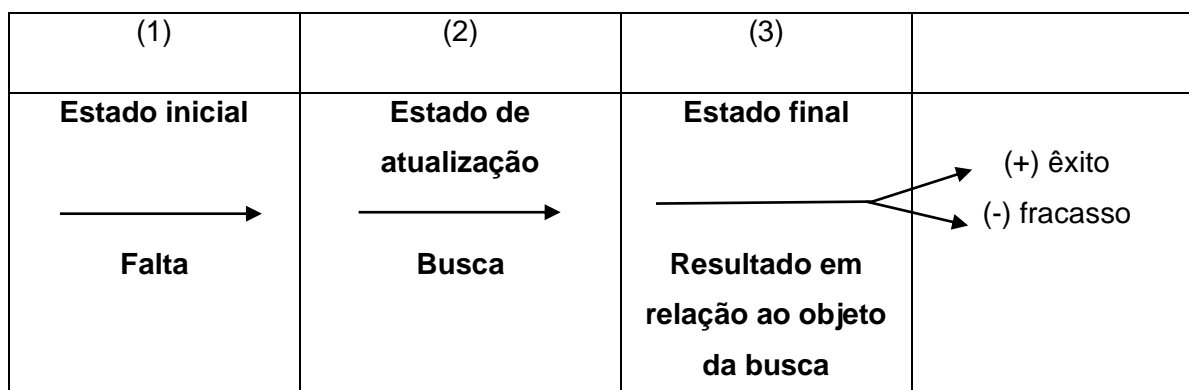
Essas funções são ordenadas por quatro princípios: coerência, intencionalidade, encadeamento e localização.

O princípio de coerência considera que não há arbitrariedade na sucessão das ações, mas para que haja coerência em relação a isso, é preciso que a sucessão seja delimitada no seu princípio e no seu fim, ou seja, que as ações tenham ora papel de abertura, ora de fechamento.

A função de abertura consiste na inexistência de uma consequência de uma ação e no desenvolvimento de um processo e de uma conduta que iniciam na abertura e cujo resultado pode ser positivo ou negativo. Essa dupla função de abertura e fechamento exige que a sucessão de ações se organize de modo coerente e em sequência. Em algum ponto dessa sequência deve ser possível compreender uma ação com base em sua origem (abertura) e de uma perspectiva finalizada (fechamento).

O princípio de intencionalidade leva em conta que a sucessão de ações com abertura e fechamento deve ocorrer em razão de uma motivação, que dará sentido narrativo a uma sequência, uma vez que lhe confere uma finalidade. A motivação está relacionada à intenção do sujeito (actante humano), que constrói um projeto de fazer e esforça-se para realizá-lo de forma satisfatória, isso significa que todo fazer é intencional.

O autor, com base em alguns estudos, especialmente de Brémond (1966), postula que esse princípio ordena toda a sequência narrativa, conforme explicitado pela seguinte tríade (Quadro 18).

Quadro 18 – Tríade que compõe a narrativa

Fonte: Charaudeau (2016, p.168).

De acordo com o disposto no quadro anterior, o estado inicial (1) é a virtualidade da ação, em que nasce uma falta, acarretando a abertura de um processo para preenchê-la. No estado de atualização (2), ocorre a busca para tentar encontrar o objeto que preencherá a falta. O estado final (3) consiste na finalização do processo, que pode ocorrer pela obtenção (êxito) ou não (fracasso) do objeto da busca.

O princípio de encadeamento resulta da combinação entre o princípio de coerência e o princípio de intencionalidade, que produz sequências de diferentes dimensões e cujos modos de encadeamento podem se dar em estruturas mais complexas. Há quatro tipos de encadeamento: sucessão, paralelismo, simetria e encaixe.

A sucessão ocorre quando as sequências se estabelecem de modo linear. Enquanto, o paralelismo ocorre quando as sequências, dirigidas por actantes-agentes diferentes, desenvolvem-se de modo autônomo, sem que haja entre elas uma relação de causa e efeito. A simetria refere-se a duas sequências que, regidas por actantes-agentes diferentes, desenvolvem-se de maneira que a realização positiva de uma (processo de melhoramento) resulta na realização negativa da outra (processo de degradação). Por fim, o encaixe diz respeito à inserção de microssequências em uma sequência mais ampla, com a finalidade de detalhar alguns aspectos da narrativa.

O quarto princípio, de localização, incide sobre a organização lógica, tendo em vista que intervém a fim de oferecer pontos de referência para a organização da trama narrativa. Esses pontos correspondem à localização da sequência no espaço, à situação da sequência no tempo e à caracterização dos actantes, que se refere ao modo descritivo.

Nesta tese, adota-se a relação entre os actantes narrativos e processos narrativos e o princípio de intencionalidade. Nesse contexto, a análise do papel dos actantes narrativos e seus processos contribuem para compreender os efeitos das ações dos actantes presentes no *corpus* assim como o princípio de intencionalidade se aproxima com os conceitos de macroproposições de base postulados por Adam (2011; 2019)

A seguir, apresenta-se o estudo de Genette (2013 [1971]), cujo foco é estabelecer as fronteiras entre o descritivo e o narrativo.

2.5 Contribuições de Gérard Genette

Fundamentado em Aristóteles, Genette (2013 [1971], p. 266) considera, por um lado, que “a narrativa (diegesis) é um dos dois modos da imitação poética (mimesis) e, por outro lado, [que é] a representação direta dos acontecimentos por atores falando e agindo diante do público”. De acordo com essa perspectiva, a narrativa tem a capacidade de imitar e representar a realidade, isto é, de alguma forma, a realidade é projetada por meio da narrativa e da ficção. A diegesis diz respeito à dimensão ficcional da obra literária, ao passo que a mimesis é a capacidade de imitar a realidade.

Com base nesse aspecto, o autor ressalta a relação de dependência entre a narração e a descrição. Ele considera que a narração está vinculada às representações de ações e acontecimentos, ao passo que a descrição está associada às representações de objetos e personagens. Dessa maneira, a narrativa depende da descrição, ao passo que a descrição é independente, porque uma narrativa envolve combinações em proporções variáveis de ações e acontecimentos, que compõem a própria narração, e representações de objetos e personagens, que constituem a descrição.

Ao estabelecer essa relação, o estudioso pontua que a descrição pode existir independentemente da narração, porque há maior facilidade em descrever sem narrar do que narrar sem descrever; em outras palavras, “a narração [...] não pode existir sem descrição, mas esta dependência não a impede de representar constantemente o primeiro papel” (GENETTE, 2013 [1971], p.273).

Há alguns gêneros narrativos, como o conto, a novela, o romance e a epopeia, em que a descrição se faz presente de forma dominante, ainda que se mantenha como “um simples auxiliar da narrativa” (GENETTE, 2013 [1971], p. 273).

Entre a descrição e a narração há distinções relevantes, as quais correspondem ao conteúdo. A narração está associada às ações ou aos acontecimentos reconhecidos como “processos puros”, logo, destaca-se o “aspecto temporal e dramático da narrativa” (GENETTE, 2013 [1971], p. 275). A descrição, por sua vez, se detém de maneira mais demorada em “objetos e seres considerados em sua simultaneidade, e encara os processos eles mesmos como espetáculos, parece suspender o curso do tempo e contribui para espalhar a narrativa no espaço” (p. 275). Por isso, os atos de narrar um acontecimento ou descrever um objeto são considerados como duas operações similares em que se utilizam os mesmos recursos de linguagem.

O autor prossegue com sua explanação, esclarecendo que a principal diferença entre a narração e a descrição é que a primeira estabelece uma sucessão temporal do discurso e dos acontecimentos e a segunda modula a representação de objetos em um espaço. Por isso, o elemento temporal é fator que distingue ambas, entretanto, nem todas as narrativas seguem esse modelo.

Considerando tal fronteira, o autor pondera que a noção de narrativa engloba todas as formas de representação literária, já a descrição, não podendo ser considerada como um dos modos da narrativa, uma vez que exigiria uma especificidade da linguagem, pode ser vista como um de seus aspectos, que se mostra o mais atraente (GENETTE, 2013 [1971]).

Em suma, para o autor, a narração e a descrição apresentam características que se complementam na materialização de um texto, mas também há distinções relevantes que tornam a descrição mais autônoma do que

a narração, pois, geralmente, nos textos narrativos, há elementos descritivos, mas o texto descritivo não depende da narração, como mencionado anteriormente. Considerando a importância das relações entre a narração e a descrição, todavia, nesta pesquisa, pautou-se no estudo da narrativa levando em conta apenas os elementos da narração.

Especificamente, em relação à narrativa, Genette (1979, p. 23) apresenta três conceitos, levando em conta suas características. O primeiro conceito, mais difundido, é o de que a “*narrativa* designa o enunciado narrativo, o discurso oral ou escrito que assume a relação de um acontecimento ou de uma série de acontecimentos”. A narrativa traz a sucessão de acontecimentos, que são constituídos por um enunciado narrativo, tanto no discurso oral quanto no discurso escrito. Assim, para que haja narrativa, é necessário haver uma série de acontecimentos que façam a história se desenvolver.

O segundo conceito, menos disseminado, refere-se à narrativa como uma sucessão de acontecimentos, reais ou não, que compõem o objeto do discurso, e as relações que estabelecem, como de encadeamento, de oposição, de repetição (GENETTE, 1979). Ao entender a narrativa da perspectiva desse autor, é possível salienta a importância de certos elementos linguísticos, como marcadores temporais, verbos, advérbios, que caracterizam e designam componentes do texto narrativo.

Por fim, o terceiro conceito, considerado o mais antigo, diz respeito à própria narrativa; trata-se do ato de narrar em si mesmo, que está relacionado com o aspecto discursivo da narrativa (GENETTE, 1979).

O autor observa que a história e a narração estão associadas com a narrativa, e não só isso, aquelas não existem se esta não existir. A narrativa tem sua razão de ser quando há uma história contada, na qual se constitui o próprio discurso narrativo (GENETTE, 1979).

Essas três categorias estão presentes no texto narrativo e, por meio delas, é possível analisar a estrutura de uma narrativa. Além do mais, o reconhecimento do tempo de uma perspectiva da história e do discurso, o aspecto e suas possíveis perspectivas percebidas pelo narrador e, por fim, o

modo, o tipo de discurso que o narrador pode adotar, são elementos fundamentais para uma análise mais aprofundada da narrativa.

Neste capítulo, apresentou-se o aparato teórico que orienta a análise do *corpus* desenvolvida no próximo capítulo. A exposição iniciou-se com a abordagem do plano de texto e das sequências textuais, em especial, a sequência textual narrativa. Passou-se, então, à noção de tipelementos, com destaque para superestrutura da narrativa e tipologia textual, modos de organização lógica da narrativa e seus componentes, em particular, os princípios de intencionalidade, os papéis dos actantes e os processos narrativos. Finalmente, discorreu-se sobre estudos da narrativa do ponto de vista literário, de modo a contemplar os elementos tempo, modo e aspecto da narrativa, esta considerada como história e como discurso.

Capítulo 3 - Análise do *corpus*

No presente capítulo, apresentam-se as análises dos quatro contos selecionados da obra “Contos de enganar a morte”, de Ricardo Azevedo, como explicitado no Capítulo 1, com vistas à caracterização composicional da sequência textual narrativa. Para tanto, passa-se, a seguir, às categorias de análise e aos procedimentos metodológicos adotados.

3.1 Categorias e procedimentos de análise

Com base no aparato teórico apresentado no Capítulo 2, estabelecem-se as seguintes categorias de análise: plano de texto, que permite a identificação da estrutura textual, e sequência textual narrativa, em suas macroproposições narrativas de base.

A fim de se desenvolver a análise dos contos, adotam-se os seguintes procedimentos:

- a) identificação das macroproposições narrativas de base (nível global);
- b) descrição e análise da organização das sequências textuais narrativas (nível local);
- c) representação do plano de texto com base na sequência textual narrativa, nos critérios de identificação e caracterização dos episódios e no princípio de intencionalidade.
- d) análise do actante narrativo e processo narrativo.

No processo de análise propriamente dito, cada um dos textos analisados foi nomeado pelo termo “Texto”, seguido de numeração, de 1 a 4, e de seu título:

- Texto 1 - O homem que enxergava a morte;
- Texto 2 - O último dia na vida do ferreiro;
- Texto 3 - O moço que não queria morrer e

- Texto 4 - A quase morte de Zé Malandro.

Para simplificar a menção aos textos, eles são referidos por meio de abreviações: Tn1, Tn2, Tn3, Tn4 e Tn5; “t” significa Texto e “n” narrativo.

A cada texto examinado, primeiro, apresenta-se um quadro em que há, na coluna da esquerda, a transcrição integral do conto, e na coluna da direita, a identificação das macroproposições narrativas de base. De maneira a se ter uma melhor visualização da relação entre as macroproposições e os segmentos textuais em análise, utilizam-se cores diferentes: azul indica a Situação Inicial (MPn1); vermelho, o Nó (MPn2); verde, a Re-ação ou Avaliação (MPn3); amarelo, o Desfecho (MPn4) e roxo, a Situação final (MPn5).

Posteriormente, procede-se à descrição e análise da organização das sequências textuais narrativas (nível local). Para tanto, apresenta-se, a cada texto, os segmentos que correspondem às macroproposições; cada parágrafo é identificado pelo termo [P] seguido de numeração correspondente a cada parágrafo, [P1], [P2], e assim por diante, procedimento que se aplica também às frases tipográficas, [F1], [F2], e assim por diante.

Quanto aos elementos da narrativa, adotam-se aqueles propostos por Gancho (2006) e por Terra e Pacheco (2017), a saber: lugar, tempo, personagem, enredo e narrador.

Em relação aos episódios, eles são identificados, nos planos de texto, como Ep, seguidos de numeração correspondente, por exemplo, Ep1, Ep2. Os termos utilizados para indicar a organização dos episódios são: cenário, contexto e situação, que se referem, respectivamente a lugar, tempo e personagens, e orientação. Considerando-se o princípio de intencionalidade, contemplam-se os componentes abertura, falta, busca e resultado (êxito ou fracasso), os quais correspondem aos episódios.

No tocante aos personagens, adotam-se os termos protagonista, doador – aquele que concede o objeto mágico – e antagonista. Já no caso de narrador, é identificado como narrador em terceira pessoa, o que implica uma postura de observador onisciente e onipresente.

Por fim, apresentam-se os papéis dos actantes em relação aos processos narrativos conforme a organização lógica da narrativa.

3.2 Análise do *corpus*

3.2.1 Texto 1 - O homem que enxergava a morte (Tn1)

- *Identificação das macroproposições narrativas de base (nível global)*

A seguir, na coluna à esquerda, apresenta-se o Tn1 completo, e na coluna à direita, as macroproposições narrativas de base (ADAM, 2011; 2019). Note-se que as cores correspondem a cada macroproposição específica: MPn1, MPn2, MPn3, MPn4, MPn5. Para exemplificar a existência de mais de uma macroproposição, mantém-se a sigla e adiciona-se mais um número entre parênteses: MPn1(1), MPn1(2), e assim sucessivamente.

Tn1 - O homem que enxergava a morte	Macroproposições narrativas
Era um homem pobre. Morava num casebre com a mulher e seis filhos pequenos. O homem vivia triste e inconformado por ser tão miserável e não conseguir melhorar de vida.	MPn1 Situação inicial (orientação)
Um dia, sua esposa sentiu um inchaço na barriga e descobriu que estava grávida de novo. Assim que o sétimo filho nasceu, o homem disse à mulher: - Vou ver se acho alguém que queira ser padrinho de nosso filho.	MPn2 Nó (gatilho)
Vestiu o casaco e saiu de casa com ar preocupado. Temia que ninguém quisesse ser padrinho da criança recém-nascida. Arranjar padrinho para o sexto filho já tinha sido difícil. Quem ia querer ser compadre de um pé-rapado como ele?	

E lá se foi o homem andando e pensando e quanto mais pensava mais andava inconformado e triste.

Mas ninguém consegue colocar rédeas no tempo.

O dia passou, o sol caiu na boca da noite e o homem ainda não tinha encontrado ninguém que aceitasse ser padrinho de seu filho. Desanimado, voltava para casa, quando deu com uma figura curva, vestindo uma capa escura, apoiada numa bengala. A bengala era de osso.

- Se quiser, posso ser madrinha seu filho - ofereceu-se a figura, com voz baixa.

- Quem é você? - perguntou o homem.

- Sou a Morte.

O homem não pensou duas vezes:

- Aceito. Você sempre foi justa e honesta, pois leva para o cemitério todas as pessoas, sejam elas ricas ou pobres. Sim - continuou ele com voz firme -, quero que seja minha comadre, madrinha de meu sétimo filho!

E assim foi. No dia combinado a Morte apareceu com sua capa escura e sua bengala de osso. O batismo foi realizado. Após a cerimônia, a Morte chamou o homem de lado.

- Fiquei muito feliz com seu convite - disse ela. - Já estou acostumada a ser maltratada. Em todos os lugares por onde ando as pessoas fogem de mim, falam mal de mim, me xingam e amaldiçoam. Essa gente não entende que não faço mais do que cumprir minha obrigação. Já imaginou se ninguém mais morresse no mundo? Não ia sobrar lugar para as crianças que iam nascer! Na verdade - confessou a Morte -, você é primeira pessoa que me trata com gentileza e compreensão.

E disse mais:

- Quero retribuir tanta consideração. Pretendo ser uma ótima madrinha para seu filho.

A Morte declarou que para isso transformaria o pobre homem numa pessoa rica, famosa e poderosa.

- Só assim - completou ela -, você poderá criar, proteger e cuidar de meu afilhado.

MPn3
Re-ação ou
Avaliação

<p>O vulto explicou então que, a partir daquele dia, o homem seria um médico.</p> <p>- Médico? Eu? - perguntou o sujeito, espantado. - Mas eu de medicina não entendo nada!</p> <p>- Preste atenção - disse ela.</p> <p>Mandou o homem voltar para casa e colocar uma placa dizendo-se médico. Daquele dia em diante, caso fosse chamado para examinar algum doente, se visse a figura dela, a figura da Morte, na cabeceira da cama, isso seria sinal de que a pessoa ia ficar boa.</p> <p>- Em compensação - rosnou a Morte -, se me enxergar no pé da cama, pode ir chamando o coveiro, porque o doente logo, logo vai esticar as canelas.</p> <p>A Morte esclareceu ainda que seria invisível para as outras pessoas.</p> <p>- Daqui pra frente - concluiu a famigerada -, você vai ter o dom de conseguir enxergar a Morte cumprindo sua missão.</p> <p>Dito e feito.</p> <p>O homem colocou uma placa na frente de sua casa e logo apareceram as primeiras pessoas adoentadas.</p> <p>O tempo passava correndo feito um rio que ninguém vê. Enquanto isso, sua fama de médico começou a crescer.</p> <p>É que aquele médico não errava uma.</p> <p>O doente podia estar muito mal e já desenganado. Se ele dizia que ia viver, dali a pouco o doente estava curado.</p> <p>Em outros casos, às vezes a pessoa nem parecia muito enferma. O médico chegava, olhava, examinava, coçava o queixo e decretava:</p> <p>- Não tem jeito!</p> <p>E não tinha mesmo. Não demorava muito, a pessoa sentia-se mal, ficava pálida e batia as botas.</p>	
<p>A fama do homem pobre que virou médico correu mundo. E com a fama veio a fortuna. Como muitas pessoas curadas costumavam pagar bem, o sujeito acabou ficando rico.</p>	<p>MPn4 Desfecho (resolução)</p>
<p>Mas o tempo é um trem que não sabe parar na estação.</p>	<p>MPn5 Situação Final</p>

<p>O sétimo filho do homem, o afilhado da Morte, cresceu e tornou-se adulto.</p>	<p>MPn1(1) Situação Inicial (orientação)</p>
<p>Certa noite, bateram na porta da casa do médico. Dessa vez não era nenhum doente pedindo ajuda. Era uma figura curva, vestindo uma capa escura, apoiada numa bengala feita de osso. A figura falou em voz baixa:</p> <p>- Caro compadre, tenho uma notícia triste: sua hora chegou. Seu filho já é homem feito. Estou aqui para levar você.</p>	<p>MPn2(1) Nó (gatilho)</p>
<p>O médico deu um pulo da cadeira.</p> <p>- Mas como! - gritou. - Fui pobre e sofri muito. Agora que tenho uma profissão, ajudo tantas pessoas, tenho riqueza e fartura, você aparece pra me levar! Isso não é justo!</p> <p>A Morte sorriu</p> <p>- Vá até o espelho e olhe para si mesmo - sugeriu. - Está velho. Seu tempo já passou.</p>	<p>MPn3(1) Re-ação e avaliação</p>
<p>Mas o médico não se conformava. E argumentou, e pediu, e suplicou tanto que a Morte resolveu conceder mais um pouquinho de tempo.</p> <p>- Só porque somos compadres, só por ser madrinha de seu filho, vou lhe dar mais um ano de vida - disse ela antes sumir na imensidão.</p>	<p>MPn4(1) Desfecho (resolução)</p>
<p>O velho médico continuou a atender gente doente pelo mundo afora.</p>	<p>MPn1(2) Situação Inicial (Orientação)</p>
<p>Um dia, recebeu um chamado. Era urgente. Uma moça estava gravemente enferma. Disseram que seu estado era desesperador. O homem pegou a maleta e saiu correndo. Assim que entrou no quarto da menina enxergou, parada ao pé da cama, a figura sombria e invisível da Morte, pronta para dar o bote.</p>	<p>MPn2(2) Nó (gatilho)</p>
<p>O médico sentou-se na beira da cama e examinou a moça. Era muito bonita e delicada. O homem sentiu pena. Uma pessoa tão jovem, com uma vida inteira pela frente, não podia</p>	

<p>morrer assim sem mais nem menos. “Isso está muito errado”, pensou o médico, e tomou uma decisão. “Já estou velho, não tenho nada a perder. Pela primeira vez na vida vou ter que desafiar minha comadre.” E rápido, de surpresa, antes que a Morte pudesse fazer qualquer coisa, deu um jeito de virar o corpo da menina na cama, de modo que a cabeça ficou no lugar dos pés e os pés foram parar do lado da cabeceira. Fez isso e berrou:</p> <p>- Tenho certeza! Ela vai viver!</p>	<p>MPn3(2) Re-ação e Avaliação</p>
<p>E não deu outra. Dali a pouco, a linda menina abriu os olhos e sorriu como se tivesse acordado de um sonho ruim.</p> <p>A família da moça agradeceu e festejou. A Morte foi embora contrariada, e no dia seguinte apareceu na casa do médico.</p> <p>- Que história é essa? Ontem você me enganou! - Mas ela ainda era uma criança!</p>	<p>MPn4(2) Desfecho (resolução)</p>
<p>- E daí? Aquela moça estava marcada para morrer - disse a Morte. - Você contrariou o destino. Agora vai pagar caro pelo que fez. Vou levar você no lugar dela!</p>	<p>MPn2(3) Nó (gatilho)</p>
<p>O médico tentou negociar. Disse que queria viver mais um pouco.</p> <p>- Nós combinamos um ano - argumentou ele. - Nosso trato foi quebrado. Não quero saber de nada - respondeu a Morte. - Venha comigo! - Lembre-se de que eu até hoje eu fui a única pessoa que tratou você com gentileza e consideração!</p> <p>A Morte balançou a cabeça. - Que ver uma coisa? – perguntou ela.</p> <p>E, num passe de mágica, transportou o médico para um lugar desconhecido e estranho. Era um salão imenso, cheio de velas acesas, de todas as qualidades, tipos e tamanhos.</p> <p>- O que é isso? - quis saber o velho.</p>	<p>MPn3(3) Re-ação e avaliação</p>
<p>- Cada vela dessas corresponde à vida de uma pessoa - explicou a Morte. - As velas grandes, bem acesas, cheias de luz, são vidas que ainda vão durar muito. As pequenas são vidas que já estão chegando ao fim. Olhe a sua.</p>	<p>MPn4(3) Desfecho (resolução)</p>

<p>E mostrou um toquinho de vela, com a chama trêmula quase apagando.</p>	
<p>- Mas então minha vida está por um fio! - exclamou o homem assustado. - Quer dizer que tudo está perdido e não resta nenhuma esperança?</p>	<p>MPn2(4) Nó (gatilho)</p>
<p>A Morte fez “sim” com a cabeça. Em seguida, transportou o médico de volta para casa.</p> <p>- Tenho um último pedido a fazer - suplicou o homem, já enfraquecido, deitado na cama - Antes de morrer, gostaria de rezar o Pai-Nosso.</p> <p>A Morte concordou.</p> <p>Mas o velho médico não ficou satisfeito.</p> <p>- Quero que me prometa uma coisa. Jure de pé junto que só vai me levar embora depois que eu terminar a oração.</p> <p>A Morte jurou e o homem começou a rezar:</p> <p>- Pai-Nosso que...</p> <p>Começou, parou e sorriu.</p> <p>- Vamos lá, compadre - grunhiu a Morte. - Termine logo com isso que eu tenho mais o que fazer.</p>	<p>MPn3(4) Re-ação ou avaliação</p>
<p>- Coisa nenhuma! - exclamou o médico saltando vitorioso da cama. - Você jurou que só me levava quando eu terminasse de rezar. Pois bem, pretendo levar anos para acabar minha reza...</p> <p>Ao perceber que tinha sido enganada mais uma vez, a Morte resolveu ir embora, mas antes fez uma ameaça:</p>	<p>MPn4(4) Desfecho (resolução)</p>
<p>- Deixa que eu pego você!</p>	<p>MPn2(5) Nó (gatilho)</p>
<p>Dizem que aquele homem ainda durou muitos e muitos anos. Mas, um dia, viajando, deu com um corpo caído na estrada. O velho médico bem que tentou, mas não havia nada a fazer.</p> <p>- Que tristeza! Morrer assim sozinho no meio do caminho!</p> <p>Antes de enterrar o infeliz, o bom homem tirou o chapéu e rezou o Pai-Nosso.</p>	<p>MPn3(5) Re-ação ou avaliação</p>

Mal acabou de dizer amém, o morto abriu os olhos e sorriu. Era a Morte fingendo-se de morto. - Agora você não me escapa!	MPn4(5) Desfecho (resolução)
Naquele exato instante, uma vela pequena, num lugar desconhecido e estranho, estremeceu e ficou sem luz.	MPn5(1) Situação final

O Tn1 é composto por 188 frases tipográficas distribuídas ao longo de 82 parágrafos. No nível global, foram identificadas seis macroproposições narrativas, apenas uma é composta pelas cinco macroproposições narrativas de base. A segunda, a terceira e a sexta macroproposições narrativas, são incompletas, constituídas por MPn1, MPn2, MPn3, MPn4. A quarta e a quinta macroproposições sequências também são incompletas, compostas por MPn2, MPn3 e MPn4.

- Descrição e análise da organização das sequências textuais narrativas (nível local)

Na sequência, apresenta-se o Tn1 segmentado por macroproposições narrativas de base. Os parágrafos [P], assim como as frases tipográficas [F], são numerados. Além desses dois elementos, são explicitados os episódios presentes em cada macroproposição.

Posteriormente, procede-se à descrição e análise da organização desses episódios com base em cenário/contexto/situação, estabelecidos como lugar, tempo e personagens, e orientação.

MPn1 –Situação inicial
[P1] [F1] Era um homem pobre. [F2] Morava num casebre com a mulher e seis filhos pequenos. [F3] O homem vivia triste e inconformado por ser tão miserável e não conseguir melhorar de vida.

A MPn1, no que se refere à Situação Inicial, apresenta 1[P] e 3[F], constituindo o **Ep1**.

Cenário/contexto/situação
Lugar: casebre que configura um lugar humilde e simplório.
Tempo: indeterminado.
Personagens: o protagonista, que é o homem, a sua esposa e os seis filhos pequenos.
Orientação: estabelece-se pelo uso dos adjetivos “triste” e “inconformado”, que indicam o sentimento e o comportamento de um homem infeliz, em virtude de sua condição financeira, e incapaz de melhorar sua vida.

MPn2- Nó (gatilho)
[P2] [F4] Um dia , sua esposa sentiu um inchaço na barriga e descobriu que estava grávida de novo. [F5] Assim que sétimo filho nasceu, o homem disse à mulher: [P3] [F6] - Vou ver se acho alguém que queira ser padrinho de nosso filho .

A MPn2 corresponde ao Nó (gatilho) e apresenta 2[P] e 3[F], constituindo o **Ep2**.

Cenário/contexto/situação
Lugar é indeterminado, entretanto, há indícios no texto de que a história se passa na residência do protagonista, o casebre mencionado na MPn1.
Tempo: é indefinido, marcado pela expressão “um dia” [F4]. Essa marcação se refere ao um acontecimento súbito e indesejado.
Personagens: são os mesmos da MPn1, mas, nessa macroproposição, o sétimo filho está presente, sendo o causador da intriga da narrativa. Esse é o primeiro nó que mostra o desequilíbrio do protagonista.
Orientação: considerado o nó, o protagonista procura alguém para ser padrinho do seu sétimo filho.

MPn3 - Re-ação ou avaliação
[P4] [F7] Vestiu o casaco e saiu de casa com ar preocupado. [F8] Temia que ninguém quisesse ser padrinho da criança recém-nascida. [F9] Arranjar padrinho para o sexto filho já tinha sido difícil. [F10] Quem ia querer ser compadre de um pé-rapado como ele?

[P5] [F11] E lá se foi o **homem** andando e pensando e quanto mais pensava mais andava inconformado e triste.

[P6] [F12] Mas ninguém consegue colocar rédeas no tempo.

[P7] [F13] **O dia passou, o sol caiu na boca** da noite e o homem ainda não tinha encontrado ninguém que aceitasse ser padrinho de seu filho. [F14] Desanimado, voltava para casa, quando deu com uma figura curva, vestido uma capa escura, apoiada numa bengala. [F15] A bengala era de osso.

[P8] [F16] - Se quiser, posso ser madrinha seu filho [F17] - ofereceu-se a figura, com voz baixa.

[P9] [F18] - Quem é você? [F19] - perguntou o homem.

[P10] [F20] - Sou a **Morte**.

[P11] [F21] O homem não pensou duas vezes:

[P12] [F22] - Aceito. [F23] Você sempre foi justa e honesta, pois leva para o cemitério todas as pessoas, sejam elas ricas ou pobres. [F24] Sim. [F25] - continuou ele com voz firme -, [F26] quero que seja minha comadre, madrinha de meu sétimo filho!

[P13] [F27] E assim foi. [F28] **No dia combinado** a Morte apareceu com sua capa escura e sua bengala de osso. [F29] **O batismo** foi realizado. [F30] Após a cerimônia, a Morte chamou o homem de lado.

[P14] [F31] - Fiquei muito feliz com seu convite - [F32] disse ela. - [F33] Já estou acostumada a ser maltratada. [F34] Em todos os lugares por onde ando as **pessoas** fogem de mim, falam mal de mim, me xingam e amaldiçoam. [F35] Essa **gente** não entende que não faço mais do que cumprir minha obrigação. [F36] Já imaginou se ninguém mais morresse no mundo? [F37] Não ia sobrar lugar para as crianças que iam nascer! [F38] Na verdade [F39] - confessou a Morte -, [F40] você é primeira pessoa que me trata com gentileza e compreensão.

[P15] [F41] E disse mais:

[P16] [F42] - Quero retribuir tanta consideração. [F43] Pretendo ser uma ótima madrinha para seu filho.

[P17] [F44] A Morte declarou que para isso transformaria o pobre homem numa pessoa rica, famosa e poderosa.

[P18] [F45] - Só assim - [F46] completou ela -, [F47] você poderá criar, proteger e cuidar de meu afilhado.

[P19] [F48] O vulto explicou então que, **a partir daquele dia**, o homem seria um médico.

[P20] [F49] - Médico? [F50] Eu? [F51] - perguntou o sujeito, espantado. - [F52] Mas eu de medicina não entendo nada!

[P21] [F53] - Preste atenção - [F54] disse ela.

[P22] [F55] Mandou o homem voltar para casa e colocar uma placa dizendo-se médico. [F56] Daquele dia em diante, caso fosse chamado para examinar algum doente, se visse a figura dela, a figura da Morte, na cabeceira da cama, isso seria sinal de que a pessoa ia ficar boa.

[P23] [F57] - Em compensação - [F58] rosnou a Morte -, [F59] se me enxergar no pé da cama, pode ir chamando o coveiro, porque o doente logo, logo vai esticar as canelas.

[P24] [F60] A Morte esclareceu ainda que seria invisível para as outras pessoas.

[P25] [F61] - Daqui pra frente - [F62] concluiu a famigerada -, [F63] você vai ter o dom de conseguir enxergar a Morte cumprindo sua missão.

[P26] [F64] Dito e feito.

[P27] [F65] O homem colocou uma placa na frente de sua casa e logo apareceram as primeiras pessoas adoentadas.

[P28] [F66] **O tempo passava correndo** feito um rio que ninguém vê. [F67] Enquanto isso, sua fama de médico começou a crescer.

[P29] [F68] É que aquele médico não errava uma.

[P30] [F69] O doente podia estar muito mal e já desenganado. [F70] Se ele dizia que ia viver, dali a pouco o doente estava curado.

[P31] [F71] Em outros casos, às vezes a pessoa nem parecia muito enferma. [F72] O médico chegava, olhava, examinava, coçava o queixo e decretava:

[P32] [F73] - Não tem jeito!

[P33] [F74] E não tinha mesmo. [F75] Não demorava muito, a pessoa sentia-se mal, ficava pálida e batia as botas.

A MPn3, no que diz a respeito à Re-ação ou avaliação, apresenta 30[P] e 66[F], e constitui o Ep3 ao Ep6. No Ep3, orienta-se do [P4] a [P7].

Cenário/contexto/situação
Lugar: casa do protagonista [F7] e sugere que este seguiu estrada para solucionar seu problema [F13].
Tempo: ocorre por meio das seguintes expressões: “rédeas no tempo” [F12]; “O dia “passou, o sol caiu na boca da noite” [F13]. Esses recursos linguísticos têm efeito de sentido de passagem lenta do tempo.

Personagens: o homem e “uma figura curva, vestido uma capa escura, apoiada numa bengala” [F15]. Nessa parte, a Morte se constituiu como personagem, mas ainda não explícita, causando um efeito de mistério e suspense.

Orientação: o protagonista, inconformado com sua situação financeira, procura alguém que queira ser padrinho do seu sétimo filho. Contudo, reconhece que se trata de uma tarefa árdua: “Quem ia querer ser compadre de um pé-rapado como ele?” [F10]

O Ep4 vai do [P8] ao [P13].

Cenário/contexto/situação
Lugar: indefinido, marca apenas o lugar do “batismo” [F29] onde foi realizado o batizado do sétimo filho do protagonista.
Tempo: indeterminado, embora, haja a marcação temporal “no dia combinado” [F28] e “após a cerimônia” [F30].
Personagens: a Morte se constitui como a madrinha do sétimo filho do homem. Os três se estabelecem como personagens.
Orientação: a morte se torna comadre do homem, pois ele a considera justa.

O Ep5 vai do [P14] ao [P18].

Cenário/contexto/situação
Lugar: indeterminado, sugere-se ser o lugar de batismo apresentado no Ep3.
Tempo: indefinido.
Personagens: a Morte, o homem e a há menção de “pessoas” [F24] “gente” [F35] no discurso direto da Morte [P14].
Orientação: depois da cerimônia, a Morte, lisonjeada, resolve conceder o dom da cura ao homem, tornando-o um médico famoso. Ela faz uma avaliação de si mesma: as pessoas a consideram injusta, por isso é maltratada e temida. Contudo, ninguém entende seu real objetivo, como mostrado no texto [P14].

O Ep6 vai do [P19] ao [P33].

Cenário/contexto/situação
Lugar: indeterminado, porém, há menção à “casa do protagonista” [F7], lugar do “batismo” [F29] e o leitor é capaz de inferir um outro local que seria o cemitério [F23].
Tempo: indefinido, orienta-se pela expressão: “o tempo passava correndo” [F66], que indica a fugacidade de acontecimentos sucessivos.
Personagens: a antagonista, o protagonista e pacientes [F69].
Orientação: o protagonista se torna um médico rico e famoso, entretanto, precisa respeitar as regras estabelecidas por sua comadre, [P22] e [P23].

MPn4 - Desfecho (resolução)
[P34] [F76] A fama do homem pobre que virou médico correu mundo. [F77] <u>E com a fama veio a fortuna.</u> [F78] Como muitas pessoas curadas costumavam pagar bem, o sujeito acabou ficando rico.

A MPn4 corresponde ao Desfecho e apresenta 1[P] e 3[F], constituindo o Ep7.

Cenário/contexto/situação
Lugar: indeterminado, porém a narrativa é ambientada, provavelmente, na casa onde o médico atendia seus pacientes.
Tempo: indefinido, mas a sucessão de acontecimentos sugere que vários anos se passaram, pois o médico curou muitas pessoas e fez fortuna [F78].
Personagens: o médico e seus pacientes, referidos como “muitas pessoas curadas” [F78].
Orientação: o homem pobre se torna um médico reconhecido e rico, o que se pode entender pela expressão “e com a fama veio a fortuna” [F78].

MPn5 - Situação final
[P35] [F79] <u>Mas o tempo é um trem que não sabe parar na estação.</u>

A MPn5 corresponde à Situação final e apresenta 1[P] e 1[F], constituindo o **Ep8**.

Cenário/contexto/situação
Lugar: indeterminado, porém, subentende-se que as ações aconteceram possivelmente no local onde o médico prestava seus serviços.
Tempo: indefinido, contudo, a expressão “Mas o tempo é um trem que não sabe parar na estação” transmite a fugacidade dos acontecimentos, que foram ininterruptos.
Personagem: destaca-se o protagonista, implícito na MPn5.
Orientação: o envelhecimento do protagonista ocorre de modo imperceptível e rápido.

A seguir, verificam-se a descrição e a análise da segunda macroproposição narrativa incompleta, constituída por todas macroproposições de base, exceto MPn5. Por isso, para diferenciá-las utiliza-se o número indicativo da quantidade de ocorrência, por exemplo, MPn1 (1).

MPn1(1) – Situação inicial
[P36] [F80] O sétimo filho do homem , o afilhado da Morte, <u>cresceu e tornou-se adulto.</u>

A MPn1(1) tem 1[P] e 1[F], constituindo o **Ep9**.

Cenário/contexto/situação
Lugar: indefinido, mas subentende-se que seja o local onde moram os personagens.
Tempo: indeterminado, mas pode-se inferir que se passaram vários anos, pois o sétimo filho se tornou adulto.
Personagens: o sétimo filho do homem e, subentendidos, o homem e a Morte.
Orientação: o envelhecimento do protagonista está implícito, sinalizado pelo fato de seu filho caçula ter se tornado adulto.

MPn2(1)- Nó (gatilho)

[P37] [F81] **Certa noite**, bateram na **porta da casa** do médico. [F82] Dessa vez não era nenhum doente pedindo ajuda. [F83] Era uma figura curva, vestindo uma capa escura, apoiada numa bengala feita de osso. [F84] **A figura** falou em voz baixa:

[P38] [F85] - Caro compadre, tenho uma notícia triste: sua hora chegou. [F86] Seu filho já é homem feito. [F87] Estou aqui para levar você.

Na MPn2(1), há 2 [P] e 7[F], constituindo o **Ep10**. Essa macroproposição traz um novo desequilíbrio ao protagonista, que precisa aceitar sua velhice e mortalidade.

Cenário/contexto/situação

Lugar: o casebre onde mora o protagonista.

Tempo: indefinido, marcado pela expressão “Certa noite”. [F81] Esta expressão transmite a ideia de acontecimento repentino, que marca o segundo nó.

Personagens: o médico e a Morte, referida como “uma figura curva”. [F83] Nesse trecho, a Morte é caracterizada como uma figura ameaçadora.

Orientação: a Morte demonstra sensibilidade e esclarece que precisa cumprir sua missão de levar o médico, afirmando que o filho caçula está criado e que o protagonista já atingiu seus objetivos, tanto no aspecto pessoal quanto no aspecto profissional. [P38]

MPn3(1)- Re-ação ou avaliação

[P39] [F88] O **médico** deu um pulo da cadeira.

[P40] [F89] - Mas como! [F90] - gritou. - [F91] Fui pobre e sofri muito. [F92] Agora que tenho uma profissão, ajudo tantas pessoas, tenho riqueza e fartura, você aparece pra me levar! [F93] Isso não é justo!

[P41] [F94] A **Morte** sorriu.

[P42] [F95] - Vá até o espelho e olhe para si mesmo - sugeriu. [F96] - **Está velho.** [F97] **Seu tempo já passou.**

Na MPn3(1), há 4[P] e 10[F], constituindo o **Ep11**.

Cenário/contexto/situação

Lugar: indeterminado, possivelmente o casebre.

Tempo: marcado pelas expressões “Está velho” [F96] e “Seu tempo já passou” [P97], que correspondem à duração de muitos anos.

Personagens: o médico e a Morte.

Orientação: o [P39] e o [P40], respectivamente, expressam o espanto e a não aceitação da mortalidade por parte do protagonista, que busca convencer a Morte de que, depois de uma vida muito sofrida, não seria justo morrer. Nesse sentido, ele se contradiz, pois afirma que a Morte é injusta, diferentemente do que expressou inicialmente.

MPn4(1) - Desfecho (resolução)

[P43] [F98] Mas o médico não se conformava. [F99] E argumentou, e, **pediu** e **suplicou** tanto que a Morte resolveu conceder mais um **pouquinho de tempo**.

[P44] [F100] - Só porque somos compadres, só por ser madrinha de seu filho, vou lhe dar mais **um ano de vida** - [F101] disse ela antes sumir na imensidão.

Na MPn4(1), há 2[P] e 4[F], constituindo o **Ep12**.

Cenário/contexto/situação

Lugar: indeterminado, possivelmente o casebre onde mora o protagonista.

Tempo: indefinido, mas há referência temporal por meio das expressões “um pouquinho de tempo” [F99] e “um ano de vida” [F100].

Personagens: o médico e a Morte.

Orientação: o médico não se conforma com seu destino de ser mortal e implora por mais um tempo de vida, a fim de aproveitar sua riqueza e fama, o que é expresso pelos verbos “argumentou”, “pediu” e “suplicou”. O pedido é atendido, pois a Morte é comadre dele, madrinha do seu sétimo filho.

A terceira macroproposição narrativa, incompleta, não apresenta a MPn5.

MPn1(2) - Situação inicial

[P45] [F102] O **velho médico** continuou a atender gente doente pelo mundo afora.

Na MPn1(2), há 1[P] e 1[F], constituindo o **Ep13**.

Cenário/contexto/situação
Lugar: indeterminado, provavelmente, locais de atendimento médico.
Tempo: indefinido, entretanto, os acontecimentos têm longa duração, o que é sugerido pelo adjetivo “velho”, referente ao médico, e pelo verbo “continuou”, no pretérito perfeito, característico do tempo narrado.
Personagens: o velho médico e “gente doente” (pacientes) [F102].
Orientação: o protagonista continua a sua rotina de trabalho, depois de conseguir mais um ano de vida.

MPn2(2) - Nó (gatilho)
[P46] [F103] Um dia , recebeu um chamado. [F104] Era urgente. [F105] <u>Uma moça estava gravemente enferma</u> . [F106] Disseram que seu estado era desesperador. [F107] O homem pegou a maleta e saiu correndo. [F108] Assim que entrou no quarto da menina enxergou, parada ao pé da cama, a figura sombria e invisível da Morte , pronta para dar o bote.

Na MPn2(2), há 1[P] e 6[F], constituindo **Ep14**.

Cenário/contexto/situação
Lugar: o lugar é o quarto da menina (paciente) [F105].
Tempo: indefinido, mas há marcas temporais como “Um dia” [F66].
Personagens: o médico, a moça enferma (paciente) [F105] e a Morte, referida como “uma figura sombria e invisível” [F108]. Essa descrição da Morte a configura como antagonista, que corresponde, por um lado, a quem ajuda, e por outro, a quem representa uma ameaça.
Orientação: o protagonista enfrenta o antagonista ao tentar curar uma jovem enferma que está condenada à morte.

MPn3(2)- Re-ação ou avaliação
[P47] [F109] O médico sentou-se na beira da cama e examinou a moça. [F110] Era muito bonita e delicada. [F111] O homem sentiu pena. [F112] Uma pessoa tão jovem , com uma vida inteira pela frente, não podia morrer assim sem mais nem menos. [F113] “Isso está muito errado”, pensou o médico, e tomou uma decisão. [F114] “Já estou velho, não tenho nada a perder. [F115] Pela primeira vez na vida vou ter que desafiar minha comadre.” [F116] E rápido, de surpresa, antes que a Morte pudesse fazer qualquer coisa, deu um jeito

de virar o corpo da menina na **cama**, de modo que a cabeça ficou no lugar dos pés e os pés foram parar do lado da cabeceira. [F117] Fez isso e berrou:

[P48] [F118] - Tenho certeza! [F119] Ela vai viver!

Na MPn3(2), há 2[P] 11[F], constituindo o **Ep15**.

Cenário/ contexto/situação
Lugar: o quarto da moça, mais especificamente a cama [F116].
Tempo: indefinido, porém há marcação temporal pela expressão “e rápido” [F116] que caracteriza o modo como o médico curou a moça.
Personagens: o médico, a paciente, referida como “uma pessoa tão jovem” [F112], e a Morte.
Orientação: o protagonista desafia a antagonista pela primeira vez, por ela querer levar uma moça tão jovem [F116]. Assim, ele resolve arriscar a própria vida, descumprindo o acordo com a Morte.

MPn4(3) - Desfecho (resolução)
[P49] [F120] E não deu outra. [F121] Dali a pouco, a linda menina abriu os olhos e sorriu como se tivesse acordado de um sonho ruim.
[P50] [F122] A família da moça agradeceu e festejou. [F123] A Morte foi embora contrariada, e no dia seguinte apareceu na casa do médico.
[P51] [F124] - Que história é essa? [F125] Ontem você me enganou!
[P52] [F126] - Mas ela ainda era uma criança!

Na MPn4(3), há 4[P] e 7[F], constituindo também **Ep15**.

Cenário/ contexto/situação
Lugar: implícito, mas pode-se inferir que é o quarto da moça [F118].
Tempo: indefinido, entretanto, há marcas que revelam quando a Morte visitou o médico: “no dia seguinte” [F120] e “ontem” [F125].
Personagens: “linda menina” [F121] e “uma criança” [F126], mencionadas pela moça, “a família da moça” [F122], o médico e a Morte.
Orientação: ao não cumprir com as regras estabelecidas pela Morte, o médico foi condenado a perder a própria vida.

MPn2(3) Nó (gatilho)
[P53] [F127] - E daí? [F128] Aquela moça estava marcada para morrer - [F129] disse a Morte. [F130] - Você contrariou o destino. [F131] <u>Agora vai pagar caro pelo que fez.</u> [F132] <u>Vou levar você no lugar dela!</u>

Na MPn2(3), há 1[P] e 6[F], constituindo o **Ep16**.

Cenário/ contexto/situação
Lugar: indefinido, possivelmente, o casebre onde vive o protagonista.
Tempo: indeterminado.
Personagens: o médico mencionado no discurso direto da Morte, a moça curada e a Morte.
Orientação: a Morte, inconformada com o descumprimento do acordo, decide que o médico será levado no lugar da moça, uma vez que ele contrariou o destino dela.

MPn3(4) - Re-ação ou avaliação
[P54] [F133] O médico tentou negociar. [F134] Disse que queria viver mais um pouco.
[P55] [F135] - Nós combinamos um ano - [F136] argumentou ele.
[P56] [F137] - Nosso trato foi quebrado. [F138] Não quero saber de nada - [F139] respondeu a Morte. [F140] - Venha comigo!
[P57] [F141] - Lembre-se de que eu até hoje eu fui a única pessoa que tratou você com gentileza e consideração!
[P58] [F142] A Morte balançou a cabeça.
[P59] [F143] - Que ver uma coisa? [F144] - perguntou ela.

[P60] [F145] E, num passe de mágica, transportou o médico para **um lugar desconhecido** e estranho. [F146] Era um salão imenso, cheio de velas acesas, de todas as qualidades, tipos e tamanhos.

[P61] [F147] - O que é isso? - [F148] quis saber o velho.

Na MPn3(3), há 8[P] e 16[F], constituindo o **Ep17**.

Cenário/ contexto/situação
Lugar: “um lugar desconhecido e estranho” [F145].
Tempo: indeterminado, no entanto, há marcas temporais expressas em “um ano” [F135] e “até hoje” [F141].
Personagens: a Morte e o médico.
Orientação: a Morte fica decepcionada com o médico por ele ter descumprido suas regras, por isso lhe mostra um lugar desconhecido.

MPn4(4) - Desfecho (resolução)
[P62] [F149] - Cada vela dessas corresponde à vida de uma pessoa - [F150] explicou a Morte. - [F151] As velas grandes, bem acesas, cheias de luz, <u>são vidas</u> que <u>ainda vão durar muito</u> . [F152] As pequenas são vidas que já estão <u>chegando ao fim</u> . [F153] Olhe a sua.
[P63] [F154] E mostrou um toquinho de vela, com a <u>chama trêmula quase apagando</u> .

Na MPn4(3), há 2[P] e 6[F], constituindo o **Ep18**.

Cenário/ contexto/situação
Lugar/ Personagens: permanecem os mesmos da MPn3(4).
Tempo: indeterminado, mas há marcação temporal diante das vidas das pessoas, tais como “ainda vão durar muito” [F151] e “chegando ao fim” [F152].
Orientação: a Morte levou o médico para um lugar desconhecido onde ele percebe, por meio da metáfora da “vela”, que sua vida está chegando ao fim. O protagonista vê uma “chama trêmula quase apagando” [F154], que corresponde à vulnerabilidade de sua vida.

MPn2(4) - Nó (gatilho)

[P64] [F155] - Mas então minha vida está por um fio! [F156] - exclamou o homem assustado. [F157] - Quer dizer que tudo está perdido e não resta nenhuma esperança?

Na MPn2(4), há 1[P] e 3[F], que constituem também o **Ep18**.

Cenário/contexto/situação

Lugar/ personagens: permanecem os mesmos da MPn3(4) e da MPn4(4).

Tempo: indeterminado.

Orientação: o protagonista percebe que está morrendo e questiona a antagonista sobre a possibilidade de ela fazer algo a respeito [F157].

MPn3(4) - Re-ação ou avaliação

[P65] [F158] A **Morte** fez “sim” com a cabeça. [F159] Em seguida, transportou o médico de volta para **casa**.

[P66] [F160] - Tenho um último pedido a fazer [F161] - suplicou o **homem**, já enfraquecido, deitado na **cama** - [F162] Antes de morrer, gostaria de rezar o Pai-Nosso.

[P67] [F163] A Morte concordou.

[P68] [F164] Mas o **velho médico** não ficou satisfeito.

[P69] [F165] - Quero que me prometa uma coisa. [F166] Jure de pé junto que só vai me levar embora depois que eu terminar a oração.

[P70] [F167] A Morte jurou e o homem começou a rezar:

[P71] [F168] - Pai-Nosso que...

[P72] [F169] Começou, parou e sorriu.

[P73] [F170] - Vamos lá, compadre - [F171] grunhiu a Morte. [F172] - Termine logo com isso que eu tenho mais o que fazer.

Na MPn3(4), há 9[P] e 15[F], constituindo o **Ep19**.

Cenário/ contexto/situação

Lugar: a casa do protagonista [F159], mais especificamente a “cama” [F161].

Tempo: indeterminado.

Personagens: o médico, referido como “velho médico” e “homem”, e a Morte.

Orientação: o protagonista não aceita seu destino e resolve fazer outro trato com a antagonista.

MPn4(4) - Desfecho (resolução)

[P74] [F173] - Coisa nenhuma! [F174] - exclamou o **médico** saltando vitorioso da **cama**. [F175] - Você jurou que só me levava quando eu terminasse de rezar. [F176] Pois bem, pretendo levar anos para acabar minha reza...

[P75] [F177] Ao perceber que tinha sido enganada mais uma vez, a **Morte** resolveu ir embora, mas antes fez uma ameaça:

Na MPn4(4), há 2[P] e 5[F], constituindo o **Ep20**.

Cenário/ contexto/situação

Lugar: provavelmente o quarto do protagonista, onde ele estava deitado na “cama” [F174].

Tempo: indefinido.

Personagens: o protagonista e a antagonista.

Orientação: ao se recusar a completar a reza, o protagonista engana novamente a Morte, por isso ela fica indignada e faz uma ameaça [P75].

MPn2(5)- Nó (gatilho)

[P76] [F178] - Deixa que eu pego **você!**

Na MPn2(5), há 1[P] e 1[F], constituindo o **Ep21**.

Cenário/contexto/situação

Lugar: indeterminado

Tempo: indefinido.

Personagens: o protagonista está, de maneira implícita, no discurso direto da Morte, que se refere a ele.

Orientação: indignada, o antagonista faz uma ameaça ao protagonista.

MPn3(5)- Re-ação ou avaliação

[P77] [F179] Dizem que aquele homem ainda durou **muitos e muitos anos**. [F180] Mas, **um dia**, viajando, deu com um corpo caído na **estrada**. [F181] O **velho médico** bem que tentou, mas não havia nada a fazer.

[P78] [F182] - Que tristeza! [F183] Morrer assim sozinho no meio do caminho!
 [P79] [F184] Antes de enterrar o infeliz, o bom homem tirou o chapéu e rezou o Pai-Nosso.

Na MPn3(5) há 3[P] e 6[F], constituindo o **Ep22**.

Cenário/contexto/situação
Lugar: a estrada [F181].
Tempo: indeterminado, marcado pela expressão “muitos e muitos anos” [F179]. Nota-se que a reiteração do vocábulo “muito” indica vários anos. Há, ainda, o uso do marcador temporal “um dia” [F180].
Personagens: o velho médico e um corpo caído, que sugere ser um homem morto [180].
Orientação: o médico estava andando quando encontrou um corpo na estrada, o que o levou a rezar, expressando um ato de compaixão.

MPn4(5) - Desfecho (resolução)
[P80] [F185] Mal acabou de dizer amém, o morto abriu os olhos e sorriu. [F186] Era a Morte fingindo-se de morto. [P81] [F187] - Agora você não me escapa!

A MPn4(5) apresenta 2[P] e 3[F], constituindo o **Ep23**.

Cenário/contexto/situação
Lugar: implicitamente, refere-se à estrada.
Tempo: indeterminado, mas os acontecimentos indicam um período breve.
Personagens: o médico e a Morte.
Orientação: o médico é enganado pela Morte que estava se fingindo de morto.

MPn5(1)- Situação final
[P82] [F188] <u>Naquele exato instante</u> , uma vela pequena, num lugar desconhecido e estranho, estremeceu e <u>ficou sem luz</u> .

Na MPn5(1), há 1[P] e 1[F], constituindo o **Ep24**.

Cenário/contexto/situação
Lugar: retoma-se o local desconhecido presente em MPn3(3) e MPn4(3).
Tempo: indefinido, marcado pela expressão “naquele exato instante” [F188].
Personagens: o médico e a Morte.
Orientação: a Morte cumpre a sua missão, e o falecimento do médico é representado pela vela que apaga: “ficou sem luz” [F188].

- Representação do plano de texto, das partes do enredo, da constituição de episódios e do princípio de intencionalidade

Tomando-se como base o esquema da sequência textual narrativa proposto por Adam (2011; 2019); os elementos que compõem o enredo de uma narrativa, de acordo com Gancho (2006); os critérios de identificação e caracterização dos episódios elencados por Travaglia (2007); e o princípio de intencionalidade como defendido por Charaudeau (2016), tem-se o que segue.

Tn1- O homem que enxergava a morte			
Macroproposições narrativas de base	Partes do enredo	Episódios	Princípio de intencionalidade
MPn1 - Situação inicial (orientação)	Exposição (ou introdução ou apresentação)	Ep1: o homem pobre e sua família, [P1]	Bloco 1 <u>Ep1 o Ep8</u> Abertura: um homem pobre e sua família. (Ep1) Falta: condições financeiras. (Ep2) Busca: melhorar de vida. (Ep3) Resultado: êxito - O homem pobre vira um médico famoso. (Ep4 a Ep8)
MPn2 - Nó (gatilho)	Complicação	Ep2: o sétimo filho, [P2] a [P3]	
MPn3 - Re-ação ou avaliação	Desenvolvimento até chegar ao clímax	Ep3: o homem procura um padrinho, [P4] a [P7] Ep4: a Morte: a comadre, [P8] a [P13] Ep5: a recompensa da Morte, [P14] a [P18] Ep6: o homem se torna um médico com algumas exigências, [P19] a [P33]	
MPn4 - Desfecho (resolução)	Desfecho (desenlace ou conclusão)	Ep7: a fama e a riqueza do médico, [P34]	
MPn5 - Situação final		Ep8: passagem do tempo, [P35]	
MPn1(1) - Situação inicial (orientação)	Exposição (ou introdução ou apresentação)	Ep9: velhice, [P36]	Bloco 2 <u>Ep9 a Ep12</u> Abertura: o crescimento do sétimo filho e envelhecimento da família do protagonista. (Ep9) Falta: o protagonista envelhece, portanto, ele está condenado à Morte. (Ep10 e Ep11) Busca: Trato com a Morte. (Ep12) Resultado: êxito - O protagonista faz um acordo com a Morte. (Ep12)
MPn2(1) - Nó (gatilho)	Complicação	Ep10: a hora do médico chegou: encontro com a Morte, [P37] e [P38]	
MPn3(1) - Re-ação ou avaliação	Desenvolvimento até chegar ao clímax	Ep11: Velhice do médico e não aceitação da própria mortalidade, [P39] a [P42]	
MPn4(1) - Desfecho (resolução)	Desfecho (desenlace ou conclusão)	Ep12: o trato com a Morte, [P43] e [P44]	
MPn1(2) - Situação inicial (orientação)	Exposição (ou introdução ou apresentação)	Ep13: médico de sucesso, [P45]	Bloco 3 <u>Ep13 o Ep15</u> Abertura: o protagonista atende diversos doentes. (Ep13) Falta: o velho médico se sente incapaz por não poder ajudar uma moça enferma. (Ep14)
MPn2(2)- Nó (gatilho)	Complicação	Ep14: a paciente jovem, [P46]	
MPn3(2)- Re-ação e Avaliação	Desenvolvimento até chegar ao clímax	Ep15: o médico desrespeita as regras	

MPn4(2) - Desfecho (resolução)	Desfecho (desenlace ou conclusão)	da Morte, [P47] a [P52]	Busca: o protagonista estabelece um plano estratégico para desrespeitar as regras da Morte. (Ep15) Resultado: êxito - O personagem central cura a jovem enferma. (Ep15)
MPn2(3)- Nó (gatilho)	Complicação	Ep16: o médico sofre a consequência de ter enganado a Morte, [P53]	Bloco 4 <u>Ep16 o Ep18</u> Abertura: não se aplica, pois o Ep16 inicia pela intriga, portanto, não se configura a abertura. Falta: o velho médico é punido pelo antagonista. Busca: o protagonista busca outro acordo com a Morte. Resultado: êxito - O acordo é concedido.
MPn3(3)- Re-ação e avaliação	Desenvolvimento até chegar ao clímax	Ep17: a Morte tenta punir o médico, [P54] a [P61]	
MPn4(3) - Desfecho (resolução)	Desfecho (desenlace ou conclusão)	Ep18: a mortalidade, [P62] a [P64]	Bloco 5 <u>Ep19 o Ep20</u> Abertura: não se aplica, porque o Ep18 começa pela intriga. Falta: o velho médico não consegue lidar com sua mortalidade. (Ep19) Busca: o protagonista engana novamente a Morte. (Ep20) Resultado: êxito - A antagonista é ludibriada pelo personagem central. (Ep20)
MPn2(4)- Nó (gatilho)	Complicação	Ep19: novo trato com a Morte, [P65] a [P73]	
MPn3(4)- Re-ação ou avaliação	Desenvolvimento até chegar ao clímax	Ep20: a Morte foi enganada novamente, [P74] e [P75]	
MPn4(4) - Desfecho (resolução)	Desfecho (desenlace ou conclusão)		
MPn2(5) - Nó (gatilho)	Complicação	Ep21: a ameaça da Morte, [P76]	Bloco 6 <u>Ep21 a Ep24</u> Abertura: não se aplica, pois o Ep21 inicia pela intriga.
MPn3(5) - Re-ação ou avaliação	Desenvolvimento até chegar ao clímax	Ep22: médico envelhece e encontra um corpo falecido, [P77] a [P79]	

MPn4(5)- Desfecho (resolução)	Desfecho (desenlace ou conclusão)	Ep23: o médico é enganado pela Morte, [P80] a [P81]	Falta: a ameaça da Morte. (Ep21) Busca: o personagem central tenta viver sua rotina normalmente. (Ep22) Resultado: fracasso - O falecimento do protagonista, pois ele foi enganado pela Morte. (Ep23 e Ep24)
MPn5(1) - Situação final		Ep24: o médico falece, [P82]	

- Análise do plano de texto, da sequência textual narrativa, em suas macroproposições e proposições e do princípio de intencionalidade

No âmbito do plano de texto, Tn1 apresenta, na MPn1, um homem que vive em condições precárias juntamente com sua esposa grávida e seus seis filhos. A MPn2, no que se refere ao Nó (gatilho), representa o desequilíbrio do personagem protagonista que busca um padrinho para seu sétimo filho. Já a MPn3 funciona como o coração da narrativa (ADAM, 2019): o protagonista encontra a Morte, que se dispõe a ser madrinha da criança. Posteriormente, seguem os acontecimentos centrais, a transformação do homem pobre em um médico famoso como recompensa pelo acordo que firmou com a Morte, fato que marca a MPn4 até o envelhecimento do protagonista, na MPn5.

No texto, foram identificados 24 episódios, divididos nas cinco macroproposições narrativas de base.

O **Ep1**, denominado “Homem pobre e sua família”, traz a MPn1, que caracteriza a situação inicial (orientação), a apresentação do homem, protagonista, e sua família vivendo em condições precárias, sem possibilidade de melhorar essa situação. Por essa razão, ele estava triste e inconformado [F2], e seu estado piora quando descobre que sua esposa está grávida novamente. Em um momento posterior, ela dá à luz o sétimo filho, e o protagonista vai em busca de um padrinho para a criança. Esses acontecimentos caracterizam a primeira MPn2 no que diz respeito ao Nó (gatilho) e constitui o **Ep2** intitulado “O sétimo filho”. Esse episódio revela a preocupação do protagonista em conseguir um padrinho para o filho.

As reações do protagonista e os momentos centrais desencadeados pela MPn2 caracterizam a MPn3 e constituem os próximos quatro episódios. O **Ep3**, “O homem procura um padrinho”, revela o desespero e a preocupação do protagonista em encontrar alguém que aceitasse ser padrinho de uma família tão pobre, tanto que ele questiona: “Quem ia querer ser compadre de um pé-rapado como ele?” [F10]. O uso coloquial da expressão “pé-rapado” enfatiza a condição de miséria da família, transmitindo a aflição do protagonista.

A procura por um padrinho é marcada pela lentidão dos acontecimentos, expressa pelo segmento “rédeas no tempo” [F12], associado com a angústia vivida pelo protagonista, que quanto mais procura mais reflete sobre a própria condição, o que o torna “inconformado” e “triste” [F11]. Quando ele está prestes a retornar para casa, depara-se com uma “figura curva, vestido uma capa escura, apoiada numa bengala” de osso [F15]. A Morte é personificada e descrita como uma criatura misteriosa, com roupagem característica e instrumento peculiar, a bengala de osso, que correspondem, provavelmente, a uma figura emblemática associada àquela que tira a vida.

O **Ep4**, “A Morte: a comadre”, traz o momento em que a Morte se oferece para ser madrinha do sétimo filho do protagonista. Este aceita prontamente [F22], por considerá-la “justa” e “honestas”, pois leva ao cemitério todas as pessoas, independentemente da condição social [F23].

O **Ep5**, “A recompensa da Morte”, refere-se ao dom concedido pela Morte ao protagonista. Esse dom, uma gratificação por ele ter respeitado e tratado a Morte de maneira justa, o transformará em uma pessoa rica e poderosa. No início do episódio, explicita-se a felicidade da Morte pelo tratamento recebido [F40]. Ela, que é a antagonista, também avalia o comportamento inapropriado e injusto de outras pessoas em relação a seu trabalho, pois, como afirma, “não faço mais do que cumprir minha obrigação” [F35]. Essa consideração orienta a dimensão argumentativa de que é necessário o trabalho dela para que não haja superpopulação no mundo. Isso é expresso por um questionamento e sua resposta, que servem de argumento: “Já imaginou se ninguém mais morresse no mundo? [F36] / “Não ia sobrar lugar para as crianças” [F37]. A Morte concede ao protagonista o dom de curar as pessoas doentes, assim, ele se torna uma “pessoa rica, famosa e poderosa” [F44] e terá

condições financeiras para cuidar de sua família, principalmente do sétimo filho, afilhado da antagonista.

O último episódio da MPn3, **Ep6**, denomina-se “O homem se torna um médico com algumas exigências”. Nele, a Morte, após conceder dom da cura ao protagonista, salienta o quão importante é respeitar as exigências que ela estabelece, entre as quais aquela que indica que se ela estiver à cabeceira da cama, o protagonista curará a pessoa; se ela estiver ao pé da cama, o paciente morrerá.

A MPn4 apresenta apenas um episódio, o **Ep7**, denominado “A fama e a riqueza do médico”, que mostra o protagonista como um médico rico e famoso. Nesse episódio, o tempo, mesmo indeterminado, comporta uma sucessão de acontecimentos relativos aos atendimentos realizados pelo médico [P34].

A MPn5 apresenta apenas o **Ep8**, intitulado “Passagem do tempo”, que retrata a fugacidade do tempo por meio da metáfora “o tempo é um trem que não sabe parar na estação” [F79], ideia complementada pela próxima macroproposição, MPn1(1). Esta constitui o **Ep9**, “Velhice”, em que é relatado o crescimento do sétimo filho e o envelhecimento do médico [F80].

Nessa direção, estabelece-se o princípio de intencionalidade (CHARAUDEAU, 2016), presente do **Ep1** ao **Ep8**. Esse princípio envolve a **abertura**, que, no texto, configura o homem pobre e sua família (**Ep1**); o **estado inicial**, correspondente à **falta**, no que se refere à ausência de condições financeiras do homem para manter sua família, principalmente com a chegada do seu sétimo filho (**Ep2**); o **estado de atualização**, caracterizado pela **busca**, no que diz respeito à procura do protagonista por um padrinho (**Ep3**); o **estado final**, que se refere ao **resultado**, no caso, de **êxito**, pois o protagonista conseguiu encontrar um padrinho para seu sétimo filho (**Ep4** a **Ep8**).

A MPn2(1) apresenta o **Ep10**, “A hora do médico chegou: Encontro com a morte”, que expressa o momento em que o médico se depara com a própria mortalidade em um encontro com a Morte, descrita como “uma figura curva, vestindo uma capa escura, apoiada numa bengala feita de ossos” [F83]. O protagonista, no primeiro momento, estranha por não ser um paciente necessitando de ajuda. A MPn2(1) é estabelecida pela fala da Morte, que diz

explicitamente que a hora do homem havia chegado e que ela deveria cumprir sua missão. Note-se que a Morte dispensa um tratamento cortês, expresso pelo segmento “caro compadre” [F85], e demonstra compaixão, pois antes mesmo de sentenciar a morte dele, ela afirma que se trata de uma “notícia triste” [F85].

Considerando esse segundo Nó, há o estabelecimento da MPn3(1) que constitui o **Ep11**, intitulado “Velhice do médico e não aceitação de sua mortalidade”. A reação do protagonista é de surpresa, uma vez que ele pula da cadeira [F88]. Posteriormente, mostra-se incrédulo, pois sempre sofreu muito por ser pobre [F91] e agora que conquistou uma profissão e riqueza, e pode ajudar as pessoas [F92], não acha justo deixar essa vida [F93]. A Morte sorri e lhe diz para se olhar no espelho, a fim de que reconheça a própria velhice, pois o “tempo já passou” [F97]. A reação da Morte em relação ao desespero do protagonista é vista como um comportamento natural sobre a mortalidade das pessoas, em especial, do médico.

A MPn4(1) apresenta o **Ep12**, “O trato com a Morte”, marcado pela inconformidade do protagonista em relação à não aceitação da própria mortalidade e pela compaixão da Morte em lhe conceder “mais um ano de vida” [F100]. Os elementos linguísticos que servem de argumento para convencer a Morte a ceder “mais um pouquinho de tempo” [F99] são os verbos “argumentou”, “pediu” e “suplicou”. O uso do diminutivo “pouquinho” enfatiza o fato de o médico não ter tanto tempo de vida.

Quanto ao princípio de intencionalidade, do **Ep9** ao **Ep12**, tem-se o seguinte: a **abertura**, refere-se ao envelhecimento do protagonista e de sua família, em particular, do sétimo filho (**Ep9**); o **estado inicial (falta)**, corresponde ao fato de o personagem principal estar condenado à morte em virtude de sua idade avançada (**Ep10** e **Ep11**); o **estado de atualização (busca)**, é marcado quando o protagonista enganou novamente a Morte; o **estado final** com resultado de **êxito**, porque a antagonista é ludibriada (**Ep12**).

A MPn1(2) constitui o **Ep13**, intitulado “Médico de sucesso”, composto por um único parágrafo [P46]. Nele há a caracterização da atuação profissional do protagonista, que buscou ajudar doentes por todo o mundo [F102]. A MPn2(2), por sua vez, que constitui o **Ep14**, denominado “A paciente jovem”,

retrata a indignação do protagonista ao perceber que uma jovem paciente estava fadada a morrer. Tal percepção é retratada no segmento “Assim que entrou no quarto da menina enxergou, parada ao pé da cama, a figura sombria e invisível da Morte, pronta para dar o bote”. [F108] A descrição da Morte novamente como “uma figura sombria e invisível” faz com que ela seja vista como a antagonista e associada ao negativo, o que é expresso por meio de adjetivos depreciativos, “sombrio” e “invisível”. [F108]

O **Ep15**, “O médico desrespeitou as regras da Morte”, é composto pela MPn3(2) e pela MPn4(2), que caracterizam a reação do protagonista. Ele considera a Morte injusta por querer levar uma moça tão jovem, assim, desrespeita as regras estabelecidas pela Morte. Essa injustiça é expressa no segmento “Isso está muito errado” [F113]. Essa perspectiva faz com que ele decida arriscar a própria vida para salvar a jovem, o que é explicitado no trecho “Já estou velho, não tenho nada a perder” [F114]. Nesse momento, o velho médico começa a aceitar sua mortalidade: “Pela primeira vez na vida vou ter que desafiar minha comadre” [F115]. Mesmo ele tendo consideração pela Morte, percebe que ela é injusta, por isso resolve transgredir as regras e cura a jovem moça.

A atitude do médico tem como consequência o descontentamento da Morte, que exclama indignada “Que história é essa?” [F124] / “Ontem você me enganou!” [F125], mesmo tendo ele justificado sua atitude de salvar a jovem, que ainda era uma criança [F122] com uma vida inteira para desfrutar.

No que se refere ao princípio de intencionalidade, do **Ep13** e **Ep15**, tem-se o seguinte: a **abertura** apresenta a fama e a riqueza do protagonista, que se tornou um médico renomado ao atender e curar vários doentes (**Ep13**); o **estado inicial (falta)**, caracterizado pela incapacidade e impotência do personagem principal em não conseguir, *a priori*, curar uma moça enferma (**Ep14**); o **estado de atualização (busca)**, representado pelo plano estratégico que o protagonista estabeleceu para transgredir as regras da Morte; o **estado final** com resultado de **êxito**, porque o médico curou a referida paciente (**Ep15**).

A MPn2(3) traz o **Ep16**, intitulado “O médico sofre a consequência de ter enganado a Morte”, em que a Morte, cuja regra foi desrespeitada, pretende levar

o médico no lugar da moça. O descontentamento da Morte é expresso no segmento “Agora vai pagar caro pelo que fez” [F131].

A MPn3(3) constitui o **Ep17**, “A Morte tenta punir o médico”, que explicita a reação da Morte em relação à atitude do protagonista. Ela quebra o acordo que era lhe dar mais um ano de vida, mesmo ele argumentando que foi a única pessoa a tratá-la com gentileza e consideração [F131]. Mas isso não a convence; ela resolve levá-lo para um lugar desconhecido e estranho [F145] com a finalidade de lhe mostrar o significado de seu trabalho.

O **Ep18**, “A mortalidade”, constituído pela MPn4(3) e pela MPn2(4), remete à percepção do protagonista em relação à vulnerabilidade de sua vida, o que é expresso pela metáfora da “vela”.

Em relação ao princípio de intencionalidade, do **Ep16** ao **Ep18**, tem-se o seguinte: a **abertura** não existe porque o **Ep16** inicia pela intriga; o **estado inicial (falta)**, que é dado pela punição da Morte ao protagonista (**Ep16** e **Ep17**); o **estado de atualização (busca)**, em que é informado como o protagonista agiu para fazer um novo acordo com a antagonista; o **estado final** com resultado de **êxito**, pois o acordo foi estabelecido (**Ep18**).

No **Ep19**, “O novo trato com a Morte”, apresentado na MPn3(4), o protagonista se dá conta de sua mortalidade; ele percebe que sua vela é apenas “um toquinho”, com “a chama trêmula quase apagando” [F154]. Nesse episódio, a Morte afirma que não há mais esperança, entretanto, o protagonista não aceita seu destino e faz um último pedido [F160], que lhe é concedido. Esse pedido é rezar o Pai-Nosso, depois do que, a Morte o levaria. Entretanto, ele apenas começa a rezar e para, enganando-a novamente.

Quanto ao princípio de intencionalidade, do **Ep19** ao **Ep20**, tem-se o seguinte: a **abertura** não existe porque o **Ep18** inicia pela intriga e se refere ao episódio anterior; o **estado inicial (falta)**, que diz respeito à não aceitação da mortalidade por parte do velho médico (**Ep19**); o **estado de atualização (busca)**, correspondente à tentativa do protagonista de trapacear a Morte; o **estado final** com resultado de **êxito**, porque a antagonista, por hora, foi enganada e derrotada (**Ep20**).

O **Ep20**, “A morte foi enganada novamente”, expresso na MPn4(4), mostra que o protagonista engana a morte pela segunda vez, causando-lhe desapontamento. O médico ainda se vangloria ao dizer “pretendo levar anos para acabar minha reza” [F176].

O **Ep21**, “A ameaça da Morte”, na A MPn2(5), é marcado pelo discurso direto da Morte, uma ameaça ao protagonista: “Deixa que eu pego você!”. Nesse momento, ela está determinada em cumprir com sua obrigação.

O **Ep22**, “Médico envelhece e encontra um corpo falecido”, constituído pela MPn3(5), mostra que, após muitos anos, o médico encontra um corpo falecido na rua e, com misericórdia, termina de rezar o Pai-Nosso. A compaixão e a tristeza do protagonista ao ver o corpo são expressas no trecho: “- Que tristeza! Morrer assim sozinho no meio do caminho!” [P78].

No **Ep23**, “O médico é enganado pela Morte”, expresso na MPn4(5), apresenta o desfecho da narrativa, quando finalmente a Morte se finge de morta. Em seguida, a MPn5(1) estabelece o **Ep24**, “O médico faleceu”, que marca o falecimento do protagonista, após ele ter enganado a Morte algumas vezes. O falecimento é expresso pela metáfora da vela, no último excerto do conto: “Naquele exato instante, uma vela pequena, num lugar desconhecido e estranho, estremeceu e ficou sem luz”.

Considerando o princípio da intencionalidade, do **Ep21** ao **Ep24**, tem-se o seguinte: a abertura não existe porque o **Ep21** inicia pela intriga; o **estado inicial (falta)**, que designa a ameaça que a Morte fez ao médico por ele ter desrespeitado a regra e pelo fato de ele estar muito velho; o **estado de atualização (busca)**, em que o protagonista segue sua vida normalmente (**Ep22**); o estado final com **resultado de fracasso**, pois o protagonista foi enganado pela Morte e acabou falecendo (**Ep23** e **Ep24**).

Do Ep1 até o Ep8, a unidade temática se dá pela presença do protagonista, pela transformação de sua vida e pela relação de respeito com a Morte. Todavia, a partir do Ep9, ele envelhece e precisa lidar com a própria mortalidade, por isso, não aceita que morrerá.

A temporalidade é linear no decorrer na narrativa, mesmo não havendo, em todas as macroproposições, um tempo definido. É notável a passagem de vários anos, como expresso no Ep9, em que ocorre o crescimento do filho caçula e o envelhecimento do protagonista. Após a visita da Morte, o protagonista se recusa aceitar sua mortalidade e suplica por mais alguns anos. Posteriormente, consegue enganar novamente a Morte e por isso vive “muitos e muitos anos” [F180], até a morte enganá-lo também.

Quanto ao espaço, há indícios de que a história se passa em uma cidade simples. Os locais mais específicos são: casebre [F2], casa do médico [F123], um lugar desconhecido [F175], quarto da moça [F108], estrada [F181]. Inicialmente, o protagonista, um homem pobre, vivia em um casebre, depois do dom a ele concedido, passa a morar em uma casa. Os episódios se passam, em sua maioria, na casa do médico ou, possivelmente, nas casas dos doentes. O lugar desconhecido refere-se à metáfora da morte, é onde está a vida das pessoas.

Considerando princípio da intencionalidade, no conto, há seis blocos. Nos três primeiros, apresentam-se todos os elementos: abertura, estado inicial (**falta**), estado de atualização (**busca**) e estado final (**resultado**), que configura êxito do protagonista. Todavia, nos demais, não há abertura, passa-se ao estado inicial (**falta**), isto é, à intriga, que compõe os outros dois estados. No último bloco, o estado final resulta no fracasso do personagem principal, que acaba por morrer.

- Análise dos actantes e dos processos narrativos

Conforme proposto por Charaudeau (2016), que elenca os componentes da lógica narrativa, os actantes e os processos narrativos são apresentados a seguir:

Tn1- O homem que enxergava a morte	
Actantes narrativos	Processos narrativos
<p>A Morte (actante agente) em relação ao protagonista e à sua família (actante paciente)</p>	<p>1. Função principal da narrativa</p> <p>Causa: o protagonista e sua família passam por situações precárias de vida.</p> <p>Consequência: a Morte melhora a vida deles.</p> <p>- Realização da ação recai sobre o outro.</p> <p>- O ato tem por função melhorar um estado inicial.</p> <p>Melhoramento por retribuição. A Morte oferece o dom da cura ao protagonista.</p> <p>Comentário: o protagonista e sua família se beneficiam com o dom concedido pela Morte.</p>
<p>O protagonista (actante agente) em relação aos pacientes (actante paciente)</p>	<p>2. Função principal da narrativa</p> <p>Causa: os pacientes doentes.</p> <p>Consequência: o médico cura os pacientes conforme as regras da Morte.</p> <p>- Realização da ação recai sobre o outro (pacientes)</p> <p>- O ato tem a função de melhorar ou degradar um estado inicial.</p> <p>Melhoramento por intervenção. Os pacientes são curados.</p> <p>Degradação por intervenção. Os pacientes são condenados à morte.</p> <p>Comentário: o protagonista precisa seguir as regras da Morte,</p>

	enferma que está prestes a morrer.	mas ele a desobedece ao curar uma paciente prestes a morrer.
O personagem central (actante agente) em relação à Morte (actante paciente)	<p>1. Protagonista Actante age, ele o faz como:</p> <ul style="list-style-type: none"> • Aliado: o protagonista auxilia a moça enferma. Actante age, ele o faz de maneira: • Voluntária: ato consciente pelo personagem. <p>2. Morte Se o actante sofre a ação.</p> <ul style="list-style-type: none"> • Vítima: a Morte é enganada pelo protagonista. Se o actante beneficiário reage, ele o faz por: • Reposta - reage contra o protagonista. 	<p>3. Função principal da narrativa</p> <p>Causa: o protagonista transgredir a regra da Morte, por considerá-la injusta.</p> <p>Consequência: a Morte toma medidas para punir o personagem central.</p> <p>- Realização da ação recai sobre si.</p> <p>- O ato tem a função de melhorar um estado inicial. Melhoramento por transgressão de uma regra.</p> <p>Comentário: o protagonista é punido pela Morte.</p>
A Morte (actante agente) em relação ao protagonista (actante paciente)	<p>1. Morte Actante age, ele o faz como:</p> <ul style="list-style-type: none"> • Retribuidor: punição e castigo. Ele o faz de maneira: • Direta: por meio de um afrontamento. <p>2. Protagonista Se o actante sofre a ação.</p> <ul style="list-style-type: none"> • Vítima Se o actante - vítima reage, ele o faz por: • Negociação: há o estabelecimento de um acordo, após isso, o protagonista falece. 	<p>A função principal da narrativa é igual a anterior em que mostra o protagonista desrespeitando as regras da Morte, por isso, a causa e a consequência permanecem as mesmas.</p> <p>- Realização da ação recai sobre outro.</p> <p>- O ato tem a função de degradar um estado inicial. - Degradação por retribuição (castigo).</p> <p>Comentário: o protagonista, mesmo após negociar com Morte, não escapa de seu destino mortal.</p>

3.2.2 Texto 2 - O último dia na vida do ferreiro (Tn2)

- Identificação das macroproposições narrativas de base (nível global)

A seguir, apresenta-se o Tn2 completo. Na coluna à esquerda, tem-se a reprodução do conto, na coluna à direita, as macroproposições narrativas de base (ADAM, 2011; 2019), indicadas pelas cores correspondentes.

Tn2 - O último dia na vida do ferreiro	Macroproposições narrativas
Dizem que Morte sempre foi cheia de truques.	MPn0 Resumo
Uma vez, por exemplo, apareceu de manhã cedo diante de um jovem bonito, risonho e cheio de saúde que trabalhava na terra.	MPn1 Situação inicial (orientação)
Assustado, o rapaz agarrou a enxada e ameaçou: - Se veio pra me levar vai ter que lutar comigo. Sou moço e ainda pretendo viver bastante!	MPn2 Nó (gatilho)
Mas a Morte foi esperta. - Que é isso, rapaz! Que bobagem! – respondeu ela, com voz jeitosa. - Não é nada disso. Largue essa enxada! Vim aqui para lhe dar um prêmio! - Prêmio? - quis saber o outro, desconfiado. A Morte falava macio. Anunciou que aquele era um dia de sorte para o rapaz. Que se ele largasse o trabalho e saísse correndo pelos campos, toda a extensão de terra que conseguisse percorrer seria sua. O moço era forte. Imaginou que poderia correr muito e ganhar um monte de terra. “Vou ficar rico!”, pensou ele. - Eu topo! E lá se foi o jovem, a toda velocidade, atravessando planícies, subindo e descendo montanhas, saltando barrancos e rios, enfrentando florestas, correndo, correndo e correndo sem parar. Corria e pensava: “Tudo isso vai ser meu! Tudo isso vai ser meu!”	MPn3 Re-ação ou Avaliação

<p>Antes do fim do dia, seu corpo, enfraquecido pelo cansaço, infelizmente não aguentou. O jovem sentiu-se mal, tropeçou numa pedra, rolou por um barranco e morreu.</p>	<p>MPn4 Desfecho (resolução)</p>
<p>A Morte então, dizem, surgiu no espaço, abriu uma cova no chão e enterrou o rapaz.</p> <p>-Toma! - rosnou ela, segurando a pá - Essa é toda a terra que você precisava para viver!</p>	<p>MPn5 Situação final</p>
<p>E assim foi. Com essa mesma conversa mole, a Morte apareceu, um dia, na casa de um ferreiro. O homem era jovem e vivia trabalhando o dia inteiro diante de um forno. Mesmo assim não tinha um tostão. É que aquele moço tinha bom coração e estava sempre repartindo suas coisas com as pessoas que precisavam.</p>	<p>MPn1(1) Situação inicial</p>
<p>Quando escutou a proposta da Morte, o ferreiro deu risada:</p> <p>- O que vou fazer com tanta terra?</p>	<p>MPn2(1) Nó (gatilho)</p>
<p>A Morte fingiu espanto:</p> <p>- Você é moço. Vai me dizer que não quer ficar rico e poderoso?</p> <p>O jovem pegou um pedaço de ferro em brasa e atirou na cara da Morte.</p> <p>- Cai fora, desgraçada! Vai embora daqui! Me deixa trabalhar e viver minha vida em paz!</p>	<p>MPn3(1) Re-ação ou avaliação</p>
<p>A Morte afastou-se resmungando baixinho:</p> <p>- Vai esperando que eu ainda pego você.</p>	<p>MPn4(1) Desfecho (resolução)</p>
<p>O ferreiro escutou bem aquelas palavras mas não ligou.</p>	<p>MPn5(1) Situação final</p>
<p>Certa tarde, voltando para casa, encontrou uma velhinha na beira da estrada, sentada num barranco.</p>	<p>MPn1(2) Situação inicial</p>
<p>- Por favor, moço - disse ela ofegante. - Há três dias que eu não como nada. Me arranje um pouco de comida que eu não aguento mais de tanta fome.</p>	<p>MPn2(2) Nó (gatilho)</p>
<p>Na sacola, o ferreiro só tinha um pedaço de pão velho e um pouco de carne. Estava levando para casa para repartir com a sua mulher. Na verdade, era a única coisa que tinham para comer.</p> <p>Examinou a velha. Ficou com pena. Ele e a esposa eram jovens e podiam ficar uma noite sem comer. Aquela mulher, ao contrário, se não comesse alguma coisa, corria risco de morrer.</p> <p>Pensando assim, abriu a sacola, e deu pão e carne para a velha.</p>	<p>MPn3(2) Re-ação ou Avaliação</p>

<p>Depois de saciar a fome, a mulher agradeceu muito. E deixou o ferreiro surpreso. Disse que sabia da vida dele. Sabia do encontro com a Morte. Sabia que ele tinha bom coração. Os olhos da velha brilharam. Contou que tinha poderes mágicos.</p> <p>- Faça três pedidos - disse ela -, que eles serão atendidos.</p>	
<p>O ferreiro pensou bastante.</p> <p>Depois pediu três coisas. Ferro e carvão para poder trabalhar sossegado pelo resto da vida; uma mesa mágica que sempre tivesse comida em cima; e uma viola que, quando ele tocasse, fizesse as pessoas saírem dançando sem conseguir parar.</p> <p>- Você merece tudo isso - exclamou a velha antes de desaparecer no mundo.</p>	<p>MPn4(2) Desfecho (resolução)</p>
<p>A partir daquele dia, a vida do ferreiro mudou completamente. Passou a ter trabalho garantido e muita comida em casa.</p>	<p>MPn5(2) Situação final</p>
<p>Mas o tempo, quando vai se ver, já passou. O jovem ferreiro virou um homem velho.</p>	<p>MPn1(3) Situação inicial (orientação)</p>
<p>Um dia, bateram na porta de sua casa. Era a Morte.</p> <p>- Lembra de mim? - perguntou a danada sorrindo. - Dessa vez não tem saída. Vim buscar você.</p>	<p>MPn2(3) Nó (gatilho)</p>
<p>O homem convidou a Morte para entrar.</p> <p>Quando viu aquela figura na sala e soube da má notícia, a esposa do ferreiro começou a chorar.</p> <p>- Não leve meu marido! - implorou ela.</p> <p>- A hora dele chegou - explicou a Morte. - Não posso fazer nada.</p> <p>O ferreiro pediu para a mulher sair da sala. Chamou a Morte de lado. Confessou que tinha um último pedido. Era importante. Antes de morrer, queria tocar um pouco de viola.</p> <p>- Tudo bem - disse a Morte -, mas seja rápido, pois tenho outras pessoas para levar.</p> <p>O velho ferreiro tirou a viola do armário, sentou-se numa cadeira confortável e começou a tocar.</p> <p>Ao escutar aquela música mágica, a Morte estremeceu e saiu pela sala pulando, dançando e sapateando.</p> <p>- Pare com isso! - gritou ela, assustada.</p> <p>- Paro coisa nenhuma! - respondeu o homem rindo e tocando.</p> <p>E seus dedos voavam fazendo vibrar as cordas da viola.</p>	<p>MPn3(3) Re-ação e Avaliação</p>

<p>A Morte, enquanto isso, rebojava, gingava e requebrava descontrolada, sem conseguir parar.</p> <p>- Pare de tocar essa maldita viola! - berrava ela.</p> <p>- Só paro se você me der mais três anos de vida. Tenho muitas coisas que ainda quero fazer.</p> <p>- É muito - respondeu a Morte pererecando suada e desajeitada pela sala. - Você está velho demais.</p> <p>- Então me dê dois anos. Tenho lugares para conhecer e amigos para fazer.</p> <p>- Não posso - gritou a Morte já sem fôlego. - Preciso cumprir minha missão. Além disso, você já viveu muito.</p> <p>O velho ferreiro aumentou o ritmo.</p> <p>- Ou me dá dois anos ou vou ficar aqui tocando pelo resto da vida e você aí dançando e saracoteando.</p>	
<p>A Morte não queria fazer acordo. O homem insistiu. A negociação acabou durando a noite inteira. No começo da madrugada, os dois fizeram um pacto. A Morte ficou de voltar dali a um ano.</p>	<p>MPn4(3) Desfecho (resolução)</p>
<p>E assim foi. Durante aquele último ano de vida, o velho ferreiro fez um pouco de tudo. Viajou pelo mundo. Conheceu gente. Aprofundou amizades. Procurou suas pessoas queridas e disse que gostava muito delas.</p>	<p>MPn5(3) Situação final</p>
<p>Infelizmente o tempo é uma roda que gira sem breque nem eixo.</p> <p>O ano passou.</p>	<p>MPn1(4) Situação inicial (orientação)</p>
<p>Certa tarde, bateram na porta. A mulher do ferreiro foi ver. Era a Morte, outra vez.</p> <p>- Vim buscar seu marido - disse a terrível com a foice na mão.</p>	<p>MPn2(4) Nó (gatilho)</p>
<p>Acontece que, por sorte, o ferreiro não estava em casa.</p> <p>A Morte fez cara feia.</p> <p>- Avise a ele que daqui a uma semana eu volto sem falta!</p> <p>Quando o ferreiro chegou em casa, sua mulher estava apavorada. Contou o que havia acontecido.</p> <p>- Tenho uma ideia - disse ele. - Quando a Morte vier, semana que vem, diga de novo que eu não estou. Vamos ver o que acontece.</p> <p>Na semana seguinte, quando a Morte bateu na porta e soube que o ferreiro não estava, ficou muito aborrecida.</p> <p>- Mas nós fizemos um trato! - disse ela. - Tenho que fazer meu trabalho! Assim não é possível! Estava tudo combinado!</p>	<p>MPn3(4) Re-ação ou avaliação</p>

<p>A Morte, então, mandou um recado ameaçador. Voltaria na semana seguinte. Garantiu que seria a última vez. Levaria o ferreiro na marra, por bem ou por mal.</p> <p>Quando a Morte foi embora, o ferreiro e a mulher conversaram e bolaram um plano.</p> <p>O ferreiro pintou os cabelos de preto colocou barba postiça e ainda uns óculos de lentes grossas.</p> <p>A noite estava escura quando, uma semana depois, a Morte apareceu. A mulher do ferreiro abriu a porta e fez o que havia combinado com o marido.</p> <p>- Infelizmente ele teve que sair - explicou ela, sem jeito. - Era um caso urgente.</p> <p>A Morte ficou furiosa:</p> <p>- Seu marido é um mentiroso! Está tentando me enganar!</p> <p>- Talvez o jeito seja sair por aí à procura dele - sugeriu a mulher.</p> <p>- Mas nós fizemos um trato!</p> <p>- Não posso fazer nada. Saia por aí - aconselhou a esposa do ferreiro. - Quem sabe não encontra meu marido em alguma estrada do mundo?</p> <p>- Nada disso - respondeu a Morte. - Estou com muita pressa. Vejo que você tem uma visita - disse ela, examinando o homem de barba e óculos de lentes grossas.</p> <p>- Sim - mentiu a mulher -, é meu tio. Irmão da minha mãe. Está aqui de passagem. Veio me fazer uma visita.</p>	
<p>- Hoje tenho que cumprir minha missão de qualquer jeito. Já que seu marido não está, vou levar o seu tio mesmo.</p>	<p>MPn4(4) Desfecho (resolução)</p>
<p>E assim, dizem, o velho ferreiro teve seu último dia na vida.</p>	<p>MPn5(4) Situação Final</p>

O Tn2 é apresentado por 192 frases tipográficas e 84 parágrafos. No nível global, é formado por cinco sequências textuais narrativas completas, apenas a primeira apresenta MPn0 (Resumo).

**- Descrição e análise da organização das sequências textuais narrativas
(nível local)**

A seguir, apresenta-se o Tn2 segmentado por macroproposições narrativas de base. Os parágrafos [P] assim como as frases tipográficas [F] estão numerados. Além desses dois elementos, são explicitados os episódios presentes em cada macroproposição.

Posteriormente, procede-se à descrição e análise da organização desses episódios com base em cenário/contexto/situação, estabelecidos como lugar, tempo e personagens, e orientação.

A MPn0 corresponde ao resumo, com 1 [P] e 1[F], constituindo **Ep1**.

MPn0 - Resumo
[P1] [F1] Dizem que a Morte sempre foi cheia de truques.

Cenário/contexto/situação
Lugar: indeterminado.
Tempo: indefinido.
Personagem: a antagonista, que é a Morte.
Orientação: apresentação do perfil da Morte como uma figura sagaz e estratégica [P1].

A MPn1 apresenta 1 [P] e 1[F].

MPn1 - Situação inicial
[P2] [F2] Uma vez, por exemplo, apareceu de manhã cedo diante de um jovem bonito, risonho e cheio de saúde que trabalhava na terra.

Cenário/contexto/situação
Lugar: indefinido, subteme-se no texto um ambiente rural por caracterizar o trabalho de um jovem moço.
Tempo: indeterminado, marcado pela expressão: “manhã cedo” [F2].
Personagens: a Morte, implícita, e o jovem moço caracterizado como bonito, risonho e saudável.
Orientação: configura-se o encontro entre a Morte e o jovem moço.

MPn2 - Nó (gatilho)
[P3] [F3] Assustado, o rapaz agarrou a enxada e ameaçou: [P4] [F4] - Se veio pra me levar vai ter que lutar comigo. [F5] Sou moço e ainda pretendo viver bastante!

A MPn2 apresenta 2 [P] e 3 [F], constituindo o **Ep2**.

Cenário/ contexto/situação
Lugar: indefinido.
Tempo: indeterminado.
Personagens: a Morte e o jovem.
Orientação: o referido moço, personagem secundário, demonstra espanto com a aparição da Morte e argumenta que ainda é muito jovem e tem uma longa vida pela frente [F5]. Nesse momento, faz uma primeira avaliação negativa sobre a função da Morte.

MPn3 - Re-ação ou avaliação
[P5] [F6] Mas a Morte foi esperta. [P6] [F7] - Que é isso, rapaz! [F8] Que bobagem! [F9] - respondeu ela, com voz jeitosa. [F10] - Não é nada disso. [F11] Largue essa enxada! [F12] Vim aqui para lhe dar um prêmio! [P7] [F13] - Prêmio? [F14] - quis saber o outro, desconfiado. [P8] [F15] A Morte falava macio. [F16] Anunciou que aquele era um dia de sorte para o rapaz. [F17] Que se ele largasse o trabalho e saísse correndo pelos campos, toda a extensão de terra que conseguisse percorrer seria sua.

[P9] [F18] O moço era forte. [F19] Imaginou que poderia correr muito e ganhar um monte de terra. [F20] “Vou ficar rico!”, pensou ele.

[P10] [F21] - Eu topo!

[P11] [F22] E lá se foi o jovem, a **toda velocidade**, atravessando **planícies**, subindo e descendo montanhas, saltando **barrancos** e **rios**, enfrentando **florestas**, correndo, correndo e correndo sem parar. [F23] Corria e pensava: [F24] “Tudo isso vai ser meu! [F25] Tudo isso vai ser meu!”

A MPn3 tem 7 [P] e 22 [F], constituindo o **Ep3**.

Cenário/contexto/situação
Lugar: um ambiente provavelmente rural em virtude das especificações “campos”, “extensão de terra” [F14], “planícies” “montanhas”, “barrancos”, “rios”, “florestas” [F22].
Tempo: mesmo sendo indefinido, é possível subtender, pelos acontecimentos sucessivos pelos quais passou o personagem, a duração de um longo período; tem-se as expressões “um dia de sorte” e “toda velocidade” e, no [P11], o personagem percorrendo todo o território possível.
Personagens: a Morte e o jovem moço.
Orientação: estabelece-se a armadilha sagaz da Morte que ludibria o personagem secundário; ele sai pelo mundo com a finalidade de conquistar a maior quantidade de terra. A Morte pretende desconstruir sua imagem negativa ao dissuadir o personagem, dizendo que ela está lhe oferecendo um “prêmio” [F12], fazendo-o cair na sua armadilha. O personagem secundário, levado pela ganância, diz duas vezes: “Tudo isso vai ser meu!” [F24]. Dessa maneira, o moço é enganado pela Morte e, então, adota uma nova conduta a respeito dela.

MPn4 - Desfecho (resolução)
[P12] [F26] Antes do fim do dia , seu corpo, enfraquecido pelo cansaço, infelizmente não aguentou. [F27] O jovem sentiu-se mal, tropeçou numa pedra, <u>rolou por um barranco e morreu.</u>

A MPn4 apresenta 1[P] e 2 [F], constituindo o **Ep4**.

Cenário/contexto/situação
Lugar: é o “barranco” [F27].
Tempo: marcado pela expressão temporal “antes do fim do dia” [F26].
Personagens: a Morte e o jovem [F27].
Orientação: o personagem secundário mostra-se exausto por causa do excesso de esforço físico, sente-se mal e falece por causa de um acidente, expresso em “tropeçou numa pedra, rolou por um barranco e morreu” [F27]. Os atributos referentes ao personagem denotam uma avaliação e caracterização da fadiga por meio do adjetivo “enfraquecido”, que acentua ainda mais seu cansaço. O advérbio “infelizmente” corresponde a uma avaliação do narrador onisciente em relação à tragédia ocasionada, a morte do moço.

A MPn5 apresenta 1[P] e 1 [F], constituindo o **Ep4**.

MPn5 - Situação final
[P13] [F28] A Morte então, dizem, surgiu no espaço, abriu uma cova no chão e enterrou o rapaz.
[P14] [F29] - Toma! [F30] - rosnou ela, segurando a pá - [F31] Essa é toda a terra que você precisava para viver!

Cenário/contexto/situação
Lugar: cova no chão [F28], onde o personagem foi enterrado.
Tempo: indeterminado, entretanto, considerando a ação da MPn5, sugere-se ao leitor a passagem rápida de algumas horas que a Morte levou para enterrar o moço.
Personagens: a Morte e o rapaz.
Orientação: a antagonista enterra o rapaz depois de ele ser persuadindo a aceitar o desafio da Morte.

MPn1(1) - Situação inicial
[P15] [F32] E assim foi. [F33] Com essa mesma conversa mole, a Morte apareceu, um dia , na <u>casa de um ferreiro</u> . [F34] O homem era jovem e vivia trabalhando o dia inteiro diante de um forno. [F35] Mesmo assim não tinha um tostão. [F36] É que aquele moço tinha bom coração e estava sempre repartindo suas coisas com as pessoas que precisavam.

A MPn1(1) apresenta 2[P] e 8 [F], constituindo o **Ep5**.

Cenário/contexto/situação
Lugar: indeterminado, marcado pelas expressões “toda a terra” [F30] “casa de um ferreiro” [F33].
Tempo: designado pelas expressões “um dia” [F33] e “dia inteiro” [F34].
Personagens: a Morte e o ferreiro (protagonista da narrativa).
Orientação: o encontro entre a Morte e o protagonista revela a sagacidade da antagonista em tentar realizar novamente seu truque. O diálogo entre ambos é avaliado de maneira depreciativa, expressa por meio do adjetivo “mole” que caracteriza o substantivo “conversa”. O perfil do protagonista é de um homem trabalhador que passa por uma situação financeira ruim, expressa em “não tinha um tostão” [F35], mas que, mesmo assim, sempre buscava ajudar as pessoas pois tem “bom coração” [F36].

MPn2(1) - Nó (gatilho)
[P16] [F37] Quando escutou a proposta da Morte, o ferreiro deu risada: [P17] [F38] - O que vou fazer com tanta terra ?

A MPn2(1) apresenta 2[P] e 2 [F], constituindo o **Ep6**.

Cenário/contexto/situação
Lugar: indefinido; há menção a “tanta terra” [F38].
Tempo: indefinido, porém, com base nos acontecimentos ocorridos, subentende-se a duração de poucas horas.
Personagens: a Morte e o ferreiro.
Orientação: o protagonista, incrédulo, é irônico diante da proposta da Morte, o que é expresso por meio do vocábulo “risada”. Essa proposta demonstra a segunda problemática do conto, pois, nessa macroproposição, apresenta-se o desequilíbrio do protagonista com a aparição da Morte.

MPn3(1) - Re-ação ou avaliação
[P18] [F39] A Morte fingiu espanto: [P19] [F40] - Você é moço. [F41] <u>Vai me dizer que não quer ficar rico e poderoso?</u>

A MPn3(1) apresenta 2[P] e 3[F], constituindo o **Ep7**.

Cenário/contexto/situação
Lugar: indefinido, mas sugere-se ser a residência do protagonista.
Tempo: indeterminado, todavia, as reações da Morte indicam que poucas horas se passaram.
Personagens: o protagonista e a antagonista.
Orientação: a Morte, espantada com o questionamento do protagonista [F38], expressa desaprovação ao perguntar: “Vai me dizer que não quer ficar rico e poderoso?” [F41].

MPn4(1) - Desfecho (resolução)
[P22] [F46] A Morte afastou-se resmungando baixinho: [P23] [F47] <u>- Vai esperando que eu ainda pego você.</u>

A MPn4(1) apresenta 2[P] e 2 [F], constituindo o **Ep8**.

Cenário/contexto/situação
Lugar: indeterminado, entretanto, pode-se inferir que se trata da casa do protagonista.
Tempo: indefinido.
Personagens: a Morte e o ferreiro.
Orientação: a Morte desaprova a reação do personagem central, faz uma ameaça e dá um ultimato: “Vai esperando que ainda pego você” [F47].

MPn5(1) Situação final
[P24] [F48] O ferreiro escutou bem aquelas palavras mas não ligou.

A MPn5 (1) apresenta 1[P] e 1[F], constituindo também **Ep8**.

Cenário/contexto/situação
Lugar: indeterminado, provavelmente na casa do protagonista.
Tempo: indefinido.
Personagem: o ferreiro.

Orientação: o fechamento dos acontecimentos dessa segunda sequência textual narrativa se desenvolve com a mudança de posicionamento da Morte, que se mostra mais incisiva em resposta à indiferença do protagonista.

MPn1(2) –Situação inicial

[P25] [F49] Certa tarde, voltando para casa, encontrou uma velhinha na beira da estrada, sentada num barranco.

A MPn1(2) apresenta 1[P] e 1[F], constituindo o **Ep9**.

Cenário/contexto/situação

Lugares: a casa do protagonista, “beira da estrada” e “barranco” [F49].

Tempo: indeterminado, mas há marcação “certa tarde”.

Personagens: o ferreiro e a velhinha.

Orientação: o encontro entre o protagonista e a velhinha revela que ele é frágil e vulnerável.

A MPn2(2) apresenta 1[P] e 4[F], constituindo o **Ep10**.

MPn2(2) - Nó (gatilho)

[P26] [F50] - Por favor, **moço** - [F51] disse ela ofegante. [F52] - Há **três dias** que eu não como nada. [F53] Me arranje um pouco de comida que eu não aguento mais de tanta fome.

Cenário/contexto/situação

Lugar: indefinido, no entanto, há elementos implícitos que indicam se tratar da casa do protagonista.

Tempo: indeterminado, mas há a expressão “três dias” [F52].

Personagens: a velhinha e o ferreiro.

Orientação: a terceira complicação promove outro desequilíbrio ao protagonista, que precisa prestar auxílio à velhinha. Ela demonstra estar em situação de vulnerabilidade por causa da fome.

A MPn3(2) apresenta 5[P] e 18[F], constituindo o **Ep11**.

MPn3(2) - Re-ação ou avaliação

[P27] [F54] Na sacola, o **ferreiro** só tinha um pedaço de pão velho e um pouco de carne. [F55] Estava levando para casa para repartir com sua mulher. [F56] Na verdade, era a única coisa que tinham para comer.

[P28] [F57] Examinou a **velha**. [F58] **Ficou com pena**. [F59] Ele e a esposa eram jovens e podiam ficar **uma noite** sem comer. [F60] Aquela mulher, ao contrário, se não comesse alguma coisa, corria **risco de morrer**.

[P29] [F61] Pensando assim, abriu a sacola, e deu pão e carne para a velha.

[P30] [F62] **Depois** de saciar a fome, a mulher agradeceu muito. [F63] E deixou o ferreiro surpreso. [F64] Disse que sabia da vida dele. [F65] Sabia do encontro com a Morte. [F66] Sabia que ele tinha bom coração. [F67] Os olhos da velha brilharam. [F68] Contou que tinha poderes mágicos.

[P31] [F69] - Faça três pedidos [F70] - disse ela -, [F71] que eles serão atendidos.

Cenário/contexto/situação

Lugar: indefinido, entretanto, subentende-se ser a casa do protagonista.

Tempo: indefinido, mas há as expressões “uma noite” [F59] e “depois” [F62].

Personagens: a velha e o ferreiro.

Orientação: o personagem principal e sua esposa fazem uma avaliação diante da situação de debilidade da velhinha e lhe dão o último alimento que tinham, “um pedaço de pão velho e pouco de carne” [F54]. A compaixão do casal é expressa em “Ficou com pena” [F58] e “risco de morrer” [F60]. A atitude solidária gerou uma recompensa ao protagonista, que poderá escolher três pedidos mágicos. Ademais, a velha já sabia da situação precária do personagem central e de encontro com a Morte.

A MPn4(2) apresenta 3[P] e 5[F], constituindo também o **Ep11**.

MPn4(2) - Desfecho (resolução)

[P32] [F72] O ferreiro pensou bastante.

[P33] [F73] Depois pediu três coisas. [F74] Ferro e carvão para poder trabalhar sossegado pelo resto da vida; uma mesa mágica que sempre tivesse comida em cima; e uma viola que, quando ele tocasse, fizesse as pessoas saírem dançando sem conseguir parar.

[P34] [F75] - **Você merece tudo isso**- [F76] exclamou a velha antes de desaparecer no mundo.

Cenário/ contexto/situação
Lugar: indeterminado, mas há elementos implícitos que indicam se tratar da protagonista.
Tempo: marcado pelo advérbio “depois” [F73], que marca a sucessão de causalidades.
Personagens: o protagonista e a velha.
Orientação: a velha demonstra que o protagonista merece ter os pedidos atendidos, o que expressa em “Você merece tudo isso” [F76].

MPn5(2) - Situação final
[P35] [F77] A partir daquele dia , a vida do ferreiro mudou completamente. [F78] Passou a ter trabalho garantido e muita comida em casa.

A MPn5 (2) apresenta 1[P] e 2 [F], constituindo o **Ep12**.

Cenário/contexto/situação
Lugar: casa do protagonista.
Tempo: indeterminado, expresso por “a partir daquele dia” [F77].
Personagem: o protagonista.
Orientação: o personagem central conseguiu melhorar sua vida por causa dos pedidos mágicos concedidos pela velha.

MPn1(3) - Situação inicial
[P36] [F79] <u>Mas o tempo, quando vai se ver, já passou.</u> [F80] O jovem ferreiro virou um homem velho.

Cenário/ contexto/situação
Lugar: indefinido, no entanto, subentende-se que os acontecimentos se desenvolvem na cidade e na casa do personagem central.
Tempo: indeterminado, mas indica-se a passagem fugaz de muitos anos pela frase “Mas o tempo, quando vai se ver, já passou” [F79] e pelo fato de o protagonista ter envelhecido.
Personagem: o protagonista.
Orientação: o processo de envelhecimento do ferreiro desenvolve-se ao longo do episódio.

A MPn1(3) apresenta 1[P] e 2 [F], constituindo o **Ep13**.

MPn2(3) - Nó (gatilho)
<p>[P37] [F81] Um dia, bateram na porta de sua casa. [F82] Era a Morte.</p> <p>[P38] [F83] - Lembra de mim? [F84] - perguntou a danada sorrindo. - [F85] Dessa vez não tem saída. [F86] Vim buscar você.</p>

A MPn2(3) apresenta 2[P] e 5[F], constituindo o **Ep14**.

Cenário/contexto/situação
<p>Lugar: a casa do protagonista, especificamente, “na porta de sua casa” [F81].</p>
<p>Tempo: marcado pela expressão “Um dia” [F81].</p>
<p>Personagens: o protagonista e a antagonista.</p>
<p>Orientação: o personagem central entra em estado de desequilíbrio pela presença da Morte. A Morte mostra-se irônica e autoritária, o que se expressa pelo uso de elementos linguísticos presentes no [P38], como o uso do adjetivo “danada” que denota perspicácia. O discurso direto da antagonista remete ao sarcasmo, “Lembra de mim?”[F83], enfatizado pelo uso da expressão “danada sorrindo” [F84]. O adjetivo “danada” dá a entender que a personagem é astuta.</p>

MPn3(3) - Re-ação ou avaliação
<p>[P39] [F87] O homem convidou a Morte para entrar.</p> <p>[P40] [F88] Quando viu aquela figura na sala e soube da má notícia, a esposa do ferreiro começou a chorar.</p> <p>[P41] [F89] - Não leve meu marido! [F90] - implorou ela.</p> <p>[P42] [F91] - A hora dele chegou -. [F92] explicou a Morte. [F93] - Não posso fazer nada.</p> <p>[P43] [F94] O ferreiro pediu para a mulher sair da sala. [F95] Chamou a Morte de lado. [F96] Confessou que tinha um último pedido. [F97] Era importante. [F98] Antes de morrer, queria tocar um pouco de viola.</p> <p>[P44] [F99] - Tudo bem - [F100] disse a Morte -, [F101] mas seja rápido, pois tenho outras pessoas para levar.</p> <p>[P45] [F102] O velho ferreiro tirou a viola do armário, sentou-se numa cadeira confortável e começou a tocar.</p> <p>[P46] [F103] Ao escutar aquela música mágica, a Morte estremeceu e saiu pela sala pulando, dançando e sapateando.</p>

[P47] [F104] - Pare com isso! [F105] - gritou ela, assustada.

[P48] [F106] - Paro coisa nenhuma! [F107] - respondeu o homem rindo e tocando.

[P49] [F108] E seus dedos voavam fazendo vibrar as cordas da viola.

[P50] [F109] A Morte, enquanto isso, rebojava, gingava e requebrava descontrolada, sem conseguir parar.

[P51] [F110] - Pare de tocar essa maldita viola! [F111] - berrava ela.

[P52] [F112] - Só paro se você me der mais três anos de vida. [F113] Tenho muitas coisas que ainda quero fazer.

[P53] [F114] - É muito - [F115] respondeu a Morte pererecando suada e desajeitada pela sala. - [F116] Você está velho demais.

[P54] [F117] - Então me dê dois anos. [F118] Tenho lugares para conhecer e amigos para fazer.

[P55] [F119] - Não posso - [F120] gritou a Morte já sem fôlego. [F121] - Preciso cumprir minha missão. [F122] Além disso, você já viveu muito.

[P56] [F123] O velho ferreiro aumentou o ritmo.

[P57] [F124] - Ou me **dá dois anos** ou vou ficar aqui tocando pelo resto da vida e você aí dançando e saracoteando.

A MPn3(3) apresenta 1[P] e 2 [F], constituindo o **Ep15**.

Cenário/contexto/situação
Lugar: a casa do personagem, especificamente a “sala” [F94].
Tempo: caracteriza-se por “a sua hora chegou” [F91] e pela menção a dois anos [F117].
Personagens: o protagonista, sua esposa e a Morte.
Orientação: a não aceitação da mortalidade por parte do personagem central, que utiliza de um dos poderes mágicos concedidos, no caso, a viola [F102], com o objetivo de fazer um acordo com a Morte.

MPn4(3) - Desfecho (resolução)
[P58] [F125] A Morte não queria fazer acordo. [F126] O homem insistiu. [F127] A negociação acabou durando a noite inteira . [F128] No começo da madrugada , os dois fizeram um pacto. [F129] A Morte ficou de voltar dali a um ano .

A MPn4(3) apresenta 1[P] e 5 [F], constituindo o **Ep16**.

Cenário/contexto/situação
Lugar: a casa do protagonista está implícita.
Tempo: designado pelas expressões “noite inteira” e “no começo da madrugada”, que enfatizam a lentidão dos acontecimentos, e “dali a um ano” [F129].
Personagens: a Morte e o ferreiro.
Orientação: a vagarosidade da negociação entre a antagonista e o protagonista até a consolidação de um trato.

MPn5(3) - Situação final
[P59] [F130] E assim foi. [F131] Durante aquele último ano de vida, o velho ferreiro fez um pouco de tudo. [F132] Viajou pelo mundo . [F133] Conheceu gente . [F134] Aprofundou amizades. [F135] Procurou suas pessoas queridas e disse que gostava muito delas.

A MPn5(3) apresenta 1[P] e 6[F], constituindo o **Ep17**.

Cenário/contexto/situação
Lugar: indicado pelo termo “mundo” [F132].
Tempo: designado pela expressão “último ano” [F13].
Personagens: o velho ferreiro, “gente” [F133], no aspecto genérico “pessoas queridas” [F135].
Orientação: a forma que o protagonista encontrou para aproveitar seus últimos anos de vida.

MPn1(4) - Situação inicial
[P60] [F136] Infelizmente o tempo é uma roda que gira sem breque nem eixo. [P61] [F137] O ano passou .

A MPn1(4) apresenta 1[P] e 2 [F], constituindo o **Ep18**.

Cenário/contexto/situação
Lugar: indeterminado.
Tempo: indefinido, entretanto, em [P60], o tempo, metaforizado, indica a fugacidade dos acontecimentos; já em [F137], é marcado pela expressão “o ano passou”.
Personagem: o protagonista, que está implícito.
Orientação: a avaliação da rapidez da passagem do tempo e o envelhecimento do ferreiro.

MPn2(4) - Nó (gatilho)

[P62] [F138] **Certa tarde**, bateram na porta. [F139] A **mulher do ferreiro** foi ver. [F140] Era a **Morte**, outra vez.

A MPn2(4) apresenta 1[P] e 3[F], constituindo o **Ep19**.

Cenário/contexto/situação

Lugar: a casa do protagonista.

Tempo: marcado pela expressão “certa tarde”.

Personagens: a mulher do ferreiro e a Morte.

Orientação: a Morte vai em busca do protagonista e se depara com a esposa dele. Esse fato gera a quinta complicação da narrativa.

A MPn3(4) apresenta 20[P] e 49[F], constituindo o **Ep20**.

MPn3(4) - Re-ação ou avaliação

[P63] [F141] - Vim buscar seu marido - [F142] disse a terrível com a foice na mão.

[P64] [F143] Acontece que, por sorte, o ferreiro não estava em casa.

[P65] [F144] A Morte fez cara feia.

[P66] [F145] - Avise a ele que daqui a uma semana eu volto sem falta!

[P67] [F146] Quando o ferreiro chegou em casa, sua mulher estava apavorada. [F147]

Contou o que havia acontecido.

[P68] [F148] - Tenho uma ideia [F149] - disse ele. [F150] - Quando a Morte vier, semana que vem, diga de novo que eu não estou. [F151] Vamos ver o que acontece.

[P69] [F152] **Na semana seguinte**, quando a Morte bateu na porta e soube que o ferreiro não estava, ficou muito aborrecida.

[P70] [F153] - Mas nós fizemos um trato! - [F154] disse ela. [F155] - Tenho que fazer meu trabalho! [F156] Assim não é possível! [F157] Estava tudo combinado!

[P71] [F158] A Morte, então, mandou um recado ameaçador. [F159] Voltaria **na semana seguinte**. [F160] Garantiu que seria a última vez. [F161] Levaria o ferreiro na marra, por bem ou por mal.

[P72] [F162] Quando a Morte foi embora, o ferreiro e a mulher conversaram e bolaram um plano.

[P73] [F163] O ferreiro pintou os cabelos de preto colocou barba postiça e ainda uns óculos de lentes grossas.

[P74] [F164] A noite estava escura quando, **uma semana depois**, a Morte apareceu. [F165] A mulher do ferreiro abriu a porta e fez o que havia combinado com o marido.

[P75] [F166] - Infelizmente ele teve que sair - [F167] explicou ela, sem jeito. - [F168] Era um caso urgente.

[P76] [F169] A Morte ficou furiosa:

[P77] [F170] - Seu marido é um mentiroso! [F171] Está tentando me enganar!

[P78] [F172] - Talvez o jeito seja sair por aí à procura dele - [F173] sugeriu a mulher.

[P79] [F174] - Mas nós fizemos um trato!

[P80] [F175] - Não posso fazer nada. [F176] Saia por aí - [F177] aconselhou a esposa do ferreiro. [F178] - Quem sabe não encontra meu marido em alguma estrada do mundo?

[P81] [F179] - Nada disso - [F180] respondeu a Morte. [F181] - Estou com muita pressa. [F182] Vejo que você tem uma visita - [F183] disse ela, examinando o homem de barba e óculos de lentes grossas.

[P82] [F184] - Sim - [F185] mentiu a mulher [F186] - é meu tio. [F187] Irmão da minha mãe. [F188] Está aqui de passagem. [F189] Veio me fazer uma visita.

Cenário/contexto/situação

Lugar: casa do protagonista.

Tempo: indefinido, marcado pelas expressões “semana que vem” [F150], “na semana seguinte” [F159] e “uma semana depois” [F164].

Personagens: o protagonista, disfarçado de tio de sua esposa, a mulher do personagem central e a Morte.

Orientação: a antagonista mostra impaciência; depois de tentar duas vezes levar o velho ferreiro e ter sido novamente enganada, resolve fazer seu trabalho.

MPn4(4) - Desfecho (resolução)

[P83] [F190] - **Hoje** tenho que cumprir minha missão de qualquer jeito. [F191] Já que seu marido não está, vou levar o seu **tio** mesmo.

A MPn4(4) apresenta 1[P] e 3[F], constituindo o **Ep21**.

Cenário/contexto/situação

Lugar: a casa do protagonista.

Tempo: expresso pelo advérbio “hoje”.
Personagens: a Morte, a esposa do protagonista e o personagem central, fingindo ser tio de sua mulher.
Orientação: o comportamento da antagonista revela que ela está impaciente para levar o protagonista.

MPn5(4) - Situação final
[P84] [F192] E assim, dizem, o velho ferreiro teve seu último dia na vida.

A MPn5(4) apresenta 1[P] e 1[F], constituindo o **Ep22**.

Cenário/contexto/situação
Lugar: casa do protagonista, que está implícita.
Tempo: marcado pela expressão “último dia na vida”, que remete ao falecimento do protagonista.
Personagem: o velho ferreiro.
Orientação: após diversas tentativas de negociar com a Morte, enganá-la e trapaceá-la, o velho ferreiro teve o seu fim.

- Representação do plano de texto, das partes do enredo, da constituição de episódios e do princípio de intencionalidade

Tomando-se como base o esquema da sequência textual narrativa proposto por Adam (2011; 2019); os elementos que compõem o enredo de uma narrativa, de acordo com Gancho (2006); os critérios de identificação e caracterização dos episódios elencados por Travaglia (2007); e o princípio de intencionalidade como defendido por Charaudeau (2016), tem-se o que segue.

Tn2 - O último dia na vida do ferreiro			
Macroproposições narrativas de base	Partes do enredo	Episódios	Princípio de intencionalidade

MPn0 - Resumo MPn1 - Situação inicial (orientação)	Exposição (ou introdução ou apresentação)	Ep1: o truque da morte, [P1] a [P2].	<p align="center">Bloco 1 <u>Ep1 o Ep4</u></p> <p>Abertura: a Morte apresenta seu truque. (Ep1)</p> <p>Falta: o moço se sente ameaçado com a presença da Morte. (Ep2)</p> <p>Busca: o referido moço, movido pela ganância, é ludibriado pela Morte. (Ep3)</p> <p>Resultado: fracasso - A morte do jovem. (Ep4)</p>
MPn2 - Nó (gatilho)	Complicação	Ep2: o encontro com a morte, [P3] a [P4].	
MPn3 - Re-ação ou avaliação	Desenvolvimento até chegar ao clímax	Ep3: o desafio da morte, [P5] a [P11].	
MPn4 - Desfecho (resolução)	Desfecho (desenlace ou conclusão)	Ep4: o falecimento do jovem, [P12] a [P14]	
MPn5 - Situação final			
MPn1(1) - Situação inicial (orientação)	Exposição (ou introdução ou apresentação)	Ep5: o ferreiro encontra a Morte, [P15].	<p align="center">Bloco 2 <u>Ep5 o Ep8</u></p> <p>Abertura: o protagonista se depara com a proposta da Morte. (Ep5)</p> <p>Falta: o ferreiro se sente ameaçado com a presença da Morte. (Ep6)</p> <p>Busca: o protagonista afugenta a antagonista. (Ep7)</p> <p>Resultado: êxito - o personagem central escapa da sentença da Morte. (Ep8)</p>
MPn2(1) - Nó (gatilho)	Complicação	Ep6: a proposta da Morte e a reação do protagonista, [P16] a [P21].	
MPn3(1) - Re-ação ou avaliação	Desenvolvimento até chegar ao clímax	Ep7: o ultimato da morte, [P22] a [P23].	
MPn4(1) - Desfecho (resolução)	Desfecho (desenlace ou conclusão)	Ep8: a indiferença do protagonista, [P24].	
MPn5(1) - Situação final			
MPn1(2) - Situação inicial (orientação)	Exposição (ou introdução ou apresentação)	Ep9: o encontro com uma velhinha, [P25].	<p align="center">Bloco 3 <u>Ep9 o Ep12</u></p> <p>Abertura: o protagonista se depara como uma velha faminta. (Ep9)</p>
MPn2(2) - Nó (gatilho)	Complicação	Ep10: pedido de ajuda, [P26].	
MPn3(2) - Re-ação ou avaliação	Desenvolvimento até chegar ao clímax	Ep11: os três pedidos, [P27] a [P34].	

MPn4(2) - Desfecho (resolução)			Falta: o ferreiro, mesmo tendo pouca comida, atende o pedido de ajuda da velha. (Ep10) Busca: o protagonista auxilia a velha. (Ep11) Resultado: êxito - A velha, como recompensa, oferece três pedidos mágicos (Ep11) a (Ep12).
MPn5(2) - Situação final	Desfecho (desenlace ou conclusão)	Ep12: mudanças na vida do ferreiro, [P35].	
MPn1(3) - Situação inicial (orientação)	Exposição (ou introdução ou apresentação)	Ep13: velhice do protagonista, [P36].	<p style="text-align: center;">Bloco 4 <u>Ep13 o Ep17</u></p> Abertura: a velhice do ferreiro. (Ep13) Falta: o protagonista, já velho, sente-se ameaçado pela presença da Morte. (Ep14) a (Ep16) Busca: o personagem central procura estabelecer um trato com a Morte. (Ep16) Resultado: Êxito. o ferreiro faz uma negociação com a antagonista para aumentar seu tempo de vida. (Ep17)
MPn2(3) - Nó (gatilho)	Complicação	Ep14: aparição da Morte, [P37] a [P38].	
MPn3(3) - Re-ação ou avaliação	Desenvolvimento até chegar ao clímax	Ep15: reação do protagonista e de sua esposa, [P39] a [P57].	
MPn4(3) - Desfecho (resolução)	Desfecho (desenlace ou conclusão)	Ep16: trato com a Morte, [P58].	
MPn5(3) - Situação final		Ep17: o protagonista aproveita a sua vida, [P59].	
MPn1(4) - Situação inicial (orientação)	Exposição (ou introdução ou apresentação)	Ep18: passagem fugaz do tempo, [P60] a [P61].	<p style="text-align: center;">Bloco 5 <u>Ep18 o Ep22</u></p> Abertura: envelhecimento do protagonista. (Ep18) Falta: o velho ferreiro não aceita sua mortalidade. (Ep19)
MPn2(4) - Nó (gatilho)	Complicação	Ep19: o ferreiro encontra novamente a Morte, [P62].	
MPn3(4) - Re-ação ou avaliação	Desenvolvimento até chegar ao clímax	Ep20: o ferreiro e a sua esposa tentam	

		enganar a Morte, [P63] a [P82].	Busca: o personagem central tenta escapar novamente do ciclo natural da vida. (Ep20) a (Ep21)
MPn4(4) - Desfecho (resolução)	Desfecho (desenlace ou conclusão)	Ep21: sentença fatal da Morte, [P83].	
MPn5(4) - Situação final		Ep22: o falecimento do protagonista, [P84].	Resultado: fracasso - O protagonista falece. (Ep22)

-Análise do plano de texto, da sequência textual narrativa, em suas macroproposições e proposições e do princípio de intencionalidade

O Tn2, no nível do plano de texto, apresenta um protagonista que desempenha o papel de um homem trabalhador, um ferreiro. A narrativa se baseia na tentativa do protagonista de enganar a Morte, pois não aceita sua mortalidade. No texto, há 22 episódios, divididos nas cinco macroproposições de base.

O **Ep1**, “O Truque da morte”, apresenta a MPn0, que traz um resumo do papel da antagonista. Na MPn1, há o primeiro momento da narrativa, em que é apresentado um rapaz, personagem secundário, descrito como “um jovem bonito, risonho e cheio de saúde” [F2]. O desequilíbrio se instaura quando esse rapaz se depara com a Morte e é por ela ameaçado, configurando o **Ep2**, “O encontro com a Morte”. Nessa parte da narrativa, o personagem se mostra assustado, mas, ao mesmo tempo, tenta ser valente, o que é expresso no trecho “sou moço e ainda pretendo viver bastante” [F5].

O **Ep3**, “O desafio da Morte”, estabelece a MPn3. Nela se revela o caráter astuto e ardiloso da antagonista, que lança uma armadilha ao rapaz. A proposta da Morte é apresentada como algo benéfico, “Vim aqui para lhe dar um prêmio” [F12], e de boa fortuna, pois se trata de um “dia de sorte” [F16]. O moço, entusiasmado, percorreu uma grande extensão de terra. O termo “correndo”, repetido três vezes, enfatiza a ação do personagem que se deixou levar pela ganância de conquistar todo o terreno que conseguisse.

O **Ep4**, “O falecimento do jovem”, marca o desfecho da primeira macroproposição narrativa: “O jovem sentiu-se mal, tropeçou numa pedra rolou

por um barranco e morreu” [F27]. A morte desse personagem se assemelha ao rolar de uma pedra, uma indicação da fragilidade da vida e da morte como castigo pela ganância.

Em relação ao princípio de intencionalidade, do **Ep1** ao **Ep4**, tem-se o seguinte: a **abertura**, em que a antagonista é apresentada como uma figura sagaz e ardilosa (**Ep1**); o **estado inicial (falta)**, em que é estabelecido quando o personagem secundário se sente ameaçado (**Ep2**); o **estado de atualização (busca)**, relacionado com a ganância do personagem em conquistar a maior extensão de terra possível (**Ep3**); o **estado final** com resultado de **fracasso**, pois o personagem presente no Ep4 morre.

O **Ep5**, “O ferreiro encontra a Morte”, inicia a segunda macroproposição narrativa, em o protagonista é apresentado como um homem pobre, generoso e trabalhador: “vivia trabalhando o dia inteiro diante de um forno” [F34], “não tinha um tostão” [F36], “bom coração” [F36]. Ele se encontra com a antagonista, que tenta ludibriá-lo.

O **Ep6**, “A proposta da Morte e a reação do protagonista”, designa a esperteza do protagonista em recusar o que a Morte lhe propõe. O jovem ri dela e a afugenta: “O jovem pegou um pedaço de ferro em brasa e atirou na cara da Morte” [F42]. O objeto lançado revela a intenção de defesa por parte do ferreiro. No P21, o ferreiro ainda insulta a Morte: “- Cai fora, desgraçada! Vai embora daqui! Me deixa trabalhar e viver minha vida em paz!”. O uso do adjetivo depreciativo “desgraçada” constrói o aspecto negativo da antagonista e indica a fúria do protagonista, que deseja apenas seguir com sua vida.

O **Ep7**, “O ultimato da Morte”, configura a reação da antagonista depois da recusa inesperada do ferreiro. Desse modo, ela lhe dá um ultimato: “-Vai esperando que ainda pego você” [F47]. A Morte demonstra, assim, seu perfil de vilã, aquela que, onipotente e onipresente, sentencia o fim dos mortais. O **Ep8**, “A indiferença do protagonista”, marca o sentimento apático do ferreiro em relação ao ultimato da Morte.

Quanto ao princípio de intencionalidade, do **Ep5** ao **Ep8**, tem-se o seguinte: a **abertura**, em que o protagonista encontra a antagonista, que lhe faz uma proposta (**Ep5**); o **estado inicial (falta)**, marcado pelo desconforto do

protagonista, que se sente ameaçado com a presença da Morte (**Ep6**); o **estado de atualização (busca)**, que mostra como o personagem central agiu para repelir a antagonista (**Ep7**); **estado final** com resultado de **êxito**, pois o protagonista se livra da ameaça da Morte (**Ep8**).

O **Ep9**, “O encontro com uma velhinha”, estabelece a terceira macroproposição narrativa, em que ocorre o encontro entre o protagonista e a misteriosa senhora, sentada em um “barranco” na “beira da estrada” [F49]. O **Ep10**, “Pedido de ajuda”, estabelece que ela estava passando fome há “três dias” [F52], por isso suplicou ao protagonista um pouco de comida: “Me arranje um pouco de comida que não aguento mais de tanta fome” [F53].

O **Ep11**, “Os três pedidos”, mostra que o protagonista, comovido com o pedido da velha, resolve lhe dar o pouco de comida que ainda tinha, apenas “pedaço velho e pouco de carne” [F54]. Dessa maneira, ele e a esposa demonstraram ser generosos e altruístas, ficaram sem comer para alimentar a velha, que corria “risco de morrer” [F60]. Como forma de agradecimento, ela concede três pedidos ao ferreiro, este os define como: ferro e carvão para garantir seu trabalho; uma mesa mágica com comida e uma viola mágica para que quem escutasse a música não parasse de dançar.

O **Ep12**, “Mudanças na vida do ferreiro”, revela a prosperidade do protagonista e sua esposa, uma mudança acentuada, intensificada pelo advérbio “completamente” [F77], pois agora ele tinha trabalho e comida garantidos.

Quanto ao princípio de intencionalidade, do **Ep9** ao **Ep12**, tem-se o seguinte: a **abertura**, em que ocorre o encontro do protagonista com uma frágil e misteriosa velhinha (**Ep9**); o **estado inicial (falta)**, em que o ferreiro, mesmo não tendo comida suficiente, oferece o pouco que tem à velha (**Ep10**); o **estado de atualização (busca)**, em que o personagem principal ajuda e acolhe a senhora (**Ep11**); o **estado final** com resultado de **êxito**, pois o protagonista pode realizar três pedidos, como proposto pela velha em forma de agradecimento o que gera mudanças na vida do protagonista (**Ep11** e **Ep12**).

O **Ep13**, “Velhice do protagonista”, configura a passagem fugaz do tempo e o envelhecimento do ferreiro, expresso no trecho “Um dia, bateram na porta de sua casa. O jovem virou um homem velho” [P36].

O **Ep14**, “Aparição da Morte”, mostra que a Morte aparece novamente para o ferreiro, mas agora com o intuito de sentenciar o fim da vida dele. Esse encontro é marcado pelo sarcasmo da antagonista, a “danada”, que determina: “Dessa vez não tem saída” [F85].

O **Ep15**, “Reação do protagonista e de sua esposa”, revela como o ferreiro, utilizando a viola, um objeto mágico, enganou a Morte, que teve de dançar até ceder em relação ao acordo. Percebe-se a impaciência da Morte ao afirmar “- Pare de tocar essa maldita viola!” [F110].

O **Ep16**, “O trato com a Morte”, configura o pacto que o ferreiro estabeleceu com a Morte depois de tentar a “noite inteira” [F127]. Nesse parágrafo, nota-se, por um lado, a insistência do protagonista em manter sua vida e, por outro, a resistência da Morte em ceder. Depois do trato feito, o ferreiro, no **Ep17**, “O protagonista aproveita a sua vida”, viaja pelo mundo, visita os amigos e conhece novas pessoas. Os quatro períodos começam com verbos no pretérito perfeito – “viajou”, “conheceu”, “aprofundou”, “procurou” –, o que estabelece um paralelismo entre as ações sucessivas e rápidas do protagonista.

Quanto ao princípio de intencionalidade, do **Ep13** ao **Ep16**, tem-se o seguinte: a **abertura**, em que o protagonista envelhece (**Ep13**); o **estado inicial (falta)**, que é marcado pelo sentimento de ameaça do ferreiro em relação à Morte (**Ep14** e **Ep15**); **estado de atualização (busca)**, que revela como o protagonista agiu para fazer um trato com a antagonista (**Ep16**); o **estado final** com resultado de **êxito**, pois o ferreiro conseguiu negociar com a Morte (**Ep17**).

O **Ep18**, “Passagem fugaz do tempo”, representa a temporalidade de maneira metafórica, por meio da expressão “Infelizmente o tempo é uma roda que gira sem breque nem eixo” [F136], antecedida pelo advérbio “infelizmente”. Este termo evidencia que a vida do protagonista está se esvaindo. Em seguida, há um parágrafo breve que demonstra a passagem do ano.

O **Ep19**, “O ferreiro encontra novamente a Morte”, instaura um novo nó, uma vez que a antagonista aparece e é recepcionada pela esposa do protagonista. O **Ep20**, “O ferreiro e a sua esposa tentam enganar a Morte”, mostra que a antagonista tentou encontrar o protagonista duas vezes, mas ele não estava em casa. Nesse episódio, destacam-se o desespero da mulher do

ferreiro, que estava “apavorada” [F146], e o desapontamento da Morte, que se mostrou “aborrecida”, adjetivo intensificado pelo advérbio “muito” [F152].

O **Ep21**, “Sentença fatal da Morte”, a antagonista dá um ultimato por meio de um “recado ameaçador”. Nesse momento, ela se mostra uma figura fúnebre e, ao mesmo tempo, irônica e insistente, o que é expresso no trecho “Levaria o ferreiro na marra, por bem ou por mal” [F161].

O **Ep22**, “O falecimento do protagonista”, reforça o viés satírico do texto, pois a antagonista, aborrecida por ter sido enganada, diz à esposa do protagonista que ele estava mentindo. Assim, a Morte, estrategicamente, resolve sentenciar o fim do ferreiro, que está disfarçado de tio da mulher: “- Hoje tenho que cumprir minha missão de qualquer jeito. [F190] Já que seu marido não está, vou levar o seu tio mesmo. [F191]”. A Morte reafirma seu papel, o de sentenciar o fim da vida das pessoas, e se mostra sagaz, mesmo tendo sido enganada. O último parágrafo trata do falecimento do protagonista.

Em relação ao princípio de intencionalidade, do **Ep18** ao **Ep22**, tem-se o que segue: a **abertura**, em que ocorre a passagem do tempo (**Ep18**) o estado inicial (**falta**), que reitera o fato de o personagem central não aceitar sua mortalidade (**Ep19**); o **estado de atualização (busca)**, que corresponde a outra forma que o ferreiro encontrou para fugir da Morte (**Ep20** e **Ep21**); o **estado final** com resultado de **fracasso**, pois o protagonista que não consegue escapar do seu destino mortal (**Ep22**).

No que diz a respeito à temporalidade, o Tn2 apresenta uma sucessão cronológica dos fatos, da apresentação do ferreiro até sua morte. Os acontecimentos, de modo geral, passam com rapidez, principalmente, depois do encontro do protagonista com a antagonista.

Quanto à composição espacial, o conto é ambientado em um local indeterminado. Pressupõe-se que seja um ambiente rural, caracterizado por “planícies, subindo e descendo montanhas, saltando barrancos e rios” [F22]. Esse espaço é o mesmo em que o protagonista reside e trabalha, e é onde grande parte das ações acontecem.

- Análise dos actantes e dos processos narrativos

Conforme proposto por Charaudeau (2016), que elenca os componentes da lógica narrativa, os actantes e os processos narrativos são apresentados a seguir:

Tn2 - O último dia na vida do ferreiro		
Actantes narrativos		Processos narrativos
A morte (actante agente) em relação ao rapaz (actante paciente)	<p>1. Morte Actante age, ele o faz como: Retribuidor: em um primeiro momento, parece ser uma ação positiva, mas se mostra uma armadilha.</p> <p>2. Rapaz Se o actante sofre a ação Vítima: o personagem falece em virtude de sua própria ganância.</p>	<p>1. Função principal da narrativa</p> <p>Causa: a Morte oferece uma proposta dissimulada para um jovem rapaz. Consequência: o rapaz falece em virtude de sua ganância ao aceitar tal proposta. - Realização da ação recai sobre o outro. - O ato tem a função de degradar um estado inicial. Degradação por retribuição A Morte concede um castigo, implicitamente, ao jovem rapaz.</p> <p>Comentário: a antagonista ludibria o rapaz, que morre por causa da ambição.</p>
O ferreiro (actante agente) em relação à velhinha (actante paciente)	<p>1. Ferreiro Actante age, ele o faz como: Benfeitor: oferece um prato de comida.</p> <p>2. Velhinha Se o actante sofre a ação Beneficiário: ela recebe o único alimento que o ferreiro tinha. Retribuidor: concede três poderes mágicos.</p>	<p>2. Função principal da narrativa</p> <p>Causa: uma velhinha está passando fome. Consequência: o ferreiro ajuda a velhinha, que como gratificação, concede-lhe três poderes mágicos.</p> <p>- Realização da ação recai sobre o outro. - O ato tem a função de melhoramento de um estado inicial. Melhoramento por intervenção O protagonista presta auxílio. Ação da velhinha Melhoramento por retribuição. Os três poderes mágicos modificam de maneira positiva a vida do ferreiro.</p> <p>Comentário: o protagonista e sua esposa melhoram de situação por causa dos poderes mágicos concedidos pela velha.</p>
O protagonista (actante agente) em relação à Morte (actante paciente)	<p>1. Protagonista Actante age, ele o faz como: Oponente: o protagonista já aceita as projeções da Morte.</p>	<p>3. Função principal da narrativa</p> <p>Causa: o protagonista não aceita seu destino mortal. Consequência: o personagem central age contra a Morte, enganando-a.</p>

	<p>Direta: afrontamento direto.</p> <p>2. Morte Se o actante sofre a ação Vítima: a antagonista sofre a ação. Negociação: concede um acordo</p>	<p>- Realização da ação recai sobre si mesmo.</p> <p>- O ato tem a função de conservar um estado inicial. Conservação por neutralização da ameaça da Morte. Comentário: o protagonista confronta a antagonista.</p>
<p>A esposa do ferreiro (actante agente) em relação a Morte (actante paciente)</p>	<p>1. Esposa do ferreiro Actante age, ela o faz como: Oponente: ela se opõe aos ideais da Morte. Ela o faz de maneira: Indireta: o personagem finge ser outra pessoa.</p> <p>2. Morte Se o actante sofre a ação Vítima: a antagonista sofre a ação. Fuga: ela evita confronto.</p>	<p>4. Função principal da narrativa Causa: a Morte expressa uma segunda ameaça. Consequência: a antagonista é afugentada pela esposa do ferreiro.</p> <p>- Realização da ação recai sobre o outro.</p> <p>- O ato tem a função de conservar um estado inicial. Conservação por neutralização da nova ameaça da Morte. Comentário: a Morte foge da situação.</p>
<p>A Morte (actante agente) em relação ao “o tio da esposa do protagonista” (actante paciente)</p>	<p>1. Morte Actante age, ele o faz como: Oponente: ela contraria as projeções da esposa do ferreiro. Ela o faz de maneira: Indireta: é dissimulada ao levar o protagonista.</p> <p>2. “O tio da esposa do protagonista” Se o actante sofre a ação Vítima: falecimento do protagonista.</p>	<p>5. Função principal da narrativa Causa: o protagonista e sua esposa buscam enganar a Morte. Consequência: a antagonista sentencia o fim do personagem central.</p> <p>- Realização da ação recai sobre o outro.</p> <p>- O ato tem a função de degradar um estado inicial. Degradação por eliminação. Comentário: a antagonista sentencia o fim do protagonista.</p>

3.2.3 Texto 3 - O moço que não queria morrer (Tn3)

- Identificação das macroproposições narrativas de base (nível global)

Na sequência, na coluna à esquerda, apresenta-se o Tn3 completo, na coluna à direita, as macroproposições narrativas de base (ADAM, 2011; 2019). Note-se que as cores correspondem a cada macroproposição específica.

Tn3 - O moço que não queria morrer	Macroproposições narrativas
<p>Um jovem viajante andava pelas estradas do mundo. Certa tarde, arranjou um lugar debaixo de uma árvore e sentou-se para descansar.</p> <p>Um vulto apareceu, só Deus sabe de onde.</p>	<p>MPn1 Situação inicial (Orientação)</p>
<p>O moço puxou assunto com o recém-chegado. Conversa vai, conversa vem, descobriu que aquele vulto era a Morte.</p>	<p>MPn2 Nó (gatilho)</p>
<p>Em pé, com um pedaço de pau na mão, o rapaz gritou:</p> <p>- Se veio pra me levar vai ter que ser na marra. Não pretendo morrer de jeito nenhum. Tenho uma vida inteira pela frente!</p> <p>A Morte caiu na risada:</p> <p>- Calma, amigo. Não tenha medo. Só estou aqui de passagem. Você é muito jovem. Sua hora ainda está longe de chegar. Um dia eu pego você, mas não vai ser já!</p> <p>Disse isso e desapareceu numa espécie de poeira escura e acinzentada.</p>	<p>MPn3 Re-ação ou Avaliação</p>
<p>O jovem ficou pensando. Não queria morrer nem quando ficasse velho. Achava errado morrer. Para ele, a morte era uma injustiça. Lembrou-se de sua conversa com o vulto misterioso e sorriu:</p> <p>- Acho até que a Morte sentiu um pouco de medo de mim!</p>	<p>MPn4 Desfecho (resolução) Apresentação uma avaliação</p>
<p>Daquele dia em diante, uma ideia cresceu fixa na cabeça do moço. Ia passar o resto da vida procurando um lugar onde a morte não existisse.</p> <p>- Deve haver um lugar assim - disse ele para si mesmo. - É simplesmente uma questão de lutar para encontrar.</p>	<p>MPn2(1) Nó (gatilho)</p>
<p>E lá se foi o jovem viajante pelo mundo afora em busca do lugar onde ninguém morria.</p>	<p>MPn3(1)</p>

<p>Andou, andou, andou. Andava e perguntava para todos que encontrava. Ninguém nunca tinha ouvido falar no tal lugar. Alguns até davam risada. Outros balançavam a cabeça sem querer acreditar.</p> <p>O jovem, teimoso, foi em frente.</p> <p>Um dia, encontrou um homem velho conduzido uma carroça velha puxada por um burro velho. A carroça estava cheia de pedras.</p> <p>- O senhor sabe onde fica o lugar onde ninguém morre?</p> <p>- Se não quer morrer - responde o homem velho -, fique perto de mim.</p> <p>E apontou o dedo para longe.</p> <p>- Está vendo aquela montanha? Se ficar comigo, enquanto eu não transportar toda ela com minha carroça, pedra por pedra, pedaço de terra por pedaço de terra, você vai viver.</p> <p>- Mas por quanto tempo?</p> <p>- Com certeza, mais do que cem anos - respondeu o homem velho.</p> <p>- É pouco - disse o moço. - Quero viver bem mais que isso.</p> <p>Despediu-se e foi embora.</p> <p>Andou, andou, andou.</p> <p>Mais adiante, encontrou um homem muito velho com um machado muito velho na mão.</p> <p>- O senhor sabe onde fica o lugar onde ninguém morre?</p> <p>- Se não quer morrer - respondeu o homem muito velho -, fique perto de mim.</p> <p>E apontou o dedo para uma floresta escura que cobria uma planície imensa.</p> <p>- Está vendo aquela mata? Se ficar comigo, enquanto eu não cortar todas as suas árvores, tronco por tronco, galho por galho, você vai viver.</p> <p>- Mas por quanto tempo?</p> <p>- Com certeza, cerca de duzentos anos - respondeu o homem muito velho.</p> <p>- É pouco - disse o moço - Quero viver bem mais que isso.</p> <p>Despediu-se e foi embora.</p> <p>Andou, andou, andou.</p> <p>Mais adiante, encontrou um homem muito, muito velho, carregando um balde muito, muito velho, cheio de água.</p> <p>- O senhor sabe onde fica o lugar onde ninguém morre?</p> <p>- Se não quer morrer - respondeu o homem muito, muito velho -, fique perto de mim.</p>	<p>Re-ação ou Avaliação</p>
--	------------------------------------

<p>E com o dedo mostrou um oceano que cobria a linha do horizonte de ponta a ponta.</p> <p>- Está vendo aquele mar? Se ficar comigo, enquanto eu não tirar toda sua água com meu balde, litro por litro, gota por gota, você vai viver.</p> <p>- Mas por quanto tempo?</p> <p>- Com certeza, cerca de trezentos anos - respondeu o homem muito, muito velho.</p> <p>- É pouco – disse o moço. - Quero viver bem mais que isso.</p> <p>Despediu-se e foi embora.</p> <p>Andou, andou, andou. Em seguida, andou, andou, andou. E depois, andou, andou e andou mais ainda.</p>	
<p>Certa noite, enxergou um castelo dourado no alto de um despenhadeiro. O castelo brilhava no meio da escuridão.</p> <p>O moço subiu pelas pedras do penhasco. Chegou no castelo pouco depois do amanhecer. Bateu na porta. Silêncio. Bateu de novo. O lugar parecia desabitado.</p> <p>Sem saber o que fazer, resolveu ficar por ali passeando. Perto de uma fonte, encontrou uma moça que o chamou pelo nome.</p> <p>A jovem era a coisa mais linda que o moço já tinha visto na vida.</p> <p>- Por favor - disse ele aproximando-se, encantado. - Por acaso, sabe onde fica o lugar onde ninguém morre?</p> <p>A moça sorriu e seu sorriso era simplesmente luminoso.</p> <p>- Este é o lugar aonde a Morte não vem - respondeu a moça - Fique para sempre comigo - pediu ela. E disse mais:</p> <p>- Enquanto estiver aqui, tenha certeza disso, você vai viver.</p> <p>- Mas por quanto tempo?</p> <p>- O tempo que você desejar!</p> <p>Era tudo o que o jovem viajante queria ouvir.</p> <p>A partir daquela manhã, passou a morar com a moça bonita do castelo dourado que ficava no alto do despenhadeiro.</p> <p>Por sorte, a vida no lugar onde ninguém morre era muito boa. Todos os dias, na hora das refeições, a mesa aparecia posta cheia de comidas e bebidas deliciosas. À noite, o jovem dormia com a bela moça numa cama macia forrada de veludo vermelho.</p>	<p>MPn4(1) Desfecho (resolução)</p>
<p>De vez em quando o rapaz pensava na Morte.</p> <p>- Enganei a bandida! - dizia ele orgulhoso e cheio de felicidade.</p>	<p>MPn5(1) Situação final</p>
<p>Mas o tempo é um vento que leva tudo.</p>	<p>MPn1(2) Situação inicial (orientação)</p>
<p>Acontece que o jovem viajante deu para sentir falta da família, dos amigos e da cidade onde tinha nascido.</p>	<p>MPn2(2) Nó</p>

	(gatilho)
<p>Conversou com a moça bonita:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Gostaria de visitar meus pais e meus irmãos. - Para quê? - perguntou ela. - Somos tão felizes! - Sinto saudade - explicou o rapaz. <p>A moça bem que tentou dissuadir o moço, mas não teve jeito. Ao perceber que o rapaz estava na hora de visitar a família, a jovem achou que já estava na hora de falar a verdade.</p> <ul style="list-style-type: none"> - Preciso contar uma coisa - começou ela. - É algo que você ainda não sabe. - A moça falava com jeito. - Você já está morando aqui comigo há mais de quinhentos anos. <p>O jovem viajante arregalou os olhos.</p> <ul style="list-style-type: none"> - Como assim? <p>No começo, o rapaz não quis acreditar nas palavras da moça, mas ela tanto falou, tanto explicou, tanto argumentou que acabou convencido.</p> <ul style="list-style-type: none"> - Não faz mal - disse confuso. - Mesmo assim, quero voltar para pelo menos rever minha casa e o lugar onde nasci. <p>A moça bonita não quis insistir mais. Apenas disse:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Está bem. Vá, se quiser! <p>E explicou o que o jovem devia fazer. Pediu a ele que viajasse no cavalo branco que vivia preso na estrebaria.</p> <ul style="list-style-type: none"> - Ele é mágico - contou ela. - É capaz de galopar mais rápido do que a ventania. <p>A jovem continuou. Seus olhos ficaram cheios de água:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Por favor, preste muita atenção - pediu ela. - Nunca desça do cavalo e, principalmente, nunca, de jeito nenhum, coma qualquer coisa enquanto estiver fora do castelo dourado. <p>O jovem viajante concordou, pegou o cavalo branco, despediu-se e partiu.</p> <p>Foi viajando e quanto mais viajava mais espantado ficava. É que o mundo estava completamente diferente!</p> <p>Onde antes existia uma imensa montanha agora havia uma cidade. Onde antes havia uma floresta escura agora existia uma imensa planície. Onde antes existia um oceano o chão agora estava rachado de tão seco.</p> <p>O jovem cavaleiro andava, olhava e não conseguia reconhecer quase nada.</p> <p>Chegando à pequena vila onde tinha nascido, encontrou uma cidade grande e muito movimentada.</p>	<p>MPn3(2) Re-ação ou avaliação</p>

<p>Falou seu nome. Ninguém conhecia.</p> <p>Perguntou sobre sua família. Ninguém mais lembrava.</p> <p>Procurou sua antiga casa. Não existia mais.</p> <p>Desconsolado, o rapaz achou melhor voltar para a moça bonita do castelo ourado que ficava no alto do despenhadeiro na terra onde ninguém morre.</p> <p>Foi andando e quanto mais andava mais sentia o corpo fraco. Era uma mistura de cansaço, espanto, saudade e fome.</p> <p>A tarde caía fria anunciando a noite.</p>	
<p>No caminho, encontrou um homem levando uma carroça cheia de maçãs.</p> <p>A fome apertou na barriga do jovem viajante. “Uma ou duas maçãs não vão me fazer mal”, pensou ele e gritou:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Dá pra me vender umas maçãs? - Quantas? - quis saber o sujeito, parando a carroça. - Uma ou duas. - Só isso? - exclamou o homem com voz desanimada - Pode pegar. Não vai custar nada. É por conta da casa. <p>O jovem saltou do cavalo, escolheu uma maçã e mordeu.</p> <p>Foi quando uma mão fria e forte agarrou sua nuca.</p> <ul style="list-style-type: none"> - Agora você não me escapa! 	<p>MPn4(2) Desfecho (resolução)</p>
<p>O homem da carroça cheia de maçãs era ela, a Morte, o último suspiro, a treva sem fim, a vigília que nunca acaba, o derradeiro alento, o sono da noite sem horas.</p>	<p>MPn Ω Avaliação final</p>
<p>Conformado, o jovem viajante amoleceu o corpo e deixou que a escuridão tomasse conta de tudo.</p>	<p>MPn5(2) Situação final</p>

O Tn3 tem 188 frases tipográficas e 100 parágrafos. No nível global, é formado por três macroproposições narrativas. A primeira macroproposição é incompleta, pois não apresenta a MPn5 (Situação final). A segunda macroproposição também é incompleta, pois é composta por MPn2, MPn3, MPn4 e MPn5, portanto, exclui-se a MPn1 (Situação inicial). Já a terceira macroproposição é completa e também apresenta MPn Ω (Avaliação final).

- Descrição e análise da organização das seqüências textuais narrativas (nível local)

A seguir, apresenta-se o Tn3 segmentado por macroproposições narrativas de base. Os parágrafos [P] assim como as frases tipográficas [F] estão numerados. Além desses dois elementos, são explicitados os episódios presentes em cada macroproposição.

Posteriormente, procede-se à descrição e análise da organização desses episódios com base em cenário/contexto/situação, estabelecidos como lugar, tempo e personagens, e orientação.

A MPn1 apresenta 2 [P] e 3 [F], constituindo o **Ep1**.

MPn1 - Situação inicial
[P1][F1] Um jovem viajante andava pelas estradas do mundo . [F2] Certa tarde , arranjou um lugar debaixo de uma árvore e sentou-se para descansar.
[P2] [F3] Um vulto apareceu, só Deus sabe de onde .

Cenário/contexto/situação
Lugar: indeterminado, expresso por “estradas do mundo” [F1], “um lugar debaixo de uma árvore” e “só Deus sabe onde” [F2].
Tempo: indefinido, no entanto, há a expressão temporal “Certa tarde” [F2].
Personagens: um jovem viajante e um vulto.
Orientação: um jovem viajante se depara com um vulto misterioso.

A MPn2 apresenta 1[P] e 2 [F], constituindo o **Ep2**.

MPn2 - Nó (gatilho)
[P3] [F4] O moço puxou assunto com o recém-chegado. [F5] Conversa vai, conversa vem, descobriu que aquele vulto era a Morte .

Cenário/contexto/situação
Lugar: indefinido
Tempo: indefinido.
Personagens: um jovem e o enigmático vulto, que se revela como a Morte.
Orientação: o jovem descobre que vulto era a própria Morte.

A MPn3 apresenta 5[P] e 8 [F], constituindo o **Ep3**.

MPn3 - Re-ação ou avaliação
[P4] [F6] Em pé, com um pedaço de pau na mão, o rapaz gritou:
[P5] [F7] - Se veio pra me levar vai ter que ser na marra. [F8] Não pretendo morrer de jeito nenhum. [F9] Tenho uma vida inteira pela frente!
[P6] [F10] A Morte caiu na risada:
[P7] [F11] - Calma, amigo . [F12] Não tenha medo. [F13] Só estou aqui de passagem. [F14] Você é muito jovem. [F15] <u>Sua hora ainda está longe de chegar</u> . [F16] Um dia eu pego você, mas não vai ser já!
[P8] [F17] Disse isso e desapareceu numa espécie de poeira escura e acinzentada .

Cenário/contexto/situação
Lugar: indeterminado.
Tempo: indefinido, no entanto, é marcado por meio das seguintes expressões: “sua hora ainda está longe de chegar” [F15] e “um dia” [F16].
Personagens: o moço, referido pela Morte como “amigo”, e a própria Morte.
Orientação: a Morte diz ao jovem que ainda não é o momento de ele falecer. A figura da antagonista é expressa como uma “espécie de poeira escura e acinzentada” [F17].

A MPn4 apresenta 2[P] e 6 [F], constituindo o **Ep4**.

MPn4 - Desfecho (resolução)
[P9] [F18] O jovem ficou pensando. [F19] Não queria morrer nem quando ficasse velho. [F20] Achava errado morrer. [F21] Para ele, a morte era uma injustiça. [F22] Lembrou-se de sua conversa com o vulto misterioso e sorriu:
[P10] [F23] - Acho até que a Morte sentiu um pouco de medo de mim!

Cenário/contexto/situação
Lugar: indefinido.
Tempo: indeterminado.
Personagens: o protagonista e a antagonista, “um vulto misterioso” [F22].
Orientação: o protagonista enfrenta a Morte por considerá-la injusta.

A MPn2(1) apresenta 2[P] e 5 [F], constituindo o **Ep5**.

MPn2(1) - Nó (gatilho)
[P11] [F24] Daquele dia em diante , uma ideia cresceu fixa na cabeça do moço. [F25] la passar o resto da vida procurando um lugar onde a morte não existisse .
[P12] [F26] - Deve haver um lugar assim - [F27] disse ele para si mesmo. - [F28] É simplesmente uma questão de lutar para encontrar.

Cenário/ contexto/situação
Lugar: indefinido, mas há menção de “um lugar onde a morte não existisse” [F25].
Tempo: indeterminado, no entanto, designam-se marcações temporais, tais como: “daquele dia em diante” [F24] e “o resto da vida” [F25].
Personagens: o jovem e a Morte.
Orientação: o protagonista se depara com a sua mortalidade e por não aceitá-la, vai em busca de um lugar onde não se morre.

A MPn3(1) apresenta 33 [P] e 57[F], constituindo **Ep6, Ep7 e Ep8**.

MPn3(1) - Re-ação ou avaliação
[P13] [F29] E lá se foi o jovem viajante pelo mundo afora em busca do lugar onde ninguém morria .
[P14] [F30] Andou, andou, andou. [F31] Andava e perguntava para todos que encontrava. [F32] Ninguém nunca tinha ouvido falar no tal lugar . [F33] Alguns até davam risada. [F34] Outros balançavam a cabeça sem querer acreditar.
[P15] [F35] O jovem, teimoso, foi em frente.
[P16] [F36] Um dia , encontrou um homem velho conduzido uma carroça velha puxada por um burro velho. [F37] A carroça estava cheia de pedras.
[P17] [F38] - O senhor sabe onde fica o lugar onde ninguém morre?

[P18] [F39] - Se não quer morrer - [F40] responde o homem velho -, [F41] fique perto de mim.

[P19] [F42] E apontou o dedo para longe.

[P20] [F43] - Está vendo **aquela montanha**? [F44] Se ficar comigo, enquanto eu não transportar toda ela com minha carroça, pedra por pedra, pedaço de terra por pedaço de terra, você vai viver.

[P21] [F45] - Mas por quanto tempo?

[P22] [F46] - Com certeza, mais do que **cem anos** - [F47] respondeu o homem velho.

[P23] [F48] - É pouco - [F49] disse o moço. [F50] - Quero viver bem mais que isso.

[P24] [F51] Despediu-se e foi embora.

[P25] [F52] Andou, andou, andou.

[P26] [F53] Mais adiante, encontrou um **homem muito velho** com um machado muito velho na mão.

[P27] [F54] - O senhor sabe onde fica lugar onde ninguém morre?

[P28] [F55] - Se não quer morrer - [F56] respondeu o homem muito velho - [F57], fique perto de mim.

[P29] [F58] E apontou o dedo para **uma floresta escura** que cobria uma planície imensa.

[P30] [F59] - Está vendo **aquela mata**? [F60] Se ficar comigo, enquanto eu não cortar todas as suas árvores, tronco por tronco, galho por galho, você vai viver.

[P31] [F61] - Mas por quanto tempo?

[P32] [F62] - Com certeza, cerca de **duzentos anos** - [F63] respondeu o homem muito velho.

[P33] [F64] - É pouco - disse o moço - [F65] Quero viver bem mais que isso.

[P34] [F66] Despediu-se e foi embora.

[P35] [F67] Andou, andou, andou.

[P36] [F68] Mais adiante, encontrou um **homem muito, muito velho**, carregando um balde muito, muito velho, cheio de água.

[P37] [F69] - O senhor sabe onde fica o **lugar onde ninguém morre**?

[P38] [F70] - Se não quer morrer - [F71] respondeu o homem muito, muito velho -, [F72] fique perto de mim.

[P39] [F73] E com o dedo mostrou **um oceano que cobria a linha do horizonte de ponta a ponta**.

[P40] [F74] - Está vendo aquele **mar**? [F75] Se ficar comigo, enquanto eu não tirar toda sua água com meu balde, litro por litro, gota por gota, você vai viver.

[P41] [F76] - Mas por quanto tempo?

[P42] [F77] - Com certeza, cerca de **trezentos anos** - [F78] respondeu o homem muito, muito velho.

[P43] [F79] - É pouco [F80] - disse o moço. - [F81] Quero viver bem mais que isso.

[P44] [F82] Despediu-se e foi embora.

[P45] [F83] Andou, andou, andou. [F84] Em seguida, andou, andou, andou. [F85] E depois, andou, andou e andou mais ainda.

O **Ep6** vai do [P13] ao [P24], apresentando 12 [P] e 23[F]

Cenário/contexto/situação
Lugar: indeterminado; há referências a “lugar onde ninguém morria” [F29], “tal lugar” e “aquela montanha”.
Tempo: indefinido, marcado pelas seguintes expressões: “um dia” [F36]; há a menção a “cem anos” [F46].
Personagens: o protagonista e o “homem velho” [F36].
Orientação: o personagem central deseja encontrar um lugar onde não se morre, ele se depara com um homem velho que lhe faz uma proposta, a qual é recusada.

O **Ep7** vai do [P25] ao [P34], apresentando 12[P] e 15[F]

Cenário/ contexto/situação
Lugar: indefinido, no entanto, há expressões que indicam espaço, tais como: “lugar onde ninguém morre” [F54] e “uma floresta escura”.
Tempo: indeterminado; há a menção a “duzentos anos” [F62].
Personagens: o protagonista e “um homem muito velho” [F53].
Orientação: o personagem central continua sua busca para encontrar um lugar onde não morre; ele se depara com um homem muito velho que lhe faz uma oferta, a qual é recusada.

O **Ep8** vai do [P35] ao [P45], apresentando 11 [P] e 19 [F]

Cenário/contexto/situação
Lugar: indefinido; há a menção ao local onde ninguém morre e ao oceano [F73].
Tempo: indeterminado; há menção a “trezentos anos” [F77].
Personagens: o protagonista e um “homem muito, muito velho” [F68].

Orientação: o protagonista recusa novamente outra proposta, pois ele pretende viver eternamente.

A MPn4(1) apresenta 13[P] e 28[F], constituindo o **Ep9**.

MPn4(1) - Desfecho (resolução)

[P46] [F86] **Certa noite**, enxergou um castelo dourado no alto de um despenhadeiro.
[F87] O **castelo** brilhava no meio da escuridão.

[P47] [F88] O **moço** subiu pelas pedras do penhasco. [F89] Chegou no castelo pouco **depois do amanhecer**. [F90] Bateu na porta. [F91] Silêncio. [F92] Bateu de novo. [F93] O lugar parecia desabitado.

[P48] [F94] Sem saber o que fazer, resolveu ficar por ali passeando. [F95] Perto de uma fonte, encontrou uma moça que o chamou pelo nome.

[P49] [F96] A jovem era a coisa mais linda que o moço já tinha visto na vida.

[P50] [F97] - Por favor - [F98] disse ele aproximando-se, encantado. - [F99] Por acaso, sabe onde fica o lugar onde ninguém morre?

[P51] [F100] A **moça** sorriu e seu sorriso era simplesmente luminoso.

[P52] [F101] - Este é o lugar aonde a Morte não vem [F102] - respondeu a moça -
[F103] Fique para sempre comigo - [F104] pediu ela. [F105] E disse mais:

[P53] [F106] - Enquanto estiver aqui, tenha certeza disso, você vai viver.

[P54] [F107] - Mas por quanto tempo?

[P55] [F108] - O tempo que você desejar!

[P56] [F109] Era tudo o que o jovem viajante queria ouvir.

[P57] [F110] **A partir daquela manhã**, passou a morar com a **moça bonita do castelo dourado** que ficava no alto do despenhadeiro.

[P58] [F111] Por sorte, a vida no lugar onde ninguém morre era muito boa. [F112] **Todos os dias**, na hora das refeições, a mesa aparecia posta cheia de comidas e bebidas deliciosas. [F113] **À noite**, o jovem dormia com a bela moça numa cama macia forrada de veludo vermelho.

Cenário/contexto/situação
Lugar: indicado pelas seguintes expressões “castelo dourado no alto de um despenhadeiro” [F86] e “lugar onde ninguém morre” [F99].
Tempo: indeterminado, mas há as expressões “certa noite” [F86], “depois do amanhecer” [F89] “a partir daquela manhã” [F110] e “à noite” [F113].
Personagens: o protagonista e a moça [F100].
Orientação: o personagem central encontra um castelo dourado, local onde não se morre; nele inicia sua vida com uma jovem moça.

A MPn5(1) apresenta 2[P] e 3[F], constituindo o **Ep10**.

MPn5 - Situação final
[P59] [F114] De vez em quando o rapaz pensava na Morte . [P60] [F115] - Enganei a bandida! - [F116] dizia ele orgulhoso e cheio de felicidade.

Cenário/contexto/situação
Lugar: indeterminado.
Tempo: indefinido.
Personagem: o protagonista e a Morte.
Orientação: o protagonista, orgulhoso, sente que escapou da ameaça da Morte: “Enganei a bandida!”.

A MPn1(2) apresenta 2[P] e 1[F], constituindo o **Ep11**.

MPn1(2) - Situação inicial
[P61] [F117] Mas <u>o tempo é um vento que leva tudo</u> .

Cenário/contexto/situação
Lugar: indeterminado.
Tempo: indefinido, mas há a expressão “o tempo é vento que leva tudo”.

Personagem: o protagonista está implícito nessa macroproposição.
Orientação: ocorre a passagem rápida do tempo, conseqüentemente, o personagem central envelhece.

A MPn2(2) apresenta 1[P] e 1[F], constituindo o **Ep12**.

MPn2(2) - Nó (gatilho)
[P62] [F118] Acontece que o jovem viajante deu para sentir falta da família , dos amigos e da <u>cidade onde tinha nascido</u> .

Cenário/contexto/situação
Lugar: “cidade onde tinha nascido”, expressão remete à cidade natal do protagonista.
Tempo: indeterminado.
Personagens: o protagonista.
Orientação: o personagem central sente falta da sua família.

A MPn3(2) apresenta 27[P] e 52[F], constituindo o **Ep12** ao **Ep15**.

MPn3(2) - Re-ação ou avaliação
<p>[P63] [F119] Conversou com a moça bonita:</p> <p>[P64] [F120] - Gostaria de visitar meus pais e meus irmãos.</p> <p>[P65] [F121] - Para quê? [F122] - perguntou ela. - [F123] Somos tão felizes!</p> <p>[P66] [F124] - Sinto saudade - [F125] explicou o rapaz.</p> <p>[P67] [F126] A moça bem que tentou dissuadir o moço, mas não teve jeito. [F127] Ao perceber que o rapaz estava mesmo decidido a visitar a família, a jovem achou que já estava na hora de falar a verdade.</p> <p>[P68] [F128] - Preciso contar uma coisa - [F129] começou ela. - [F130] É algo que você ainda não sabe. [F131] - A moça falava com jeito. - [F132] Você já está morando aqui comigo há mais de quinhentos anos.</p> <p>[P69] [F133] O jovem viajante arregalou os olhos.</p> <p>[P70] [F134] - Como assim?</p> <p>[P71] [F135] No começo, o rapaz não quis acreditar nas palavras da moça, mas ela tanto falou, tanto explicou, tanto argumentou que ele acabou convencido.</p>

[P72] [F136] - Não faz mal - [F137] disse confuso. - [F138] Mesmo assim, quero voltar para pelo menos rever minha casa e o lugar onde nasci.

[P73] [F139] A moça bonita não quis insistir mais. [F140] Apenas disse:

[P74] [F141] - Está bem. [F142] Vá, se quiser!

[P75] [F143] E explicou o que o jovem devia fazer. [F144] Pediu a ele que viajasse no cavalo branco que vivia preso na estrebaria.

[P76] [F145] - Ele é mágico - [F146] contou ela. [F147] - É capaz de galopar mais rápido do que a ventania.

[P77] [F148] A jovem continuou. [F149] Seus olhos ficaram cheios de água:

[P78] [F150] - Por favor, preste muita atenção - [F151] pediu ela. [F152] - Nunca desça do cavalo e, principalmente, nunca, de jeito nenhum, coma qualquer coisa enquanto estiver fora do castelo dourado.

[P79] [F153] O jovem viajante concordou, pegou o cavalo branco, despediu-se e partiu.

[P80] [F154] Foi viajando e quanto mais viajava mais espantado ficava. [F155] É que o mundo estava completamente diferente!

[P81] [F156] Onde antes existia uma imensa montanha agora havia uma cidade. [F157] Onde antes havia uma floresta escura agora existia uma imensa planície. [F158] Onde antes existia um oceano, o chão agora estava rachado de tão seco.

[P82] [F159] O jovem cavaleiro andava, olhava e não conseguia reconhecer quase nada.

[P83] [F160] Chegando à **pequena vila onde tinha nascido**, encontrou uma **cidade grande e muito movimentada.**

[P84] [F161] Falou seu nome. [F162] Ninguém conhecia.

[P85] [F163] Perguntou sobre sua família. [F164] Ninguém mais lembrava.

[P86] [F165] Procurou **sua antiga casa**. [F166] Não existia mais.

[P87] [F167] Desconsolado, o rapaz achou melhor voltar para a moça bonita do castelo dourado que ficava no alto do despenhadeiro na terra onde ninguém morre.

[P88] [F168] Foi andando e quanto mais andava mais sentia o corpo fraco. [F169] Era uma mistura de cansaço, espanto, saudade e fome.

[P89] [F170] A tarde caía fria anunciando a noite.

O **Ep12** vai do [P63] ao [P66], apresentando 4[P] e 7[F]

Cenário/contexto/situação
Lugar: o castelo dourado está implícito, menciona-se a cidade onde o protagonista morava.
Tempo: indeterminado; há a expressão “mas o tempo e um vento que leva tudo” [F117].
Personagens: o protagonista e a moça bonita [F119].
Orientação: o personagem central diz à moça que quer voltar para sua cidade de origem porque ele sente saudade da família e do lugar.

O **Ep13** vai do [P67] ao [P74], constituindo 8[P] e 17[F].

Cenário/contexto/situação
Lugar: o protagonista refere-se à casa onde nasceu [F138] e ao castelo dourado de maneira implícita.
Tempo: indicado pela expressão “quinhentos anos” [F132].
Personagens: o protagonista e a moça.
Orientação: a moça permite que o protagonista volte para sua cidade natal.

O **Ep14** vai do [P75] ao [P78], apresentando 4[P] e 10[F].

Cenário/contexto/situação
Lugar: castelo dourado.
Tempo: indeterminado.
Personagens: o protagonista, a moça bonita e o cavalo.
Orientação: a jovem bonita fornece as regras que o protagonista deve seguir.

O **Ep15** vai do [P79] ao [P89], apresentando 11[P] e 8[F].

Cenário/contexto/situação
Lugar: indicado pela expressão “mundo completamente diferente” [F154]; em [P81], há a menção à transformação de uma pequena vila para uma cidade grande e movimentada [F160].
Tempo: definido pela expressão “a tarde caia fria anunciando a noite” [F170].
Personagens: o rapaz e o cavalo.
Orientação: o personagem central está desolado, pois não encontra seus familiares nem a vila em que viveu anos atrás.

A MPn4(2) apresenta 9[P] e 16[F], constituindo o **Ep16**.

MPn4(2) - Desfecho (resolução)
[P90][F171] No caminho , encontrou um homem <u>levando uma carroça cheia de maçãs</u> . [P91] [F172] A fome apertou na barriga do jovem viajante . [F173] “Uma ou duas maçãs não vão me fazer mal”, pensou ele e gritou: [P92] [F174] - Dá pra me vender umas maçãs? [P93] [F175] - Quantas? [F176] - quis saber o sujeito, parando a carroça. [P94] [F178] - Uma ou duas. [P95] [F179] - Só isso? [F180] - exclamou o homem com voz desanimada - [F181] Pode pegar. [F182] Não vai custar nada. [F183] É por conta da casa. [P96] [F184] O jovem saltou do cavalo, escolheu uma maçã e mordeu. [P97] [F185] Foi quando uma mão fria e forte agarrou sua nuca. [P98] [F186] - Agora você não me escapa!

Cenário/contexto/situação
Lugar: a pequena vila transformada em uma cidade movimentada.
Tempo: indeterminado.
Personagens: o personagem principal e “um homem levando uma carroça cheia de maçãs” [F173].
Orientação: o protagonista faminto e exausto encontra um misterioso homem que lhe oferece maçãs.

A MPnΩ, que corresponde à Avaliação final, apresenta 1[P] e 1[F], constituindo o **Ep17**.

MPn Ω – Avaliação final

[P99] [F187] O homem da carroça cheia de maçãs era ela, a Morte, o último suspiro, a treva sem fim, a vigília que nunca acaba, o derradeiro alento, o sono da noite sem horas.

Cenário/ contexto/situação

Lugar: a pequena vila transformada em uma cidade movimentada.

Tempo: indeterminado, mas a expressão “o sono da noite sem horas” [F187] transmite a ideia de temporalidade.

Personagens: o protagonista e o homem da carroça cheia de maçãs, que revela ser a Morte.

Orientação: a Morte se revela diante do personagem principal. A antagonista, avaliado como um ser fantástico, sentencia o fim do personagem principal.

MPn5(1) - Situação final

[P100] [F188] Conformado, o **jovem viajante** amoleceu o corpo e deixou que a escuridão tomasse conta de tudo.

A MPn5 (2) apresenta 1[P] e 1[F], constituindo o **Ep18**.

Cenário/contexto/situação

Lugar: a pequena vila transformada em uma cidade movimentada.

Tempo: indefinido.

Personagens: o protagonista e a antagonista estão implícitos nesta macroproposição.

Orientação: o falecimento do personagem central.

- Representação do plano de texto, das partes do enredo, da constituição de episódios e do princípio de intencionalidade

Tomando-se como base o esquema da sequência textual narrativa proposto por Adam (2011; 2019); os elementos que compõem o enredo de uma narrativa, de acordo com Gancho (2006); os critérios de identificação e caracterização dos episódios elencados por Travaglia (2007); e o princípio de intencionalidade como defendido por Charaudeau (2016), tem-se o que segue.

Tn3 - O moço que não queria morrer			
Macroproposições narrativas de base	Partes do enredo	Episódios	Princípio de intencionalidade
MPn1- Situação inicial (Orientação)	Exposição (ou introdução ou apresentação)	Ep1: o moço e o vulto, [P1] a [P2]	Bloco 1 Ep1 a Ep4 Abertura: o moço encontra um vulto. (Ep1) Falta: o protagonista não sabe lidar com sua mortalidade, após encontrar a Morte. (Ep2 a Ep3) Busca: fugir da ameaça da Morte. (Ep4) Resultado: êxito - O protagonista afugenta a Morte. (Ep4)
MPn2 - Nó (gatilho)	Complicação	Ep2: o moço e a Morte, [P3]	
MPn3 Re-ação ou Avaliação	Desenvolvimento até chegar ao clímax	Ep3: o ultimato da Morte, [P4] a [P8]	
MPn4 - Desfecho (resolução)	Desfecho (desenlace ou conclusão)	Ep4: morrer é injusto, [P9] a [P10]	
MPn2(1) - Nó (gatilho)	Complicação	Ep5: a procura do lugar onde não se morre, [P11] a [P12]	Bloco 2 Ep5 o Ep10 Abertura: não se aplica, pois, neste bloco, inicia a intriga. Falta: o protagonista não aceita sua mortalidade. (Ep5) Busca: um lugar onde não se morre. (Ep6 a Ep8) Resultado: êxito - O protagonista encontra o castelo dourado onde nunca mais morrerá. (Ep9 a Ep10)
MPn3(1) - Re-ação ou Avaliação	Desenvolvimento até chegar ao clímax	Ep6: o velho e a montanha, [P13] a [P24] Ep7: o homem muito velho e a mata, [P25] a [P34] Ep8: o homem bem mais velho e o oceano, [P35] a [P45]	
MPn4(1) - Desfecho (resolução)	Desfecho (desenlace ou conclusão)	Ep9: castelo dourado: o lugar onde não se morre, [P46] a [P56]	
MPn5(1) - Situação final		Ep10: a vitória do personagem principal, [P57] a [P60]	
MPn1(2) - Situação inicial (orientação)	Exposição (ou introdução ou apresentação)	Ep11: velhice do protagonista, [P61]	Bloco 3 Ep11 o Ep18
MPn2(2) - Nó (gatilho)	Complicação	Ep12: nostalgia e saudade, [P62] a [P66]	

MPn3(2) - Re-ação ou avaliação	Desenvolvimento até chegar ao clímax	Ep13: a moça revela a verdade, [P67] a [P74] Ep14: as regras da viagem, [P75] a [P78] Ep15: a viagem e as mudanças, [P79] a [P89]	Abertura: o envelhecimento do protagonista. (Ep11) Falta: saudade da sua cidade de origem. (Ep12 a Ep14)
MPn4(2) - Desfecho (resolução)	Desfecho (desenlace ou conclusão)	Ep16: o protagonista e o homem da carroça, [P90] a [P98]	Busca: o personagem principal retorna a sua cidade. (Ep15 a Ep16) Resultado: fracasso - A morte dos parentes e amigos e as mudanças da cidade; falecimento do protagonista. (Ep17 a Ep18)
MPn Ω - Avaliação final		Ep17: a Morte sentencia o fim, [P99]	
MPn5(2) - Situação final		Ep18: o protagonista falece, [P100]	

-Análise do plano de texto, da sequência textual narrativa, em suas macroproposições e proposições e do princípio de intencionalidade

No âmbito do plano de texto, o Tn3 apresenta um personagem central que busca incessantemente um local onde não se morre. Assim, as ações centrais da narrativa e suas complicações relacionam-se às aventuras e peripécias do protagonista em seu percurso para o lugar tão almejado. O texto apresenta 18 episódios, distribuídos nas macroproposição de base.

O **Ep1**, “O moço e o vulto”, mostra o protagonista diante de uma figura misteriosa que lhe causa estranheza. A chegada desse vulto é vista de maneira espantosa e cômica, o que é expresso no trecho “só Deus sabe de onde” [F3].

O **Ep2**, “O moço e a Morte”, instaura o gatilho da narrativa, quando o protagonista se depara com a presença da antagonista que ameaça sua vida.

O **Ep3**, “O ultimato da Morte”, configura o espanto e o desespero do protagonista que não aceita sua mortalidade e tenta afugentar a antagonista com “um pedaço de pau na mão” [F6]. A Morte satiriza a situação e informa ao moço que ainda não chegou o momento dele e adverte: “Um dia eu pego você, mas não vai ser já!” [F16].

O **Ep4**, “Morrer é injusto”, trata do sentimento de angústia do protagonista, que não aceita a própria mortalidade, pois “Achava errado morrer”. [F20] e sentia que “a morte era uma injustiça” [F21]. Esse juízo de valor negativo

motiva o protagonista a procurar um lugar onde não se morre, o que configura a problemática central da narrativa.

Em relação ao princípio de intencionalidade, do **Ep1** ao **Ep4**, tem-se o seguinte: a **abertura**, que mostra o encontro entre o moço e o vulto (**Ep1**); o **estado inicial (falta)**, que configura a não aceitação da mortalidade por parte do personagem central, pois a antagonista o ameaça (**Ep2** e **Ep3**); o **estado de atualização (busca)**, que estabelece como o personagem principal tenta escapar da Morte (**Ep4**); o **estado final** com resultado de **êxito**, pois o protagonista consegue repelir a antagonista (**Ep4**).

O **Ep5**, “A procura do lugar onde não se morre”, configura a busca incessante do protagonista por um lugar onde ninguém morre. Seu desejo é expresso quando fala consigo mesmo: “Deve haver um lugar assim” e “É simplesmente uma questão de lutar para encontrar”. Essas frases demonstram o empenho do personagem principal em alcançar esse objetivo, principalmente, pelo uso do advérbio “simplesmente”, que enfatiza a ação “lutar para encontrar”.

O **Ep6**, “O velho e a montanha”, apresenta o encontro do protagonista com um homem velho, para quem revela sua intenção de encontrar um local para viver eternamente. O homem informa que viverá cem anos, o tempo que levaria para transportar, de carroça, as pedras e a terra da montanha. A repetição de termos e expressões, “pedra por pedra” e “pedaço de terra por pedaço de terra”, enfatiza a lentidão das ações ao longo de cem anos. O personagem central não aceita por achar que é pouco tempo e segue seu rumo.

O **Ep7**, “O homem muito velho e a mata”, configura o encontro do protagonista com outro homem, mais velho que o primeiro. O segundo homem diz ao personagem central que, se seguir com ele, terá “duzentos anos”. Insatisfeito, o protagonista recusa a oferta. O uso repetido do verbo “andou” enfatiza o empenho do personagem principal para encontrar tal lugar. O efeito de sentido dessas repetições é de vagariedade no passar do tempo, como expresso em “tronco por tronco” e “galho por galho”.

O **Ep8**, “O homem bem mais velho e o oceano”, traz o encontro do protagonista com um terceiro homem, bem mais velho que os anteriores, o que indica que está em um local onde poderá viver mais, “trezentos anos”. A

repetição de expressões, como “litro por litro” e “gota por gota”, dá ideia de lentidão na passagem do tempo. Mesmo assim, o protagonista considerou o tempo de vida insuficiente.

O **Ep9**, “Castelo dourado: o lugar onde não se morre”, apresenta a resolução do segundo conflito, efetivada quando o personagem central encontra o local tão desejado e também uma jovem, a mais bonita que já havia visto. Ela revela ao protagonista que o lugar é símbolo de eternidade e o convida para viver com ela: “Este é o lugar aonde a Morte não vem” [F101] / “Fique para sempre comigo” [F103]. A moça, em resposta a uma pergunta do protagonista, lhe diz que ele poderá viver o tempo que desejar.

O **Ep10**, “A vitória do personagem principal”, enfatiza o êxito do protagonista, que vive bem em um lugar onde ninguém morre. Ele comemora: “- Enganei a bandida”. Ao se referir à Morte dessa forma, transmite a ideia de que ela é uma figura indesejável, ardilosa e satírica.

Quanto ao princípio de intencionalidade, do **Ep5** ao **Ep10**, tem-se o seguinte: não existe **abertura**, em seu lugar há o **estado inicial (falta)**, que caracteriza a necessidade do protagonista de ser imortal (**Ep5**); o **estado de atualização (busca)**, que mostra a procura incessante por um local onde não se morre (**Ep6 a Ep8**); o **estado final** com resultado de **êxito**, pois o protagonista, finalmente, encontrou o local onde será imortal (**Ep9 e Ep10**).

O **Ep11**, “Velhice do protagonista”, trata da passagem fugaz do tempo, estabelecida pela metáfora “Mas o tempo é um vento que leva tudo”. O pronome indefinido “tudo” confere à vida do protagonista um aspecto generalizante, mesmo que esteja em um lugar onde possa ser imortal.

O **Ep12**, “Nostalgia e saudade”, como o próprio título já anuncia, transmite os sentimentos do protagonista em relação a sua vida passada. Tem-se aí [P62] o terceiro nó da narrativa: mesmo alcançando o que desejava, o protagonista não se sente realizado, pois sente saudade dos familiares e do local onde havia vivido.

O **Ep13**, “A moça revela a verdade”, mostra que o protagonista está vivendo no castelo há mais de quinhentos anos [F132] e que fica perplexo com

isso. A insistência de voltar ao seu lugar originário é enfatizada pelo advérbio “tanto”, que antecede os verbos “falou”, “explicou” e “argumentou”, intensificando sua argumentação para persuadir a moça a deixá-lo ir.

O **Ep14**, “As regras da viagem”, considera que o protagonista deve seguir algumas regras, informadas pela moça, para que a viagem seja bem-sucedida. Ela lhe apresenta um cavalo mágico, que lhe servirá de transporte até sua cidade natal. As ordens dadas pela moça trazem verbos no imperativo, como “desça” e “coma”, e as frases iniciam com uma expressão polida: “- Por favor, preste muita atenção - pediu ela. - Nunca desça do cavalo e, principalmente, nunca, de jeito nenhum, coma qualquer coisa enquanto estiver fora do castelo dourado”.

O **Ep15**, “A viagem e as mudanças”, é marcado pelo espanto do protagonista ao perceber que no lugar de “um pequena vila” havia “uma grande cidade e muito movimentada” [F160], onde não havia mais ninguém conhecido, com o que ficou desconsolado. No [P81], são informados os três primeiros locais aos quais retornou; ele percebe que no lugar de uma montanha havia uma cidade; a floresta havia sido transformada em planície e, por fim, o oceano havia se esgotado, tornando-se chão seco. Nesse momento, percebe-se a passagem de muitos anos, ao longo dos quais o protagonista permaneceu no castelo do despenhadeiro.

O **Ep16**, “O protagonista e o homem da carroça”, mostra o encontro do protagonista, exausto, faminto e entristecido, com um misterioso homem que levava uma carroça de maçã. O personagem principal estava tão angustiado e embrutecido pelo que viu que se esqueceu das ordens da moça. Resolveu, então, comer uma fruta oferecida pelo homem; desce do cavalo e pega a maçã. Desse modo, comete duas infrações que lhe custariam a vida.

O **Ep17**, “A Morte sentencia o fim”, caracteriza a ação súbita e incisiva da Morte em relação ao protagonista. O [P99] traz uma avaliação do papel da antagonista, fazendo desse o único conto com MPnΩ. A Morte é retratada como “o último suspiro, a treva sem fim, a vigília que nunca acaba, o derradeiro alento, o sono da noite sem horas”. Esses atributos servem para construir uma imagem da Morte como figura fúnebre, autoritária e que cumpre, sem ressalvas, sua missão.

O **Ep18**, “O protagonista falece”, se dá de maneira súbita e revela que o protagonista, no final das contas, está “conformado” com seu destino. A morte se mostra presente, pois “o jovem viajante amoleceu o corpo e deixou que a escuridão tomasse conta de tudo” [F188]. Mesmo sendo uma morte rápida, parece ter ocorrido de forma gradual, à medida que a escuridão avançava sobre o corpo sem vida.

Considerando princípio de intencionalidade, do **Ep11** ao **Ep18**, tem-se o seguinte: a **abertura**, que indica o envelhecimento do protagonista (**Ep11**); o **estado inicial (falta)**, que revela o sentimento de saudosismo e nostalgia do personagem principal (**Ep12 a Ep14**); o **estado de atualização (busca)**, em que se impõe o desejo do personagem central de voltar para seu lugar de origem (**p15 e Ep16**); o **estado final** com resultado de fracasso, pois o protagonista é enganado pela Morte e acaba por morrer (**Ep17 e Ep18**).

Quanto a temporalidade, o Tn3 apresenta a maior duração de tempo, pois o protagonista encontra o lugar onde não se morre, vivendo por mais de quinhentos anos. Além de que o personagem central se depara com três personagens mais velhos que prometem viver muitos anos.

Em relação a espacialidade, o conto se passa em uma vila rural que, posteriormente, transformou em uma cidade grande movimentada e o castelo dourado no alto despenhadeiro que é lugar tão buscado pelo protagonista, pois lá a Morte não chega.

- Análise dos actantes e dos processos narrativos

Conforme proposto por Charaudeau (2016), que elenca os componentes da lógica narrativa, os actantes e os processos narrativos são apresentados a seguir:

Tn3 - O moço que não queria morrer		
Actantes narrativos		Processos narrativos
O protagonista (actante agente) em relação à Morte (actante paciente)	<p>1. Protagonista Actante age, ele o faz como: Oponente: o protagonista contrapôs as ideias da Morte. Ele o faz de maneira: Voluntária: ato consciente feito pelo personagem central.</p> <p>2. Morte Se o actante sofre a ação Vítima: a Morte é refutada. Reposta: antagonista dá um ultimato ao protagonista, dizendo-lhe que ainda não era hora de morrer, mas que esse momento ainda chegará.</p>	<p>1. Função principal da narrativa</p> <p>Causa: o protagonista se sente ameaçado com a presença da Morte. Consequência: o personagem central busca um lugar onde não se morre.</p> <p>- Realização da ação recai sobre o outro. - O ato tem a função de conservar um estado inicial.</p> <p>Conservação por neutralização</p> <p>Comentário: o protagonista refuta a Morte por ele se sentir ameaçado.</p>
Morte/ homem que carregava a carroça de maçãs (actante agente) em relação ao protagonista (actante paciente)	<p>1. Morte/ homem que carregava a carroça de maçãs Actante age, ele o faz como: Agressor: comete malefício contra o protagonista, sentenciando-o à morte. Ela o faz de maneira: Indireta: a Morte age por fingimento, caracterizando-se como homem que carregava a carroça de maçãs.</p> <p>2. Protagonista Se o actante sofre a ação Vítima: a ação agressora da antagonista provoca o falecimento do protagonista. A vítima não reage.</p>	<p>2. Função principal da narrativa</p> <p>Causa: a Morte precisa cumprir sua missão, que é sentenciar o fim do protagonista. Consequência: a antagonista consegue alcançar seu objetivo. - Realização recai sobre o outro. - O ato tem função de degradar um estado inicial.</p> <p>Degradação por eliminação</p> <p>Comentário: a Morte finalmente sentencia o fim do protagonista.</p>
Os três homens velhos (actantes agentes) em relação ao personagem	<p>1. Três homens velhos Actantes agem, eles o fazem como: Benfeitores: oferecem auxílio e benefício ao protagonista</p>	<p>3. Função principal da narrativa</p> <p>Causa: o personagem central não aceita a própria mortalidade.</p>

<p>central (actante paciente)</p>	<p>Voluntários: realizam de forma intencional.</p> <p>2. Personagem central Se o actante sofre a ação:</p> <p>Beneficiário: o protagonista insatisfeito recusa o benefício.</p>	<p>Consequência: o protagonista recusa os benefícios dos três homens velhos.</p> <p>-Realização recai sobre o outro. -O ato tem a função de melhorar um estado inicial.</p> <p>Melhoramento por retribuição</p> <p>Comentário: os três homens velhos tentam oferecer benefícios ao protagonista, que, insatisfeito, recusa.</p>
<p>A moça bonita (actante paciente) em relação ao protagonista (actante agente)</p>	<p>1. Moça bonita Actante age, ela o faz como:</p> <p>Benfeitora: a moça bonita concede benefício ao protagonista. Ela o faz de maneira:</p> <p>Voluntária: ato consciente feito pelo personagem.</p> <p>2. Protagonista Se o actante sofre a ação:</p> <p>Beneficiário: o personagem central consegue encontrar um lugar onde não se morre. Retribuidor: ele convive de maneira amistosa com a moça bonita.</p>	<p>4. Função principal da narrativa</p> <p>Causa: o personagem principal encontra o lugar onde não se morre. Consequência: o protagonista consegue viver durante muitos anos com a moça bonita no castelo dourado.</p> <p>- Realização recai sobre o outro. - O ato tem a função de melhorar um estado inicial.</p> <p>Melhoramento por retribuição.</p> <p>Comentário: a moça bonita concede ao protagonista a permissão de morar no castelo dourando onde não se morre.</p>

3.2.4 Texto 4 - A quase morte de Zé Malandro (Tn4)

- Identificação das macroproposições narrativas de base (nível global)

A seguir, na coluna à esquerda, apresenta-se o Tn4 completo, na coluna à direita, as macroproposições narrativas de base (ADAM, 2011; 2019). Note-se que as cores correspondem a cada macroproposição específica.

Tn4 - A quase morte de Zé Malandro	Macroproposições narrativas
<p>Zé Malandro era boa pessoa, mas malandro que nem ele só. Em vez de trabalhar como todo mundo, preferia passar a vida zanzando e jogando baralho. Ou então ficava deitado na rede, folgado, tocando viola de papo para o ar. Por causa disso era pobre, pobre, pobre.*⁹</p>	<p>MPn1 Situação Inicial</p>
<p>Certo dia, estava em casa preparando o jantar, um pouquinho de feijão e um pedaço de pão seco, quando bateram na porta. Era um viajante. O homem, muito velho, pedia um pouco de comida.</p>	<p>MPn2 Nó (gatilho)</p>
<p>- Entre aí - disse Zé Malandro - Onde um quase não come, dois quase não vão comer também.</p> <p>Os dois riram.</p> <p>Após o jantar, o viajante agradeceu muito e contou que tinha poderes mágicos.</p> <p>- Você foi muito generoso repartindo a comida comigo - disse o velho viajante. - Em retribuição pode me fazer quatro pedidos. Por exemplo - sugeriu ele -, se quiser, pode pedir para ser protegido pelo resto da sua vida.</p> <p>Zé Malandro pensou e disse:</p> <p>- Prefiro ter o dom de ser invencível no baralho.</p> <p>- Concedido - disse o velho. - Por exemplo, se quiser, pode pedir perdão para todos os seus pecados.</p>	<p>MPn3 Re-ação e avaliação</p>

⁹ O sinal (*) indica que essa frase tipográfica corresponde à MPn2.

<p>Zé Malandro pensou e disse:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Prefiro ter uma figueira que quem subir nela só desce com a minha ordem. - Concedido - disse o velho. - Por exemplo, se quiser, pode pedir sua salvação. <p>Zé Malandro pensou e disse:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Prefiro ter um banco que quem sentar nele só sai com minha ordem. - Concedido - disse o velho - Por exemplo, se quiser, pode pedir, quando morrer, para ir para o céu. <p>Zé Malandro pensou e disse:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Prefiro ter um saco de pano que quem entrar dentro só sai se eu mandar. <p>O velho coçou a cabeça, concedeu, despediu-se e seguiu viagem.</p>	
<p>A partir daquele dia, Zé Malandro plantou um pé de figo ao lado de sua casa e nunca mais se preocupou com nada vezes nada. Passava o dia inteiro ou deitado na rede de papo para o ar ou jogando baralho. Como ganhava todas, sempre tinha dinheiro para comprar comida, roupa e as coisas de casa. Era tudo de que o Zé precisava.</p>	<p>MPn4 Desfecho (resolução)</p>
<p>Mas o tempo é invisível. Passa dia e noite e ninguém vê.</p>	<p>MPn5 Situação final</p>
<p>A figueira virou uma árvore frondosa e Zé Malandro acabou ficando velho. Muito velho.</p>	<p>MPn1(1) Situação Inicial (Orientação)</p>
<p>Certa noite, bateram na porta de sua casa. Era a Morte vestida com uma capa preta.</p> <ul style="list-style-type: none"> - Zé, pode se preparar. Sua hora chegou - disse ela segurando uma foice. - Mas como! - exclamou ele espantado - Já? Deve haver algum engano! Ainda me sinto tão bem! 	<p>MPn2(1) Nó (gatilho)</p>
<p>A Morte não era de muita conversa</p> <ul style="list-style-type: none"> - Se está pronto, vamos. <p>Zé Malandro baixou a cabeça</p> <ul style="list-style-type: none"> - Posso fazer um último pedido? - perguntou ele com lágrimas nos olhos. - Quero comer um figo antes de morrer. 	

<p>- Pode ser - disse a Morte - Mas ande logo com isso.</p> <p>- O problema - explicou Zé Malandro retorcendo o corpo de lado - é que estou meio velho e já não consigo trepar na árvore para pegar uma fruta.</p> <p>E implorou:</p> <p>- Por favor, dona Morte, faça isso por mim! É o último desejo de um pobre velho miserável raquítico esclerosado caindo aos pedaços!</p> <p>A Morte resmungou, mas aceitou. Subiu na árvore arrancou um figo e lá ficou. Não conseguiu mais descer de jeito nenhum.</p> <p>Zé Malandro deu risada, despediu-se e foi jogar baralho. Deixou a Morte presa lá em cima, furiosa.</p> <p>Com a Morte aprisionada no alto da figueira, a confusão na cidade onde Zé Malandro vivia foi geral. Como ninguém mais morria, os coveiros e fabricantes de caixões ficaram sem trabalho. Os médicos e hospitais perderam a clientela. E, além disso, houve desemprego, pois as pessoas não se aposentavam mais nem cediam lugar para as outras mais jovens. E o pior: a população começou a aumentar muito.</p> <p>- Isso é contra a natureza! - gritava a Morte revoltada, agarrada nos galhos da figueira. - Você tem que me deixar sair daqui!</p> <p>E a Morte insistiu tanto, explicou tanto, argumentou tanto que Zé Malandro acabou cedendo.</p> <p>- Mas só deixo você descer se me der mais sete anos de vida - disse ele.</p> <p>A Morte não tinha outro jeito. Acabou concordando.</p>	<p>MPn3(1) Re-ação ou Avaliação</p>
<p>E assim, Zé Malandro continuou sua vidinha folgada de sempre, feliz da vida, jogando baralho, cada vez mais velho, cada vez mais invencível.</p>	<p>MPn4(1) Desfecho (resolução)</p>
<p>Sete anos passam depressa.</p>	<p>MPn1(2) Situação Inicial (Orientação)</p>
<p>Certa noite, bateram na sua porta. Era um homem estranho, de cara feia, chapéu e paletó escuro.</p>	<p>MPn2(2) Nó (gatilho)</p>
<p>- Zé, se prepare - disse o homem - Sua hora chegou.</p>	

- Quem é você? - quis saber Zé Malandro.

- Sou o Diabo - respondeu o outro, tirando o chapéu e mostrando dois tristes chifres. - A Morte não quis vir de jeito nenhum, mas me mandou no lugar dela para buscar você.

- Mas como! - disse o Zé espantado. Já? Deve haver algum engano!

O Diabo caiu na gargalhada.

- Não venha com essa conversa mole. Já estou avisado sobre você. Vamos embora agorinha mesmo. Ou vai me pedir pra subir na figueira? Nessa eu não caio!

Zé Malandro baixou a cabeça.

- Posso fazer um último pedido? – perguntou ele com lágrimas nos olhos - É muito importante. É o último desejo de um pobre velho miserável raquítico esclerosado caindo aos pedaços. Queria tomar um traguinho de cachaça antes de abotoar o paletó. Você me acompanha?

O Diabo lambeu os beiços.

- Até que não é má ideia!

- Sente-se aí enquanto eu pego os copos e a pinga - disse Zé Malandro, puxando o banquinho.

Dito e feito. O Diabo sentou e de lá não saiu mais.

- Me tira daqui! - gritou ele, assustado.

Zé Malandro deu risada, despediu-se e foi jogar baralho.

Com o Diabo preso no banquinho, acabaram-se os crimes na cidade. As cadeias ficaram vazias e os guardas, delegados, advogados e juízes preocupados em perder seus empregos. Além disso, como as pessoas agora só falavam a verdade, começou a haver muita confusão porque as verdades são muitas. Mas o pior não foi isso. Acontece que o Diabo passava o dia inteiro sentado no banquinho gritando, guinchando e falando os piores palavrões.

- Cala a boca! - dizia Zé Malandro.

- Minha mulher me mata - berrava o Diabo furioso - Saí pra buscar você já faz mais de um ano e ainda não voltei pra casa! Quando eu voltar ela me arreventa!

- Diga a ela que você ficou preso num banquinho!

MPn3(2)
Re-ação e avaliação

<p>- Ela não vai acreditar! Me solta, Zé Malandro, por favor, que a Diaba me quebra a cara!</p>	
<p>Cansado daquela figura resmungando dia e noite dentro de casa, Zé Malandro acabou cedendo.</p> <p>- Mas só deixo você sair se me der mais sete anos de vida - disse ele.</p> <p>O Diabo não tinha outro jeito. Acabou concordando.</p>	<p>MPn4(2) Desfecho (resolução)</p>
<p>E assim, Zé Malandro continuou sua vidinha folgada de sempre, feliz da vida, jogando baralho, cada vez mais velho, cada vez mais invencível.</p>	<p>MPn5(1) Situação Final</p>
<p>O tempo passou. No dia em que se completaram sete anos, Zé Malandro fechou a casa inteira bem fechada só deixando uma janelinha destrancada. No quarto, debaixo da janela, colocou seu saco de pano bem aberto.</p>	<p>MPn1(3) Situação Inicial (orientação)</p>
<p>Naquela mesma noite, o Diabo apareceu, ele e sua mulher.</p>	<p>MPn2(3) Nó (gatilho)</p>
<p>A Diaba não tinha acreditado nem um pouco na história do banco e dessa vez quis vir junto com o marido.</p> <p>O Diabo bateu na porta. Nada. Bateu de novo. Nada.</p> <p>Acabou descobrindo a janelinha aberta e entrou com a mulher por ela.</p> <p>Os dois foram parar dentro do saco de pano e lá ficaram.</p> <p>Zé Malandro apareceu com um pedaço de pau na mão e começou a bater no saco.</p> <p>- Socorro! - berrava o Diabo.</p> <p>- Me acuda! - berrava a Diaba.</p> <p>O casal dos infernos passou o ano inteirinho dentro do saco tomando pancada todo santo dia.</p>	<p>MPn3(3) Re-ação e Avaliação</p>
<p>No fim, Zé Malandro cansou. Estava velho demais até um pouco gagá. Soltou o casal de diabos que fugiu mancando apavorado. Dias depois, o Zé fechou os olhos e entregou a rapadura.*¹⁰</p>	<p>MPn4(3) Desfecho (resolução)</p>
<p>Foi direto para as profundezas do inferno.</p>	<p>MPn2(4) Nó (orientação)</p>

¹⁰ O sinal de (*) indica que essa frase tipográfica corresponde a MPn2(4).

<p>Ao chegar lá bateu na porta. Apareceu o Diabo que, ao vê-lo, recuou assustado e começou a gritar:</p> <p>- Vai embora! Aqui você não entra! Cai fora, Zé Malandro! No inferno você não fica!</p> <p>Sem saber direito o que fazer, Zé Malandro foi até o céu e bateu na porta. Apareceu São Pedro. O santo fez cara feia.</p> <p>- Você não quis ser protegido, não quis perdão para seus pecados, não quis a salvação nem vir para o céu. Agora, não tem jeito. Vai embora! No céu você não fica.</p>	<p>MPn3(4) Re-ação ou avaliação</p>
<p>E assim, sem ter para onde ir, Zé Malandro achou melhor voltar para a Terra. Dizem que até hoje anda por aí, invencível, jogando seu baralhinho.</p>	<p>MPn4(4) Desfecho (resolução)</p>

O Tn4 é composto por 181 frases tipográficas distribuídas ao longo de 83 parágrafos. No nível global, é composto por cinco macroproposições narrativas. A primeira e a terceira macroproposições são completas, com alto grau de narrativização, formadas pelas cinco macroproposições narrativas de base. A segunda e a quarta são macroproposições incompletas, portanto, não apresentam MPn5. Já a quinta macroproposição narrativa não tem a MPn1 e a MPn5.

- Descrição e análise da organização das sequências textuais narrativas (nível local)

A seguir, apresenta-se o Tn4 segmentado por macroproposições narrativas de base. Os parágrafos [P] assim como as frases tipográficas [F] estão numerados. Além desses dois elementos, são explicitados os episódios presentes em cada macroproposição.

Posteriormente, procede-se à descrição e análise da organização desses episódios com base em cenário/contexto/situação, estabelecidos como lugar, tempo e personagens, e orientação.

MPn1 - Situação inicial (orientação)
[P1] [F1] Zé Malandro era boa pessoa, mas malandro que nem ele só. [F2] Em vez de trabalhar como todo mundo, preferia passar a vida zanzando e jogando baralho. [F3] <u>Ou então ficava deitado na rede, folgado, tocando viola de papo para o ar.</u> [F4] Por causa disso era pobre, pobre, pobre.

A MPn1 é constituída por 1[P] e 4[F], constituindo o **Ep1**.

Cenário/contexto/situação
Lugar: a “rede” [F3], que provavelmente está na casa do protagonista.
Tempo: indefinido, mas sugere ao leitor um período considerável, pois o texto retrata a rotina do protagonista, sua pobreza [F4] e estilo de vida descompromissado [F3].
Personagem: Zé Malandro (protagonista).
Orientação: o protagonista é um sujeito sem responsabilidade, não tem trabalho [F2], joga baralho, passa a maior parte do tempo “deitado na rede” e “tocando viola de papo para o ar” [F3].

MPn2 - Nó (gatilho)
[P2] [F5] Certo dia , estava em casa preparando o jantar, um pouquinho de feijão e um pedaço de pão seco, quando bateram na porta. [F6] Era um viajante. [F7] <u>O homem, muito velho,</u> pedia um pouco de comida.

A MPn2, composta por 1[P] e 4 [F], corresponde ao **Ep2**. O fato de o protagonista não ter fonte de renda [F4] para sobreviver e a aparição misteriosa do velho viajante constituem um gatilho.

Cenário/contexto/situação
Lugar: a casa do protagonista, mais especificamente a sala de jantar em que o personagem prepara o jantar [F5].
Tempo: indefinido, marcado pela expressão “Certo dia” [F5], que indica a passagem de um período curto de horas, indicando o encontro do protagonista com o velho viajante.
Personagens: Zé Malandro e o homem muito velho [F7].
Orientação: o protagonista vive em condições precárias e se depara com o velho viajante, que lhe pede um pouco de comida.

MPn3 - Re-ação ou avaliação

[P3] [F8] - Entre aí - [F9] disse Zé Malandro - [F10] Onde um quase não come, dois quase não vão comer também.

[P4] [F11] Os dois riram.

[P5] [F12] Após o **jantar**, o viajante agradeceu muito e contou que tinha poderes mágicos.

[P6] [F13] - Você foi muito generoso repartindo a comida comigo - [F14] disse o velho viajante.

[F15] - Em retribuição pode me fazer quatro pedidos. [F16] Por exemplo - [F17] sugeriu ele, [F18] se quiser, pode pedir para ser protegido pelo resto da sua vida.

[P7] [F19] Zé Malandro pensou e disse:

[P8] [F20] - Prefiro ter o dom de ser invencível no baralho.

[P9] [F21] - Concedido - [F22] disse o velho. [F23] - Por exemplo, se quiser, pode pedir perdão para todos os seus pecados.

[P10] [F24] Zé Malandro pensou e disse:

[P11] [F25] - Prefiro ter uma **figueira** que quem subir nela só desce com a minha ordem.

[P12] [F26] Concedido - [F27] disse o velho. [F28] - Por exemplo, se quiser, pode pedir sua salvação.

[P13] [F29] Zé Malandro pensou e disse:

[P14] [F30] - Prefiro ter um **banco** que quem sentar nele só sai com minha ordem.

[P15] [F31] - Concedido - [F32] disse o velho - [F33] Por exemplo, se quiser, pode pedir, quando morrer, para ir para o céu.

[P16] [F34] Zé Malandro pensou e disse:

[P17] [F35] - Prefiro ter um saco de pano que quem entrar dentro só sai se eu mandar.

[P18] [F36] O velho coçou a cabeça, concedeu, despediu-se e seguiu viagem.

A MPn3 é formada por 16[P] 29[F], constituindo o **Ep3**.

Cenário/contexto/situação

Lugar: sala de jantar, indicada na MPn2; há menções a outro local, o quintal do protagonista, que pode ser inferido pelos termos “figueira” [F25] e “banco” [F30].

Tempo: indefinido, sugere a duração de algumas horas, marcando a estadia do viajante na casa de Zé Malandro.

Personagens: o protagonista e o velho viajante.

Orientação: o velho viajante concede quatro poderes mágicos a Zé Malandro, os quais permitirão que o protagonista mude de vida [P12], [P15], [P18].

MPn4 - Desfecho (resolução)

[P19] [F37] **A partir daquele dia, Zé Malandro** plantou um pé de figo ao lado de sua casa e nunca mais se preocupou com nada vezes nada. [F38] **Passava o dia inteiro** ou deitado na rede de papo para o ar ou jogando baralho. [F39] Como ganhava todas, sempre tinha dinheiro para comprar comida, roupa e as coisas de casa. [F40] Era tudo de que o Zé precisava.

A MPn4 apresenta 1[P] e 4[F], constituindo o **Ep4**.

Cenário/contexto/situação

Lugar: quintal, onde o protagonista plantou o pé de figo [F37].

Tempo: indeterminado, mas há marcações temporais como “a partir daquele dia” [F37] e “passava o dia inteiro” [F38]. Esta última expressão indica passagem de tempo lenta, ressaltando a vida ociosa do protagonista.

Personagem: o protagonista.

Orientação: procede-se ao resgate do equilíbrio do protagonista em relação ao seu estilo de vida. Ele consegue ter uma fonte de renda por meio de um dos poderes mágicos a ele concedidos: ser invencível no baralho. Isso “Era tudo de que o Zé precisava” [F40].

MPn5- Situação final

[P20] [F41] Mas o tempo é invisível. [F42] Passa dia e noite e ninguém vê.

A MPn5 apresenta 1[P] e 2[F], constituindo o **Ep5**.

Cenário/contexto/situação

Lugar: indeterminado, mas é possível deduzir que os acontecimentos se passam na cidade onde o protagonista vive.

Tempo: indefinido, no entanto, o uso das expressões “Mas o tempo é invisível” [F41] e “Passa dia e noite e ninguém vê” [F42] sugerem que muitos anos se passaram de modo rápido e imperceptível.

Personagem: implicitamente, o protagonista.

Orientação: a passagem fugaz do tempo e o envelhecimento do personagem central.

MPn1(1) - Situação inicial (orientação)
[P21] [F43] A figueira virou uma árvore frondosa e Zé Malandro acabou ficando velho. [F44] Muito velho.

A MPn1(1) traz 1[P] e 2[F], constituindo também o **Ep5**.

Cenário/contexto/situação
Lugar: infere-se que seja o quintal do protagonista, mais especificamente a figueira [F43].
Tempo: indefinido, marcado por verbos no pretérito perfeito: “virou” e “acabou”. Esses verbos indicam ações de longa duração, especialmente porque há uma relação entre o crescimento da figueira e o envelhecimento do protagonista, enfatizado pelo advérbio “muito”, que intensifica o adjetivo “velho”.
Personagem: o protagonista.
Orientação: o envelhecimento do personagem central.

MPn2(1) Nó (gatilho)
[P22] [F45] Certa noite, bateram na porta de sua casa . [F46] Era a Morte vestida com uma capa preta.
[P23] [F47] - Zé , pode se preparar. [F48] Sua hora chegou - [F49] disse ela segurando uma foice.
[P24] [F50] - Mas como! [F51] - exclamou ele espantado - [F52] Já? [F53] Deve haver algum engano! [F54] Ainda me sinto tão bem!

A MPn2(1) é formada por 3[P] e 10[F], constituindo o **Ep6**.

Cenário/contexto/situação
Lugar: casa do protagonista [F45].
Tempo: indefinido, marcado pela expressão “Certa noite” [F45].
Personagens: Zé Malandro e a Morte.
Orientação: o personagem principal fica espantado com a ideia de morrer e começa a se fazer de desentendido ao indagar a Morte por intermédio de frases exclamativas e interrogativas presentes no [P24]. A reação do protagonista, que não aceita seu destino, serve de argumento cuja finalidade é convencer a Morte de que ele está bem de saúde.

MPn3(1) - Re-ação ou avaliação

[P25] [F55] A **Morte** não era de muita conversa.

[P26] [F56] - Se está pronto, vamos.

[P27] [F57] **Zé Malandro** baixou a cabeça

[P28] [F58] - Posso fazer um último pedido? [F59] - perguntou ele com lágrimas nos olhos.

[F60] - Quero comer um figo antes de morrer.

[P29] [F61] - Pode ser - [F62] disse a Morte - [F63] Mas ande logo com isso.

[P30] [F64] - O problema - [F65] explicou Zé Malandro retorcendo o corpo de lado - [F66] é que estou meio velho e já não consigo **trepar na árvore** para pegar uma fruta.

[P31] [F67] E implorou:

[P32] [F68] - Por favor, dona Morte, faça isso por mim! [F69] É o último desejo de um pobre velho miserável raquítico esclerosado caindo aos pedaços!

[P33] [F70] A Morte resmungou mas aceitou. [F71] Subiu na árvore arrancou um figo e lá ficou. [F72] Não conseguiu mais descer de jeito nenhum.

[P34] [F73] Zé Malandro deu risada, despediu-se e foi jogar baralho.

[P35] [F74] Deixou a Morte presa lá em cima, furiosa.

[P36] [F75] Com a Morte aprisionada no alto da figueira, a confusão na cidade onde Zé Malandro vivia foi geral. [F76] Como ninguém mais morria, os coveiros e fabricantes de caixões ficaram sem trabalho. [F77] Os médicos e **hospitais** perderam a clientela. [F78] E, além disso, houve desemprego, pois as pessoas não se aposentavam mais nem cediam lugar para as outras mais jovens. [F79] E o pior: a população começou a aumentar muito.

[P37] [F80] - Isso é contra a natureza! [F81] - gritava a Morte revoltada, agarrada nos galhos da figueira. [F82] - Você tem que me deixar sair daqui!

[P38] [F83] E a Morte **insistiu** tanto, **explicou** tanto, **argumentou** tanto que Zé Malandro acabou cedendo.

[P39] [F84] - Mas só deixo você descer se me der mais sete anos de vida - [F85] disse ele.

[P40] [F86] A Morte não tinha outro jeito. [F87] Acabou concordando.

A MPn3(1) é composta por 16[P] e 33[F], constituindo **Ep7, Ep8, Ep9 e Ep10.**

O **Ep7** vai do [P25] ao [P32].

Cenário/contexto/situação

Lugar: a casa de Zé Malandro, especificamente, o quintal, em que está a figueira, o que é expresso pelos segmentos “trepar na árvore para pegar uma fruta” e “subiu na árvore arrancou um figo” [F66].

Tempo: indeterminado, pode-se notar que o acontecimento que levou a Morte a ser presa no pé de figo teve duração de poucas horas. Em contrapartida, a repercussão disso se dá de forma lenta, provavelmente por muitos anos, porque gerou confusão e desordem na cidade do protagonista [F76].

Personagens: Zé Malandro e a Morte.

Orientação: o protagonista movido pela reação de insatisfação de Zé Malandro com a chegada da Morte, a quem faz um pedido, colocando-se na posição de vítima. Esse posicionamento é expresso pelo uso de adjetivos depreciativos no segmento “velho miserável raquítico esclerosado caindo aos pedaços” [F69], os quais servem de argumento para convencer a Morte a atender seu “último pedido” [F69].

O **Ep8** vai do [P33] ao [P35].

Cenário/contexto/situação
Lugar: a casa do protagonista.
Tempo: indefinido.
Personagens: a Morte e Zé Malandro
Orientação: Zé Malandro consegue enganar a Morte, deixando-a presa no pé de figo.

O **Ep9** é constituído pelo [P36].

Cenário/contexto/situação
Lugar: o quintal do protagonista, onde está localizada a figueira, além de possivelmente a cidade, onde estão as fábricas de caixões [F76] e o hospital [F77].
Tempo: indeterminado, entretanto, levando-se em conta a repercussão dos acontecimentos, pode-se inferir que se trata de um longo período.
Personagens: Zé Malandro e a Morte, há menção a pessoas que vivem no local onde se passa a narrativa.
Orientação: o plano de Zé Malandro de trapacear a Morte ocasionou problemas sociais e econômicos na cidade, pois ninguém mais morria.

O **Ep10** vai do [P37] ao [P40].

Cenário/contexto/situação
Lugar: indefinido.
Tempo: indeterminado, mas o personagem fala em ter mais sete anos de vida [F84].

Personagens: o protagonista e a antagonista.
Orientação: após os impactos negativos de ter prendido a Morte, o protagonista faz um acordo para ter mais sete anos de vida [F84]. Esse trato envolvia libertar a Morte da figueira, cuja insistência para sair do local é expressa pelos verbos “insistiu”, “explicou” e “argumentou”, cada um acompanhado do advérbio “tanto”, que intensifica sua argumentação.

MPn4(1) - Desfecho (resolução)

[P41] [F88] E assim, Zé Malandro **continuou sua vidinha folgada** de sempre, feliz da vida, jogando baralho, **cada vez mais velho, cada vez mais invencível**.

A MPn4(1) 1[P] e 1[F], constituindo o **Ep11**.

Cenário/contexto/situação

Lugar: indeterminado, entretanto, pode-se notar que as ações ocorreram na cidade onde mora Zé Malandro.

Tempo: indefinido, mas é possível perceber que as ações se desenrolam ao longo do tempo: “continuou sua vidinha folgada de sempre”, “cada vez mais velho” e “cada vez mais invencível” [F88].

Personagem: Zé Malandro.

Orientação: o personagem central retoma a vida de sempre, com suas traquinagens e com o jogo de baralho [F88].

MPn1(2) - Situação inicial (orientação)

[P42] [F89] Sete anos passam depressa.

A MPn1(2) apresenta 1[P] e 1[F], constituindo também o **Ep11**.

Cenário/contexto/situação

Lugar: indefinido, possivelmente a cidade em que vive o protagonista.

Tempo: expresso pela passagem de sete anos [F89].

Personagens: o protagonista está implícito.

Orientação: Zé Malandro retoma o estilo de vida de vagância, que o caracteriza como alguém não adepto ao trabalho.

MPn2(2) - Nó (gatilho)

[P43] [F90] **Certa noite**, bateram na sua porta. [F91] Era um homem estranho, de cara feia, chapéu e paletó escuro.

[P44] [F92] - **Zé**, se prepare - [F93] disse o homem - [F94] Sua hora chegou.

[P45] [F95] - Quem é você? - [F96] quis saber Zé Malandro.

[P46] [F97] - Sou o **Diabo** - [F98] respondeu o outro, tirando o chapéu e mostrando dois tristes chifres. - [F99] A Morte não quis vir de jeito nenhum, mas me mandou no lugar dela para buscar você.

A MPn2(2) apresenta 4[P] e 10[F], constituindo o **Ep12**.

Cenário/ contexto/situação

Lugar: a casa de Zé Malandro.

Tempo: indefinido, expresso pelo segmento “certa noite” [F90].

Personagens: Diabo e Zé Malandro.

Orientação: Zé Malandro se surpreende com a aparição repentina do Diabo. O protagonista se faz de desentendido e não aceita a própria mortalidade. O Diabo justifica sua presença pelo fato de a Morte ter recusado a retornar por causa da reação do protagonista [F99].

MPn3(2)- Re-ação ou avaliação

[P47] [F100] - Mas como! [F101] - disse o Zé espantado. [F102] Já? [F103] Deve haver algum engano!

[P48] [F104] **O Diabo** caiu na gargalhada.

[P49] [F105] - Não venha com essa conversa mole. [F106] Já estou avisado sobre você.

[F107] Vamos embora agorinha mesmo. [F108] Ou vai me pedir pra subir na figueira?

[F109] Nessa eu não caio!

[P50] [F110] **Zé Malandro** baixou a cabeça.

[P51] [F111] - Posso fazer um último pedido? [F112] - perguntou ele com lágrimas nos olhos- [F113] É muito importante. [F114] É o último desejo de um pobre velho miserável raquítico esclerosado caindo aos pedaços. [F115] Queria tomar um traguinho de cachaça antes de abotoar o paletó. [F116] Você me acompanha?

[P52] [F117] O Diabo lambeu os beiços.

[P53] [F118] - Até que não é má ideia!

[P54] [F119] - Sente-se aí enquanto eu pego os copos e a pinga - [F120] disse Zé Malandro, puxando **o banquinho**.

[P55] [F121] Dito e feito. [F122] O Diabo sentou e de lá não saiu mais.

[P56] [F123] - Me tira daqui! [F124] - gritou ele, assustado.

[P57] [F125] Zé Malandro deu risada, despediu-se e foi jogar baralho.

[P58] [F126] Com o Diabo preso no banquinho, acabaram-se os crimes na cidade. [F127] **As cadeias** ficaram vazias e os guardas, delegados, advogados e juizes preocupados em perder seus empregos. [F128] Além disso, como as pessoas agora só falavam a verdade, começou a haver muita confusão porque as verdades são muitas. [F129] Mas o pior não foi isso. [F130] Acontece que o Diabo passava o dia inteiro sentado no banquinho gritando, guinchando e falando os piores palavrões.

[P59] [F131] - Cala a boca! [F132] - dizia Zé Malandro.

[P60] [F133] - Minha mulher me mata - berrava o Diabo furioso - [F134] Saí pra buscar você já faz mais de um ano e ainda não voltei pra casa! [F135] Quando eu voltar ela me arrebenta!

[P61] [F136] - Diga a ela que você ficou preso num banquinho!

[P62] [F137] - Ela não vai acreditar! [F138] Me solta, Zé Malandro, por favor, que a Diaba me quebra a cara!

Na MPn3(2), há 16 [P] e 39 [F], constituindo **Ep13, Ep14, Ep15 e Ep16.**

O **Ep13** vai do [P47] ao [P54].

Cenário/contexto/situação
Lugar: a casa do protagonista, mais especificamente onde está o banquinho [P54], um espaço externo à residência, pela menção à figueira.
Tempo: indeterminado, no entanto, há a marcação temporal “agorinha” que demonstra a impaciência do Diabo diante do comportamento resistente e trapaceiro do personagem principal.
Personagens: Zé Malandro e o Diabo.
Orientação: o protagonista faz seu último pedido de modo a trapacear o Diabo.

O **Ep14** vai do [P55] ao [P57].

Cenário/contexto/situação
Lugar: a casa do protagonista, mais especificamente onde está o banquinho [P54], um espaço externo à residência, pela menção à figueira.
Tempo: indeterminado.
Personagens: Zé Malandro e o Diabo.
Orientação: o Diabo fica preso ao banco, sob a ordem de Zé Malandro.

O **Ep15** é composto pelo [P58].

Cenário/contexto/situação
Lugar: a cadeia e outros espaços implícitos, como delegacia e fórum [F127]
Tempo: indeterminado, mas é possível notar, pelas ações desenvolvidas, que se passou um longo período. [F128].
Personagens: Zé Malandro e o Diabo.
Orientação: a cidade entra em colapso pela ausência do Diabo, que deixa de julgar a conduta das pessoas [P58].

O Ep16, na MPn4(2) vai do [P59] ao [P65].

Cenário/ contexto/situação- Ep16
Lugar: possivelmente o quintal de Zé Malandro, onde está o banquinho [F136].
Tempo: indefinido, mas é possível perceber, pela indignação do Diabo [F135], que se passou mais de um ano.
Personagens: Zé Malandro, o Diabo e a Diaba, aqui apenas mencionada [F133].
Orientação: o Diabo, indignado, fica preocupado com a reação de sua esposa ao saber que havia ficado preso no banquinho por mais um ano [P60].

MPn4(2) - Desfecho (resolução)
[P63] [F139] Cansado daquela figura resmungando dia e noite dentro de casa, Zé Malandro acabou cedendo.
[P64] [F140] - Mas só deixo você sair se me der mais sete anos de vida - [F141] disse ele.
[P65] [F142] O Diabo não tinha outro jeito. [F143] Acabou concordando.

A MPn4(2) apresenta 3 [P] e 5 [F], constituindo o **Ep16**.

Cenário/contexto/situação
Lugar: indefinido, possivelmente o quintal do personagem central.
Tempo: indeterminado, marcado por “dia e noite” [F139]; há a menção a “sete anos de vida” [F140].
Personagens: Zé Malandro e o Diabo.
Orientação: o protagonista exige um acordo com o Diabo.

MPn5(2) - Situação final
[P66] [F144] E assim, Zé Malandro continuou sua vidinha folgada de sempre, feliz da vida, jogando baralho, <u>cada vez mais velho, cada vez mais invencível.</u>

A MPn5(2) apresenta 1[P] e 1[F], constituindo o **Ep17**.

Cenário/contexto/situação
Lugar: indefinido, sugere-se a casa do protagonista.
Tempo: indeterminado; as expressões “cada vez mais velho” e “cada vez mais invencível” [F144] sugerem a passagem de alguns anos. Quanto mais o protagonista envelhecia mais habilidade adquiria no baralho.
Personagem: o protagonista.
Orientação: Zé Malandro retoma o estilo de vida folgada e feliz [F144].

MPn1(3) - Situação inicial (orientação)
[P67] [F145] O tempo passou. [F146] No dia em que se completaram sete anos, Zé Malandro fechou a casa inteira bem fechada só deixando uma janelinha destrancada. [F147] No quarto , debaixo da janela, colocou seu saco de pano bem aberto.

A MPn1(3) apresenta 1[P] e 3[F], constituindo o **Ep17**.

Cenário/contexto/situação
Lugar: o quarto do protagonista [F147].
Tempo: refere-se a sete anos, marcado pela expressão: “o tempo passou” [F145] e “No dia em que se completaram sete anos” [F145].
Personagem: Zé Malandro.

Orientação: o protagonista arquiteta um plano para trapacear os antagonistas (a Morte e o casal de diabos) com ajuda do saco de pano, seu último poder mágico [F147].

MPn2(3) - Nó (gatilho)

[P68] [F148] **Naquela mesma noite**, o Diabo apareceu, ele e sua mulher.

A MPn2(3) apresenta 1[P] e 1[F], constituindo o **Ep18**.

Cenário/contexto/situação

Lugar: indeterminado, mas pode ser a residência do protagonista.

Tempo: o tempo é marcado pela expressão “naquela mesma noite” [F148].

Personagens: são o Diabo e sua esposa.

Orientação: depois de ter concedido mais sete anos de vida, o Diabo e sua esposa vão em busca de Zé Malandro.

MPn3(3) - Re-ação ou avaliação

[P69] [F149] A **Diaba** não tinha acreditado nem um pouco na história do banco e dessa vez quis vir junto com o marido.

[P70] [F150] **Diabo** bateu na porta. [F151] Nada. [F152] Bateu de novo. [F153] Nada.

[P71] [F154] Acabou descobrindo a janelinha aberta e entrou com a mulher por ela.

[P72] [F155] Os dois foram parar dentro do **saco de pano** e lá ficaram.

[P73] [F156] Zé Malandro apareceu com um pedaço de pau na mão e começou a bater no saco.

[P74] [F157] - Socorro! - [F158] berrava o Diabo.

[P75] [F159] - Me acuda! - [F160] berrava a Diaba.

[P76] [F161] O casal dos infernos passou o **ano inteirinho** dentro do saco tomando pancada todo santo dia.

A MPn3(3) apresenta 8[P] e 13[F], constituindo o **Ep19**.

Cenário/contexto/situação

Lugar: a casa de Zé Malando, mais especificamente, dentro do saco de pano [F161].

Tempo: definido, um ano, expresso em “passou o ano inteirinho” [F161]. O uso do diminutivo “inteirinho” enfatiza a lentidão da passagem do tempo.

Personagens: Zé Malandro, o Diabo e a Diaba.

Orientação: o Diabo e sua esposa foram soltos, após ficarem presos dentro do saco, levando pancadas durante um ano.

MPn4(3) - Desfecho (resolução)

[P77] [F162] No fim, Zé Malandro cansou. [F163] Estava velho demais até um pouco gagá. [F164] Soltou o casal de diabos que fugiu mancando apavorado. [F165] **Dias depois**, o Zé fechou os olhos e entregou a rapadura.

A MPn4(3) apresenta 6[P] e 18[F], constituindo **Ep20**, **Ep21** e **Ep 22**.

O **Ep20** vai do [P77] ao [F164], pois a partir do [F165] apresenta a MPn2.

Cenário/contexto/situação

Lugar: indeterminado, mas pode ser a cidade onde vive o protagonista.

Tempo: indefinido, no entanto, há indicação da passagem de anos.

Personagens: Zé Malandro e o Diabo.

Orientação: o personagem principal envelhece e admite estar “até um pouco gagá” [F162]. Ele finalmente aceita sua mortalidade.

MPn2(4) - Nó (gatilho)

[P78] [F166] Foi direto para as profundezas do inferno.

A MPn2 Ep21 vai do [F165] e [P77].

Cenário/contexto/situação

Lugar: o inferno, marcado pela expressão “profundezas do inferno” [F166], e o céu [F174].

Tempo: indeterminado, mas há a marcação temporal “dias depois” [F165].

Personagens: Zé Malandro e o Diabo.

Orientação: após inúmeras tentativas de enganar a Morte e o casal de diabos, Zé Malandro aceita seu destino e dirige-se para o inferno. Percebe-se que o protagonista tem consciência de seu caráter malandro, descompromissado e trapaceador, pois ele se direciona primeiramente ao inferno.

MPn3(4) - Reação ou avaliação

[P79] [F167] Ao chegar lá bateu na porta. [F168] Apareceu o **Diabo** que, ao vê-lo, recuou assustado e começou a gritar:

[P80] [F169] - Vai embora! [F170] Aqui você não entra! [F171] Cai fora, Zé Malandro! [F172] No **inferno** você não fica!

[P81] [F173] Sem saber direito o que fazer, **Zé Malandro** foi até o **céu** e bateu na porta. [F174] Apareceu São Pedro. [F175] O santo fez cara feia.

[P82] [F176] - Você não quis ser protegido, não quis perdão para seus pecados, não quis a salvação nem vir para o céu. [F177] Agora, não tem jeito. [F178] Vai embora! [F179] No céu você não fica!

O **Ep22** vai do [P79] ao [P82].

Cenário/contexto/situação

Lugar: céu [F173].

Tempo: indeterminado, percebe-se a passagem de um curto período, que também marca a passagem do protagonista ao céu.

Personagens: Zé Malandro e São Pedro.

Orientação: São Pedro recusa a entrada do personagem central no céu.

MPn4(4) - Desfecho (resolução)

[P83] [F180] E assim, sem ter para onde ir, Zé Malandro achou melhor voltar para a **Terra**. [F181] Dizem que até hoje anda por aí, invencível, jogando seu baralhinho.

A MPn4(4) apresenta 1[P] e 2[F], compondo o último episódio, que encerra a narrativa.

Cenário/contexto/situação

Lugar: terra onde mora o personagem.

Tempo: indefinido, mas pode-se inferir um tempo contínuo, expresso pelo segmento “dizem que até hoje anda por aí” [F181].

Personagem: Zé Malandro.

Orientação: o protagonista retoma sua vida folgada, apresentada no início da narrativa.

- Representação do plano de texto, das partes do enredo, da constituição de episódios e do princípio de intencionalidade

Tomando-se como base o esquema da sequência textual narrativa proposto por Adam (2011; 2019); os elementos que compõem o enredo de uma narrativa, de acordo com Gancho (2006); os critérios de identificação e caracterização dos episódios elencados por Travaglia (2007); e o princípio de intencionalidade como defendido por Charaudeau (2016), tem-se o que segue.

Tn4 – A quase morte de Zé Malandro			
Macroproposições narrativas de base	Partes do enredo	Episódios	Princípio de intencionalidade
MPn1 - Situação inicial (orientação)	Exposição (ou introdução ou apresentação)	Ep1: vida ociosa e precária, [P1] a [F4]	<p>Bloco 1 <u>Ep1 a Ep5</u></p> <p>Abertura: Zé Malandro vivia jogando seu baralho. (Ep1) Falta: o protagonista pobre e aparição do velho viajante. (Ep2) Busca: Zé Malandro precisa de dinheiro, assim, ele ajuda voluntariamente o velho viajante. (Ep3) Resultado: êxito - O personagem central consegue melhorar sua condição de vida por meio dos pedidos mágicos. (Ep4 e Ep5)</p>
MPn2 - Nó (gatilho)	Complicação	Ep2: Zé Malandro encontra um velho viajante, [P2] a [P5]	
MPn3 - Re-ação ou avaliação	Desenvolvimento até chegar ao clímax	Ep3: quatro pedidos mágicos, [P6] a [P18]	
MPn4 - Desfecho Resolução	Desfecho (desenlace ou conclusão)	Ep4: vida folgada, [P19]	
MPn5 - Situação final		Ep5: velhice, [P20] a [P21]	
MPn1(1) - Situação inicial	Exposição (ou introdução ou apresentação)		<p>Bloco 2 <u>Ep5 a Ep11</u></p>
MPn2(1) - Nó (gatilho)	Complicação	Ep6: encontro com a Morte, [P22] a [P24]	<p>Abertura: o envelhecimento do protagonista. (Ep5) Falta: o personagem central precisa lidar com a presença da Morte, que ameaça sua vida. (Ep6) Busca: o personagem tenta trapacear a Morte. Resultado: êxito - Zé Malandro faz um trato com a Morte. (Ep7 ao Ep11)</p>
MPn3(1) - Re-ação ou avaliação	Desenvolvimento até chegar no clímax	<p>Ep7: o último pedido, [P25] a [P32] Ep8: a Morte é enganada por Zé Malandro, [P33] a [P35] Ep9: consequências de não ter mais a Morte – superpopulação, [P36] Ep10: o trato com a Morte, [P37] a [P40]</p>	

<p>MPn4(1)- Desfecho (resolução) MPn1(2) Situação inicial (orientação)</p>	<p>Desfecho (desenlace ou conclusão)</p> <hr/> <p>Exposição (ou introdução ou apresentação)</p>	<p>Ep11: vida ociosa e velhice, [P41] e [P42]</p>	
<p>MPn2(2)- Nó (gatilho)</p>	<p>Complicação</p>	<p>Ep12: encontro com o Diabo, [P43] a [P49]</p>	<p>Bloco 3 <u>Ep11 a Ep17</u></p>
<p>MPn3(2)- Re-ação ou avaliação</p>	<p>Desenvolvimento até chegar no clímax</p>	<p>Ep13: o pedido para o diabo, [P50] a [P54] Ep14: o Diabo é enganado por Zé Malandro, [P55] a [P57] Ep15: repercussões de o Diabo não estar mais presente - injustiça no mundo, [P58]</p>	<p>Abertura: a vida pacata e folgada do protagonista. (Ep11) Falta: o personagem principal precisa lidar com a presença do Diabo, que ameaça a sua vida. (Ep12) Busca: Zé Malandro pretende arquitetar um plano contra o Diabo. (Ep13) a (Ep14) Resultado: êxito - O protagonista faz um acordo com Diabo. (Ep15) a (Ep16)</p>
<p>MPn4(2) Desfecho (resolução)</p>		<p>Ep16: o trato com o Diabo, [P59] a [P65]</p>	
<p>MPn5(1) Situação final</p>	<p>Desfecho (desenlace ou conclusão)</p>	<p>Ep17: velhice e o plano de Zé Malandro, [P66] a [P67]</p>	
<p>MPn1(3) Situação inicial (orientação)</p>	<p>Exposição (ou introdução ou apresentação)</p>		<p>Bloco 4 <u>Ep17 a Ep19</u></p>
<p>MPn2(3) – Nó (gatilho)</p>	<p>Complicação</p>	<p>Ep18: Zé Malandro encontra o casal de diabos, [P68]</p>	<p>Abertura: retrata a vida típica e o envelhecimento do protagonista. (Ep17) Falta: o personagem central precisa escapar da ameaça do casal de diabos. (Ep18) Busca: Zé Malandro pretende arquitetar um plano contra o casal. (Ep18)</p>
<p>MPn3(3)- Re-ação ou avaliação</p>	<p>Desenvolvimento até chegar ao clímax</p>	<p>Ep19: o casal de diabos é enganado por Zé Malandro, [P69] a [P76]</p>	<p>Resultado: êxito - O protagonista trapaceia a Morte e o casal de diabos. (Ep19)</p>

MPn4(3)- Desfecho (resolução)	Desfecho (desenlace ou conclusão)	Ep20: soltura do casal de diabos, [F162] a [F164]	
MPn2(4) Nó (gatilho)	Complicação	Ep21: Zé Malandro resolve aceitar a sua mortalidade, [P77]	<p align="center">Bloco 5 <u>Ep21 a Ep23</u></p> <p>Falta: aceita a própria mortalidade. (Ep21) Busca: o protagonista busca um lugar para “descansar em paz”, ele se dirige ao inferno, depois, ao céu. (Ep21) Resultado: fracasso/ êxito - O personagem central é recusado, assim, retorna para sua terra. (Ep22 e Ep23)</p>
MPn3(4) - Reação ou avaliação	Desenvolvimento até chegar ao clímax	Ep22: o protagonista é recusado pelo Diabo e por São Pedro, [P79] a [P82]	
MPn4(4) - Desfecho (resolução)	Desfecho (desenlace ou conclusão)	Ep23: Zé Malandro retoma a sua vida ociosa de jogador de baralho, [P83]	

- Análise do plano de texto, da sequência textual narrativa, em suas macroproposições e proposições e do princípio de intencionalidade

No âmbito do plano de texto, Tn4 apresenta, na MPn1 e na MPn5, o perfil do protagonista, cujo estilo de vida é de vagância e ociosidade. Os momentos centrais, em que estão presentes a Morte, o Diabo e sua esposa, correspondem ao desequilíbrio vivido pelo personagem principal, uma vez que ele se depara com a condição de ser mortal, algo que não aceita. No conto, foram identificados 23 episódios divididos nas macroproposição de base.

No **Ep1**, “Vida ociosa e precária”, estabelece-se o modo de vida do protagonista, que faz jus ao nome a ele atribuído. Inicialmente, Zé Malandro se encontra em equilíbrio, tem uma vida descompromissada e não trabalha: “Em vez de trabalhar como todo mundo, preferia passar a vida zanzando e jogando baralho” [F2]. Contudo, logo ocorre um primeiro desequilíbrio, porque ele mal consegue sobreviver, o que é expresso em “Por causa disso era pobre, pobre, pobre” [F4].

O **Ep2**, “Zé Malandro encontra um velho viajante”, enfatiza o desequilíbrio do protagonista que não tinha comida para se alimentar, muitos menos para

ajudar um velho viajante. Entretanto, o personagem central presta auxílio ao referido homem, o que configura o próximo episódio.

No **Ep3**, “Quatro pedidos mágicos”, são anunciadas as estratégias de Zé Malandro para evitar a morte. Sua malandragem e seu estilo de vida são reforçados ao recusar os conselhos do viajante: ter proteção [F18]; ser perdoado [F23]; obter salvação [F28] e ir para o céu [F33]. Os pedidos do personagem surpreendem o viajante [F36] e evidenciam o modo como o protagonista leva a vida. Nesse episódio, tem-se a solução para o desequilíbrio: o velho viajante lhe concede quatro desejos mágicos como forma de agradecimento pela generosidade. Após isso, Zé Malandro se torna invencível no baralho e, assim, passa a ter uma fonte de renda.

O **Ep4**, “Vida folgada”, retoma a rotina ociosa do protagonista que, por meio de dois dos poderes mágicos a ele concedidos, ter condições financeiras e enganar a Morte, continua com seu descompromisso.

No **Ep5**, “Velhice”, o envelhecimento do personagem é apresentado de modo fugaz e é praticamente imperceptível, como expresso nos segmentos “Mas o tempo é invisível/ Passa dia e noite e ninguém vê” [P20]. Nesse episódio são estabelecidas as ações do protagonista para manter a vida de vagância. O tempo passa rapidamente para Zé Malandro, que envelhece muito.

Em relação ao princípio de intencionalidade, do **Ep1** ao **Ep5**, tem-se o seguinte: a **abertura**, que mostra o perfil do protagonista (**Ep1**); o **estado inicial (falta)**, que estabelece a condição de pobreza do personagem principal e apresenta o velho viajante (**Ep1**); o **estado de atualização (busca)**, que mostra a necessidade de Zé Malandro de conseguir dinheiro, assim, ele ajuda o velho viajante com o pouco de comida que tem (**Ep2**); o **estado final** com resultado de **êxito**, pois o velho viajante, em sinal de gratidão, concede ao protagonista quatro pedidos mágicos (**Ep3 a Ep5**).

No **Ep6**, “Encontro com a Morte”, estabelece-se o segundo Nó (gatilho), momento em que Zé Malandro se depara com a Morte, personagem personificada, configurada como a antagonista. Por causa disso, ele reflete sobre sua mortalidade, o que causa um desequilíbrio.

O **Ep7**, “O último pedido”, mostra como o protagonista lida com a primeira adversidade decorrente da chegada da Morte [F58]. A expressão “lágrimas nos olhos” [F59], por exemplo, indica o comportamento adotado por Zé Malandro para convencer a Morte, que fica comovida e impaciente ao conceder-lhe o pedido [F63].

O **Ep8**, “A Morte é enganada por Zé Malandro”, revela como o protagonista engana, efetivamente, a Morte. As escolhas lexicais contribuem para que ela acredite que ele é um velho incapaz e moribundo: “É o último desejo de um pobre velho miserável raquítico esclerosado caindo aos pedaços!” [F69]. Percebe-se também como Zé Malandro, por meio do vocativo “dona Morte”, que indica reverência e respeito, se dirige à Morte, buscando se aproximar dela.

O **Ep9**, “Consequências de não ter mais a Morte: Superpopulação”, mostra a Morte presa na figueira e os problemas decorrentes disso, como o fato de as pessoas não morrerem mais, ocasionando escassez de trabalho para os “fabricantes de caixões” [F76] e para “os médicos” [F77]. Nesse parágrafo, é notável a rápida sucessão de acontecimentos que impactaram, negativamente, na vida dos indivíduos.

No **Ep10**, “O trato com a Morte”, a Morte expressa sua indignação por ter ficado presa por tanto tempo. Ela procura convencer Zé Malandro a ceder e demonstra impaciência: “Isso é contra a natureza” [F81]/ “Você tem que me deixar sair daqui! [P38]”. O acordo se consolida mesmo com relutância da Morte que, sem saída, concede mais sete anos de vida para o personagem principal.

Em conformidade com o **Ep5**, no **Ep11**, “Vida ociosa e velhice”, sucedem ações rápidas que caracterizam o estilo peculiar do protagonista, que envelhece rapidamente, fato evidenciado pelo trecho “E assim, Zé Malandro continuou sua vidinha folgada de sempre, feliz da vida, jogando baralho, cada vez mais velho, cada vez mais invencível” [F88]. A expressão “vidinha folgada” enfatiza o estilo de vida adotado pelo protagonista por meio do poder mágico de ser invencível no baralho.

Considerando o princípio de intencionalidade, do **Ep5** ao **Ep11**, tem-se o seguinte: a **abertura**, que mostra o envelhecimento do protagonista, retomado no **Ep5**; o **estado inicial (falta)**, que se caracteriza pela necessidade de Zé

Malandro lidar com a Morte (**Ep6**); o **estado de atualização (busca)** configura pela forma que o protagonista trapaceou a Morte (**Ep7**). Quanto ao **estado final** com resultado de **êxito**, pois o acordo com a Morte é firmado e, assim, Zé Malandro pode retomar sua vida ociosa (**Ep8** ao **Ep11**).

No **Ep12**, “Encontro com o Diabo”, o protagonista mostra estranheza e surpresa ao se deparar com o Diabo, como expresso no segmento “Era um homem estranho, de cara feia, chapéu e paletó escuro” [F91]. No início, Zé Malandro se faz de desentendido e pergunta a identidade do homem, que lhe responde de forma direta, evidenciando seu conhecimento sobre a traquinagem do protagonista [P49].

No **Ep13**, “O pedido para o Diabo”, Zé Malandro demonstra sua sagacidade ao se colocar como vítima diante do Diabo, a fim de convencê-lo de seu estado de vulnerabilidade, como expresso nos trechos “lágrimas nos olhos” [F112] e “pobre velho miserável raquítico esclerosado caindo aos pedaços” [F115]. Tais manifestações servem de argumento para persuadir o Diabo a atender o pedido sem desconfiar do que poderá acontecer [F117].

O **Ep14**, “O Diabo é enganado por Zé Malandro”, revela a inteligência do protagonista. Em um primeiro momento, Zé Malandro cria intimidade com o Diabo, mostra-se cortês, puxa o banquinho para ele [F119] e se oferece para pegar um copo com pinga [F120]. Ao se sentar no banco mágico, o Diabo fica preso, logo fica enfurecido e grita “Me tira daqui!” [F123]. A revolta do Diabo é satirizada por Zé Malandro, que segue sua vida de vagância [F125].

O **Ep15**, “Repercussões de não ter mais a presença do Diabo: injustiça no mundo”, traz, em um só parágrafo, as consequências da ausência do Diabo, como a falta de trabalho para “guardas, delegados, advogados e juízes” [F127] e sua fúria e inconformidade por estar preso [F30].

O **Ep16**, “O trato com o Diabo”, ressalta, de um lado, a insatisfação e revolta do Diabo [F133], e de outro, a impaciência de Zé Malandro [131]. A reação do Diabo serve para convencer o protagonista a soltá-lo, o que ocorre após um acordo. O argumento do Diabo é de que sua esposa brigaria com ele por ter ficado mais de um ano fora. Ele expressa preocupação, “Quando eu voltar

ela me arrebenta!” [F135], e suplica ao protagonista: “Me solta, Zé Malandro, por favor, que a Diaba me quebra a cara!” [F138].

O **Ep17**, “Velhice e o plano de Zé Malandro”, ressalta novamente a vida ociosa do protagonista. Esse episódio, mesmo constituído por apenas dois parágrafos, indica uma longa passagem de tempo [F145-F146]. Zé Malandro organiza o terceiro plano para escapar da morte.

Quanto ao princípio de intencionalidade, do **Ep11** ao **Ep17**, tem-se o seguinte: a abertura, que caracteriza o modo de vida descompromissado do protagonista (**Ep11**); o **estado inicial (falta)**, em que o personagem central encontra o Diabo, o que gera incômodo ao protagonista, pois ele não sabe lidar com a presença do Diabo (**Ep12**); o **estado de atualização (busca)**, que evidencia a necessidade do protagonista utilizar um dos seus objetos mágicos para combater o antagonista (**Ep13** a **Ep15**); o estado final (**resultado**) com resultado de **êxito**, pois Zé Malandro obriga o Diabo a fazer um acordo (**Ep16**).

O **Ep18**, “Zé Malandro encontra o casal de diabos”, apresenta a última tentativa dos antagonistas para fazer morrer Zé Malandro. No primeiro momento, a Diaba mostra-se incrédula com o que aconteceu com o esposo [F149]. As ocorrências seguintes desencadeiam suspense e tensão em relação à armadilha que o casal preparará. Note-se a insistência deles ao bater à porta e nada acontecer: “[F150] Diabo bateu na porta. [F151] Nada. [F152] Bateu de novo. [F153] Nada”.

O **Ep19**, “O casal de diabos é enganado por Zé Malandro”, ressalta a raiva e a surpresa do casal ao se ver preso dentro do saco de pano, o que é expresso pelo pedido de socorro [F157] e [F158]. Para o casal, a passagem do tempo foi longa e incômoda, pois ficaram presos um “ano inteirinho” e foram espancados “todo santo dia”.

O **Ep20**, “Soltura do casal de diabos”, revela que Zé Malandro após manter os antagonistas presos um ano inteiro no saco, resolve libertá-los, porque estava muito velho e cansado.

Quanto ao princípio de intencionalidade, do **Ep17** ao **Ep19**, tem-se o seguinte: a **abertura**, que retrata novamente a vida típica do protagonista (**Ep17**);

o **estado inicial (falta)**, que se estabelece pela ameaça da presença do casal (**Ep18**); o **estado de atualização (busca)** diz respeito ao plano elaborado pelo protagonista (**Ep18**); o **estado final** com resultado de **êxito**, pois o protagonista trapaceia os antagonistas (**Ep19**).

Em relação à categoria **Nó (gatilho)**, identifica-se o **Ep21** que corresponde “Zé Malandro resolve aceitar a sua mortalidade”, causando um desequilíbrio ao seu estilo de vida, pois o protagonista apesar dos esforços e tentativas para enganar a Morte e o casal de diabos, depara-se com o processo natural e cíclico da vida .Posteriormente, o **Ep22**,” O protagonista é recusado pelo Diabo e pelo santo São Pedro”, trazem um paradoxo: o protagonista aceita, enfim, sua mortalidade, mas agora as entidades não o aceitam.

De acordo com a categoria **Desfecho (resolução)**, a narrativa finaliza no **Ep23**, “Zé Malandro continuou a sua vida de jogador de baralho”, consolidando o objetivo do protagonista de escapar da morte e viver a sua rotina, caracterizada pela falta de compromisso e de responsabilidade e por seu gosto pelo jogo de baralho [F181].

As macroproposições que se referem à Re-ação ou avaliação caracterizam os recursos linguísticos utilizados pelo protagonista para se vitimizar visto na expressão: “velho raquítico esclerosado caindo aos pedaços” [F69]. Ele transmite, assim, a imagem de um sujeito incapaz e ingênuo, entretanto, esse comportamento é uma forma eficiente de manter a vida de ociosidade e peripécias como estabelecido em MPn4 e MPn5.

Na MPn4(3), o protagonista conquista, definitivamente, a vida que tanto almejava. O último parágrafo [P83] evidencia um tempo inacabado e sugerem que Zé Malandro está vivo por aí, descompromissado e jogando baralho [F181].

Quanto à constituição do plano de texto do conto, no que se refere às sequências textuais narrativas, há dois níveis de organização global que correspondem aos cinco momentos narrativos, a saber: antes do processo o começo do processo, o percurso do processo, o fim do processo e depois do processo (ADAM, 2011; 2019).

Nesse sentido, a identificação da **Situação inicial (orientação)** configura a contextualização da história. O **Nó (gatilho)** consiste em uma força que causa uma perturbação do equilíbrio inicial da narrativa. A **Re-ação ou Avaliação** referem-se às reações dos personagens. O **Desfecho (resolução)** diz respeito à resolução do conflito, em que aconteceram os fatos decisivos que conduzem à **Situação Final**.

No que se refere ao princípio de intencionalidade, constituem-se cinco blocos os quais apresentam nos quatro primeiros: abertura, estado inicial (**falta**), estado de atualização (**busca**) e, o estado final (**resultado**) que configura êxito. Entretanto, somente no último bloco não apresenta a abertura, pois começa pelo estado inicial (**falta**) e também, neste bloco, designa-se um resultado paradoxal que corresponde ao fracasso do protagonista de não ter conseguido ir para céu ou inferno e êxito no que diz a respeito a manutenção do seu estilo de vida tão almejado pelo personagem central.

A composição espacial varia em um espaço delimitado que pode ser a cidade onde mora Zé Malandro, especificamente, sua casa, quintal, quarto, cozinha. Na MPn3, há a menção a outros locais, entre os quais, hospitais, fábricas de caixões e delegacia. Na MPn4 e na MPn5, é dada ênfase à casa do protagonista. Este, por fim, vai ao inferno e ao céu; recusado por ambos, retorna para a terra.

Em relação à temporalidade da narrativa, os acontecimentos seguem uma ordem cronológica. É possível notar, por meio de expressões temporais, que 14 anos decorrem e marcam o envelhecimento do protagonista. Na MPn4(3), os recursos linguísticos transmitem a ideia de que Zé Malandro envelhece lentamente: “Estava velho demais até um pouco gagá” [F164]. Os acontecimentos finais têm duração de no máximo algumas horas, que correspondem ao percurso de Zé Malandro entre o inferno e o céu.

- Análise dos actantes e dos processos narrativos

Conforme proposto por Charaudeau (2016), que elenca os componentes da lógica narrativa, os actantes e os processos narrativos são apresentados a seguir:

Tn4 - A quase morte de Zé Malandro		
Actantes narrativos		Processos narrativos
<p>O velho viajante (actante agente) em relação a Zé Malandro (actante paciente)</p>	<ol style="list-style-type: none"> 1. Velho viajante Actante age, ele o faz como: <ul style="list-style-type: none"> • Benfeitor: transmite benefícios ao protagonista ao lhe conceder quatro poderes mágicos. Ele o faz de maneira: • Voluntária 2. Zé Malandro Se o actante sofre a ação <ul style="list-style-type: none"> • Beneficiário: o velho viajante consegue um pouco de comida com o protagonista; ele é afetado positivamente. Se o actante beneficiário reage, ele o faz por: • Retribuidor: o protagonista oferece comida ao velho viajante. 	<ol style="list-style-type: none"> 1. Função principal da narrativa <ul style="list-style-type: none"> - Causa: Zé Malandro é ocioso e não gosta de trabalhar. - Consequência: o protagonista era pobre e mal conseguia sobreviver. - Realização da ação recai sobre o outro. - O ato tem a função de melhorar um estado inicial. - Melhoramento por retribuição O velho viajante concede quatro poderes mágicos a Zé Malandro. <p>Comentário: o protagonista retoma a sua vida de traquinagem e se torna invencível no baralho, por isso, tem dinheiro para se manter.</p>
<p>Zé Malandro (actante agente) em relação à Morte e ao casal de diabos (actantes pacientes).</p>	<ol style="list-style-type: none"> 1. Zé Malandro Actante age, ele o faz como: <ul style="list-style-type: none"> • Oponente: contraria as ações da Morte e do casal de diabos. Ele o faz de maneira: • Indireta: por meio de trapaças realizadas com base em elementos mágicos que prejudicam as ações pelos antagonistas. 2. A Morte e o casal de diabos 	<ol style="list-style-type: none"> 2. Função principal da narrativa <ul style="list-style-type: none"> - Causa: o protagonista não aceita sua mortalidade. - Consequência: Zé Malandro utiliza de seus poderes mágicos para combater as ações nocivas pelas entidades.

	<p>Actantes - vítimas reagem, eles o fazem por:</p> <ul style="list-style-type: none"> • Reposta: pelo uso de elementos mágicos. Após os antagonistas serem afetados negativamente. 	<ul style="list-style-type: none"> - Realização da ação recai sobre si. - O ato tem a função de conservar um estado inicial que orienta a vida ociosa do personagem central. <p>- Conservação por neutralização de três ameaças até chegar à negociação.</p> <p>Comentário: o personagem central busca neutralizar a ameaça da Morte e do casal de diabos com o propósito de chegar a uma negociação.</p>
<p>A Morte e o casal de Diabo (actantes agentes) em relação a Zé Malandro (actante paciente)</p>	<p>1. A Morte e o casal de diabos Actantes agem, eles o fazem como:</p> <ul style="list-style-type: none"> • Oponentes: contrariam os ideais do protagonista, que não aceita a própria mortalidade. Eles o fazem de maneira: • Voluntária: ato consciente pelos personagens <p>2. Zé Malandro Actante sofre a ação, ele o faz como:</p> <ul style="list-style-type: none"> • Vítima Se o actante-vítima reage, ele o faz por: • Negociação: para estabelecer um trato. 	<p>3. Função principal da narrativa</p> <ul style="list-style-type: none"> - Causa: a Morte e o casal de diabos precisam cumprir a missão de sentenciar a morte do protagonista. - Consequência: o protagonista planeja meios de trapaceá-los e enganá-los. - Realização da ação recai sobre o outro. - O ato tem a função de degradar um estado inicial. - Degradação por eliminação Os seres fantásticos precisam eliminar a vida do protagonista. <p>Comentário: a Morte, o Diabo e a Diaba não conseguem eliminar Zé Malandro e cedem às negociações.</p>

<p>São Pedro e o Diabo (actantes agente) em relação ao protagonista (actante paciente)</p>	<p>1. São Pedro e o Diabo Actantes agem, eles o fazem como:</p> <ul style="list-style-type: none"> • Oponentes: impedem Zé Malandro de entrar no céu ou no inferno. Eles o fazem de maneira: <p>2. Voluntária: ato consciente.</p> <p>3. Protagonista Actante que sofre a ação, age como:</p> <ul style="list-style-type: none"> • Vítima - não é aceito nem no céu nem no inferno. Actante - vítima reage, ele o faz por: • Fuga - o protagonista aceita seu destino, retorna para sua terra, o que concretiza o desfecho da narrativa. 	<p>- Causa: São Pedro e o Diabo não aceitam Zé Malandro em seus respectivos locais (céu e inferno).</p> <p>- Consequência: o personagem central é obrigado a voltar para sua terra.</p> <p>- Realização da ação recai sobre o outro.</p> <p>- O ato tem a função de degradar um estado inicial.</p> <p>- Degradação por retribuição (castigo) São Pedro e o Diabo condenam, de maneira justa, as atitudes do protagonista, que fica impedido de entrar no céu ou no inferno.</p> <p>Comentário: Zé Malandro volta a seu estilo de vida trapaceiro.</p>
--	---	--

3.3 Discussão dos resultados das análises

As análises realizadas na seção anterior possibilitaram a compreensão do plano de texto, das sequências textuais narrativas, da constituição dos episódios, do princípio de intencionalidade, dos actantes e dos processos narrativos. Assim, foi possível estabelecer relações entre esses elementos, os quais estão organizados no Quadro 19.

Quadro 19 - Macroproposição narrativa de base, princípio de intencionalidade e partes do enredo

Macroproposição narrativa de base	Princípio de intencionalidade	Partes do enredo
MPn1 - Situação inicial (orientação)	Abertura	Exposição (ou introdução ou apresentação)
MPn2 - Nó (gatilho)	Estado inicial (falta)	Complicação ou desenvolvimento até chegar ao clímax
MPn3 - Re-ação ou avaliação	Estado de atualização (busca)	
MPn4 - Desfecho (resolução)	Estado final (resultado) (+) êxito ou (-) fracasso	Desfecho (desenlace ou conclusão)
MPn5 - Situação final		

Fonte: elaborado pela autora.

As macroproposições narrativas de base configuram o texto narrativo, papel similar àquele do modo de organização, cujo objetivo é ordenar a sequência narrativa (CHARAUDEAU, 2016), e as três partes que compõem o enredo, denominadas, neste estudo, de exposição, complicação e conclusão.

A MPn1 - **Situação inicial (orientação)** aproxima-se da noção de abertura e exposição, pois estas têm o objetivo de contextualizar a narrativa. A MPn2 - **Nó (gatilho)** envolve a intriga, a complicação, que representa o problema ou a falta de algo.

Para que ocorra a resolução da intriga ou a obtenção de um objeto que preencherá a falta, estabelece-se a MPn3 - **Re-ação ou avaliação**. Esta pode se associar ao estado de atualização (**busca**), que se desenvolve até chegar ao clímax. Dessa maneira, a MPn4 - **Desfecho (resolução)** e a MPn5 - **Situação**

final se aproximam da ideia de estado final (**resultado**), que pode resultar em **êxito** ou em **fracasso**.

No **Tn1**, a primeira macroproposição completa, composta pelas cinco macroproposições de base, estabelece oito episódios (Ep1 ao Ep8), os quais correspondem ao bloco 1 do princípio de intencionalidade. Nessa parte, configuram-se o protagonista e sua família, que passam por privações. O desequilíbrio se instaura com o nascimento do sétimo filho. A Morte aparece para o protagonista e se oferece para ser madrinha da criança, o que é por ele aceito. Como gratificação ela lhe concede o dom da cura, poder que o torna um médico famoso e reconhecido.

Quanto à segunda macroproposição, ela é incompleta, pois não há MPn5. Essa macroproposição tem três episódios (Ep9 ao Ep12), os quais se relacionam ao bloco 2 do princípio de intencionalidade. Nesse momento, o protagonista envelhece e, por não aceitar a própria mortalidade, a Morte passa a ser uma ameaça, o que instaura a segunda intriga. O personagem principal faz um trato com a Morte, que lhe concede um pouco mais de tempo.

Em relação à terceira macroproposição textual, também é incompleta, logo, não há MPn5. Seus três episódios (Ep13 ao Ep15) remetem ao bloco 3 do princípio de intencionalidade. Nessa parte da narrativa, o médico continua a sua carreira de sucesso, mas se depara com a primeira situação que estabelece o gatilho: ele afirma que a Morte é injusta por condenar à morte uma jovem muito doente.

A quarta macroproposição é incompleta, não apresenta nem MPn1 nem MPn5. Os episódios que a compõem são três (Ep16 ao Ep18), referentes ao bloco 4 do princípio de intencionalidade. Nesse caso, como não há MPn1 nem abertura, o início se dá pela intriga, instaurada quando o médico é punido por transgredir as ordens da Morte, embora busque um novo acordo com ela, o qual é estabelecido.

A quinta macroproposição apresenta-se incompleta, não há nem MPn1 nem MPn5. Nela, os dois episódios (Ep19 ao Ep20) correspondem ao quinto bloco do princípio de intencionalidade. O gatilho é estabelecido quando a Morte transporta o protagonista a um lugar desconhecido onde ele percebe que sua

vida está se extinguindo. Todavia, ele é sagaz e formula um plano para enganar a antagonista novamente.

Por fim, a sexta macroproposição também é incompleta, não apresenta a MPn1. Há quatro episódios (Ep21 ao Ep24), os quais remetem ao sexto bloco do princípio de intencionalidade. Nesse momento da narrativa, inicia-se a intriga em que a Morte revela como fez para, estrategicamente, ludibriar o protagonista, que veio a falecer.

No **Tn2**, todas as macroproposições são completas, constituídas pelas cinco macroproposições de base. A primeira macroproposição é composta por quatro episódios (Ep1 ao Ep4), que correspondem ao bloco 1 do princípio de intencionalidade. Nesse momento, a antagonista revela ser ardilosa e estabelece seu truque, instaurando o nó designado pelo sentimento de ameaça demonstrado pelo jovem (personagem secundário), o que resulta em sua própria morte.

Em relação à segunda macroproposição, há quatro episódios (Ep5 ao Ep8), referentes ao bloco 2 do modo de organização da narrativa. Nesse momento, a Morte tenta aplicar o mesmo truque no protagonista, que se sente ameaçado e tenta fugir; trata-se do gatilho na narrativa.

Considerando a terceira macroproposição, há também quatro episódios (Ep9 ao Ep12), correspondentes ao bloco 3 do princípio de intencionalidade. Nela, o ferreiro, ao encontrar uma velha faminta, oferece-lhe ajuda; ele, então, é recompensado com três poderes mágicos.

Na quarta macroproposição, tem-se cinco episódios (Ep13 ao Ep17), relativos ao bloco 4 do modo de organização da narrativa. Nesse momento, ocorre o envelhecimento do protagonista e o trato dele com a Morte.

No que se refere à quinta macroproposição, há também cinco episódios (Ep18 ao Ep22), que correspondem ao bloco 5 do princípio de intencionalidade. Nesse momento final da narrativa, o protagonista se depara com seu inevitável fim, mesmo depois de ter trapaceado a antagonista algumas vezes.

No **Tn3**, a primeira macroproposição é incompleta, não apresenta MPn5. Nela, há quatro episódios (Ep1 ao Ep4), os quais correspondem ao princípio de

intencionalidade. Nessa MP, acontece o encontro indesejável do protagonista com a Morte que, inicialmente, afirma ser ele ainda muito jovem para morrer.

Em relação à segunda macroproposição, também é incompleta, não há nem MPn1 nem MPn5. Ela é composta por quatro episódios (Ep5 ao Ep10), dispostos no bloco 2 do modo de organização. Nessa parte da narrativa, o protagonista busca incessantemente um lugar onde será imortal.

Entre os textos analisados, a terceira macroproposição é a única completa e que apresenta MPn Ω . Nela, há oito episódios (Ep11 ao Ep18), correspondentes ao bloco 3 do modo de organização. Nesse momento, o personagem central vive em um castelo dourado onde não se morre, entretanto, nostálgico, anseia voltar para sua terra. No percurso, encontra a Morte disfarçada, que sentencia seu fim.

No **Tn4**, a primeira sequência textual apresenta uma macroproposição completa, constituída por cinco episódios (Ep1 ao Ep5), referentes ao bloco 1 do princípio de intencionalidade. Nesse momento, instaura-se a intriga em virtude da pobreza do protagonista e da aparição do velho viajante. Zé Malandro oferece um pouco de comida ao velho que, como gratificação, concede-lhe quatro pedidos mágicos que lhe proporcionam uma vida típica de malandro e jogador de baralho.

A segunda macroproposição é incompleta, não apresenta a MPn5. Nessa MP, há sete episódios (Ep5 ao Ep11), que remetem ao bloco 2 do princípio de intencionalidade. O protagonista envelhece e se depara com a Morte, uma ameaça, estabelecendo a segunda intriga. Ele a trapaceia usando um de seus pedidos mágicos. Depois de fazer um acordo com ela, resolve soltá-la.

A terceira macroproposição textual é incompleta, não traz a MPn5. Nela, constituem-se sete episódios (Ep11 ao Ep17), correspondentes ao bloco 3 do modo de organização, em especial o princípio de intencionalidade. O protagonista continua sua vida até encontrar o Diabo, momento em que se instaura a terceira intriga. Zé Malandro trapaceia o antagonista, que é solto depois de um trato entre ambos.

A quarta macroproposição textual também é incompleta, não apresenta a MPn5. Há três episódios (Ep17 ao Ep19), que remetem ao bloco 4 do princípio

de intencionalidade. Zé Malandro agora trapaceia o Diabo e sua mulher, configurando o quarto gatilho. Eles são submetidos à armadilha de Zé Malandro, que resolve libertá-los após aceitar a própria mortalidade.

A quinta macroproposição textual configura-se incompleta, pois não há MPn1 nem MPn5. Nessa MP, há três episódios (Ep21 ao Ep23), relativos ao bloco 5 do princípio de intencionalidade. Nessa parte da narrativa, instaura-se a intriga: o protagonista, depois de resistir e lutar, aceita seu destino. No entanto, nem o céu nem o inferno o aceitam, o que o obriga a retornar à Terra.

No que se refere aos **actantes**, nos contos analisados, eles desempenham o papel de agente – realizam ações que podem recair sobre si mesmos ou sobre os outros – ou de paciente – sofrem uma ação.

O Tn1 apresenta, primeiramente, a Morte (actante agente) em relação ao protagonista e sua família (actante paciente). Aquela é vista, inicialmente, como benfeitora, pratica uma ação voluntária que melhora a situação inicial da família. Já em outro momento da narrativa, pune o protagonista depois de ele transgredir as regras por ela estabelecidas, configurando a degradação de um estado inicial por retribuição (castigo). A antagonista estabelece essa mesma função em Tn1 e Tn2 ao sentenciar o fim dos protagonistas, como o médico, o ferreiro e o moço.

No Tn1, o protagonista (actante agente) apresenta seu dom de curar diversos pacientes, em especial a jovem enferma (actante paciente). Assim, é considerado benfeitor e pratica voluntariamente a ação de curar. Seus pacientes podem ser tanto vítimas, aqueles cujo fim é a morte, como beneficiários, aqueles que podem ser tratados e curados. Nesse sentido, a ação do médico visa a melhorar ou a degradar um estado inicial de doença de seus pacientes, ato considerado degradação por intervenção.

No Tn2, Tn3 e Tn4, a Morte, de início, já aparece como antagonista, assim como o casal de diabos (actantes agentes), que age de forma intencional. Esses três seres fantásticos contrariam as proposições do protagonista, fazendo dele um personagem paciente que reage por meio de negociação. Nesse sentido, as ações da Morte e do casal de diabos visam a degradar o estado inicial do protagonista ao tentar eliminá-lo.

Os protagonistas (actantes agentes) dos contos analisados agem no sentido de fazer oposição às imposições dos antagonistas (actantes pacientes). No Tn1, o médico, mesmo beneficiado pela Morte, opõe-se ao que ela deseja, assim como ocorre nos demais textos. Ressalte-se que no Tn2 e no Tn4, o ferreiro e Zé Malandro, respectivamente, opõem-se de modo indireto, por meio dos elementos mágicos, ação que, posteriormente, recai sobre eles.

No Tn2 e no Tn4, a velha e o velho viajante são actantes pacientes, vistos como benfeitores, pois concedem poderes mágicos aos protagonistas (actantes pacientes) como recompensa pela ação solidária deles. Portanto, a ação dos actantes pacientes, que possibilitam ao ferreiro e Zé Malandro terem uma vida confortável, visa a melhorar o estado inicial desses protagonistas.

Em relação a São Pedro e ao Diabo (actantes agentes), no Tn4, trata-se de personagens que se opõem ao objetivo do protagonista (actante paciente), que ao aceitar a própria mortalidade, é rejeitado na entrada do céu e do inferno. Portanto, a ação dos actantes agentes tem a função de degradar o estado inicial do protagonista por meio de um castigo.

De acordo com essa explanação, Tn1, Tn2 e Tn3 configuram a derrota dos protagonistas, que, apesar das estratégias que empregam para driblar a Morte, acabam falecendo. Em contrapartida, Tn4 é o único conto em que o protagonista vence e acaba por continuar na Terra.

Tendo em vista o exposto, o Quadro 20 sintetiza os papéis dos actantes narrativos.

Quadro 20 – Síntese comparativa dos papéis dos actantes narrativos

Papéis do actantes narrativos				
Textos	Actantes agentes	Função	Actantes pacientes	Função
Texto 1 - O homem que enxergava a Morte	Morte	Benfeitor e retribuidor (punição)	Médico	Beneficiário e vítima
	Médico	Benfeitor	Paciente	Beneficiário ou vítima
Texto 2 - O último dia na vida do ferreiro	Morte/homem que carregava a carroça de maçãs	Oponente e agressor	Ferreiro	Vítima
	Velha	Benfeitor		Beneficiário
Texto 3 - O moço que não queria morrer	Morte	Oponente e agressor	Moço	Vítima
	Três homens velhos	Benfeitor		Beneficiário
Texto 4 - A quase morte de Zé Malandro	Morte O casal de diabos	Oponente		Vítima

	O velho viajante	Benfeitor	Zé Malandro	Beneficiário
--	------------------	-----------	-------------	--------------

Fonte: elaborado pela autora.

A MPn0 é contemplada somente no Tn2, que traz considerações sobre a caracterização do tempo, do lugar, dos personagens e identificação do episódio, conforme ilustrado no Quadro 21.

Quadro 21 - Elementos que constituem a MPn0

MPn0- Resumo				
Texto	Tempo	Lugar	Personagens	Episódio
2- O último dia na vida do ferreiro	Indeterminado	Indeterminado	A antagonista	Ep1: o truque da Morte, [P1] a [P2]

Fonte: elaborado pela autora.

A seguir, considerando-se os quatro contos analisados, apresenta-se a síntese dos elementos pertinentes à caracterização do tempo, do lugar e do personagem, respectivamente: MPn1 (Quadro 22), da exposição e abertura (Quadro 23); MPn2 (Quadro 24), da complicação e falta, e caracterização do tempo, do lugar e dos personagens da MPn2 (Quadro 25); MPn3 (Quadro 26), do desenvolvimento e da busca, e caracterização do tempo, do lugar e dos personagens da MPn3 (Quadro 27); MPn4 (Quadro 28), da conclusão e resultado, e caracterização do tempo, do lugar e dos personagens da MPn4 (Quadro 29) e, por fim, MPn5 (Quadro 30), da conclusão e resultado, e caracterização do tempo, do lugar e dos personagens da MPn5 (Quadro 31).

Quadro 22 - Elementos que constituem a MPn1 – exposição e abertura

MPn1- Situação inicial (orientação), exposição e abertura					
Textos	Identificação	Ocorrências	Partes do enredo	Abertura	Episódios
Texto 1 - O homem que enxergava a Morte	MPn1	Há três MPn1, exposições e aberturas			Ep1: Homem pobre e sua família [P1]
		1. A apresentação da família do protagonista e de suas condições precárias de vida.			
	MPn1(1)	2. O envelhecimento do protagonista e de seu filho mais novo.		Ep9 Velhice [P36]	
	MPn1(2)	3. O envelhecimento do protagonista e de seu filho mais novo.			Ep13 Médico de sucesso [P45]
Texto 2 - O último dia na vida do ferreiro	MPn1	Há cinco MPn1, exposições e aberturas			Ep1: O truque da morte [P1] a [P2]
		1. A antagonista apresenta seu truque ardiloso para um jovem moço (personagem secundário).			
	MPn1(1)	2. O protagonista mostra-se um homem trabalhador e se depara com o mesmo truque da Morte.		Ep5: O ferreiro encontra a Morte [P15]	
	MPn1(2)	3. O encontro entre o velho ferreiro e uma velhinha faminta.		Ep9: O encontro com uma velhinha [P25]	
	MPn1(3)	4. O envelhecimento do protagonista.		Ep13: Velhice do protagonista [P36]	
MPn1(4)	5. Após o acordo com a Morte, o protagonista envelhece ainda mais e de maneira muito rápida.		Ep18: Passagem fugaz do tempo [P60] a [P61]		
Texto 3 - O moço	MPn1	Há duas MPn1, exposições e aberturas.			Ep1: O moço e o vulto [P1] a [P2]

que não queria morrer		1. O protagonista encontra um vulto misterioso.	
	MPn1(1)	2. O envelhecimento do personagem central.	Ep11: Velhice do protagonista [P61]
Texto 4 - A quase morte de Zé Malandro	MPn1	Há quatro MPn1, exposições e aberturas.	Ep1: Vida ociosa e precária [P1] a [F4]
		1. O perfil do protagonista como um personagem malandro e jogador de baralho, cuja vida é ociosa e precária.	
	MPn1(1)	2. O envelhecimento do personagem central.	Ep5: Velhice [P20] a [P21]
	MPn1(2)	3. A retomada da vida ociosa e cheia de traquinagens do protagonista	Ep11: Vida ociosa e velhice [P41] e [P42]
MPn1(3)	4. O estilo peculiar da vida ociosa de Zé Malandro e seu envelhecimento.	Ep17: Velhice e o plano de Zé Malandro [P66] a [P67]	

Fonte: elaborado pela autora.

Quadro 23- Caracterização do tempo, do lugar e dos personagens da MPn1

MPn1 - Situação inicial (orientação)				
Textos	MPn1	Tempo	Lugar	Personagens
Texto 1 - O homem que enxergava a Morte	MPn1	Indeterminado	Casebre do protagonista	O homem pobre (protagonista) e sua família, esposa e sete filhos
	MPn1(1)		Indeterminado	O protagonista, o sétimo filho e a Morte
	MPn1(2)		“mundo afora” [F102]	“Velho médico e gente doente” [F102]
	MPn1	Indeterminado	Indeterminado, “terra” [F2]	A Morte e o “jovem bonito” [F2]

Texto 2 - O último dia na vida do ferreiro		“manhã cedo” [F2}		
	MPn1(1)	Indeterminado “um dia” [F33] “dia inteiro” [F34}	“casa de um ferreiro”	O ferreiro e a Morte
	MPn1(2)	Indeterminado “certa tarde” [F49}	casa do protagonista	O protagonista e uma velhinha
	MPn1(3)	Indeterminado “mas o tempo, quando vai se ver, já passou” [F79}	Indeterminado	O protagonista
	MPn1(4)	“o tempo é uma roda que gira sem breque” [F136} “o ano passou” [F137}		
Texto 3 - O moço que não queria morrer	MPn1	Indeterminado “certa tarde” [F2}	“um lugar debaixo de uma árvore” [F2}	O jovem viajante (protagonista) e um vulto
	MPn1 (1)	Indeterminado “o tempo é um vento que leva tudo”	Indeterminado	O protagonista, implícito no texto
Texto 4 – A quase morte de Zé Malandro	MPn1	Indeterminado	Indeterminado “rede” [F3}	O protagonista
	MPn1(1)		“figueira” [F43}	
	MPn1(2)	“Sete anos” [F89}	Indeterminado	O protagonista, implícito no texto
	MPn1(3)	“o tempo passou” [F145} e “No dia em [147}	O quarto do protagonista [147}	O protagonista

		que se completaram sete anos” [F145]		
--	--	--------------------------------------	--	--

Fonte: elaborado pela autora.

Quadro 24 - Elementos que constituem a MPn2 – complicação e falta

MPn2 – Nó (gatilho), complicação e falta					
Textos	Identificação	Ocorrências	Partes do enredo - Complicação	Falta	Episódios
Texto 1 - O homem que enxergava a Morte	MPn2	Há seis MPn2, complicação e falta			Ep2: O sétimo filho [P2] a [P3]
		1. O protagonista não consegue sustentar sua família em virtude de sua condição precária.			
	MPn2(1)	2. O envelhecimento do protagonista e o encontro com a Morte.			Ep10: A hora do médico chegou: Encontro com a Morte [P37] a [P38]
	MPn2(2)	3. O protagonista considera a antagonista injusta por condenar uma jovem moça à morte.			Ep14: A paciente jovem [P46]
	MPn2(3)	4. O protagonista é punido pela antagonista, portanto, ela sentenciar o seu fim.			Ep16: O médico sofre a consequência de ter enganado a Morte [P53]

	MPn2(4)	5. O protagonista reconhece que sua vida está se extinguindo.	Ep18: A mortalidade [P62] a [P64]
	MPn2(5)	6. A antagonista faz uma ameaça para o protagonista.	Ep21: A ameaça da Morte [P76]
Texto 2 - O último dia na vida do ferreiro	MPn2	Há cinco MPn2, complicação e falta	Ep2: O encontro com a Morte [P3] a [P4]
		1. O jovem moço se sente ameaçado com presença da Morte, que o ludibria por meio de um truque.	
	MPn2(1)	2. O protagonista se sente ameaçado com a presença da antagonista.	Ep6: A proposta da Morte e a reação do protagonista [P16] a [P21]
	MPn2(2)	3. O ferreiro busca ajudar uma velhinha, mesmo tendo pouca comida.	Ep10: Pedido de ajuda [P26]
	MPn2(3)	4. O personagem central envelhece e se sente novamente ameaçado com a presença da Morte.	Ep14: Aparição da Morte [P37] a [P38]
	MPn2(4)	5. O protagonista recusa aceitar seu destino de ser mortal.	Ep19: O ferreiro encontra novamente a Morte [P62]
Texto 3 - O moço que não queria morrer	MPn2	Há três MPn2, complicação e falta	Ep2: O moço e a Morte [P3]
		1. O protagonista se recusa a aceitar sua mortalidade, após se encontrar com a Morte.	
	MPn2(1)	2. O personagem central ainda não aceita seu destino como ser mortal.	Ep5: A procura por um lugar onde não se morre [P11] a [P12]

	MPn2(2)	3. O personagem principal sente-se saudosista e nostálgico ao lembrar de sua antiga vida.	Ep12: Nostalgia e saudade [P62] a [P66]
Texto 4 - A quase morte de Zé Malandro	MPn2	Há cinco MPn2, complicação e falta.	Ep2: Zé Malandro encontra um velho viajante [P2] a [P5]
		1. Zé Malandro encontra um misterioso velho viajante que lhe pede comida.	
	MPn2(1)	2. O protagonista se sente ameaçado com a presença da Morte.	Ep6: Encontro com a Morte [P22] a [P24]
	MPn2(2)	3. Zé Malandro se sente ameaçado com a presença do Diabo.	Ep12: Encontro com o Diabo [P43] a [P49]
	MPn2(3)	4. O personagem central precisa escapar da ameaça causada pelo casal de diabos.	Ep18: Zé Malandro encontra o casal de diabos [P68]
	MPn2(4)	5. Zé Malandro finalmente aceita seu destino.	Ep21: Zé Malandro resolve aceitar a sua mortalidade [P77]

Fonte: elaborado pela autora.

Quadro 25 - Caracterização do tempo, do lugar e dos personagens da MPn2

MPn2- Nó (gatilho)				
Textos	MPn2	Tempo	Lugar	Personagens
Texto 1 - O homem que enxergava a Morte	MPn2	Indeterminado	Indeterminado	O sétimo filho, o protagonista e a esposa
	MPn2(1)	Indeterminado "Certa noite" [F81]	Casebre do protagonista	O protagonista e "uma figura curva" [F83]
	MPn2(2)	Indeterminado	"Quarto da menina" [F108]	Médico, moça enferma e a Morte.

		“Um dia” [F103]		
	MPn2(3)	Indeterminado	Indeterminado	O protagonista e a Morte
	MPn2(4)		Refere-se ao “um lugar desconhecido e estranho” [F145]	
	MPn2(5)		Indeterminado	Protagonista e a antagonista
Texto 2 - O último dia na vida do ferreiro	MPn2		Indeterminado A Morte e o jovem moço	
	MPn2(1)		Indeterminado	Indeterminado “tanta terra” [F38].
	MPn2(2)	Indeterminado “três dias” [F52]	Indeterminado	O protagonista e a velhinha
	MPn2(3)	Indeterminado “Um dia” [F81]	Casa do protagonista “na porta de sua casa” [F81]	O personagem central e Morte
	MPn2(4)	Indeterminado “Certa tarde” [F138]	Casa do protagonista [F138]	A mulher do ferreiro e a antagonista
	Texto - O moço que não queria morrer	MPn2	Indeterminado	Indeterminado
MPn2(1)		Indeterminado “daquele dia em diante” [F24] e “o resto da vida” [F25]	Indeterminado “um lugar onde a morte não existisse”[F25]	
MPn2(2)		Indeterminado	Indeterminado Menção “cidade onde tinha nascido” [F118]	O protagonista

Texto 4 – A quase morte de Zé Malandro	MPn2	Indeterminado “Certo dia” [F5]	Casa do protagonista	Zé Malandro e o homem muito velho [F7]
	MPn2(1)	Indeterminado “Certa noite” [F45].	Casa do protagonista [F45]	O protagonista e a Morte
	MPn2(2)	Indeterminado “certa noite” [F90]	Casa do protagonista	O Diabo e Zé Malandro
	MPn2(3)	Indeterminado “Naquela mesma noite” [F148]	Indeterminado	O Diabo e a esposa
	MPn2(4)	Indeterminado “dias depois” [F165]	O inferno, marcado pela expressão “profundezas do inferno” [F166], e o céu [F174]	Zé Malandro e o Diabo

Fonte: elaborado pela autora.

Quadro 26 - Elementos que constituem a MPn3 – desenvolvimento e busca

MPn3 - Re-ação ou avaliação, desenvolvimento e busca					
Textos	Identificação	Ocorrências	Partes do enredo Desenvolvimento	Busca	Episódio
Texto 1 - O homem	MPn3	Há seis MPn3, desenvolvimento e busca.			Ep3: O homem procura um padrinho [P4] a [P7] Ep4: A Morte: a
		1. O protagonista, angustiado com a sua situação financeira, busca por alguém que aceite ser padrinho do seu sétimo filho (Ep3).	2. A antagonista se torna comadre do personagem central (Ep4).		

que enxergava a Morte		<p>3. A Morte, como gratificação, concede ao personagem principal o dom da cura (Ep5).</p> <p>4. O protagonista se torna um médico rico e famoso, mas ele se compromete em respeitar as normas estabelecidas pela antagonista (E6).</p>	<p>comadre [P8] a [P13]</p> <p>Ep5: A recompensa da Morte [P14] a [P18]</p> <p>Ep6: O homem se torna um médico e faz algumas exigências [P19] a [P33]</p>
	MPn3 (1)	<p>1. O protagonista não aceita sua mortalidade e começa a considerar a Morte injusta (Ep11).</p>	<p>Ep11: Velhice do médico e não aceitação de sua mortalidade [P39] a [P42]</p>
	MPn3 (2)	<p>1. O personagem principal transgride a regra da Morte ao salvar uma jovem enferma (Ep15).</p>	<p>Ep15: O médico desrespeita as regras da Morte [P47] a [P52]</p>
	MPn3 (3)	<p>1. A antagonista fica desapontada porque o médico não obedeceu suas regras (Ep17).</p>	<p>Ep17: A Morte tenta punir o médico [P54] a [P61]</p>
	MPn3 (4)	<p>1. O personagem central busca estabelecer um novo trato com a Morte (Ep19).</p>	<p>Ep19: Novo trato com a Morte [P65] a [P73]</p>

	MPn3 (5)	1. O médico se depara com um corpo na estrada o que leva a rezar por compaixão (Ep22).	Ep22: Médico envelhece e encontra um corpo falecido [P77] a [P79]
Texto 2- O último dia na vida do ferreiro	MPn3	Há cinco MPn3, desenvolvimento e busca.	
		1. A Morte estabelece uma armadilha sagaz que ludibria o jovem rapaz (Ep3).	Ep3: O desafio da Morte [P5] a [P11]
	MPn3 (1)	1. A antagonista fica espantada e questiona o personagem central se ele não quer se tornar um homem rico e poderoso (Ep7).	Ep7: O ultimato da Morte [P22] a [P23].
	MPn3 (2)	1. O casal resolve ajudar uma velhinha faminta, que, como gratificação, concede três pedidos (Ep11).	Ep11: Os três pedidos [P27] a [P34]
	MPn3(3)	1. O protagonista utiliza um objeto “mágico” com a finalidade de fazer um acordo (Ep15).	Ep15: Reação do protagonista e da esposa [P39] a [P57]
	MPn3(4)	1. A Morte fica impaciente com o protagonista, pois ele novamente, junto com a sua esposa, tenta enganá-la (Ep20).	Ep20: O ferreiro e sua esposa tentam enganar a Morte [P63] a [P82]
Texto 3 – O moço que não	MPn3	Há três MPn3, desenvolvimento e busca.	Ep3: O ultimato da Morte [P4] a [P8]
		1. A antagonista afirma que ainda não chegou o momento do protagonista morrer (Ep3).	

queria morrer	MPn3(1)	<ol style="list-style-type: none"> 1. O personagem central busca um local onde não se morre; ele encontra um velho (Ep6). 2. O protagonista, insatisfeito, continua a sua busca, nisso, encontra um homem mais velho (Ep7). 3. O personagem principal, ainda descontente, depara-se com homem bem mais velho (Ep8). 	<p>Ep6: O velho e a montanha [P13] a [P24]</p> <p>Ep7: O homem muito velho e a mata [P25] a [P34]</p> <p>Ep8: O homem bem mais velho e o oceano [P35] a [P45]</p>
	MPn3(2)	<ol style="list-style-type: none"> 1. O protagonista, nostálgico, pede para moça bonita permissão para retornar a sua cidade de origem (Ep12). 2. A moça permite o retorno (Ep13). 3. A jovem explica as regras que o protagonista precisa seguir (Ep13). 4. O protagonista fica desolado ao descobrir as mudanças drásticas de sua antiga cidade (Ep14). 	<p>Ep12: Nostalgia e saudade [P62] a [P66]</p> <p>Ep13: A moça revela a verdade [P67] a [P74]</p> <p>Ep14: As regras da viagem [P75] a [P78]</p> <p>Ep15: A viagem e as mudanças [P79] a [P89]</p>
Texto 4 – A quase morte de	MPn3	<p>Há quatro MPn3, desenvolvimento e busca.</p> <ol style="list-style-type: none"> 1. O velho, como gratificação, concede quatro poderes mágicos a Zé Malandro (Ep3). 	<p>Ep3: Quatro pedidos mágicos [P6] a [P18]</p>

Zé Malandro	MPn3(1)	<ol style="list-style-type: none"> 1. A antagonista atende o último pedido do protagonista (Ep7). 2. Zé Malandro trapaceia a Morte (Ep8). 3. As consequências provocadas pelo ato de manter o antagonista preso no pé da figueira (Ep9). 4. O protagonista faz um trato com a Morte (Ep10). 	<p>Ep7: O último pedido [P25] a [P32]</p> <p>Ep8: A morte é enganada por Zé Malandro [P33] a [P35]</p> <p>Ep9: Consequências de não ter mais a Morte - Superpopulação [P36]</p> <p>Ep10: O trato com a Morte [P37] a [P40]</p>
	MPn3(2)	<ol style="list-style-type: none"> 1. O personagem central faz seu último pedido para o Diabo, como fez com a Morte (Ep13). 2. O Diabo é enganado pelo protagonista (Ep14). 3. As consequências provocadas pelo ato de manter o antagonista preso no banco mágico (Ep15). 4. Zé Malandro faz um trato com o Diabo (Ep16). 	<p>Ep13: O pedido para o Diabo [P50] a [P54]</p> <p>Ep14: o Diabo é enganado por Zé Malandro [P55] a [P57]</p> <p>Ep15: repercussões de o Diabo não estar mais presente - injustiça no mundo [P58]</p> <p>Ep16: o trato</p>

			com o Diabo, [P59] a [P65]
	MPn3(3)	1. Zé Malandro engana o casal de diabos por meio de um objeto mágico, um pano (Ep19).	Ep19: O casal de diabos é enganado por Zé Malandro [P69] a [P76]
	MPn3(4)	1. O protagonista, após aceitar a sua mortalidade, resolve ir ao inferno e ao céu onde é recusado pelo Diabo e por São Pedro (Ep22).	Ep22: O protagonista é recusado pelo Diabo e por São Pedro [P79] a [P82]

Fonte: elaborado pela autora.

Quadro 27 - Caracterização do tempo, do lugar e dos personagens da MPn3

MPn3- Re-ação ou avaliação				
Textos	MPn3	Tempo	Lugar	Personagens
Texto 1 - O homem que enxergava a Morte	MPn3	Indeterminado “rédeas no tempo” [F12]; “O dia “passou, o sol caiu na boca da noite” [F13] “No dia combinado”	Casa do protagonista onde foi realizado o “batismo” [F29]	O protagonista e a “uma figura curva, vestindo uma capa escura, apoiada numa bengala” [F15], o sétimo filho, a Morte e a paciente

		[F28] e “após a cerimônia” [F30]		
	MPn3(1)	“Está velho” [F96] e “Seu tempo já passou” [P97]	Indeterminado	O médico e a Morte
	MPn3(2)	Indeterminado	O quarto da moça, mais especificamente a cama [F116].	O médico, a paciente, referida como “uma pessoa tão jovem” [F112], e a Morte
	MPn3(3)	Indeterminado “um ano” [F135] e “até hoje” [F141]	“um lugar desconhecido e estranho” [F145].	A Morte e o médico
	MPn3(4)	Indeterminado	Casa do protagonista [F159], mais especificamente a “cama” [F161].	O médico, referido como “velho médico” e “homem”, e a Morte
	MPn3(5)	Indeterminado “Muitos e muitos anos” [F179] “Um dia” [F180]	A estrada [F181]	O velho médico e um corpo caído, que parece ser um homem morto [180]
Texto 2 - O último dia na vida do ferreiro	MPn3	Indeterminado “um dia de sorte” e “toda velocidade” no [P11]	Um ambiente provavelmente rural em virtude das especificações “campos”, “extensão de terra” [F14], “planícies” “montanhas”, “barrancos”, “rios”, “florestas” [F22].	O protagonista e a Morte

	MPn3(1)	Indeterminado		O protagonista e a Morte
	MPn3(2)	Indeterminado “Uma noite” [F59] e “depois” [F62].	Indeterminado	A velha e o ferreiro
	MPn3(3)	“a sua hora chegou” [F91] e pela menção a dois anos [F117].	Casa do personagem, especificamente a “sala” [F94]	O protagonista, a esposa e a Morte
	MPn3(4)	Indeterminado “semana que vem” [F150], “na semana seguinte” [F159] e “uma semana depois” [F164].	Casa do protagonista	O protagonista, disfarçado de tio a esposa, a mulher do personagem central e a Morte.
Texto 3 - O moço que não queria morrer	MPn3	Indeterminado “Sua hora ainda está longe de chegar” [F15] e “um dia” [F16].	Indeterminado	O protagonista e a antagonista
	MPn3(1)	Indeterminado, marcado pelas seguintes expressões: “um dia” [F36], “cem anos” [F46], “Duzentos anos” [F62] “Trezentos anos” [F77]	Indeterminado; há referências a “lugar onde ninguém morria” [F29], “tal lugar” e “aquela montanha”	O personagem central e o “homem velho” [F36], “um homem muito velho” [F53], “homem muito, muito velho” [F68]

	MPn3(2)	Indeterminado “Mas o tempo e um vento que leva tudo” [F117] “Quinhentos ano.[F132]	Castelo dourado	O protagonista, a moça bonita e o cavalo.
Texto 4 - A quase morte de Zé Malandro	MPn3	Indeterminado	Sala de jantar, indicada na MPn2; o quintal do protagonista, que pode ser inferido pelos termos “figueira” [F25] e “banco” [F30]	O velho viajante e Zé Malandro
	MPn3(1)	Indeterminado	O quintal do protagonista, onde está localizada a figueira; possivelmente a cidade, onde estão as fábricas de caixões [F76] e o hospital [F77].	Zé Malandro e a Morte.
	MPn3(2)		Casa do protagonista a cadeia e outros espaços implícitos, como delegacia e fórum. [F127]	Zé Malandro e o Diabo
	MPn3(3)	“Passou o ano inteirinho” [F161]	Casa do protagonista, mais especificamente	O protagonista, o Diabo e a Diaba

			dentro do saco de pano [F161]	
	MPn3(4)	Indeterminado	Céu [F173]	Zé Malandro e São Pedro

Fonte: elaborado pela autora.

Quadro 28 - Elementos que constituem a MPn4 – conclusão e resultado

MPn4- Desfecho (resolução), conclusão e resultado					
Textos	Identificação	Ocorrência	Partes do enredo- Conclusão	Resultado	Episódio
Texto 1 - O homem que enxergava a Morte	MPn4	Há seis MPn4, conclusão e resultado			Ep7: A fama e a riqueza do médico [P34]
		1. O homem pobre se transformou em um médico rico e reconhecido			
	MPn4(1)	2. A Morte concede mais um pouco de tempo para o protagonista por consideração.			Ep12: O trato com a Morte [P43] a [P44]
	MPn4(2)	3. A jovem enferma foi curada pelo médico que desrespeitou as regras da antagonista.			Ep15: O médico desrespeita as regras da Morte [P47] a [P52]
	MPn4(3)	4. A antagonista mostra um local onde o protagonista percebe que sua vida está se extinguindo			Ep18: A mortalidade [P62] a [P64]
	MPn4(4)	5. O protagonista engana a antagonista.			Ep20: A Morte foi enganada novamente [P74] a [P75]
	MPn4(5)	6. O protagonista é enganado pela Morte.			Ep23: O médico é enganado pela Morte [P80] a [P81]
	MPn4	Há cinco MPn4, conclusão e resultado			

Texto 2 - O último dia na vida do ferreiro		1. O jovem moço falece devido a ganância e o truque da Morte.	Ep4: O falecimento do jovem [P12] a [P14]
	MPn4(1)	2. A antagonista ameaça o protagonista depois de sua indiferença ao vê-la.	Ep8: A indiferença do protagonista [P24].
	MPn4(2)	3. A velhinha concede poderes mágicos ao protagonista depois dele ter ajudado.	Ep11: Os três pedidos [P27] a [P34].
	MPn4(3)	4. A negociação entre o protagonista e a Morte.	Ep16: O trato com a Morte [P58].
	MPn4(4)	5. O protagonista falece.	Ep21: Sentença fatal da Morte [P83].
Texto 3 - O moço que não queria morrer	MPn4	Há três MPn4, conclusão e resultado	Ep4: Morrer é injusto [P9] a [P10]
		1. O protagonista considera a Morte injusta, por isso busca um local onde não se morre.	
	MPn4(1)	2. O personagem central encontra o castelo dourado, o lugar onde não se morre.	Ep9: Castelo dourado: o lugar onde não se morre [P46] a [P56]
		3. O protagonista, exausto e faminto, encontra um misterioso homem que carrega maçãs.	Ep16: O protagonista e o homem da carroça [P90] a [P98]
Texto 4 - A quase morte de Zé Malandro	MPn4	Há quatro MPn4, conclusão e resultado.	Ep4: Vida folgada [P19]
		1. Zé Malandro consegue ter uma fonte de renda; ele se torna invencível no baralho.	
	MPn4(1)	2. O protagonista continua a sua rotina de malandragem e traquinagens.	Ep11: Vida ociosa e velhice [P41] e [P42]
	MPn4(2)	3. Zé Malandro faz um trato com o Diabo.	Ep16: O trato com o Diabo [P59] a [P65]

	MPn4(3)	4. O protagonista solta o casal de diabos.	Ep20: Soltura do casal de diabos [F162] a [F164]
--	---------	--	---

Fonte: elaborado pela autora.

Quadro 29 - Caracterização do tempo, do lugar e dos personagens da MPn4

MPn4- Desfecho (resolução)				
Textos	MPn4	Tempo	Lugar	Personagens
Texto 1 - O homem que enxergava a Morte	MPn4	Indeterminado	Indeterminado	O médico e seus pacientes, referidos como “muitas pessoas curadas” [F78]
	MPn4(1)	Indeterminado “um pouquinho de tempo” [F99] “Um ano de vida” [F100]		O médico e a Morte
	MPn4(2)	Indeterminado “No dia seguinte” [F120] e “ontem” [F125]	Indeterminado, pode-se inferir que seja o quarto da moça [F118]	O médico, a Morte e a jovem enferma
	MPn4(3)	Indeterminado ainda vão durar muito” [F151] e “chegando ao fim” [F152].	Quarto da moça	
	MPn4(4)	Indeterminado	Indeterminado , possivelmente	

			o quarto da moça	
	MPn4(5)	Indeterminado	A estrada, que está implícita	O protagonista e a antagonista
Texto 2- O último dia na vida do ferreiro	MPn4	Indeterminado “Antes do fim do dia” [F26]	“Barranco” [F27]	A Morte e o jovem
	MPn4(1)	Indeterminado	Indeterminado	A Morte e o protagonista
	MPn4(2)	Indeterminado “Depois” [F73]		O personagem central e a velha.
	MPn4(3)	Indeterminado “Noite inteira” e “no começo da madrugada” “Dali a um ano” [F129]	Infere-se que se trata da casa do protagonista	A Morte e o protagonista
	MPn4(4)	“Hoje” [F190]	Casa do protagonista	Morte, a esposa do protagonista e o personagem central, fingindo ser tio de sua mulher
Texto 3 - O moço que não queria morrer	MPn4	Indeterminado	Indeterminado	O protagonista e a antagonista
	MPn4(1)	Indeterminado	“castelo dourado no de um despenhadeiro” [F86] Lugar onde ninguém morre [F99]	O protagonista e a moça
	MPn4(2)		Infere-se que se trata da pequena vila do protagonista, que se tornou	O personagem principal e “um homem levando uma carroça cheia de maçãs” [F173]

			uma grande cidade	
Texto 4 – A quase morte de Zé Malandro	MPn4	Indeterminado “a partir daquele dia” [F37] e “passava o dia inteiro” [F38]	Quintal do protagonista	O protagonista
	MPn4(1)	Indeterminado	Indeterminado	Zé Malandro
	MPn4(2)	Indeterminado “Dia e noite” [F139]; há a menção a “sete anos de vida” [F140]		O protagonista e o Diabo
	MPn4(3)	Indeterminado		O protagonista e o Diabo

Fonte: elaborado pela autora.

Quadro 30- Elementos que constituem a MPn5 – conclusão e resultado

MPn5 - Situação final, conclusão e resultado					
Textos	Identificação	Ocorrência	Partes do enredo- Conclusão	Resultado	Episódio
Texto 1 - O homem que enxergava a Morte	MPn5	Há duas MPn5, conclusão e resultado.			Ep8: Passagem do tempo [P35]
		1. O envelhecimento do protagonista.			
	MPn5(1)	2. A Morte sentencia o fim do protagonista.		Ep24: O médico falece [P82]	
	MPn5	Há cinco MPn5, conclusão e resultado.			

Texto 2 - O último dia na vida do ferreiro		1. A antagonista enterra o jovem rapaz, morto em decorrência do truque dela.	Ep4: O falecimento do jovem [P12] a [P14]
	MPn5(1)	2. O protagonista se mostra indiferente, o que causa um posicionamento mais incisivo da Morte.	Ep8: A indiferença do protagonista [P24]
	MPn5(2)	3. O personagem principal, por meio dos pedidos mágicos, consegue melhorar sua condição de vida.	Ep12: Mudanças na vida do ferreiro [P35]
	MPn5(3)	4. O protagonista aproveita seu último de vida, após o trato com a antagonista.	Ep17: O protagonista aproveita a vida [P59]
	MPn5(4)	5. O protagonista falece, depois de tentar trapacear a Morte.	Ep22: O falecimento do protagonista [P84]
Texto 3 - O moço que não queria morrer	MPn5	Há duas MPn5, conclusão e resultado.	Ep10: A vitória do personagem principal [P57] a [P60]
		1. O protagonista fica iludido por ter escapado da antagonista.	
	MPn5(1)	2. O personagem principal é enganado pela Morte o que provoca seu falecimento.	Ep18: O protagonista falece [P100]
Texto 4 - A quase morte de Zé Malandro	MPn5	Há duas MPn5, conclusão e resultado.	Ep5: Velhice [P20] a [P21]
		1. O envelhecimento do protagonista.	
	MPn5 (1)	2. O personagem central retoma a vida pacata, ociosa e repleta de traquinagens.	Ep17: Velhice e o plano de Zé Malandro [P66] a [P67]

Fonte: elaborado pela autora.

Quadro 31- Caracterização do tempo, do lugar e dos personagens da MPn5

MPn5- Situação final				
Textos	MPn5	Tempo	Lugar	Personagens
Texto 1 - O homem que enxergava a Morte	MPn5	Indeterminado	Indeterminado	O protagonista está implícito
	MPn5(1)	Indeterminado “naquele exato instante” [F188]	O lugar desconhecido	O médico e a Morte
Texto 2 - O último dia na vida do ferreiro	MPn5	Indeterminado	Cova no chão [F28]	A antagonista e o jovem rapaz (personagem secundário)
	MPn5(1)	Indeterminado	Indeterminado	Ferreiro (protagonista)
	MPn5(2)	Indeterminado “a partir daquele dia” [F77].	Casa do protagonista	
	MPn5(3)	Indeterminado “último ano” [F13].	Indeterminado “mundo” [F132]	O velho ferreiro, “gente” [F133]; no aspecto genérico, “pessoas queridas” [F135]
	MPn5(4)	Indeterminado “último dia na vida” [F192]	Residência do protagonista, implícita no texto	O velho ferreiro
Texto 3 - O moço que não queria morrer	MPn5	Indeterminado	Indeterminado	O protagonista e a Morte
	MPn5(1)			
Texto 4 - A quase morte de Zé Malandro	MPn5	Indeterminado “Mas o tempo é invisível” [F41] e “Passa dia e noite e ninguém vê” [F42]	Indeterminado	O protagonista, que está implícito
	MPn5(1)	Indeterminado	Indeterminado	Zé Malandro

		<p>“cada vez mais velho” e “cada vez mais invencível”</p> <p>[F144]</p>		
--	--	---	--	--

Fonte: elaborado pela autora.

O Tn3 é o único apresentar MP Ω , em que se considera a caracterização de tempo, lugar e personagens, e identificação do episódio.

Quadro 32 - Elementos que constituem a MP Ω

MP Ω - Avaliação Final				
Texto 3 - O moço que não queria morrer	Tempo	Lugar	Personagens	Episódio
	Indeterminado	A cidade natal do protagonista	O protagonista e a Morte	Ep17: a morte sentença o fim [P99]

Fonte: elaborado pela autora.

Este capítulo centrou-se na análise e discussão dos resultados obtidos, no que se refere aos elementos constituintes das macroproposições de base da sequência narrativa e do plano de texto (ADAM, 2011;2019), à identificação dos episódios (TRAVAGLIA, 2007; 2018) e à interface com o modo de organização proposto por Charaudeau, quanto aos papéis dos actantes (CHARAUDEAU, 2016), e preceitos da literatura conforme as partes do enredo (GANCHO, 2006). Ao concluí-lo, considera-se que o estudo realizado abre perspectivas para o ensino do texto narrativo no ensino fundamental, como se propõe no capítulo a seguir.

Capítulo 4 - Proposta para o ensino de escrita da narrativa

Tendo em vista a base teórica que fundamenta este estudo, bem como as orientações dispostas nos documentos oficiais da educação, os resultados obtidos nas análises e as atividades piloto realizadas com os alunos, passa-se à exposição de uma proposta para o ensino da escrita de textos narrativos elaborada conforme sequência didática composta por cinco etapas: 1ª etapa - leitura e análise do texto-base; 2ª etapa - planejamento para a produção escrita; 3ª etapa - produção do texto; 4ª etapa - discussão, revisão e reescrita do texto; e 5ª etapa - divulgação do texto produzido. Essa sequência é apresentada detalhadamente a seguir.

1ª etapa: leitura e análise do texto-base

Nessa etapa, o objetivo é fazer com que o estudante compreenda o plano de texto e a sequência textual narrativa do gênero conto popular. Para tanto, toma-se como texto-base o Tn4, “A quase morte de Zé Malandro”, do qual o aluno fará, inicialmente, a leitura conforme orientações do professor. É importante destacar que, como ensina Marquesi (2007, p. 120), a leitura aqui é considerada um “processo de interação texto/leitor”, em que estão implicados os conhecimentos prévios do estudante e as “condições de produção” do texto.

A fim de subsidiar tanto a leitura quanto a análise do texto, têm-se as questões dispostas a seguir, que visam a orientar o aluno no processo de compreensão.

- *Questões para compreensão do texto narrativo*

1. Qual é a finalidade do texto narrativo, considerando o gênero textual conto popular?
2. Qual é o enredo do texto?
3. Quais são os personagens?
4. Quais são os espaços em que se passa a história?
5. Quais elementos temporais estão presentes no texto?
6. Qual é o foco narrativo?

7. Quais episódios acontecem na narrativa?
8. Qual é a função dos personagens, do tempo e do espaço na construção dos episódios?
9. Quais são as macroproposições (partes) presentes na narrativa? Explique cada uma.

Considerando essas perguntas norteadoras, estabelece-se a seguinte sugestão de atividade.

- *Atividade de Sistematização I – Conhecendo o texto narrativo: A quase Morte de Zé Malandro*

- 1) Leia o trecho do conto abaixo. Depois, responda às questões a, b e c:

<p>Zé Malandro era boa pessoa, mas malandro que nem ele só. Em vez de trabalhar como todo mundo, preferia passar a vida zanzando e jogando baralho. Ou então ficava deitado na rede, folgado, tocando viola de papo para o ar. Por causa disso era pobre, pobre, pobre.*¹¹</p>	<p>_____</p> <p>_____</p>
<p>Certo dia, estava em casa preparando o jantar, um pouquinho de feijão e um pedaço de pão seco, quando bateram na porta. Era um viajante. O homem, muito velho, pedia um pouco de comida.</p>	<p>_____</p> <p>_____</p>
<p>- Entre aí - disse Zé Malandro - Onde um quase não come, dois quase não vão comer também.</p> <p>Os dois riram.</p> <p>Após o jantar, o viajante agradeceu muito e contou que tinha poderes mágicos.</p> <p>- Você foi muito generoso repartindo a comida comigo - disse o velho viajante. - Em retribuição pode me fazer quatro pedidos. Por exemplo - sugeriu ele -, se quiser, pode pedir para ser protegido pelo resto da sua vida.</p> <p>Zé Malandro pensou e disse:</p> <p>- Prefiro ter o dom de ser invencível no baralho.</p>	<p>_____</p> <p>_____</p>

¹¹ O sinal (*) indica que essa frase tipográfica corresponde à MPn2.

<p>- Concedido - disse o velho. - Por exemplo, se quiser, pode pedir perdão para todos os seus pecados.</p> <p>Zé Malandro pensou e disse:</p> <p>- Prefiro ter uma figueira que quem subir nela só desce com a minha ordem.</p> <p>- Concedido - disse o velho. - Por exemplo, se quiser, pode pedir sua salvação.</p> <p>Zé Malandro pensou e disse:</p> <p>- Prefiro ter um banco que quem sentar nele só sai com minha ordem.</p> <p>- Concedido - disse o velho - Por exemplo, se quiser, pode pedir, quando morrer, para ir para o céu.</p> <p>Zé Malandro pensou e disse:</p> <p>- Prefiro ter um saco de pano que quem entrar dentro só sai se eu mandar.</p> <p>O velho coçou a cabeça, concedeu, despediu-se e seguiu viagem.</p>	
<p>A partir daquele dia, Zé Malandro plantou um pé de figo ao lado de sua casa e nunca mais se preocupou com nada vezes nada. Passava o dia inteiro ou deitado na rede de papo para o ar ou jogando baralho. Como ganhava todas, sempre tinha dinheiro para comprar comida, roupa e as coisas de casa. Era tudo de que o Zé precisava.</p>	<p>_____</p> <p>_____</p>
<p>Mas o tempo é invisível. Passa dia e noite e ninguém vê.</p>	<p>_____</p> <p>_____</p>

- a) Qual é a ação central do texto?
- b) Identifique cada trecho, que vai da parte 1 à parte 5 (MPn1 a MPn5)¹², consecutivamente, início, conflito, re-ação e avaliação do conflito, resolução e fechamento. Justifique sua resposta.

¹² Na atividade, para facilitar o entendimento do aluno, opta-se por utilizar a seguinte terminologia: parte 1 - início (MPn1); parte 2 - conflito (MPn2); parte 3 - re-ação e avaliação do conflito (MPn3); parte 4 - resolução (MPn4) e parte 5 - fechamento (MPn5).

- c) Como você nomearia os episódios desse texto? Explique os acontecimentos que permeiam os episódios.

Partes	Episódios	Síntese dos acontecimentos
Parte -1 – Início		
Parte 2 - Conflito		
Parte 3 - Re-ação e avaliação do conflito		
Parte 4 - Resolução		
Parte 5 - Fechamento		

Os objetivos dessa atividade são: a) identificar e compreender os cinco elementos das narrativas: enredo, narrador, tempo, espaço e personagens; b) compreender o enredo, destacando os episódios acontecidos relacionados com os personagens.

A seguir, discorre-se sobre a etapa de planejamento para a produção escrita.

2ª etapa: planejamento para a produção escrita

Nessa etapa, busca-se levar o aluno a compreender que a produção bem-sucedida de um texto narrativo requer planejamento, o que envolve entender como o texto se organiza. Nesse sentido, o aluno, com o apoio do professor, identifica o plano de texto do conto e as macroproposições (partes) que compõem a sequência narrativa, além dos cinco elementos que constituem a narrativa: enredo, espaço, tempo, personagens, que podem ser actantes ou pacientes, e narrador.

O docente orienta o aluno a elaborar uma sinopse do conto produzido, com a finalidade de conseguir relacionar os elementos da narrativa e organizar as ações centrais que são desenvolvidas no decorrer do texto.

A fim de orientar o planejamento, tem-se um conjunto de perguntas pertinentes a cada parte do texto narrativo: Situação Inicial, Nó, Re-ação ou avaliação, Desfecho (resolução) e Situação final. Tais questões, apresentadas a

seguir, buscam levar à compreensão da função de cada macroproposição narrativa de base e de como os elementos da narrativa estão dispostos no conto “A quase morte de Zé Malandro”, proposto para ser trabalhado em sala de aula. Entende-se que, dessa forma, o aluno, munido do conhecimento sobre as partes da narrativa, seja capaz de produzir o próprio texto.

- *Questões orientadoras para a elaboração da Situação inicial*

1. Qual é a função da Situação inicial no texto narrativo?
2. Como se dá a abertura da narrativa?
3. Qual é o tempo? E o espaço?
4. Quais são os personagens?
5. Quais episódios constituem a Situação inicial?

Tais perguntas possibilitam ao aluno conhecer a função da MPn1, como se configuram o tempo e o espaço, assim como os personagens, e como se constituem os episódios.

- *Questões orientadoras para a elaboração do Nó (gatilho)*

1. Qual é a função do nó no texto narrativo?
2. Como o nó se dá e se organiza na narrativa?
3. Quais episódios o compõem?
4. Como escrever o nó desencadeador?

Por meio dessas perguntas, o estudante toma conhecimento do papel da MP2, o nó na narrativa, como ele se organiza e quais episódios o compõem.

- *Questões orientadoras para a elaboração da Re-ação ou avaliação*

1. Qual é a função da Re-ação ou avaliação no texto narrativo?
2. Como o conflito se desencadeia?
3. Quais são as re-ações e avaliações dos personagens?
4. Quais são as relações entre protagonista e antagonista?
5. Quais são os acontecimentos iniciais norteadores do conto?
6. Quais episódios constituem a Re-ação ou avaliação?

Esse conjunto de perguntas, que tratam da MPn3, foca em como se desencadeia o conflito, qual é o seu papel na narrativa e quais são as relações entre os personagens e, ainda, como os episódios e os acontecimentos norteadores se configuram no texto.

- Questões orientadoras para a elaboração do Desfecho (resolução)

1. Qual é a função do desfecho no texto narrativo?
2. Como os conflitos são resolvidos?
3. Como o Desfecho se configura?
4. Quais episódios constituem o Desfecho (resolução)?

Por meio dessas perguntas, o aluno é levado a refletir sobre o papel do desfecho, MPn4, como o conflito é resolvido na direção do desfecho e quais episódios compõem a resolução.

- Questões orientadoras para a elaboração da Situação Final

1. Como se configura o estado final de êxito ou fracasso?
2. Como ocorre a situação final no texto?
3. Como se dá o estado final do protagonista em relação ao antagonista?
4. Há a presença de uma avaliação moral? Se sim, como é estabelecida?
5. Quais episódios constituem a Situação Final?

Essas perguntas permitem a compreensão da função da Situação final, seu desenvolvimento, se há êxito ou fracasso, se há avaliação moral e como é constituída, e quais episódios compõem a situação final.

- Questões orientadoras para se compreender o papel dos personagens

1. Qual é objetivo do protagonista?
2. Qual é o comportamento dele diante do primeiro nó?
3. Quais são as transformações pelas quais passa o protagonista ao longo dos acontecimentos?
4. Como o protagonista se configura na narrativa? E o antagonista?
5. Qual é relação entre o protagonista e o antagonista na constituição dos episódios?

6. Há um personagem aliado ou benfeitor que concede os objetos mágicos? Se sim, explique quais?
7. Qual é a papel dos personagens secundários?

As sete perguntas elencadas possibilitam o entendimento abrangente de quais são os personagens e de como eles atuam na narrativa, das relações estabelecidas entre o protagonista, o antagonista e os personagens secundários, e da relevância deles na constituição dos episódios.

- Atividade de Sistematização II – Compreendendo a estrutura do texto narrativo

- A) Crie no mínimo dois personagens, um protagonista e outro antagonista, e apresente:
- Características físicas
 - Características psicológicas
 - Função e relação dos personagens entre si.
- B) Planeje a escrita das macroproposições
- Como começar uma narrativa?
 - Como construir um conflito?
 - Como os personagens vão reagir?
 - Como será resolvido o conflito?
 - Como elaborar o final da narrativa?

Os objetivos dessa atividade são: a) identificar nas cinco macroproposições narrativa de base seguintes elementos: Situação inicial (orientação), MPn1; Nó (gatilho), MPn2; Re-ação e avaliação, MPn3; Desfecho e resolução, MPn4 e Situação Final, MPn5; b) planejar a escrita autoral conforme cada macroproposição; c) constituir o protagonista, o antagonista e os personagens secundários (opcional); d) orientar a escrita das macroproposições.

Na sequência, apresenta-se a etapa de produção textual.

3ª etapa: produção do texto

Nessa etapa, o estudante produz o texto narrativo, observando o plano de texto e a sequência textual narrativa. Para tanto, é importante considerar os cinco elementos da narrativa (Quadro 33).

Quadro 33 - Elementos da narrativa

Enredo	Narrador	Tempo	Lugar	Personagens
Síntese da narrativa	Onisciente ou protagonista	Cronológico ou psicológico	Locais e cenários que constituem a narrativa	Principais (protagonista, antagonista) e secundários.

Fonte: elaborado pela autora.

Considerando as perguntas orientadoras relativas a cada parte do texto narrativo apresentadas anteriormente, o professor intervém no processo de escrita da produção autoral com a finalidade de orientar os alunos a observarem o conteúdo, a estrutura genérica, o plano de texto e a sequência textual narrativa, tendo em vista as macroproposições (Quadro 34).

Quadro 34 – Macroproposições das sequências narrativas

MPn1 Situação Inicial (orientação)	MPn2 Nó (gatilho)	MPn3 Re-ação e avaliação	MPn4 Desfecho (resolução)	MPn5 Situação final
Apresenta e contextualiza o início da narrativa	Constitui a intriga da história	Estabelece as repercussões do nó por meio das reações e avaliações dos personagens	Designa a resolução do nó desencadeador	Orienta o fechamento da narrativa

Fonte: elaborado pela autora.

A seguir, discorre-se sobre a etapa de revisão e reescrita do texto produzido pelos alunos.

4º etapa: discussão, revisão e reescrita do texto

Nessa etapa, o professor propõe uma discussão sobre as produções elaboradas, com o objetivo de levar o aluno a revisar seu texto e a reescrevê-lo, buscando aprimorá-lo.

A fim de esclarecer aos alunos como proceder à revisão e quais elementos observar, o professor apresenta os critérios que orientam a revisão da narrativa.

- *Crerios para a revisão do texto*

- 1) Aspectos pertinentes:
 - a) ao gênero conto;
 - b) às sequências textuais narrativas;
 - c) ao tema proposto.
- 2) Aspectos linguísticos e gramaticais.

É importante destacar que o trabalho de revisão, segundo Marquesi (2014), envolve a) leitura e compreensão do texto a ser reescrito; b) compreensão do que precisa reformular; c) processo de reformulação; e d) processo de reescrita. A cada item, a finalidade é promover a proficiência escritora do estudante por meio das intervenções adequadas do docente até o meio de divulgação estabelecido na última etapa.

Os objetivos nessa atividade são: a) escrever um texto narrativo adequado; b) reescrever, discutir e revisar o texto por etapas, c) redigir a primeira versão por meio da intervenção do docente; d) reescrever a segunda versão atendendo aos apontamentos do professor; e) revisar o texto conforme os critérios estabelecidos.

Na sequência, passa-se à etapa de divulgação da narrativa produzida pelos estudantes.

5° etapa: divulgação do texto produzido

Considerando a presente proposta de ensino de escrita, a etapa de divulgação das narrativas produzidas é relevante, pois possibilita o reconhecimento do trabalho desenvolvido pelo estudante em conjunto com o professor. Desse modo, sugere-se que a divulgação ocorra por meio de um evento na escola, para que os demais alunos possam participar. Nesse evento, os autores relatarão brevemente as suas histórias e participarão de uma sessão de autógrafos. Adicionalmente, pode-se criar outros eventos em que esses alunos encenem, contem e recontem suas narrativas.

A proposta apresentada, ainda que destinada ao 6° ano do Ensino Fundamental, pode orientar a produção de narrativas em outras etapas de escolarização, considerando-se as respectivas competências, habilidades e gêneros narrativos contemplados.

Considerações finais

Este estudo possibilitou verificar que o entendimento do gênero conto, de seu plano de texto e da sequência textual narrativa contribui para o ensino da escrita de textos narrativos no 6º ano do Ensino Fundamental, o que confirma a hipótese inicialmente estabelecida.

Duas perguntas guiaram o desenvolvimento desta pesquisa: a) Como se organizam os planos de texto e as sequências textuais narrativas no gênero conto popular? e b) Quais são as perspectivas para o ensino da escrita da narrativa propiciadas pelo estudo do plano de texto narrativo desse gênero, tendo em consideração os documentos oficiais que orientam o ensino de Língua Portuguesa? De maneira a respondê-las, o objetivo geral estabelecido foi compreender o plano de texto e as sequências textuais narrativas no gênero conto popular, como elementos para o ensino da escrita no 6º ano do Ensino Fundamental, e os objetivos específicos foram: a) identificar, descrever, analisar e discutir os planos de texto e as sequências textuais narrativas que compõem textos do gênero conto popular; b) refletir acerca de como os planos de texto e a sequência textual narrativa, considerados na composição de contos populares, podem constituir estratégias para o ensino da escrita no 6º ano do Ensino Fundamental.

Para se proceder à análise, foram selecionados, na composição do *corpus*, quatro contos populares presentes na antologia intitulada “Contos de enganar a Morte”, de Ricardo Azevedo. O exame desses textos resultou na identificação das cinco macroproposições narrativas de base, em particular, a sequência textual narrativa (ADAM, 2011; 2019). Além disso, foi possível observar a constituição dos episódios (TRAVAGLIA, 2007; 2019), o modo de organização, assim como os papéis dos actantes e os processos narrativos (CHARADEAU, 2016) e as partes do enredo (GANCHO, 2006),

Em relação aos resultados obtidos, observou-se que os contos analisados apresentaram as cinco macroproposições narrativas de base. Entretanto, para que haja narrativa, é necessário haver a MPn2, correspondente

ao Nó (gatilho), pois essa macroproposição tem a finalidade desencadear o conflito, o que ocasiona as demais macroproposições.

A identificação, a análise e a discussão do plano de textos e da sequência textual narrativa do gênero conto popular contribui na compreensão da narrativa e da relação entre as macroproposições narrativas de base presentes no texto, o que oferece subsídios para a prática docente no ensino da escrita do texto narrativo.

Considerando-se as aproximações do estudo do plano de texto, da sequência textual narrativa e do modo de organização da narrativa, o entendimento das macroproposições e microproposições narrativas auxiliaram na compreensão dos três estados constituintes do princípio de intencionalidade: estado inicial (falta), estado de atualização (busca) e estado final (resultado).

Quanto aos papéis dos actantes, percebeu-se a personificação da Morte ora como antagonista ora como benfeitora em relação aos protagonistas, que, por não aceitarem seu destino, buscaram formas de trapaceá-la ou enganá-la. Como explicitado nas análises, também foram identificados outros personagens benfeitores, como a velha (Tn2) e o velho viajante (Tn4), e personagens aliados ao personagem central, por exemplo, a família do médico (Tn1), a esposa do ferreiro (Tn2) e a moça bonita (Tn3). Os actantes, tanto agentes quanto pacientes, desempenharam processos narrativos importantes no decorrer dos contos. Esses processos são centrados em uma ação principal que é, normalmente, o nó desencadeador, como foi possível constatar.

Diante do exposto, entende-se que este trabalho abre perspectivas para novos estudos, especialmente para aqueles que considerem os procedimentos teórico-analíticos do campo da Linguística Textual e da Análise Textual dos Discursos, tendo em vista o ensino da escrita na educação básica.

Referências

ADAM, J.-M. **Textos, tipos e protótipos**. Tradução: Mônica Magalhães Cavalcante et al. São Paulo: Contexto, 2019.

ADAM, J.-M. O que é Linguística Textual. In: SOUZA, E. R. F. de; PENHABEL, E.; CINTRA, M. R. **Linguística textual: interfaces e delimitações – Homenagem a Ingedore Grünfeld Villaça Koch**. São Paulo: Cortez, 2017, p. 23-57.

ADAM, J.-M. **A linguística textual: introdução à análise textual dos discursos**. 2. ed. rev. aum. Tradução: Maria das Graças Soares Rodrigues et al. São Paulo: Cortez, 2011.

ADAM, J.-M.; REVAZ, F. **A análise d a narrativa**. Tradução: Maria Adelaide Coelho e Maria de Fátima Aguiar. Lisboa: Gradiva, 1997.

ALCOFORADO, D. F. O conto popular. **Sitientibus**, Feira de Santana, v. 3, n. 5, p. 87-99, jan./jun.1986.

AZEVEDO, R. **Contos de enganar a morte**. s.d. Disponível em: <http://www.ricardoazevedo.com.br/livro/contos-de-enganar-a-morte>. Acesso em: 19 abr. 2021.

AZEVEDO, R. Conto popular, literatura e formação de leitores. **Revista Releitura**, n. 21, p. 1-8 abr. 2007. Disponível em: <http://www.ricardoazevedo.com.br/wp/wp-content/uploads/Contos-populares.pdf> Acesso em: 28 mar. 2022.

AZEVEDO, R. **Contos de enganar a morte**. Ilustrações Ricardo Azevedo. 2 reimpr. São Paulo: Ática, 2005.

BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular: Educação Infantil e Ensino Fundamental**. Brasília: MEC/Secretaria de Educação Básica, 2018.

BRASIL. Ministério da Educação; Secretaria de Educação Básica; Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização, Diversidade e Inclusão; Secretaria de Educação Profissional e Tecnológica. Conselho Nacional de Educação; Câmara de Educação Básica. **Diretrizes Curriculares Nacionais da Educação Básica**. Brasília: MEC; SEB; DICEI, 2013. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=13448-diretrizes-curriculares-nacionais-2013-pdf&Itemid=30192. Acesso em: 12 mar. 2022.

BRASIL. Ministério da Educação. Parecer CNE/CEB nº 11/2010. 2010. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/escola-de-gestores-da-educacao-basica/323-secretarias-112877938/orgaos-vinculados-82187207/15074-ceb-2010-sp-1493348564>. Acesso em: 28 jan. 2022.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares Nacionais: terceiro e quarto ciclos do Ensino Fundamental: Língua Portuguesa**.

Brasília: MEC/SEF, 1998. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/portugues.pdf>. Acesso em: 12 maio 2021.

BRASIL. Lei nº 9.394. Estabelece as Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Brasília, 1996. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/L9394.htm. Acesso em: 25 maio 2021.

CABRAL, A. T. Plano de texto: estratégia para o planejamento da produção escrita. **Revista Linha D'Água**, v. 2, n. 26, p. 241-259, 2013. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/linhadagua/index>. Acesso em: 9 abr. 2020.

CÂMARA, C. **Literatura oral do Brasil**. 2. ed. São Paulo: Global, 2006.

CHARAUDEAU, P. **Linguagem e discurso**: modos de organização. 2. ed. 3. reimp. Tradução: Angela M. S. Corrêa e Ida Lúcia Machado. São Paulo: Contexto, 2016.

GANCHÓ, C. V. **Como analisar narrativas**. 9. ed. São Paulo: Ática, 2006. Disponível em: <https://docente.ifrn.edu.br/marcelmatias/Disciplinas/fundamentos-da-literatura-1/fundamentos-da-literatura-2018.1/como-analisar-narrativas/view>. Acesso em: 14 maio 2022.

GENETTE, G. Fronteiras da narrativa. In: BARTHES, R. et al. **Análise estrutural da narrativa**. 8 ed. Tradução: Maria Zélia Barbosa. Petrópolis: Vozes, 2013 [1971]. p. 265-284.

GENETTE, G. **Discurso da narrativa**. Tradução: Fernando Cabral Martins. Lisboa-Portugal: Arcádia, 1979.

GOTLIB, N. B. **Teoria do conto**. 11. ed. São Paulo: Ática, 2006.

GUIMARÃES, M. F. O conto popular. In: BRANDÃO, H. N. (coord.) **Gêneros do discurso na escola**. Coleção aprender e ensinar com texto. 5 ed. São Paulo: Cortez, 2011. v. 5. p. 85-117.

LEAL, J. C. **A natureza do conto popular**. Rio Janeiro: Conquista, 1985.

LISPECTOR, C. **Todos os contos**. Prefácio e organização de Benjamin Moser. Rio de Janeiro: Rocco, 2016.

MARQUESI, S. C. Escrita e reescrita de textos no ensino médio. In: ELIAS, V. M. **Ensino de Língua Portuguesa**: oralidade, escrita e leitura. São Paulo: Contexto, 2014. p. 135-143.

MARQUESI, S. C. Novas perspectivas no ensino de português para fins específicos: da sala de aula para o ensino via Internet. In: FAVERO, L. L.; BASTOS, N. B.; MARQUESI, S. C. **Língua portuguesa**: pesquisa e ensino. São Paulo: Educ/ Fapesp, 2007. p.119-28. v. 2.

MARQUESI, S. C.; CABRAL, A. L. T. Linguística Textual e novas tecnologias. In: SOUZA, E. R. F. de; PENHAVEL, E.; CINTRA, M. R. **Linguística textual: interfaces e delimitações** – Homenagem a Ingedore Grünfeld Villaça Koch. São Paulo: Cortez, 2017. p. 476-506.

MARQUESI, S. C.; CABRAL, A. L. T.; ELIAS, V. M. S.; TOMAZI, M. M.; RODRIGUES, M. G. S. Plano de texto e contexto: conceitos em interface para o tratamento da escrita e da leitura em mídia digital. **Revista (Con)Textos Linguísticos**, v. 13, n. 25, p. 40-59, 2019. Disponível em: <https://periodicos.ufes.br/contextoslinguisticos/article/view/27885>. Acesso em: 15 jun. 2020.

MARQUESI, S. C.; ELIAS, V. M.; CABRAL, A. L. T. Planos de texto, sequências textuais e orientação argumentativa. In: MARQUESI, S. C.; PAULIUKONIS, A. L.; ELIAS, V. M. (org.) **Linguística Textual e ensino**. São Paulo: Contexto, 2017. p. 13-32.

PROPP, V. **As raízes históricas do conto maravilhoso**. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2002.

PROPP, V. **Morfologia do conto maravilhoso**. 2001. Disponível em: <http://www.historias.interativas.nom.br/lilith/aula/leitura/vladimirpropp.pdf>. Acesso em: 15 jun. 2020.

SÃO PAULO. **Currículo em Ação: língua portuguesa**. Ensino Fundamental. Caderno do Professor, anos finais. São Paulo, 2022. v. 1.

SÃO PAULO. **Currículo em Ação: linguagens e inova**. 6º ano Ensino Fundamental, anos finais. Caderno do estudante. São Paulo, 2022. v. 1.

SÃO PAULO. **Currículo Paulista: Língua Portuguesa - Área de linguagens**. São Paulo, 2021.

SÃO PAULO. **Currículo da Cidade – Ensino Fundamental**. Componente curricular: Língua Portuguesa. São Paulo, 2019.

SÃO PAULO. **Currículo da Cidade**. Tecnologias para aprendizagem. São Paulo: Coordenadoria Pedagógica de Educação Fundamental, 2017.

SÃO PAULO. **Currículo do Estado de São Paulo: linguagem, códigos e suas tecnologias**. 2. ed. São Paulo: Secretaria da Educação do Estado de São Paulo, 2011.

TERRA, E.; PACHECO, J. **O conto na sala de aula**. Curitiba: Intersaberes, 2017.

TRAVAGLIA, L. C. Tipologia textual e ensino de língua. **Domínios de Lingu@gem**, Uberlândia, v. 12, n. 3, p. 1336-1400, 2018. Disponível em: <http://www.seer.ufu.br/index.php/dominiosdelinguagem/article/view/41612/23986>. Acesso em: 21 fev. 2019.

TRAVAGLIA, L. C. Tipelementos e a construção de uma teoria tipológica geral de textos. In: FÁVERO, L. L.; BASTOS, N. M. de O. B.; MARQUESI, S. C. (org.) **Língua Portuguesa pesquisa e ensino**. São Paulo: EDUC/FAPESP, 2007a. p. 97-117. v. 2.

TRAVAGLIA, L. C. **A caracterização de categorias de textos**: tipos, gêneros e espécies. *Alfa Revista de Linguística*, v. 51, p. 39-79, 2007b. Disponível: <https://periodicos.fclar.unesp.br/alfa/article/view/1426/1127> Acesso em: 24 abr. 2022.

TRAVAGLIA, L. C. **Um estudo textual-discursivo do verbo português do Brasil**. 1991. Tese (Doutorado em Linguística) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1991. Disponível em: <http://www.ileel.ufu.br/travaglia/sistema/uploads/arquivos/tese-travaglia.pdf>. Acesso em: 14 maio 2021.